

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

FREDERICO RENAN HILGENBERG GOMES

**A EPIDEMIA DE AIDS NAS PÁGINAS DA REVISTA MANCHETE DURANTE
OS ANOS DE 1985 A 2000**

PONTA GROSSA

2023

FREDERICO RENAN HILGENBERG GOMES

**A EPIDEMIA DE AIDS NAS PÁGINAS DA REVISTA MANCHETE DURANTE
OS ANOS DE 1985 A 2000**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Instituições e Sujeitos: Saberes e Práticas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Georgiane Garabely Heil Vázquez

PONTA GROSSA

2023

G633 Gomes, Frederico Renan Hilgenberg
A epidemia de Aids nas páginas da Revista Manchete durante os anos de
1985 a 2000 / Frederico Renan Hilgenberg Gomes. Ponta Grossa, 2023.
263 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura
e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil Vázquez.

1. HIV. 2. Aids. 3. Revista Manchete. 4. Medicina. I. Vázquez, Georgiane
Garabely Heil. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e
identidades. III.T.

CDD: 981

TERMO DE APROVAÇÃO

FREDERICO RENAN HILGENBERG GOMES

**A EPIDEMIA DE AIDS NAS PÁGINAS DA REVISTA MANCHETE
DURANTE OS ANOS DE 1985 A 2000**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História- Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 14 de dezembro de 2023, pela seguinte banca examinadora:



Prof^a. Dr^a. Georgiane Garabely Heil Vázquez (UEPG) - Orientadora



Prof^a. Dr^a. Luciana Rosar Fornazari Klanovicz (UNICENTRO)



Prof^a. Dr^a. Maria Paula Costa (UNICENTRO/ PPGH UEPG)

*Dedico essa dissertação aos meus pais, Alcides e Neusa, por serem
faróis em meio à escuridão.*

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação tende a ser um processo muito solitário, em que muitas vezes contamos apenas com nosso material bibliográfico, fontes, pensamentos e madrugadas em claro. Porém, um texto não é escrito apenas em duas mãos, mas sim por quatro, seis, oito... Toda experiência humana é permeada por sociabilidade, pessoas, ajudas, ninguém faz nada completamente sozinho e esse não foi um caso diferente. Sem as pessoas que me auxiliaram em todas as etapas da minha vida possivelmente esse escrito não existiria e por isso agradeço:

Aos meus pais, Alcides e Neusa, por terem me educado e amado tanto durante esses mais de vinte anos. Por terem sempre incentivado, eu e meus irmãos, a se dedicarmos aos estudos e, mesmo sem nunca terem lido Paulo Freire, mostrado a nós que a educação tem um efeito transformador em nossas vidas. Amo vocês mais que tudo.

Aos meus irmãos, Fabio e Felipe, por terem sido os meus primeiros amigos, me ouvido em qualquer hora, apoiado em diversos momentos e me mostrado que mesmo em meio tanta semelhanças há espaço para as diferenças. Também não posso esquecer da minha cunhada, Geisan, que compartilhou comigo as alegrias e dores de construir uma dissertação.

Ao meu sobrinho Nycolas e as minhas sobrinhas Lavínia, Lívia e Laísa, por serem a minha esperança. Sei que agora vocês podem não entender o quão importantes são para mim, ou o quanto me ajudaram nesse processo, mas quando nada parecia certo e eu olhava para vocês percebia que havia motivos muito especiais para continuar.

Às minhas tias Alvina, Eliane, Ana e Ângela e ao meu tio Marcos por fazerem parte do meu processo formativo e terem me auxiliado nos mais diversos momentos. E aos meus avós, Alcebíades (*in memoriam*), Bernardina (*in memoriam*), Hilton (*in memoriam*) e Nacilia por todo cuidado e ensinamentos.

À professora Andrea que na pré-escola me ensinou a ler e escrever, permitindo que hoje eu possa estar nesse instante produzindo o presente texto.

À professora Franciele Santos por ter sido uma excelente educadora, com uma didática incrível e que por consequência alimentou ainda mais a minha paixão pela História e atual profissão. Lembro de suas aulas até hoje e espero ser um profissional tão qualificado e dedicado quanto você é.

Aos meus amigos de sempre, Alexia, Gabriele, Jennifer, Luiz, Marcelo e Vitória, por terem sido mais que amigos, meus irmãos de alma, me acolhido nas horas que mais precisava de apoio e por me mostrarem que a vida vale a pena ser vivida. Sou mais feliz com vocês.

À minha orientadora, professora Georgiane, por ter me acolhido desde a iniciação científica e nunca mais me largado. Obrigado pelos conselhos, ensinamentos, puxadas de orelha e por ter visto potencial em mim que outros não perceberam. Além da excelente profissional que você é e que faz mil atividades ao mesmo tempo, admiro muito o ser humano que você é.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da UEPG, como um todo, pela oportunidade de realizar a presente pesquisa e em especial aos professores que me acompanharam nesses dois anos pelas disciplinas: Alessandra, Cerri, Edson, Erivan, Evelyn, Lucas e Robson.

À professora Bruna Alves Lopes por ter acompanhado minha trajetória como pesquisador desde a banca de qualificação do Trabalho de Conclusão de Curso, banca examinadora do TCC, professora comentadora da disciplina de Seminário e na qualificação dessa dissertação. Brinco que a prof.^a Bruna conhece meu trabalho melhor do que eu mesmo. Obrigado por todas as indicações que você fez a minha pesquisa desde o primeiro encontro e por ser uma profissional tão séria e competente.

À professora Luciana R. Fornazari Klanovicz por ter composto a banca de qualificação de dissertação e ter proporcionado colocações que me ajudaram ampliar meus horizontes e, conseqüentemente, minha pesquisa. Você se tornou não apenas um referencial teórico que sempre vou buscar, bem como um referencial de profissionalismo.

Às professoras, Maria Paula Costa e Luciana Klanovicz, por terem aceitado o convite para compor a banca de defesa da presente dissertação, pela leitura atenta do trabalho e os apontamentos visando melhorar a pesquisa.

Ao Lagedis (Laboratório de Estudos de Gênero, Diversidade, Infância e Subjetividades) por ter sido um espaço formativo tão importante da minha vida acadêmica desde a graduação. Em especial agradeço às professoras Ângela e Georgiane por tão bem conduzirem o grupo e às pessoas incríveis que conheci no Laboratório: Alisson, Elize e Fernanda.

Ao professor Claudio Piotrovski, não somente por ter sido um referencial importante nessa pesquisa, mas por ter me emprestado livros de sua própria biblioteca, acompanhado no TCC, pelos conselhos dados e por ter revisado o projeto de pesquisa que deu origem ao presente texto.

Ao professor José Augusto Leandro por ter me indicado leituras e incentivado a continuidade da pesquisa. À Luciene Soweck por ter me auxiliado em um trabalho da disciplina de História Oral que me permitiu vislumbrar melhor como era realizado o trabalho dos profissionais da área da saúde no auge da epidemia de HIV/Aids. E à historiadora Ana Cláudia

Lima por ter sido tão solícita e me encaminhado algumas fontes que auxiliaram na construção da minha pesquisa.

Aos meus colegas que entraram comigo no mestrado e que compartilharam dos mesmos processos nesses dois anos, em especial à Brenda, Bruno, Débora, Thayná e Thiago pelo companheirismo e amizade construída.

À Universidade Estadual de Ponta Grossa por ser referência em ensino, pesquisa e extensão de qualidade e por ter sido a minha segunda casa nesses mais de seis anos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa que me permitiu a dedicação integral no desenvolvimento do presente texto, por fomentar inúmeras pesquisas em todo o país e auxiliar nas vidas de milhares de pesquisadores no Brasil.

A todos que lutaram para que pessoas vivendo com HIV possam ter vidas com cada vez mais qualidade, ontem e hoje, e que não permitiram que a sociedade fechasse os olhos para uma questão tão séria, meu muito obrigado.

A todos que lutam e constroem uma educação de qualidade e a todos que defendem a ciência e combatem a desinformação diariamente.

“O amor é o ridículo da vida. A gente procura nele uma pureza impossível, uma pureza que está sempre se pondo. A vida veio e me levou com ela. Sorte é se abandonar e aceitar essa vaga ideia de paraíso que nos persegue, bonita e breve, como borboletas que só vivem 24 horas. Morrer não dói”

Cazuza.

RESUMO

A epidemia de Aids marcou o final do século XX, influenciando novos comportamentos. Por sua vez, ela foi significada e influenciada por atores sociais como a medicina e a imprensa. Um dos impressos que apresentou a Aids para a população brasileira foi a revista *Manchete* durante as décadas de 1980 e 1990. O objetivo dessa pesquisa foi compreender como esse semanário construiu a epidemia em suas páginas nessas duas décadas. Para tanto foi realizado um levantamento no acervo da revista da Hemeroteca Digital Brasileira. Foram levantados 646 textos sobre HIV/Aids desde 1982 até 2000. Após o levantamento foram elencadas temáticas sobre as quais esse *corpus* textual versava, em que tiveram maior destaque foram as de Ciência, Medicina e Saúde (208); Arte e Famosos (138); e Sexo e Sexualidade (101). A metodologia utilizada para analisar esse corpus foi a Análise do Discurso. Uma ferramenta que foi utilizada para auxiliar nesse processo foi o *software* Iramuteq com as análises de Classificação Hierárquica Descendente e Nuvem de Palavras. Os dois principais teóricos aqui abordados, foram Susan Sontag (1989), nas colocações que ela propõe sobre o papel que a criação metáforas para doenças desempenham no entendimento das mesmas, sobretudo da Aids, e Fausto Neto (1991, 1999), sobretudo quando ele aborda o conceito de olimpianos, a abordagem destes quando soropositivos na comunicação de massa. O foco da análise recaiu sobre matérias de capa da revista que tinham maior ligação com o discurso científico e sobre a vidas de famosos, o encarte *Manchete Saúde*, campanhas governamentais de HIV veiculadas no semanário e as cartas dos leitores enviadas sobre a epidemia. Desse modo, foi possível compreender que a revista *Manchete* teve um papel complexo nesse processo, pois ao mesmo tempo consolidava algumas metáforas em relação a Aids, também desempenhou o papel de informar a sociedade sobre a nova epidemia.

Palavras-chave: HIV/Aids; Revista Manchete; Medicina.

ABSTRACT

The AIDS epidemic marked the end of the 20th century, influencing new behaviors. In turn, it was signified and influenced by social actors such as medicine and the press. One of the printed media that presented AIDS to the Brazilian population was *Manchete* magazine during the 1980s and 1990s. The objective of this research was to understand how this weekly newspaper constructed the epidemic in its pages in these two decades. To this end, a survey was carried out in the magazine's collection of the Brazilian Digital Library. A total of 646 texts on HIV/AIDS were collected from 1982 to 2000. After the survey, the themes on which this textual corpus dealt were listed, in which the most prominent were Science, Medicine and Health (208); Art and Famous People (138); and Sex and Sexuality (101). The methodology used to analyze this corpus was Discourse Analysis. A tool that was used to assist in this process was the Iramuteq software with the Descending Hierarchical Classification and Word Cloud analyses. The two main theorists addressed here were Susan Sontag (1989), in the positions she proposes on the role that the creation of metaphors for diseases play in understanding them, especially AIDS, and Fausto Neto (1991, 1999), especially when he addresses the concept of Olympians, the approach of these when HIV-positive in mass communication. The focus of the analysis was on the magazine's cover stories that had a greater connection with the scientific discourse and the lives of celebrities, the *Manchete Saúde* insert, government HIV campaigns broadcast in the weekly and readers' letters sent about the epidemic. Thus, it was possible to understand that *Manchete* magazine had a complex role in this process, because at the same time it consolidated some metaphors in relation to AIDS, it also played the role of informing society about the new epidemic.

Keywords: HIV/AIDS; *Manchete* Magazine; Medicine.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Edições da revista Manchete com a Aids como matéria de capa.....	44
Imagem 2 - Capa original da revista Life e a versão da Manchete	47
Imagem 3 – Primeiras páginas da matéria <i>BRASIL As novas vítimas da AIDS</i>	50
Imagem 4 – Capa da edição 1.827 da <i>Manchete</i> e o quadro <i>Os Amantes</i> (1928) de René Magritte	52
Imagem 5 – Capa da edição 1.875 de <i>Manchete</i>	53
Imagem 6 – Capa da edição 1.827 da <i>Manchete</i>	57
Imagem 7 – Capa do panfleto <i>Understanding AIDS</i>	58
Imagem 8 – Capa da edição 1.982 da <i>Manchete</i>	61
Imagem 9 – Fotografias sobre o desenvolvimento de vacinas	62
Imagem 10 – Capa da edição 2.485 da <i>Manchete</i>	64
Imagem 11 – Campanha governamental: <i>AIDS assim pega/assim não pega</i>	80
Imagem 12 – Campanha governamental: <i>Quem vê cara, não vê AIDS</i>	81
Imagem 13 – Campanha governamental: <i>Transfusão de sangue não é mais transfusão de vírus</i>	82
Imagem 14 – Campanha governamental: <i>Se você não se cuidar a AIDS vai te pegar</i>	83
Imagem 15 – Campanha governamental: <i>Quem se ama se cuida</i>	85
Imagem 16 – Campanha governamental: <i>Aqui você encontra solidariedade</i>	86
Imagem 17 – Primeira capa sobre a soropositividade de Rock Hudson	91
Imagem 18 – Segunda capa sobre a soropositividade de Rock Hudson	96
Imagem 19 – Capas das edições 1.077 da <i>Veja</i> e 1.934 da <i>Manchete</i>	103
Imagem 20 – Capa da edição 1.949 de <i>Manchete</i>	107
Imagem 21 – Capa da <i>Manchete</i> sobre a morte de Cazuzza	109
Imagem 22 – Primeiras páginas da reportagem sobre a morte de Cazuzza.	110
Imagem 23 – Lauro Corona estampando a capa da edição 1.945 da <i>Manchete</i>	114
Imagem 24 – Primeiras páginas da matérias sobre a possível soropositividade de Lauro Corona	116
Imagem 25 – Fotografia com Diogo Vilela, Lauro Corona, Cazuzza e Déborah Bloch.....	118
Imagem 26 – Capa da edição 1.946 da <i>Manchete</i>	120
Imagem 27 – Matéria sobre a epidemia de Aids e que trata sobre a morte de Lauro Corona	123
Imagem 28 – Mural com famosos que faleceram devido às complicações do desenvolvimento da Aids.....	124
Imagem 29 – Capa da edição 2.160 da <i>Manchete</i> sobre a soropositividade de Sandra Bréa.	129
Imagem 30 – Primeiras páginas da matéria sobre a soropositividade de Sandra Bréa	131
Imagem 31 – Reportagem de Maria Helena Malta sobre Sandra Bréa	135
Imagem 32 – Matéria sobre a morte de Sandra Bréa	137
Imagem 33 – Capa sobre a morte de Renato Russo	140
Imagem 34 – Imagens do velório de Renato Russo	141
Imagem 35 – Fotografia de Renato Russo e Cazuzza juntos	143
Imagem 36 – Seção de carta do leitor da <i>Manchete</i> nas três configurações que se encontrou entre 1985 a 2000	149
Imagem 37 – Seção <i>Check-up</i> do Leitor do encarte de saúde da <i>Manchete</i>	150

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das publicações sobre a epidemia de Aids na revista <i>Manchete</i> entre 1982 a 2000	19
Gráfico 2 – Temas dos textos da <i>Manchete</i> sobre Aids por número de ocorrências.....	20
Gráfico 3 – Aumento populacional mundial (bilhões de pessoas) e brasileiro (milhões de pessoas) de 1960 a 2000	30
Gráfico 4 – Cartas dos leitores sobre a Aids na <i>Manchete</i> distribuídas por ano de publicação	157
Gráfico 5 – Distribuição entre os sexos na autoria das cartas sobre Aids	159
Gráfico 6 – Razão entre os sexos dos autores das cartas dos leitores sobre Aids	159
Gráfico 7 – Distribuição por região de autoria das cartas sobre Aids	160
Gráfico 8 – Diferença da participação das regiões nas cartas sobre Aids entre os anos 1980 e 1990	161
Gráfico 9 – Cidades que mais escreveram sobre Aids para a <i>Manchete</i> (1985-2000).....	162
Gráfico 10 – Temáticas das cartas dos leitores da <i>Manchete</i> sobre a Aids	164

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nuvem de palavras do corpus textual do encarte Manchete Saúde sobre Aids	70
Figura 2 – Dendrograma do encarte Manchete Saúde sobre Aids	71
Figura 3 – Nuvem de palavras da seção de cartas dos leitores da Manchete	163
Figura 4 – Dendrograma da seção de cartas dos leitores da Manchete sobre Aids.....	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Modelo de tabela utilizado para organização do material levantado.....	19
Tabela 2 – Cartas dos leitores da Manchete sobre a epidemia de Aids entre os anos 1985-2000	153

LISTA DE SIGLAS

ABIA	Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids
AD	Análise do Discurso
ADI	Ação Direta de Inconstitucionalidade
ADT	Assistência Domiciliar Terapêutica
Aids/Sida	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida ou <i>Acquired Immunodeficiency Syndrome</i>
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
ARC	Complexo Relacionado ao Aids ou <i>Aids Related Complex</i>
AZT	Azidotimidina
BA	Bahia
BNDigital	Biblioteca Nacional Digital
CDC	Centro de Controle de Doenças e Prevenção ou <i>Centers for Disease Control and Prevention</i>
CMV	Citomegalovírus
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos
COAS	Centro de Orientação e Apoio Sorológico
Covid-19	Doença do Coronavírus ou <i>Corona Virus Disease</i>
EUA	Estados Unidos da América
FDA	Food and Drug Administration
GAPA	Grupo de Apoio e Prevenção à Aids
GRID	Imunodeficiência Relacionada ao Gay ou <i>Gay Related Immune Deficiency</i>
HD	Hospital-Dia
HDB	Hemeroteca Digital Brasileira
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana ou <i>Human Immunodeficiency Virus</i>
HSB	Homens que tiveram relações sexuais com outros homens
IST	Infecção Sexualmente Transmissível
MMWR	Morbidity and Mortality Weekly Report
MS	Ministério da Saúde
OCR	Reconhecimento Ótico de Caracteres
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não-Governamental
Pela Vidua	Grupo pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids
PEP	Profilaxia Pós-exposição
PL	Projeto de Lei
PR	Paraná
PrEP	Profilaxia Pré-exposição
PSB	Partido Socialista Brasileiro
RDC	Resolução da Diretoria Colegiada
SAE	Serviço de Assistência Especializada
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
UDI	Usuário de Drogas Injetáveis
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UNAIDS	Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: SALA DE ESPERA – O DISCURSO MÉDICO-CIENTÍFICO SOBRE A AIDS NA REVISTA MANCHETE	29
1.1 Discurso médico na emergência da Aids.....	30
1.1.1 <i>Contaminação do corpo social pela Aids</i>	33
1.2 A revista <i>Manchete</i>	37
1.3 <i>Manchete</i> estampa a Aids: as matérias de capa sobre epidemia.....	45
1.4 O encarte <i>Manchete Saúde</i> (1994-2000)	66
1.4.1 <i>“Últimas de saúde”</i> : a cobertura sobre a Aids no encarte <i>Manchete Saúde</i>	68
1.5 A resposta governamental à epidemia de Aids	77
CAPÍTULO 2: DO OLIMPO AO HADES - FAMOSOS SOROPOSITIVOS NAS CAPAS DA MANCHETE	89
2.1 “A primeira celebridade a ser vítima de AIDS”	91
2.2 “Não estou agonizando. Pelo contrário, estou muito vivo”	99
2.3 Lauro Corona: “o papel mais difícil”	113
2.4 “O drama de Sandra Bréa”	128
2.5 Renato Russo: “um anjo torto na vida”	138
CAPÍTULO 3: LEITOR EM MANCHETE - AS CARTAS DOS LEITORES SOBRE A EPIDEMIA DE AIDS	146
3.1 O gênero carta do leitor	147
3.2 Quem escreveu sobre a Aids para a <i>Manchete</i>	157
3.3 O que se escreveu sobre a Aids para a <i>Manchete</i>	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS	177
APÊNDICE A – Levantamento sobre a epidemia de Aids na <i>Manchete</i> por ano	194
APÊNDICE B - Transcrição das cartas dos leitores	224
APÊNDICE C - Tabela das Temáticas	243
APÊNDICE D – Transcrição encarte <i>Manchete Saúde</i>	245

INTRODUÇÃO

No dia 7 de junho de 2016 o Partido Socialista Brasileiro (PSB) entrou com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade¹ (ADI) junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) contra dois dispositivos que proibiam homens que tiveram relações sexuais com outros homens (HSH), bem como suas parceiras, nos últimos doze meses de doar sangue (Proibição..., 2020). A regulamentação em questão eram os artigos 25, inciso XXX, alínea "d", da Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 34/2014 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa); e o 64, inciso IV, da Portaria nº 158/2016 do Ministério da Saúde (MS).

O processo para julgar a ADI foi longo no STF, inclusive sendo suspenso o julgamento de 2017, o que só encontrou solução em 2020. Em abril do mesmo ano o requerente, PSB, realizou um pedido à Suprema Corte para que fosse pautada com urgência a questão de doação de sangue por HSH, devido aos baixos níveis que se encontravam os bancos de sangue de todo o país em decorrência da pandemia de Covid-19. Em 8 de maio, por maioria dos votos, o Plenário do STF considerou inconstitucionais os dispositivos citados pela Anvisa e MS (Proibição..., 2020).

Embora o Poder Judiciário tenha decidido pela inconstitucionalidade de tal proibição, o Legislativo não possui ordenamento contra o veto de HSH em realizar a doação de sangue. No Senado Federal, em 2021, foi aprovado em plenário o Projeto de Lei (PL) 2353/2021 que altera a Lei nº 10.205, de 21 de março de 2001, para a proibição de discriminação por orientação sexual de doadores de sangue (Brasil, 2021). O PL foi encaminhado para a Câmara dos Deputados e até o presente momento não entrou em votação pelos deputados (Brasil, 2022). Foi nesse contexto, de debate sobre a doação de sangue por homossexuais e bissexuais masculinos, em sua maioria, que esse trabalho foi elaborado. A preocupação com a doação e transfusão de sangue humano e seus derivados não vem de agora, ou da última década, mas sim desde os anos 1980, quando o mundo precisou enfrentar uma epidemia do qual não se tinha nenhum conhecimento prévio.

O início da década de 1980 foi um período agitado da história brasileira, marcado pelo processo de Anistia, fim da Ditadura Militar, redemocratização e manifestações populares tomando as ruas das cidades brasileiras, mas também é lembrado pela chegada do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Os primeiros casos confirmados de Síndrome de

¹ Ação que cabe ao STF discutir se uma lei ou ato normativo estadual e/ou federal fere ou não a Constituição Federal.

Imunodeficiência Adquirida (Aids), no Brasil, datam do início do ano de 1983, especificamente em São Paulo (Nascimento D., 2005; Dias, 2012; Laurindo-Teodorescu; Teixeira, 2015; Barros, 2018). Logo, em 2023, completam-se quatro décadas da epidemia² desse vírus em território nacional.

De acordo com o Boletim Epidemiológico de HIV/Aids de dezembro de 2022, desde o ano de 1980 até 2022, foram notificados 1.088.536 casos de HIV em todo o território nacional e desse total, 371.744 pessoas morreram devido às complicações causadas pela síndrome. Somente em 2021 foram diagnosticados 40.880 novos casos de infecção pelo vírus, 35.246 de casos de Aids e 11.238 mortes foram registradas (Brasil, 2022). Aqui é importante demarcar a diferença entre o vírus e a síndrome: “O HIV é um vírus que enfraquece o sistema imunológico, levando, em último caso, à AIDS.” Já a Aids “é uma definição epidemiológica baseada em sinais e sintomas clínicos.” (UNAIDS, 2017, p. 26-29) Dessa forma, uma pessoa que esteja vivendo com HIV não significa, necessariamente, que ela tenha desenvolvido o quadro da Aids.

Isso é possível, pois desde a década de 1980 os tratamentos foram evoluindo, medicações criadas e as medidas de prevenção, tanto para o vírus, como para a Aids ampliadas. Exemplo disso, além das medicações utilizadas para o tratamento de pessoas soropositivas, são as profilaxias pós-exposição (PEP) e pré-exposição (PrEP), a primeira é ministrada quando houve uma possível exposição ao HIV e a segunda é ministrada antes que a pessoa tenha contato com o vírus. Contudo, nem sempre foi dessa maneira.

Os primeiros casos registrados pela ciência de Aids são de 1981, nos Estados Unidos da América (EUA), e desde então, vários outros casos foram relatados ao redor do mundo (Nascimento D., 2005; Dias, 2012; Laurindo-Teodorescu; Teixeira, 2015). A comunidade científica não possuía informações sobre o que era a síndrome, nem que era transmitida por um vírus e muito menos tinha esse nome. O que se percebeu inicialmente foi que era uma “nova doença” contagiosa, que minava o sistema imune das pessoas infectadas tornando suscetíveis a outras diversas doenças e que, inicialmente, afetava, predominantemente, homens homossexuais. Posteriormente, outros grupos de pessoas foram integrando os até então considerados “grupos de risco”³, como: trabalhadores sexuais, usuários de drogas injetáveis

² Trabalhamos ainda com o conceito do HIV ser uma epidemia, pois por mais que a situação hoje se encontre controlada em comparação aos anos 1980 e 1990, ainda há uma grande quantidade de novas infecções pelo vírus todos os anos, bem como de pessoas que faleceram em decorrência das complicações da Aids.

³ A terminologia grupos de risco, ou grupos de maior risco, ou ainda grupos de alto risco, caíram em desuso, pois o fato de uma pessoa pertencer ou não a determinado segmento ou grupo social não é um fator determinante, mas algo que pode indicar risco é o comportamento. O termo indicado pela UNAIDS (2017) é populações-chave, indicando populações que são chave para a dinâmica ou resposta da epidemia. A UNAIDS considera como populações-chave: homens que fazem sexo com outros homens (HSH), profissionais do sexo, pessoas trans e pessoas que usam drogas injetáveis.

(UDI) e hemofílicos. É nesse contexto que começam a surgir proibições de HSH de doarem sangue.

As considerações propostas pelos cientistas estadunidenses foram importadas para outros lugares do globo, incluindo o Brasil, até porque os EUA além de ser o primeiro país a identificar a epidemia foi, também, o principal foco da mesma. Dessa forma, quando o vírus chegou em território brasileiro já havia um certo conhecimento prévio, sobretudo, devido ao papel desempenhado pelos meios de comunicação. A Aids guardava duas diferenças importantes em relação a epidemias que vieram antes: a primeira, era a total ignorância da ciência/medicina sobre o que era essa “nova doença”, o infectologista Artur Timerman e a jornalista Naiara Magalhães (2015), relatam que boa parte do conhecimento que se adquiriu sobre a nova enfermidade foi através do cotidiano de cuidado com os pacientes soropositivos. E a segunda diferença, é que a Síndrome se tornou uma das primeiras, senão a primeira, enfermidade a ser mediatizada, isto é, a sociedade acompanhou cada desenrolar da epidemia e avanço científico ao mesmo tempo que eles foram acontecendo, através da mídia (Lima, 2021). A primeira notícia veiculada sobre a Aids foi em 5 de julho de 1981 pelo *Jornal do Brasil* e desde então foi assunto recorrente na imprensa brasileira (Nascimento D., 2005; Laurindo-Teodorescu; Teixeira, 2015).

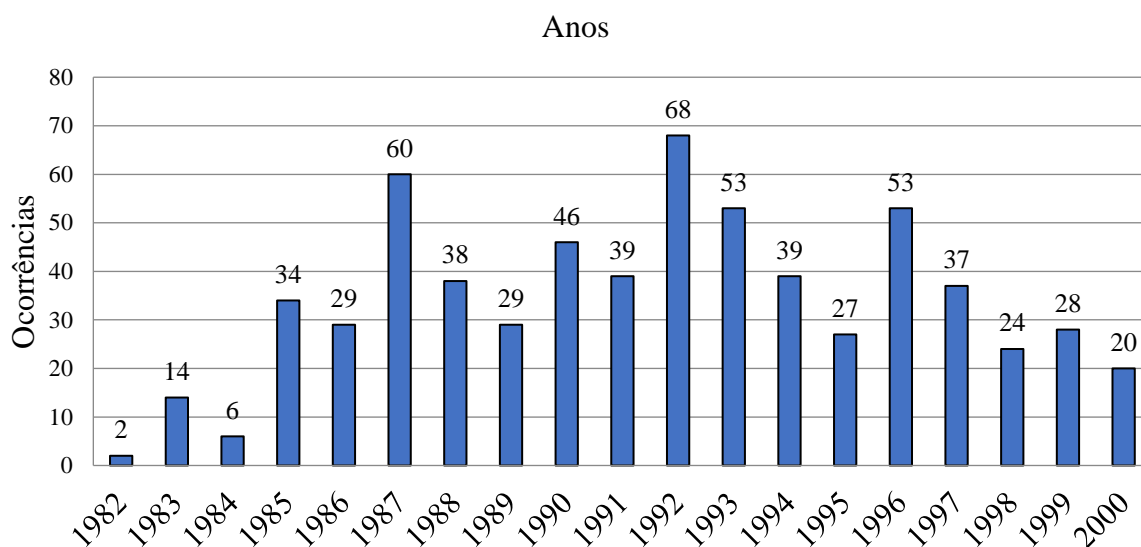
Um desses veículos de comunicação que ajudou a apresentar a Aids foi a revista *Manchete*, a sua primeira reportagem sobre o assunto data de 9 de janeiro de 1982. A *Manchete* era uma revista de circulação nacional e que era impressa semanalmente desde de 1952, fundada por Adolpho Bloch, o semanário caracterizava-se pelo fotojornalismo e por cobrir os mais diversos temas, de descobertas científicas, passando pelas tramas políticas do Brasil e do mundo, até a vida íntima dos famosos. Foi dessa forma que o impresso figurou entre as principais publicações do seu segmento até a falência do Grupo Bloch, grupo ao qual ela era vinculada, em 2000⁴ (Pádua, 2011; Niskier, 2012; Nascimento G., 2020).

A revista se preocupou muito em suas páginas com a nova enfermidade, de 1982⁵ até 2000, período que corresponde a delimitação temporal desta pesquisa e do funcionamento do próprio periódico, foram publicados 646 textos dentre reportagens, dossiês, notas, cartas dos leitores, entre outros sobre a epidemia. No Gráfico 1 é possível visualizar a distribuição desse *corpus* textual no semanário ao longo das décadas de 1980 e 1990:

⁴ A revista *Manchete* possui algumas outras edições, esparsas, até o ano de 2007, contudo, esse material não foi produzido pela Bloch Editores, por isso não foi levado em conta nesse texto. Além de não compreender o recorte temporal da pesquisa.

⁵ O levantamento realizado para essa pesquisa contou com textos da *Manchete* desde 1982, porém só foram analisados os textos a partir de 1985, por isso o recorte temporal do título parte desse ano.

Gráfico 1 – Distribuição das publicações sobre a epidemia de Aids na revista *Manchete* entre 1982 a 2000



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados em pesquisa.

O processo de levantamento desse *corpus* textual contou com o acesso ao acervo digitalizado da *Manchete* disponibilizado pela Hemeroteca Digital Brasileira (HDB) da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), bem como a utilização das ferramentas de busca da própria Hemeroteca por palavras-chave, como “AIDS”, “HIV” e “câncer gay”⁶. Os textos que faziam alguma relação com a epidemia foram organizados em tabelas⁷, o modelo pode ser visualizado na Tabela 1.

Tabela 1 – Modelo de tabela utilizado para organização do material levantado

Título da publicação					Data
Autor	Local. na HDB	página	edição	vol.	Temáticas

Fonte: Elaborado pelo autor.

Durante o processo de levantamento e leitura do material da revista que versaram sobre a Aids, também foi relacionado temáticas que esses textos trabalhavam junto com a epidemia, ao todo 40 temáticas⁸ foram elencadas, mas as que podem ser visualizadas no Gráfico 2 são as

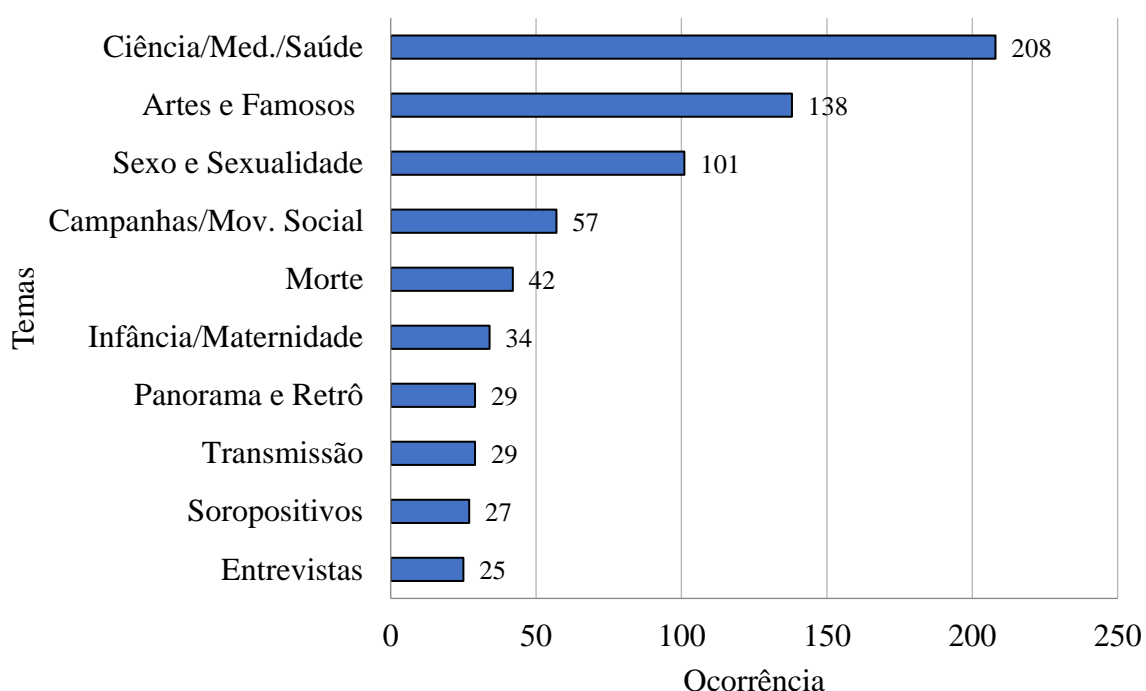
⁶ Um ponto importante de ser relatado aqui é que algumas reportagens, principalmente as primeiras, não contavam com a nomenclatura HIV ou Aids, mas sim com outros nomes que eram utilizados à época, inclusive pela medicina, como, “câncer gay”, “doença dos homossexuais”, entre outros, e foi através dessa denominação que foi possível localizar esse material. Essas nomenclaturas somente compõem o presente texto no sentido de refletir como a epidemia de HIV foi caracterizada no seu início e foi ganhando novas faces e nomes com o passar do tempo.

⁷ As tabelas completas com o levantamento podem ser visualizadas no Apêndice A.

⁸ Muitas temáticas contaram com até cinco ocorrências, ou menos. A tabela com todas as temáticas pode ser visualizada no Apêndice C.

dez com mais ocorrências — nessas temáticas não foi levado em conta as temáticas em relação às cartas dos leitores, que totalizaram 81. Um importante dado a se ressaltar é que uma mesma reportagem pode falar de mais de uma temática, como, por exemplo, abordar a sexualidade de um famoso que faleceu em decorrência de complicações da Aids, nesse texto foram abordadas três temáticas diferentes: sexualidade, famosos e morte. As três temáticas que mais se destacaram foram as de Ciência, Medicina e Saúde com 208 ocorrências; Arte e Famosos com 138; e, Sexo e Sexualidade com 101.

Gráfico 2 – Temas dos textos da *Manchete* sobre Aids por número de ocorrências



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados em pesquisa.

Ainda sobre a HDB vale ressaltar algumas questões. A primeira é sobre o tipo de fonte que utilizamos para essa pesquisa. É evidente que a documentação aqui analisada foi o periódico revista, contudo, o meio que se teve acesso também é importante de ser discutido. Devido às questões geográficas⁹ e sanitárias¹⁰ não foi possível ter acesso às cópias físicas do material da *Manchete* referente ao recorte temporal da pesquisa, a única forma encontrada de fazer o levantamento seria através de um acervo digital, o que a HDB oferecia. Porém, isso nos leva a discussão da fonte nata digital, ou digitalizada.

⁹ Procurando em algumas instituições de guarda da região de Ponta Grossa (PR) não foi encontrado acervo completo da *Manchete*, ou que correspondesse ao recorte temporal da pesquisa (1980-1990), como o Museu Campos Gerais, a Casa da Memória, ou ainda, a hemeroteca da Biblioteca Central Professor Faris Michaele (UEPG).

¹⁰ O início dessa pesquisa, 2021, é marcado pelo segundo ano da pandemia de Covid-19, onde medidas sanitárias restringiam a circulação de pessoas, bem como o acesso às instituições de guarda.

Fontes nata digitais são aquelas que foram produzidas para e dentro do meio digital, exemplo disso são os *posts* do *Instagram* ou *Facebook*, essas publicações não existiriam sem a *internet* e são específicas desses meios de comunicação. Já as fontes digitalizadas tratam-se de fontes físicas que passam pelo processo de digitalização e se tornam disponíveis em meio digital, como jornais e cartas, e esse é o caso do acervo da *Manchete* da HDB. O historiador Eric Brasil e o sociólogo Leonardo Fernandes Nascimento (2020, p. 201), pontuam que por mais que a informação, após o processo de digitalização de determinado documento, continue sendo a mesma, houve uma mudança que não pode ser desconsiderada aos historiadores, “podemos dizer que a modificação na ‘materialidade’ da fonte histórica nos conduz, inevitavelmente, a uma nova condição em relação ao modo de lidarmos com a informação ali contida.”

Os autores colocam algumas questões que podem influenciar e alterar o trabalho de pesquisadores que possam vir a utilizar material digitalizado. O primeiro ponto seria em relação a como atestar que uma cópia como sendo *verdadeira*, para isso o documento digitalizado necessitaria apresentar “[...] um conteúdo estável, uma procedência e um contexto que assegurem que a digitalização foi bem-sucedida: a inteireza do conteúdo necessita de fato estar presente na cópia digitalizada, aquilo que os arquivistas denominam cadeia de custódia.” (Brasil; Nascimento, 2020, p. 201). Em relação ao acervo do periódico em questão, na HDB é possível afirmar que o material digitalizado condiz com as cópias físicas, uma vez que comparado com algumas edições impressas é possível atestar a similitude, bem como quem fez o processo de digitalização foi a Fundação Biblioteca Nacional, “órgão responsável pela execução da política governamental de captação, guarda, preservação e difusão da produção intelectual do País. Com mais de 200 anos de história, é a mais antiga instituição cultural brasileira.” (Fundação..., 2022). Além de ser considerada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como uma das principais bibliotecas nacionais do mundo, com um acervo com mais de nove milhões de itens.

Um outro ponto que os autores apontam como um problema na rematerialização da fonte é o desaparecimento total, ou parcial, de elementos como cores, brilhos, texturas, odores, sons, entre outros que existem no documento físico (Brasil; Nascimento, 2020). Nesta pesquisa isso foi percebido, uma vez que inicialmente acreditava-se que a *Manchete* possuía as dimensões de revistas atuais, com a página de capa possuindo um tamanho de 21,59 cm por 27,94 cm, por exemplo. No entanto, o carro chefe da Bloch Editores era de tamanho maior, em média 23,5 cm por 30 cm, e em edições especiais, como a de número 1.500, medindo 26 cm por 33 cm.

A terceira questão gira em torno da reprodutibilidade da fonte digitalizada, isto é, “assim como ocorre com todo ‘arquivo’ de computador, é possível fazer cópias do registro histórico digital [...] indefinidamente. Com isso, a possibilidade de acesso ao registro histórico amplifica-se, ou, para usarmos um termo muito em voga, ele ‘viraliza’.” (Brasil; Nascimento, 2020, p. 201). Sendo possível realizar infinitas cópias do mesmo documento, o que faz com que historiadores fiquem em alerta sobre qual ‘cópia’ estaria acessando.

Isto nos leva ao ponto que o processo de rematerialização da fonte o torna ‘datificável’, ou seja, o documento passa a ser lido por caracteres, pixels, comprimentos de onda, por exemplo. “Além do ‘dado’ referente ao conteúdo da fonte, a digitalização instaura a presença de metadados, isto é, ‘dados sobre os dados’.” (Brasil; Nascimento, 2020, p. 202). São esses metadados que dão veracidade à digitalização, pois oferecem informações complementares sobre o conteúdo, contexto e estrutura da informação. Outra função que a ‘datificação’ permite, principalmente em documentos de texto, é que esses dados e metadados podem ser pesquisados. “Qualquer documento textual que passe por um scanner e pelo tratamento por softwares de reconhecimento óptico dos caracteres permite ao historiador a busca de ocorrências de palavras-chave ao longo de toda a sua extensão.” (Brasil; Nascimento, 2020, p. 202).

A pesquisa por palavras-chave pode ser realizada pela HDB, através da tecnologia de Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR) e se apresenta como uma imensa ajuda ao pesquisador. Contudo, pode apresentar um problema à medida que, “O encontro de um termo de interesse pode vir a fragmentar a relação com o documento histórico, pois a busca automática subtrai a compreensão acerca do contexto de aparição da própria palavra.” (Brasil; Nascimento, 2020, p. 202). Por isso, faz-se necessário que os pesquisadores além de utilizar essa ferramenta, se atenham à fonte como todo, percebendo como, por exemplo, o periódico se estruturava no seu cotidiano.

Uma outra discussão importante a ser realizada ainda sobre a HDB é em relação à questão de direitos autorais. A Bloch Editores no final dos anos 1990 passou por um período bem conturbado de sua história após a morte de seu fundador que desencadeou, em 2000, no processo de falência do grupo decretado por Pedro Bloch, sobrinho de Adolpho. Desde então todo o patrimônio da editora passou a ser administrado pela Massa Falida da Bloch Editores S. A. e indenizações para ex-funcionários vem se arrastando desde então.

Toda vez em que é acessado o *link* da HDB que leva as edições da *Manchete*¹¹, surge o seguinte aviso: “Este periódico é protegido pela Lei 9.610/98 (Lei do Direito Autoral). Está disponível apenas para visualização e consulta. Sua utilização ou reprodução depende de prévio consentimento do (s) titular (es) dos direitos autorais.” (Fundação..., 2023). E complementa, “Edições até 2002 – BLOCH EDITORES / MASSA FALIDA DA BLOCH EDITORES: Para solicitação de reprodução, junto a Biblioteca Nacional, é necessário a autorização prévia do detentor dos direitos autorais da publicação ou do jornalista/fotógrafo que assina o conteúdo.” (Fundação..., 2023). Contudo, essa mesma Lei em seu artigo 46, inciso III, pontua que não caracteriza ofensa ao direitos autorais “a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra” (Brasil, 1998). É com base nesse dispositivo jurídico que realizo a utilização/reprodução de certos materiais da *Manchete* na presente pesquisa.

Além de se atentar na utilização da fonte digitalizada é necessário dar um passo atrás e pensar nos cuidados que se deve ter ao trabalhar com um periódico como fonte histórica, como a *Manchete*. E o primeiro ponto, já batido pela historiografia, mas que nunca é demais lembrar, é que excetuando a História Oral, nenhuma outra fonte foi criada com o intuito de servir como objeto de escrutínio de historiadores. Sendo assim, pesquisadores da área da história quando vão analisar a fonte escolhida para seu trabalho devem retirar as pretensões que a documentação vá responder aquilo que eles querem que responda, ou julgar a fonte com base nos parâmetros do presente — anacronismo —, ou ainda ignorar informações que não colaborem com uma visão pré-concebida da fonte. “Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico.” (Cruz; Peixoto, 2007, p. 258). Faz-se necessário que os/as pesquisadores/as se atentem para a lógica específica do impresso, que o ancoram em sua materialidade e temporalidade específicas.

Um ponto que permite compreender a materialidade de um impresso é entender que este não surge do nada, mas que é fruto da vontade de pessoas ou grupos específicos, e quando falamos na imprensa hegemônica, esse grupo é sempre a burguesia. Como caso da própria *Manchete*, fazia parte de um grupo maior, a Bloch Editores e que contava com inúmeros títulos

¹¹ Para ver mais: FUNDAÇÃO Biblioteca Nacional (Brasil). *BNDIGITAL: Manchete (1952-2007)*, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pagfis=1>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

de revistas, livros, duas emissoras de rádio e uma de televisão, tornando-se, em sua época, um dos maiores conglomerados de mídia da América Latina (Nascimento G., 2020).

Uma das características da imprensa é a sua relação com o poder político e elas mesmo atuando com força política, moldando corações e mentes, dessa forma, os jornais e revistas, são propriedades de alguém, ou de um grupo, e esses proprietários possuem seus próprios interesses, ideologias, que acabam passando para o papel impresso. Por isso os governos mantêm uma relação complicada com grupos midiáticos, ora adulando, ora punindo (Capelato, 1988). Uns dos maiores exemplos desse receio que os governantes, sobretudo os autoritários, guardam da imprensa são as censuras estabelecidas do Estado Novo (1937-1945) e da Ditadura Militar (1964-1985).

Esse receio se estabelece, pois, um dos principais produtos dessas empresas midiáticas é a notícia, responsável não só por desempenhar o seu papel de informar, mas também de reelaborar a realidade, criando boatos, versões e imagens distorcidas sobre os mesmos acontecimentos (Lapuente, 2016; Fonseca, 2014). A discussão sobre *fake news* não é um tema recente na nossa sociedade. “E os meios de comunicação seguem cumprindo um papel, que é empresarial, mas que é também de condicionamento de modos de vida.” (Silva; Rautenberg, 2014; p. 5). “De forma mais ampla, o jornalismo constrói sentidos sobre a realidade, em um processo de contínua e mútua interferência — indo além, o jornalismo atua como estruturador do real.” (Motta *apud* Machado, 2006, p. 5).

O Brasil, enquanto nação, é fundado no século XIX e a Imprensa, no país, também surge nessa época, então é impraticável dissociar um do outro, ambos se influenciaram em seus processos de constituição (Martins; Luca, 2012). E no século seguinte essa relação estreita-se ainda mais, Carla Luciana Silva e Edina Rautenberg (2014), colocam, inclusive, que a história do século XX não seria a mesma sem a presença dos meios de comunicação. É pensando nessa relação entre a História do Brasil e a História da Imprensa que nasce a pergunta deste trabalho, *como a revista Manchete abordou a epidemia de Aids durante os anos de 1985 a 2000?* Como um dos principais semanários do país apresentou uma das maiores emergências sanitárias, que afetou a vida de milhares de pessoas e a história do Brasil, no final do século passado?

Tendo em vista essas colocações, a forma pelo qual se escolheu abordar o *corpus* textual da pesquisa foi através da Análise do Discurso, para tanto, primeiro se faz necessário compreender o que é o discurso. Etimologicamente, discurso significa curso, percurso, nesse sentido entende-se movimento. “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” (Orlandi, 2000, p. 15). Discurso não pode ser confundido com a língua, fala, ou texto, até porque pode, e vai, estar

presente em outros meios, como imagens, – porquê a utilização de uma imagem e não de outra em uma propaganda governamental? – por exemplo. Mas o discurso é justamente resultado da relação indissociável entre *língua, história e ideologia*. “Ou seja, toda e qualquer enunciação é resultado das relações sociais que o sujeito estabelece” (Florêncio *et al.*, 2016, p. 24).

Um dos principais teóricos que definiram o que seria o discurso, e que teve enorme impacto na historiografia, foi Michel Foucault (1926-1984), sobretudo, em sua aula inaugural para assumir sua cátedra no *Collège de France* em 2 de dezembro de 1970 e que depois se transformou na obra intitulada *A Ordem do Discurso* publicada no ano seguinte.

Foucault (1996) compreende o discurso como “um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva” (Brandão, 2004, p. 33). E esse discurso segundo o teórico francês “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos” (Foucault, 1996, p. 8-9), sendo estes *procedimentos de exclusão externos e internos*, bem como as suas *condições de funcionamento*.

Pois, se a afirmação que algo pode ou deve ser dito é verdadeira, então o contrário dessa preposição também o é (Florêncio *et al.*, 2016). Em nossa sociedade existem certos fatores que indicam se um discurso é válido ou não, se uma pessoa está apta a proferir tal discurso ou não. O primeiro conjunto de procedimentos de exclusão são os externos, que podem ser divididos em três: o primeiro, *Interdição*, o autor vai colocar justamente isso, existem coisas que não podem ser simplesmente ditas “que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa.” E que este procedimento é composto pelo “tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito.” (Foucault, 1996, p. 9). Já a *Separação/Rejeição* diz conta de quem está apto a falar e nesse ponto o autor exemplifica com a oposição entre razão e loucura, onde o discurso do louco é desconsiderado devido a sua condição psicológica. O último procedimento externo que ele introduziu é a oposição entre *verdadeiro e falso*, pensando em como esses discursos são validados e que isso ocorre através de instituições, “pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.” (Foucault, 1996, p. 17).

Já em relação aos procedimentos internos, o autor vai considerar o discurso enquanto acontecimento. O primeiro procedimento deste nível que o autor trabalha é o de *comentário*, apresenta discursos que sempre estão sendo vistos, revistos e revisitados, como os textos religiosos, jurídicos, literários e até o científico, “são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (Foucault, 1996, p. 22). O segundo procedimento é o de *autoria*, não se referindo ao indivíduo em si, mas como um princípio de unidade do discurso que só passa a existir na modernidade “O comentário limitava o acaso do discurso pelo jogo de uma *identidade* que teria

a forma da *repetição* e do *mesmo*. O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do *eu*.” (Foucault, 1996, p. 29, grifo próprio). E há um terceiro procedimento que se contrapõe aos outros dois, a *organização das disciplinas*.

Esse procedimento se opõe ao de autor, pois essa organização conta com textos, técnicas, regras, instrumentos que não estão ligados necessariamente com seu inventor; e também se contrapõe ao comentário, pois nas disciplinas o enfoque está na construção de novos enunciados (Foucault, 1996). Outro ponto que o autor evidencia é que as disciplinas são feitas tanto de “erros”, como de “acertos”, fazendo necessário algo ser mais do que verdadeiro para congregarem em uma disciplina, é imprescindível que corresponda às condições para fazer parte desta.

Tem-se o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, como que recursos infinitos para a criação de discursos. Pode ser, mas não deixam de ser princípios de coerção; e é provável que não se possa explicar seu papel positivo e multiplicador, se não se levar em consideração sua função restritiva e coercitiva. (Foucault, 1996, p. 36).

As condições de funcionamento foram divididas por Foucault (1996) em *ritual*, *sociedades do discurso*, *doutrinas* e *educação*. O primeiro, como o próprio nome induz, indica como o discurso tem que ser feito dentro de uma determinada organização. Já o segundo revela quais grupos estão aptos a falar sobre determinado assunto. As doutrinas vão determinar como ocorre o funcionamento das sociedades do discurso. E por último, mas não menos importante, educação, atuando como uma apropriação social dos discursos e onde somos educados para falar sobre determinado tema, formatando os discursos. “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com saberes e os poderes que eles trazem consigo.” (Foucault, 1996, p. 44).

Bem sei que é muito abstrato separar, como acabo de fazer, os rituais da palavra, as sociedades do discurso, os grupos doutrinários e as apropriações sociais. A maior parte do tempo, eles se ligam uns aos outros e constituem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos. Digamos, em uma palavra, que são esses os grandes procedimentos de sujeição do discurso. O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? [...] *Não constituiriam o sistema judiciário, o sistema institucional da medicina*, eles também, sob certos aspectos, ao menos, tais *sistemas de sujeição do discurso*? (Foucault, 1996, p. 44-45, grifo nosso).

É necessário, também, estabelecer a noção de dois importantes conceitos quando se fala em discurso: *interdiscurso* e *intradiscurso*. Eni Orlandi (2000) vai pontuar que os discursos

se constituem no encontro da memória (constituição) e da atualidade (formulação), isto é, interdiscurso e intradiscurso. O primeiro diz respeito àquilo que já existe, o já-dito e que vai influenciar na formulação de um novo discurso; o segundo faz referência ao que está sendo dito no momento, como fio do discurso, e que é atravessado pelo interdiscurso (Florêncio, 2016).

Para finalizar, Orlandi (2000, p. 43) explicita bem dois conceitos que também ajudam a compreender o discurso e a própria Análise do Discurso (AD), a noção de *formação discursiva* e *formação ideológica*: “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada e uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito.” Elas também são interdependentes. Sendo assim, o discurso é formado por três pontos: *formações ideológicas*, *formações discursivas* e pelas *condições de produção*, isto é, o *contexto histórico e social que o discurso foi formulado* (Brandão, 2004).

Para auxiliar nas análises do *corpus* textual, sobretudo do encarte de saúde da Manchete e as cartas dos leitores, foi utilizado as análises de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e Nuvem de Palavras fornecidas pelo programa Interface de R *pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (Iramuteq). O Iramuteq é um software livre e de código aberto que foi desenvolvido por Pierre Ratinaud desde 2009 e que permite a pesquisadores realizarem análises estáticas sobre corpus textuais e tabelas de indivíduos por palavras (Camargo; Justo, 2013; Gomes Fabio, 2020; Silva S., 2021).

A análise Classificação Hierárquica Descendente (CHD), ou método de Reinert, “classifica os segmentos de texto em função dos seus respectivos vocabulários, e o conjunto deles é repartido com base na frequência das formas reduzidas (palavras já lematizadas)” (Camargo; Justo, 2013, p. 516), por exemplo, as palavras tenho, tinha, tínhamos, tivesse, etc., fazem referência ao mesmo termo, ou lema, ter. No Iramuteq isso acontece pela formação na representação gráfica por dendrogramas, separando o *corpus* em classes de palavras que possuem maior relação, permitindo a análise do discurso de acordo com o contexto que esses termos aparecem (Camargo; Justo, 2013; Silva S., 2021). Já a Nuvem de Palavras organiza os termos que mais se repetem dos textos a serem analisados, “É uma análise lexical mais simples, porém graficamente bastante interessante, na medida em que possibilita rápida identificação das palavras-chave de um corpus.” (Camargo; Justo, 2013, p. 516). Para o presente texto foram considerados termos que marcaram mais de 15 (carta dos leitores) ou 30 (encarte) repetições.

O Iramuteq normalmente é utilizado para a análise de textos volumosos e como a maioria dos escritos das cartas dos leitores e do encarte eram pequenos, eles foram agrupados nas variáveis por ano, exemplificando, toda a correspondência referente ao ano de 1985 sobre

a Aids na *Manchete* foi considerada como uma variável (**** *ano_01) e assim por diante. Para evitar qualquer espécie de erro na análise do *software* foi feita uma revisão nos *corpus* textuais para a retirada de pontuação e acentos. Outro processo para que o sistema lógico compreendesse, por exemplo, que as expressões “AIDS” e “Síndrome de Imunodeficiência Adquirida” traziam a mesma ideia, foi escolhido entre as duas qual forma se encontraria em todo o texto. Algo semelhante foi realizado com nomes próprios, como Rock Hudson, que foram substituídos por serem grafados com um *underline* juntando as duas palavras, “Rock_Hudson”.

Ao responder à questão de partida dessa pesquisa e levando em consideração as questões acima tratadas, realizou-se a divisão do presente trabalho em três capítulos. O primeiro capítulo, *Sala de Espera: o discurso médico-científico sobre a Aids na revista Manchete*, buscou abordar os textos do semanário que focaram mais no discurso médico e da ciência, no geral, sobre a epidemia, uma vez que foi a temática levantada com mais ocorrências, focando nas matérias de capa sobre a enfermidade que mais abordaram essa temática; textos do encarte de saúde da *Manchete*; e as campanhas governamentais sobre a *Aids* veiculadas no periódico.

Já o segundo capítulo, *Do Olimpo ao Hades: famosos soropositivos nas capas da Manchete*, teve como foco a segunda temática com mais ocorrências no levantamento, e tema recorrente na revista, a vida de famosos, em específico aqueles e aquelas que estamparam matérias de capa do semanário e tiveram a sua sorologia revelada ao público. Em questão, os olímpicos aqui trabalhados foram o ator hollywoodiano, Rock Hudson, o cantor, Cazuza, o ator, Lauro Corona, a atriz, Sandra Bréa e o vocalista do *Legião Urbana*, Renato Russo.

No terceiro e último capítulo, *Leitor em Manchete: as cartas dos leitores sobre a epidemia de Aids*, foram levantadas e analisadas as cartas dos leitores das duas décadas sobre a *Aids*, buscando uma forma de entender como, não só a revista, mas também a epidemia, era entendida e se relacionava com o público.

CAPÍTULO 1: SALA DE ESPERA – O DISCURSO MÉDICO-CIENTÍFICO SOBRE A AIDS NA REVISTA MANCHETE

A revista *Manchete* esteve presente em momentos importantes da história do Brasil e do mundo durante a segunda metade do século XX, nas palavras de José Esmeraldo Gonçalves e Roberto Muggiati (2008, p. 51), colaboradores da revista por longo tempo, “Nesses quarenta e oito anos, *Manchete* foi o termômetro que aferiu a febre de mudanças.” Desde o suicídio do então presidente Getúlio Vargas em 1954, passando pela construção da nova capital do país, Brasília, concluída em 1960, o Golpe de 1964 e toda a Ditadura Militar (1964-1985), a Guerra Fria (1947-1991), o advento da televisão na década de 1970, a reabertura política e as greves do ABC paulista do fim da década de 1970 e início dos anos 1980, as Diretas Já! em 1983, os Caras Pintadas em 1992, enfim, o semanário se fez presente e registrou esses e outros muitos eventos. Com a epidemia de Aids não foi diferente.

Dentre o material levantado para essa pesquisa, apresentado na Introdução do presente texto, percebeu-se um destaque para a temática de Ciência, Medicina e Saúde dentro da publicação, com 208 ocorrências. Esse processo de favorecimento da *Manchete* ao discurso médico/científico não é restrito desta publicação, mas uma característica da imprensa como um todo. De acordo com Fausto Neto (1999), a imprensa se utiliza do discurso técnico para fundamentar e gerar o seu próprio sentido.

Tendo em vista a importância que esse discurso científico teve dentro do semanário e entendendo que os meios de comunicação funcionavam como uma ponte entre a comunidade científica e a população em geral sobre a Aids (Fausto Neto, 1999; Nascimento D., 2005; Dias, 2012). Esse primeiro capítulo tem como objetivo o de compreender como a *Manchete* abordou o discurso médico/científico¹² nas suas páginas, para tanto foram analisadas as matérias de capa que a revista veiculou sobre a Aids e que possuíam alguma relação com a ciência/medicina, bem como o encarte *Resposta a Tudo! Saúde* que foi disponibilizado junto às edições a partir do número 2.140 de 10 de abril de 1993 e posteriormente passou a ser intitulado apenas como *Manchete Saúde*, e por fim as campanhas governamentais que ganharam espaço nas páginas da publicação.

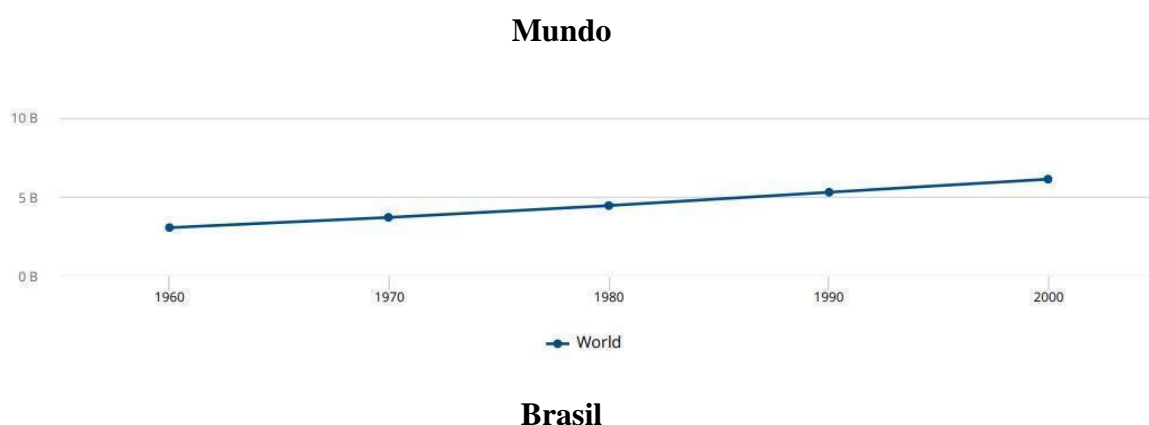
¹² Fazemos essa distinção medicina e científico no sentido de entender que há outras áreas científicas e técnicas, para além da área médica, que produziram conhecimentos sobre a Aids, como a biologia, enfermagem, sociologia, antropologia, entre outras.

1.1 Discurso médico na emergência da Aids

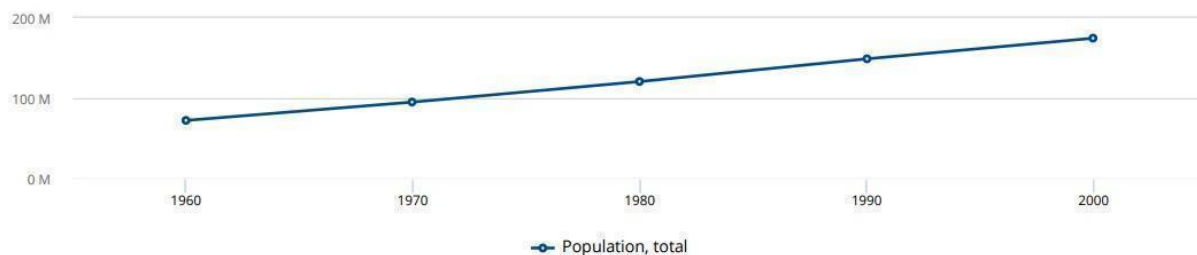
A historiadora e filósofa francesa, Anne Marie Moulin (2008), escreveu que se a palavra que definiu o século XIX foi a liberdade, então a palavra que definiria o século XX seria à saúde e esta por sua vez foi monopolizada pelo discurso médico. Para a autora, a história do corpo no século passado seria, justamente, a da medicalização, pois a medicina não ajudou a explicar apenas as doenças, mas se tornou “um guia de vida concorrente das tradicionais direções de consciência. Ela promulga regras de comportamento, censura os prazeres, aprisiona o cotidiano em uma rede de recomendações.” (Moulin, 2008, p. 15).

O século XX foi responsável por um salto demográfico no mundo todo, mesmo passando por duas guerras mundiais, os inúmeros conflitos pós-colonização na África e Ásia, e também causados pela tensão da Guerra Fria ao redor do globo, nunca antes na história houve tanta gente viva ao mesmo tempo no planeta Terra. Segundo os dados fornecidos pelo *World Development Indicators*¹³ organizado pelo Banco Mundial, a população humana saiu de um pouco mais de 3 bilhões de pessoas em 1960 para mais de 6 bilhões de pessoas no final da década de 1990, dobrando de tamanho em apenas quarenta anos. O Brasil também acompanhou esse aumento, mais do que dobrando a sua população, indo de 72 milhões de habitantes no final da década de 1950, para uma população com mais de 174 milhões de brasileiros em 2000. Como pode ser visualizado no Gráfico 3:

Gráfico 3 – Aumento populacional mundial (bilhões de pessoas) e brasileiro (milhões de pessoas) de 1960 a 2000



¹³ Os Indicadores de Desenvolvimento Mundial, tradução livre, podem ser acessados através desse link: <https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/>.



Fonte: World Development Indicators – World Bank.

Segundo Moulin (2008), isso seria devido a três motivos: a diminuição da mortalidade global, o aumento da esperança de vida ao nascer e a diminuição da taxa de mortalidade infantil. Então, além de ter o maior número de pessoas na Terra, também o ser humano passou a viver bem mais tempo que os seus ancestrais. Não se pode colocar esse aumento do tempo e da qualidade de vida da humanidade na conta somente da medicina e da ciência, mas é evidente que elas colaboraram para isso.

Prova disso, são as descobertas técnicas e tecnológicas desenvolvidas posteriormente à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em que podemos destacar, na área da saúde, os inseticidas, vacinas e antibióticos. Nesse cenário, o Brasil, e o mundo, viviam um certo ‘otimismo sanitário’ (Vieira T., 2009; Hochman, 2009; Muniz, 2012). Em 1979 a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a varíola, companheira de longa data da humanidade, como erradicada e isso ocorreu graças a incessantes campanhas de vacinação por todo mundo (Moulin, 2008). O infectologista brasileiro, Artur Timerman, e a jornalista, Naiara Magalhães, relatam que até o final da década de 1970 os infectologistas eram denominados como médicos tropicalistas, pois trabalhavam no combate da malária, dengue, febre amarela, doenças ligadas ao clima tropical e que os vírus ocasionavam, por exemplo, caxumba, rubéola, sarampo e eram evitados em sua maioria com vacinas e caso não fosse esse o quadro, “bastava diagnosticar a infecção, dar o antibiótico ou outro medicamento específico e *curar*.” (Timerman; Magalhães, 2015, p. 7, grifo nosso).

O futuro se mostrava promissor e a última grande pandemia que havia assombrado o mundo foi a Gripe Espanhola (1918-1920), que embora se inscreva na história recente, representava um passado distante, que não condizia com esse novo mundo que se desenhava. Albert Camus (2019, p. 37) em seu romance, *A Peste*, escreveu que “Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo igual número de pestes e de guerras. E, contudo, as pestes, como as guerras, encontram as pessoas igualmente desprevenidas.” E complementa Susan Sontag (1989, p. 71, grifo próprio), “[...] os personagens do romance de Camus comentam como é impossível a ocorrência

de uma peste em pleno século XX..., como se a idéia de que tal calamidade é algo que não poderia acontecer, não poderia *mais* acontecer, significasse que ela *tem* de acontecer.”

No dia 5 de junho de 1981, o *Morbidity and Mortality Weekly Report*¹⁴ (MMWR) publicou um artigo em que relatou que cinco jovens, sem relação entre si, homens *gays* e moradores da cidade de *Los Angeles* deram entrada em hospitais com infecção pulmonar causada pela baixa imunidade, também apresentaram outras doenças oportunistas, como a candidíase oral e citomegalovírus (CMV) (Nascimento D., 2005). Foi o primeiro relato científico sobre a Aids.

A emergência desta “nova doença” colocou em xeque toda essa noção de invencibilidade e otimismo sanitário que a humanidade alimentava até então, sobretudo tendo como base o discurso médico-científico. “O advento da AIDS deixou claro que as doenças infecciosas estão longe de ter sido derrotadas, e que seu repertório não se esgotou” (Sontag, 1989, p. 86). Após décadas, um novo “mal” que não se sabia sua origem, nem suas causas, passou a desarticular não somente a saúde e a vida dos indivíduos, como também as estruturas sociais. “Pois, a doença não é tão-somente um conjunto de sintomas que nos leva a procurar um médico, mas também um acontecimento que ameaça e modifica nossa existência, seja individual ou coletivamente, muitas vezes com graves conseqüências.” (Nascimento D., 2005, p. 28).

Ainda enquanto a Aids não tinha esse nome, ela foi vinculada de partida com a homossexualidade masculina. Desde a publicação do artigo no *MMWR* foram relacionando mais casos, médicos dos estados da Califórnia e Nova Iorque, Estados Unidos da América (EUA), já haviam percebido desde o fim da década de 1970 uma “doença estranha” que infectava “pessoas estranhas”. Outras publicações importantes do campo médico relataram casos, como o *Lancet* e *New England Journal of Medicine*, que ainda sem nome vão denominar essa nova patologia com denominações cheias de concepções morais, tais como, “síndrome da ira de Deus”, “pneumonia gay”, “síndrome gay”, ou *Gay Related Immune Deficiency*¹⁵ (GRID) (Nascimento D., 2005).

A terminologia pela qual a Aids passou a ser reconhecida atualmente só foi estabelecida um ano após o primeiro artigo do *MMWR*. Contudo, a Aids passar a ter essa nomenclatura não significou que a ciência tinha encontrado todas respostas para o funcionamento dessa nova patologia. Os cientistas só vão conseguir determinar que a Aids é

¹⁴ Em português, Relatório Semanal de Morbidade e Mortalidade, é um relatório epidemiológico publicado semanalmente nos EUA pelos Centros de Controle de Doenças e Prevenção (CDC).

¹⁵ Tradução nossa: Deficiência Imune Relacionada a Gays.

causada por um vírus, o HIV, entre meados de 1983 e 1984 — o que foi rápido para época — e uma medicação, o AZT¹⁶, que auxiliou numa melhor qualidade de vida das pessoas que viviam com o vírus, só começou a ser ministrada na virada da década de 1980 para 1990 (Nascimento D., 2005).

O surgimento da Aids colocou o saber médico, já tradicional e consolidado, em xeque por dois motivos: primeiro, por não ter respostas imediatas sobre o que era aquela nova patologia; e segundo, a mobilização social que ganhou força a partir da segunda metade da década de 1980 para o combate e prevenção da Aids questionou o *status quo* sobre quem e como poderia falar sobre saúde e doença (Nascimento D., 2005; Moulin, 2008; Timerman; Magalhães, 2015). Contudo, é importante lembrar que a Aids permeou toda a sociedade para além dos corpos biológicos (Fausto Neto, 1999).

1.1.1 Contaminação do corpo social pela Aids

Como supracitado e lembra Antônio Fausto Neto (1999, p. 9), “a AIDS além de ser um fenômeno de ordem biológica, constitui-se numa problemática cultural e discursiva”. Não foi somente a ciência que buscou compreender e categorizar o que foi (e é) a Aids, a sociedade como um todo realizou esse papel: religiosos, políticos, intelectuais, ativistas LGBTQIA+ e soropositivos, Organizações Não-Governamentais (ONGs), e claro, principalmente, a imprensa, desde o jornal impresso até o noticiário e programas dominicais da televisão. Assim, a irrupção da Aids na década de 1980 ilustrou como ocorrem os mecanismos de produção e disputa de sentidos entre os mais diversos atores sociais.

A medicina sozinha não conseguia respostas rápido o suficiente para dar a sociedade. A enfermeira e pesquisadora Maria Rita de Almeida (2004, p. 6) nos demonstra que um dos efeitos da epidemia foi também de reorganizar essa relação de poder entre médico e paciente, “As pessoas acometidas pela doença articularam-se politicamente passando a dominar os seus aspectos técnicos e a enfrentar autoridades de saúde em seus próprios terrenos, rompendo o papel historicamente submisso e silencioso atribuído aos ‘pacientes’.” A autora ainda pontua que a epidemia de Aids veio para constatar a ineficiência da divisão cartesiana na medicina entre mente e corpo, que reforçava a ideia de doença como algo somente biológico.

Quando a epidemia chegou ao Brasil, tanto a medicina (Timerman; Magalhães, 2015), como a sociedade e a imprensa já estavam articulando sentidos sobre essa nova patologia, sobretudo tendo como base o desenrolar dos casos nos Estados Unidos (Nascimento D., 2005;

¹⁶ Abreviação de azidotimidina.

Dias, 2012; Barros, 2018). A própria *Manchete* já vinha reproduzindo matérias de revistas como a *Time* sobre a situação nos EUA, antes mesmo da confirmação de casos no Brasil, tanto a noção de grupos de risco, como a sigla, Aids¹⁷, foram importadas dos EUA. Dessa forma a imprensa funcionava como uma ponte entre o saber científico sobre a nova patologia e a população leiga ao assunto. Como pontua Fausto Neto (1999, p. 24), “Portanto, só existe um conhecimento público sobre a AIDS graças aos processos de ‘anunciabilidades’ realizados pelas mídias, ou seja, graças somente aos ‘protocolos discursivos’ e enunciativos típicos da esfera midiática.” Lindinalva Laurindo-Teodorescu e Paulo Roberto Teixeira (2015, p. 35) ainda citam que “Alguns médicos que se tornariam especialistas em aids referem ter tomado conhecimento da doença pelas publicações na imprensa leiga.”

Laurindo-Teodorescu e Teixeira (2015) relatam que no imaginário de muitas pessoas, a reportagem *Tragédia venérea* de Letânia Menezes para a *IstoÉ* em 6 de abril de 1983, teria sido a primeira matéria sobre a nova doença, esta imagem pode ter sido cristalizada dessa forma, na memória de pessoas que viveram à época, pois a jornalista buscou ativistas homossexuais de São Paulo para poder escrever o seu texto. Contudo, essa não foi a primeira vez que a imprensa nacional abordou o assunto.

A primeira reportagem sobre a Aids em território nacional foi produzida pelo *Jornal do Brasil*, publicada no dia 3 de julho de 1981, era um texto traduzido de Lawrence Altman para o *New York Times* e que aqui recebeu o título de *Câncer raro ataca homossexuais*, basicamente o texto abordava os casos de pneumonia e sarcoma de Kaposi que foram investigados pelo CDC de Atlanta (Nascimento D., 2005; Laurindo-Teodorescu; Teixeira, 2015). No dia 11 de dezembro, do mesmo ano, foi a vez em que *O Globo* veiculou uma matéria sobre a nova patologia, intitulada, *Doença misteriosa leva à morte homossexuais* (Nascimento D., 2005).

Laurindo-Teodorescu e Teixeira (2015), assim como Dilene Nascimento (2005), Cláudio José Piotrovski Dias (2012), citam veículos de imprensa, tais como, *Folha de S. Paulo*, *Veja*, *O Globo*, *Isto É* e o *Jornal do Brasil*, sobre as primeiras respostas da imprensa em relação à epidemia de Aids, contudo, não se fala muito sobre o papel da *Manchete* nesse processo. Laurindo-Teodorescu e Teixeira (2015), ainda pontuam que uma reportagem da revista *Veja* de 14 de julho de 1984 foi a primeira, ou uma das primeiras, em território nacional a abordar sobre o tema em um semanário. Eles colocam que:

¹⁷ Outros países de língua portuguesa, espanhola e francesa vão utilizar a terminologia sida, seguindo a lógica do nome por extenso, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Já no Brasil foi adotado o nome estadunidense Aids, *Acquired Immune Deficiency Syndrome*.

Foi preciso quase um ano para aparecer a segunda matéria sobre aids no Brasil¹⁸. No dia 30 de maio de 1982, o ‘Jornal do Brasil’ trouxe outra matéria do mesmo Lawrence Altman, também publicada no ‘New York Times’, com o título ‘Doença nova atinge homossexuais nos Estados Unidos’. No mês seguinte, em 14 de julho de 1982, a revista ‘Veja’ trouxe uma matéria de duas colunas intitulada ‘Mal particular’, na qual o médico Elsimar Coutinho, professor da Universidade Federal da Bahia, sem descartar a hipótese de um agente patogênico, atribuía a imunodeficiência detectada em homossexuais norte-americanos ao consumo de hormônios femininos (estrógenos) e à promiscuidade entre eles. Segundo a matéria, o médico teria publicado um artigo na revista médica ‘The Lancet’ sustentando sua tese, o que seria fortemente contestado no número seguinte da revista inglesa, pelo médico A. F. Mills. Teria sido assim o primeiro artigo científico sobre aids de um brasileiro, o que se revelaria pouco depois ser totalmente falso. Em 12 de dezembro daquele mesmo ano, o jornal ‘O Estado de São Paulo’ publicou uma reportagem intitulada ‘Doença atinge crianças’. (Laurindo-Teodorescu; Teixeira, 2015, p. 38).

Contudo, essas afirmações não contam com informações completas, Laurindo-Teodorescu e Teixeira (2015) chegam a colocar que a primeira matéria sobre a Aids da *Manchete* foi publicada no final de junho de 1983 sobre o 2º Congresso Brasileiro de Infectologia (Muggiati, 1983). Contudo o semanário já havia veiculado duas matérias, traduzidas, em 1982, *A misteriosa doença dos homossexuais* (Time, 1982) de 9 de janeiro – antes da primeira publicação da *Veja* – e *O misterioso câncer que mata homossexuais* (US, 1982) de 4 de setembro. Já em 1983, antes da matéria que os autores citam, a revista publicou outras três reportagens, desta vez de forma autoral de seus repórteres, *A promessa brasileira para a cura do câncer gay* de Marcelo França (1983) em 21 de maio, *A morte prematura de Markito* de Hélio Carneiro (1983a) publicada em 18 de junho e outro texto de Carneiro (1983b) na mesma edição que foi veiculado o texto de Roberto Muggiati (1983), 1.627 de 25 de junho, *Nada gay o câncer gay: a peste (AIDS) chega ao Brasil*. Inclusive, durante o ano de 1983, o periódico produziu, entre textos autorais e traduzidos, 14 matérias sobre a epidemia.

A ausência de referências à *Manchete* na resposta midiática inicial a epidemia pode ser entendida através de muitos fatores, a primeira é o fato da editora ter entrado em falência na virada do milênio, o que fez com que o seu catálogo saísse de circulação, o que não aconteceu com outras semanais, como a *IstoÉ*, por exemplo, então essas publicações se mantiveram no mercado e, conseqüentemente, na memória dos brasileiros. A outra questão se refere também ao processo de falência do grupo, não há muitos acervos completos da revista em análise disponíveis ao público e a BNDigital, através da HDB, só tornou pública digitalmente as edições da *Manchete* a partir de 2019, o que limitou as pesquisas com o periódico no geral, não apenas em relação a epidemia.

¹⁸ Neste ponto vale ressaltar, novamente, que Dilene Nascimento (2005) havia identificado a matéria de *O Globo* (11/12/1981) como segunda ocorrência em território nacional.

Para compreender o papel da imprensa na significação da Aids é necessário dar um passo anterior e entender como a imprensa funciona. Um primeiro ponto é retomar o que Maria Helena Rolim Capelato (1988, p. 18) escreveu em seu livro *Imprensa e História do Brasil* que, “A informação é um direito público, mas o jornalismo é, geralmente, uma atividade exercida no setor privado.” Isso significa que a imprensa e os meios de comunicação são parciais, pois vão operar de acordo com a ideologia do grupo ou pessoas que ditam as ordens naquele periódico. Contrariando o discurso alardeado pelos profissionais de imprensa que esta é isenta e neutra.

Os periódicos por fazerem parte desses grupos midiáticos privados e se inserirem na lógica capitalista, o seu principal objetivo não é a informação, mas a geração de lucros, contudo, isso não significa que a imprensa vai ignorar o seu papel enquanto agente de informação, pois ela vai precisar que o público confie e seja cativado por ela, pois necessita vender o seu principal produto, a notícia (Lapuente, 2016). E a notícia é um tipo especial de mercadoria, pois é responsável por “fabricar e distorcer imagens e versões a respeito de acontecimentos, temas e pessoas, propagar boatos, entre inúmeras outras possibilidades, simultaneamente à sua função de informar.” (Fonseca, 2014, p. 16).

Isto não significa que a imprensa não vai ter nenhum apreço à verdade, até porque ela utiliza, e muito, de discursos de especialistas dos mais variados temas para fundamentar e validar o seu próprio discurso, “[...] as políticas editoriais dos jornais, quando ao se reportar ao tema da AIDS, priorizam as fontes do campo da saúde, consagrando-as como o lugar no qual se pode falar quase com exclusividade sobre o assunto.” (Fausto Neto, 1999, p. 33). Um exemplo disso é a própria *Manchete* que valeu-se recorrentemente do discurso médico/científico na sua cobertura sobre a epidemia de Aids. Porém, como lembra Márcia Machado (2006), quando a imprensa realiza esse processo de passar um discurso de um público para outro, do científico para o jornalístico, por exemplo, o conhecimento não é apenas repassado, mas sim recriado. Esse também não é um processo exclusivo do discurso do jornalismo, pois como pontua Orlandi (2000), não há discurso que não se relacione com outros e todo discurso se dá na tensão entre o mesmo e o diferente, entre a paráfrase e a polissemia. Além da questão da formação discursiva do discurso jornalístico, o que é dito sobre a Aids, se baseia na formação ideológica da medicina/ciência da época, que determina o que pode ser dito sobre a epidemia. Retomando Machado (2006), ela ainda aponta que o jornalismo vai ser identificado como um campo de interação por articular essas inúmeras vozes.

Mais ainda, trata-se também de entender que em diferentes conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito

freqüentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos. E que, como força social que atua na produção de hegemonia, a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro. (Cruz; Peixoto, 2007, p. 258-259).

Outro ponto importante de se colocar, aqui com mais destaque, é que a Aids foi sendo caracterizada e complexificada no aspecto social devido, em muito, ao passo que foi inserida e reconstruída no discurso midiático.

Esse fato aponta para a importância das mídias como um dos dispositivos instituidores do espaço público, na medida em que, pela sua ação ritualística e cotidiana, as mídias vão, não só anunciando a noção de realidade, mas convertendo-se, elas mesmas, como lugar pelo qual a realidade não só passa por elas, mas também se faz nelas. (Fausto Neto, 1999, p. 16).

Pensando em todos esses elementos é possível compreender quando Fausto Neto (1999, p. 26) escreve que ocorreu uma “‘invasão’ da AIDS no corpo do jornal”. É evidente que esse processo não ocorre de uma forma “natural”, mas sim articulada pelos meios de comunicação de massa, pois ao preconizar o lucro e perceberem que a Aids era um assunto que foi continuamente demandado pela sociedade para ser discutido é que ele começa a aparecer nos impressos. Prova disso é o, quase, desaparecimento de matérias ou reportagens sobre o HIV/Aids nos grandes meios de comunicação nos últimos anos. Outro exemplo, que nos interessa mais, é analisando a própria *Manchete*. Ao retomarmos o Gráfico 1 é possível visualizar uma certa queda de textos sobre a epidemia a partir de 1996.

Fausto Neto (1999) aponta que o fato da Aids passar a aparecer na mídia como um todo não significa que essa inserção se deu de qualquer maneira. A epidemia só foi inserida na imprensa obedecendo uma série de passos que são definidos pela política editorial de cada jornal, retomando Foucault (1996), o ritual do jornalismo que define as condições de funcionamento do mesmo. Ao articular como ocorria o funcionamento da *Manchete*, o que seria o discurso, sobretudo o médico e jornalístico, é interessante entender como a revista amalgamou todos esses sentidos e construiu a epidemia de Aids em suas páginas, começando pelas matérias de capa que tiveram como enfoque a relação entre a epidemia e a ciência/medicina.

1.2 A revista *Manchete*

Desde a bailarina Inês Litowski posando para a capa da primeira edição da revista *Manchete*, em 26 de abril de 1952, até a capa com o ator Reynaldo Gianecchini, na edição 2.519 de 29 de julho de 2000, se passaram quarenta e oito anos, onde a *Manchete* apresentou e representou as mudanças e acontecimentos do Brasil e do mundo (Gonçalves; Muggiati, 2008;

Niskier, 2012; Nascimento G., 2020). Pois a imprensa não apenas observa e narra os acontecimentos em suas páginas, ela é protagonista, como bem lembra Capelato (1988), é por meio dela que ocorre uma luta para conquistar corações e mentes.

Foi somente no século XX que as revistas passaram a ter a cara que nós conhecemos hoje, versando sobre os mais diferentes temas, cheias de fotos e, posteriormente, coloridas, e *O Cruzeiro* dos Diários Associados de Assis Chateaubriand (1892-1968) foi a principal responsável por disseminar a mentalidade do fotojornalismo no Brasil (Nascimento P., 2002; Buitoni; Prado, 2011). Na década de 1950 os Diários Associados era o maior grupo midiático brasileiro e a revista deles, por sua vez, o principal semanário de circulação nacional, era com esse tipo de publicação que, em 1952, Adolpho Bloch (1908-1995), fundador da Bloch Editores, acreditava que seria possível concorrer. “A publicação trazia em média 130 páginas, 70 anúncios, em edições de 400 mil exemplares semanais.” (Nascimento G., 2020, p. 40). Algo bem diferente das quarenta páginas da primeira edição da *Manchete*.

Contudo, a aposta de Bloch era mecanizar a composição de sua revista, bem como pensar a utilização de cores, o que numa época onde televisores ainda eram em preto e branco e, sobretudo, produto muito elitizado, tornava a nova publicação muito atraente para os leitores (Gonçalves; Muggiati, 2008; Nascimento G., 2020). E dessa maneira, a *Manchete* figurou como a principal concorrente d’*O Cruzeiro*, chegando a superar as vendas do periódico concorrente nas décadas de 1960 e 1970, se consagrando, naquela época, como o semanário de maior circulação no país (Pádua, 2011; Nascimento G., 2020).

A Bloch Editores foi um dos principais grupos midiáticos da América Latina e um fator que se deve a isso é justamente sua aproximação com o poder. Essa aproximação da revista com quem estava no governo vai respingar nas páginas da própria publicação, uma vez que o periódico tinha como linha não ser combativo. Carlos Heitor Cony (2008, p. 64), que trabalhou no semanário por mais de três décadas, pontuou isso: “Na realidade, a revista não falava mal de ninguém, não acusava ninguém, era otimista ao desvario, procurava ver o lado bom de tudo, o lado bonito e positivo.” E Justino Martins (1917-1983), editor da publicação em 1971, corrobora com essa ideia, exemplo disso, é no editorial da milésima edição do semanário em que Justino escreve que a “MANCHETE é uma revista que reflete a melhor imagem do Brasil tanto para os brasileiros como no exterior” (Martins, 1971, p. 3).

Segundo Gesner Pádua (2011, 2013), a publicação da Bloch seria um excelente exemplo de como uma revista se inseriu na lógica da indústria cultural do Brasil, onde a informação jornalística era entendida como uma mercadoria a ser vendida com quem estava no poder, a “*Manchete* era uma espécie de camaleão, que ganhava as cores da ideologia e dos

interesses dos grupos no poder em cada época.” (Pádua, 2013, p. 213). Essa ligação quase explícita entre a Bloch e o poder pode ser vista no trabalho de Greyce Falcão do Nascimento (2020), onde a historiadora mostra que Adolpho Bloch se beneficiou das benesses do Estado desde 1951.

Aproveitando que o então presidente Getúlio Vargas (1951-1954) publicou um decreto que permitiu às gráficas e editoras a comprar maquinário com subsídios e sem direitos alfandegários, Adolpho começou a executar a ideia de fundar uma editora, utilizando da experiência que a família já possuía em gráficas na Ucrânia (Pádua, 2011). Inicialmente os Bloch imprimiam revistas, gibis e histórias infantis encomendadas, majoritariamente, pelo dono do Grupo Globo, Roberto Marinho (1904-2003). Com o decreto do governo Vargas, Adolpho, aproveitou a oportunidade para ampliar seu parque gráfico e modernizá-lo e desse contexto surgiu a ideia de publicar uma revista semanal, aproveitando os dias em que o parque industrial tinha as máquinas paradas (Nascimento G., 2020).

A tiragem da primeira edição da *Manchete* foi de 200 mil exemplares e no primeiro ano de circulação foram vendidas 1.146.329 unidades, com um encalhe¹⁹ de 308.276 cópias, isto é, cerca de 79% dos exemplares da revista foram vendidos, o que representava uma boa margem de vendas, sobretudo para uma publicação que era estreante no mercado da época. No ano seguinte, 1953, o percentual saltou para 93% do material impresso foi comercializado e a partir de 1954 as vendas entraram em uma curva cada vez mais ascendente. (Gonçalves, Muggiati, 2008).

Em 1967 o semanário produziu mais de 11 milhões de tiragens e com vendas passando dos 10 milhões, o que acabou se tornando a média de vendas da década de 1970. No ano de 1980, alavancada com a visita do papa João Paulo II ao Brasil²⁰, a revista atingiu o recorde de vendas da sua história, com uma tiragem de 11.577.120 exemplares anuais e que teve 90% do total desse material vendido (Gonçalves; Muggiati, 2008). Por exemplo, na edição 1.791 de 16 de agosto de 1986, Roberto Muggiati escreveu para o editorial da revista que a edição anterior, 1.790, havia esgotado todos os 168 mil exemplares da publicação em um único dia. “Considerando que cada exemplar de MANCHETE é lido em média por 14 pessoas, a revista está atingindo semanalmente 2.352.000 leitores.” (Muggiati, 1986, p. 3).

Porém, essa relação que a *Manchete* manteve com o poder, que Pádua (2011, 2013) definiu como um cortejo, não só perdurou no aproveitamento do decreto baixado por Vargas,

¹⁹Termo usado no jornalismo para designar o material que foi produzido, mas que não chegou a ser comercializado.

²⁰ A *Manchete* dedicou quatro edições seguidas 1.473, 1.474, 1.475 e 1.476, de 12 de julho a 02 de agosto de 1980, a visita papal, onde o pontífice figurava como capa destas edições.

Bloch buscou aproximação direta com o presidente e essa foi a sua forma de atuação com os presidentes seguintes (Nascimento G., 2020). Quando Juscelino Kubitschek (1956-1961) chegou à presidência e estabeleceu o Plano de Metas²¹, que tinha como intuito desenvolver o Brasil “50 anos em 5”, bem como a construção da nova capital do país no interior do Brasil, Brasília. A construção da nova capital nacional não constava inicialmente no programa de Juscelino, mas embebido pelos ideais de modernização, industrialização, desenvolvimento e do otimismo sanitário da década de 1950, o então presidente colocou em prática um sonho que vinha desde o início da República e que era preceito constitucional que a sede do governo fosse no coração do país (Vieira T., 2009). E a revista embarcou nesse projeto.

A revista foi a primeira a estabelecer uma sucursal no canteiro de obras que era a nova capital federal (Nascimento P., 2002; Buitoni; Prado, 2011; Nascimento G., 2020). Murilo Melo Filho (2008, p. 372), que escreveu para o semanário por quatro décadas, pontua que “A *Manchete* cresceu na onda de Brasília. Os leitores queriam saber se aquela aventura era realmente para valer ou não.” Na realidade a revista se beneficiou de ambas as capitais, Rio de Janeiro e Brasília. O periódico foi fundado em solo carioca e isso possibilitou que estivesse presente, geograficamente, no centro do poder e o que de certa forma ajudou na publicidade do veículo de imprensa, pois conseguiam fazer coberturas que uma publicação do interior do país não poderia. Ao mesmo tempo que também documentou todo o processo de fundação e crescimento da nova capital. A *Manchete* teve papel fundamental na criação da ideia dos Anos Dourados sob governo de Juscelino Kubitschek (JK) e boa parte disso veio da cobertura da construção de Brasília, a nova capital era, e ainda é, a lembrança dos feitos de JK incrustado no coração do país para quem quiser ver (Nascimento P., 2002; Buitoni; Prado, 2011; Nascimento G., 2020).

A Bloch, sobretudo seu dono, é complexa de se analisar, pois “Noticiou *A noite das reformas* sobre o comício de Jango e na edição seguinte festejou a chegada dos militares ao poder.” (Nascimento G., 2020, p. 43, grifo próprio). Adolpho Bloch foi condecorado pelos militares, ao mesmo tempo que pessoas que foram perseguidas pela ditadura conseguiam trabalho em suas revistas, era amigo de pessoas como Oscar Niemeyer (1907-2012) e Leonel Brizola (1922-2004), notabilíssimos comunistas, inclusive Niemeyer foi quem projetou a sede da editora, *Edifício Manchete*²², e durante o governo de Brizola no Rio de Janeiro a *Manchete*

²¹ Plano de Metas ou Programa de Metas foi o primeiro e o maior programa de modernização da história brasileira, onde se propunha a mudar e aumentar a capacidade produtiva do país. Para tanto, o governo intensificou a industrialização do Brasil, sobretudo no setor industrial de bens duráveis. O projeto tinha como foco transporte, recursos em energia, indústria pesada e alimentos (Schwarcz; Starling, 2015, p. 415-416).

²² Localizado na Rua do Russel, nº 766, Glória, Rio de Janeiro.

recebeu várias verbas oficiais para publicidade (Niemeyer, 2008; Nascimento G., 2020). Daisy Prétola (2008, p. 149), que trabalhou na editora, coloca que Adolpho não era simpático aos ideais de esquerda, mas “[...] era sagaz o suficiente para saber que ali estavam boas ‘cabeças pensantes’ trabalhando a bom preço. A convivência era pacífica, desde que mantivéssemos nossas convicções políticas de esquerda longe das páginas das revistas.”

Aproveitando esse jogo com o poder que a Bloch sabia fazer e o prestígio que eles tinham com os militares, Oscar Bloch e Pedro (Jaquito), sobrinhos de Adolpho, convenceram o tio a concorrer à concessão de um canal de televisão (TV). Ao fim, Bloch e Silvio Santos²³ ganharam as concessões para os canais de TV em 1981 (Nascimento G., 2020).

Contudo, o sucesso da revista não foi somente por essa aproximação ao poder, mas, também, pela própria qualidade do material que a revista oferecia, como as imagens que estampavam as capas e o interior da publicação, captadas pelas lentes de fotógrafos como Jean Manzon (1915-1990), Darwin Brandão, Gil Pinheiro, Gervásio Baptista (1923-2019), Fúlvio Roiter (1926-2016), Jader Neves, Carlos Humberto TCD, entre outros. E em relação aos colaboradores e jornalistas de peso como: Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Rubem Braga (1913-1990), Manuel Bandeira (1886-1968), Fernando Sabino (1923-2004), Nelson Rodrigues (1912-1980), Lygia Fagundes Telles (1918-2022), Murilo Melo Filho (1928-2020), Carlos Heitor Cony (1926-2018), João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), entre outros. (Nascimento G., 2020).

A partir da década de 1980 o Grupo Bloch passou a dedicar a sua atenção mais a rede de televisão, *Rede Manchete*, e suas publicações impressas, inclusa a revista *Manchete*, passaram por problemas de investimentos e o semanário que passou por quase duas décadas no topo de vendas nacional perdeu o seu destaque para a publicação do Grupo Abril, a *Veja*. Mas mesmo com esses percalços, em 1991, a média de venda dos exemplares da principal revista da Bloch girava em torno da casa dos 7 milhões, o que era ainda considerável pensando os problemas internos dentro da editora e do mercado saturado de publicações semanais (Gonçalves; Muggiati, 2008; Pádua, 2011; Nascimento G., 2020).

Porém, mesmo com esses problemas a *Manchete*, na época, ainda era prestigiada pelos leitores, pois algumas edições conseguiam superar os 90% de exemplares vendidos. Os temas que motivaram os interesses dos brasileiros eram tão variados quanto a revista era de variedades, indo desde o casamento de membros da realeza de outros países, passando pela morte de Tancredo Neves (1910-1985), atrizes como símbolo de beleza, a prisão de nazistas no

²³ Apresentador e proprietário-fundador do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

país e claro, a Aids. A edição 1.734 de 13 de julho de 1985, que tinha como matéria de capa, *Ninguém está livre do AIDS*, vendeu 95% dos exemplares produzidos (Gonçalves; Muggiati, 2008).

Porém, após a morte do seu fundador em 1995 marcou também o início da decadência do semanário, como de toda a editora. A tiragem da *Manchete*, segundo Patrícia Nascimento (2002, p. 23), em 1997 girava em torno de 250.000. Em 1999 e 2000 o semanário da Bloch não figurava nem entre as três principais publicações semanais do país, composto por *Veja* com uma média de mais de um milhão e cem mil exemplares, seguida da revista *Época*, que girava em torno de 480 a 570 mil exemplares e a *Isto É* com um pouco mais de 350 mil exemplares.

A capa de uma publicação, como uma revista, é um dos principais pontos do material impresso e que precisa ser muito bem pensada, pois, é justamente com a capa que o leitor vai ter um primeiro contato com aquela edição, decidindo se vai levá-la para a casa ou não. E essa questão se aprofunda na *Manchete*, pois ela era uma publicação de fotojornalismo, isto é, basicamente o carro chefe do semanário era a qualidade de suas imagens, tanto no interior da publicação, que chegava a 70% do total do conteúdo, como também da capa da edição (Nascimento P., 2002; Buitoni; Prado, 2011; Nascimento G., 2020). E muitas vezes era o destaque da capa que definia o sucesso de alguma edição. “Para aumentar a venda de um produto, não apenas o conteúdo, mas também a embalagem tem que ser atraente. Na primeira página concentram-se todos os recursos persuasivos de propaganda da mercadoria.” (Capelato, 1988, p. 17).

Adolpho Bloch pontuou que ele só soube o que era jornalismo em decorrência dos acontecimentos do suicídio do então presidente Getúlio Vargas em 1954, “A capa já estava impressa, era com o brigadeiro Eduardo Gomes, adversário do presidente. Eu tive de imprimir nova capa com o presidente Vargas. À tarde, a edição foi para as ruas, e à noite já estava esgotada.” (Gonçalves; Muggiati, 2008, p. 29-30). Mostrando que uma capa tinha que dar aquilo que os leitores queriam saber e também o que iria vender.

José Gonçalves e Roberto Muggiati (2008, p. 32), ressaltam que “Na Redação do Russell, costumava-se dizer que a escolha da capa de *Manchete* era como a história do pênalti no futebol.” Ou as vendas da edição eram um sucesso, mas se não suprissem as expectativas algumas decisões não muito amigáveis eram tomadas. E por mais que Adolpho comandasse a revista, isso não significava que era somente ele quem dava as cartadas finais. Muggiati (2008, p. 83), escreve que a revista era o resultado da relação conflituosa entre Adolpho Bloch e Justino Martins, enquanto este esteve à frente da direção do semanário, empresário *versus* jornalista: “No caso de Adolpho e Justino, os dois sempre mantiveram um corpo a corpo duríssimo. A

seleção das matérias era discutida palmo a palmo e a escolha da capa uma verdadeira briga de foice no escuro.” Porém, quase sempre, a decisão era de Bloch (Nascimento G., 2020).

Na verdade, na escolha da capa da *Manchete* – mesmo quando Adolpho não participava da sessão de sagração da foto que carregava a responsabilidade de motivar ou não o leitor de banca a desembolsar seu dinheirinho –, o ritual sempre obedeceu a normas não escritas quase imutáveis ao longo de mais de quatro décadas. *Gente importante, famosos nacionais e internacionais de todas as áreas e de todas as épocas, grandes acontecimentos, temas de comportamento, tragédias ou inovações da ciência.* (Gonçalves; Muggiati, 2008, p. 33, grifo nosso).

Algumas personalidades foram figuras certas nas capas da *Manchete*, principalmente as mulheres, como a modelo e apresentadora Xuxa, a também modelo, Luiza Brunet, e a princesa Diana (1961-1997), dos homens se destacam o cantor Roberto Carlos, o jogador de futebol Pelé (1940-2022) e o ex-presidente Juscelino Kubitschek, por exemplo (Gonçalves; Muggiati, 2008). Daisy Prétola (2008, p. 160), colocou uma questão importante em debate, que é a falta de representatividade, sobretudo de pessoas negras, nas capas de revistas: “Na época, apenas os negros famosos, como Muhammad Ali e Pelé, tinham espaço nas capas das revistas.” Marília Campos (2008) também aborda essa questão, mas pensando em relação às mulheres, a jornalista que atuou na revista *Carinho*, também do catálogo da Bloch Editores, e conta que capas com:

As asiáticas venderam pouco. As negras, menos do que as mulatas. As morenas definitivamente vendiam bem, tanto quanto as tradicionais louras. Aos poucos, o mercado se debruçava e começava a identificar quem era a adolescente brasileira da classe C, estabelecendo sua identidade e, conseqüentemente, seus hábitos de consumo. (Campos, 2008, p. 223).

Pádua (2011) também chama a atenção para as questões das capas da *Manchete*, uma forma da revista se manter interessante em meio a um mercado saturado com outras publicações e que disputava a atenção com a televisão, que nas décadas de 1980 e 1990 não apenas ganhou cores, como também se popularizou ainda mais em território nacional, era manter uma certa qualidade da publicação impressa, isto é, tratando de assuntos como economia e política. Um outro elemento que o semanário trouxe para suas capas para chamar a atenção dos leitores é a utilização do erotismo, principalmente com mulheres. Mas o periódico também utilizou das inovações e recentes descobertas científicas para aguçar a curiosidade dos leitores, tratando desde os mais recentes apetrechos tecnológicos até a epidemia de Aids. E nesse ponto é interessante pensar, como a *Manchete* utilizou desse erotismo ao mesmo tempo que noticiava uma nova enfermidade que era sexualmente transmissível?

A epidemia de Aids também marcou presença nas capas da publicação da Bloch, foi citada mais de noventa vezes no frontispício das edições, mas como matérias de capas efetivamente foram 19 entre 1985 a 1999, como pode ser visualizado na Imagem 1:

Imagem 1 – Edições da revista *Manchete* com a Aids como matéria de capa





Fonte: MANCHETE, capas das edições: 1.734, 1.738, 1.741, 1.748, 1.827, 1.833, 1.836, 1.875, 1.884, 1.934, 1.945, 1.946, 1.982, 1.996, 2.068, 2.160, 2.323, 2.332 e 2.485 em sequência. Acervo: BNDigital.

Visualizando as capas todas juntas, é possível perceber que elas corroboram com o levantamento das temáticas, uma vez que em sua maioria tratavam de famosos que foram infectados pelo HIV, as descobertas científicas e informações médicas sobre a Aids e também a sexualidade é muito presente nessas capas. Uma questão importante de ressaltar nesse ponto do texto é que o levantamento e as capas aqui apresentadas não condizem totalmente com o número real das publicações da *Manchete*, mas sim aquilo que foi digitalizado pela HDB. O acervo da HDB é o mais completo *on-line*, contudo, durante a pesquisa, foi observado que algumas edições não foram digitalizadas nesse acervo e que algumas matérias citadas nas cartas dos leitores, por exemplo, não foram encontradas por essas edições não estarem no acervo da HDB²⁴.

1.3 *Manchete* estampa a Aids: as matérias de capa sobre epidemia

Nesse subtópico foram analisadas as edições: 1.734 de 13 de julho de 1985, *As novas vítimas do Aids*; 1.735 de 20 de julho de 1985, *BRASIL: As novas vítimas da AIDS*; 1.827 de 25 de abril de 1987, *Os heterossexuais e a AIDS: o perigo é para todos*; 1.884 de 28 de maio

²⁴ Um bom exemplo disso é a edição 1.934 de 13 de maio de 1989, onde havia referência a matéria de capa na seção de carta dos leitores da edição seguinte, mas não está digitalizado na HDB. O exemplar analisado foi comprado para poder compor o corpo da pesquisa.

de 1988, *AIDS a cartilha da sobrevivência*; 1.982 de 14 de abril de 1990, *AIDS em cinco anos, a vacina*; 1.983 de 21 de abril de 1990, *AIDS os caçadores de vacina*; e, 2.485 de 27 de novembro de 1999, *A ciência fracassa na luta contra o mal do século* e *A escalada da AIDS entre as mulheres*. A escolha dessas matérias de capas se deu pelo fato de que elas pensaram a epidemia de Aids em um viés mais científico, diferente das outras capas da Imagem 1 que abordavam a síndrome e a vida de famosos, por exemplo. Há uma predominância de matérias da década de 1980 em detrimento dos anos 1990, porém, isso ocorre devido a própria cobertura da *Manchete*, entre 1985 a 1990 foram produzidas 14 matérias de capa, contra 5 em todo o período de 1991 a 2000.

A primeira capa da *Manchete* que trouxe a Aids como destaque foi na edição 1.734 de 13 de julho de 1985 e é a tradução, feita por Mário Bendetson, de uma reportagem da revista *Life* intitulada *Now no one is safe from AIDS*²⁵ e que na *Manchete* recebeu o título de *Ninguém está livre do Aids* (Barners; Hollister, 1985). Um aspecto importante da matéria é que ela foi traduzida e isso se torna curioso, pois em 1985 a epidemia não era mais uma novidade em território brasileiro, inclusive esse ano é um dos que mais se teve textos sobre a patologia dentro da própria *Manchete* na década de 1980.

Pois, como aponta Érica Lima (2021), é no ano de 1985 que se torna impossível não dar atenção a epidemia, visto que é a partir desse ano que a organização da sociedade civil em prol da informação e prevenção ao HIV passou a ser mais visível, sendo inclusive o ano da criação do primeiro Grupo de Apoio à Prevenção à Aids²⁶ (GAPA), em São Paulo (Contrera, 2000, p. 40). Mesmo assim, a primeira matéria de capa da revista é de uma reportagem traduzida, podemos pensar que essa questão devido uma das metáforas que a Aids vista enquanto peste vai suscitar, a que ela invariavelmente era um “mal” que vem de outro lugar, ligando o imaginário da doença com o do estrangeiro (Sontag, 1989).

A revista brasileira realizou uma mudança na própria capa, como pode ser visto na Imagem 2. A capa da edição da *Manchete* teve como enfoque a família Burk, enquanto a *Life* trouxe em sua encadernação outras duas imagens além dos Burk, Sony Sherman e uma representação de uma soldado, outras histórias que foram abordadas, também, nesta matéria. É justamente a associação do título da capa e com a imagem da família, sobretudo do bebê, ressaltaria o argumento que ninguém estava a salvo e geraria comoção do leitor, fazendo-o

²⁵ Agora ninguém está a salvo da AIDS, em tradução livre.

²⁶ O GAPA foi o primeiro grupo a ser formado no Brasil, e possivelmente na América Latina, com o objetivo de pensar na prevenção da aids e apoio aos soropositivos. A iniciativa começou em São Paulo e se espalhou para o resto do país (Contrera, 2000).

comprar a revista. O que de fato aconteceu, como já mencionado, essa edição vendeu 95% dos exemplares produzidos.

Imagem 2 - Capa original da revista *Life* e a versão da *Manchete*



Fonte: LIFE jul. 1985 e MANCHETE, edição 1734, 13 jul. 1985/Acervo: BNDigital.

O foco da edição foi em relação a situação da epidemia até então nos EUA, contudo, isso não evitou que o semanário brasileiro incluísse um pequeno trecho que refletia como andava a situação no Brasil.

Nos últimos três anos, até maio último, foram detectados 313 casos de AIDS – a síndrome de deficiência imunológica adquirida – no eixo Rio-São Paulo. Mas segundo os especialistas, este número está aquém da realidade, pois muitos escondem a doença com medo de serem estigmatizados por um mal comumente atribuído a homossexuais. O AIDS, no entanto, atinge indistintamente homens, mulheres e crianças. E o Brasil precisa encarar o problema de frente, para que ele não atinja aqui proporções iguais as dos Estados Unidos, onde mais de cinco mil pessoas já morreram vítimas da doença. (Barners; Hollister, 1985, p. 17).

Essa é uma característica bem comum na *Manchete*, ela não simplesmente reproduzia a tradução da reportagem, mas trazia aspectos que conversavam com a realidade brasileira. Neste pequeno trecho revela não somente a progressão da Aids no Brasil até aquele momento, mas também que certas imagens sobre a epidemia já estavam, de certa forma, consolidadas. Uma vez afirmado que havia pessoas que não procuravam atendimento médico para não serem associados com homossexuais, ou não terem sua sexualidade revelada. Pois, principalmente nos primeiros anos da epidemia, criou-se uma ligação quase direta entre Aids e a homossexualidade masculina, a síndrome era encarada como a prova do “crime” daquela pessoa e o seu próprio

“castigo” (Sontag, 1989). Um ponto importante de analisar é que a forma como a pessoa contraiu o HIV indicava o olhar que a sociedade iria ter para com ela e essa noção nos permite pensar a construção da própria capa da matéria, uma vez que os editores decidem focar na imagem de uma família, triste, que foi pega de surpresa pela epidemia, que não entrava no estereótipo criado, até então, de quem convivía com o vírus e reforçando o título escolhido de “novas vítimas da Aids”. Mas nem isso seria garantia de que seriam bem aceitas, ou que não sofreriam estigmas, Susan Sontag (1989, p. 32-33, grifo nosso) escreveu que:

Os viciados que contraem a doença ao compartilhar agulhas contaminadas são encarados como pessoas que cometem (ou completam) uma espécie de suicídio inadvertido. Os homossexuais promíscuos que levavam às últimas conseqüências os seus hábitos sexuais, com a convicção ilusória — promovida pela ideologia da medicina, com seus antibióticos que curam tudo — de que todas as doenças sexualmente transmissíveis são relativamente inócuas, podiam ser encarados como hedonistas radicais, ainda que agora esteja claro que seu comportamento era igualmente suicida. *Aqueles que, por mais que se amplie o conceito de culpa, não podem ser considerados responsáveis por sua doença — por exemplo, os hemofílicos e pacientes que receberam transfusões de sangue — são por vezes tão discriminados quanto os outros, por pessoas amedrontadas, e potencialmente representam uma ameaça ainda maior, pois, ao contrário dos que já estão estigmatizados, são mais difíceis de ser identificados.*

O texto começa trazendo o drama da família Burk, onde Patrick, o pai, hemofílico, acabou contraindo o vírus em uma transfusão de sangue. Ele não tinha conhecimento que estava com HIV depois da transfusão e manteve relações sexuais com sua esposa, Lauren, e ela acabou engravidando de Dwight, filho mais novo do casal, dessa maneira todos estavam infectados pelo HIV e progrediram para a Aids. O primeiro a receber o diagnóstico foi a criança e posteriormente os pais (Barners; Hollister, 1985).

O tom da reportagem permanece assim, apresentando o caso de Sony Sherman que aos 29 anos de idade teve o diagnóstico de Aids e foi obrigada a dar baixa do exército estadunidense após 12 anos de trabalho. Porém, os casos que mais causavam comoção eram os de crianças, que ao contrário de Dwight, em sua maioria eram filhos de pessoas UDI e que não tinham uma estimativa de mais de três anos de idade (Barners; Hollister, 1985).

Embora a reportagem tente mostrar o aumento dos casos em pessoas fora dos grandes “grupos de risco”, HSH e UDI à época, porém relata que a maior parte dos casos, três quartos, eram desses grupos. Contudo, especialistas apontavam que o aumento em setores da sociedade que não faziam parte dos “grupos de risco” aumentava vertiginosamente. A reportagem ainda trouxe uma pesquisa feita pelo exército estadunidense, que apontava que um a cada três americanos podiam ser assintomáticos, isto é, carregavam o HIV em seus corpos sem saberem (Barners; Hollister, 1985). Como pode ser visto nessa parte e na citação acima que avalia a

epidemia no Brasil, a mídia além de informar sobre a Aids, ela vai também avaliar o desenrolar da epidemia, realizar previsões e tirar conclusões (Fausto Neto, 1999).

A matéria terminou pontuando uma série de ações que o governo dos EUA estabeleceu para combater a síndrome, mas que avançavam muito lentamente e esse plano de ações foi adjetivado como uma “batalha” contra a Aids (Barners; Hollister, 1985), o que para uma sociedade belicista como os Estados Unidos faz muito sentido. Mas o que queremos chamar atenção é para a reiteração das metáforas militares, definidas por Susan Sontag (1989) em seu ensaio *AIDS e suas metáforas*.

Sontag (1989, p. 9) recorre a definição aristotélica sobre metáfora, “dar a uma coisa o nome de outra”, a autora reitera que essa é uma atividade humana comum desde a antiguidade, contudo ela pontua que não é por isso que não existam metáforas que devem ser evitadas, ou até mesmo retiradas de circulação. Doenças foram, e são, metaforizadas ao longo do tempo, mas uma metáfora que a autora chama a atenção são para as militares, onde “A doença é encarada como invasão de organismos alienígenas, aos quais o organismo reage com suas próprias operações militares, tais como a mobilização de ‘defesas’ imunológicas, e a medicina passa a ser ‘agressiva’, como na linguagem da maioria das quimioterapias.” (Sontag, 1989, p. 14-15). Dessa forma, essas metáforas, contribuem para uma maior estigmatização de doenças, e por associação, das pessoas que vivem com elas.

No momento em que a Aids passou a ser denominada como um “perigo”, “ameaça”, ela deve, por lógica, ser “combatida”, porém, o que é visível não é o vírus ou ela em si, mas a pessoa doente. Ao passo que ela é vítima, por sua vez, é associada à noção de culpa, pois o comportamento desta é posto em xeque. “O comportamento perigoso que produz a AIDS é encarado como algo mais do que fraqueza. É irresponsabilidade, delinqüência - o doente é viciado em substâncias ilegais, ou sua sexualidade é considerada divergente.” (Sontag, 1989, p. 31). Por mais que a reportagem da *Manchete* tente quebrar com a ideia de “grupos de risco”, a estigmatização da pessoa soropositiva é reafirmada na utilização de tais metáforas, mesmo que indiretamente.

Na edição seguinte, 1.735 de 20 de julho de 1985, a *Manchete* produziu uma reportagem, com texto de Hélio Carneiro, Lorem Falcão, Maria Silvia Camargo e Paulo Fradique, aos moldes da edição anterior, mas com o enfoque no Brasil (Carneiro *et. al.*, 1985). Intitulada como, *BRASIL As novas vítimas do AIDS*, a matéria já começava trazendo uma imagem²⁷ que faz alusão a uma mãe chorando a morte de sua bebê, referência a primeira criança

²⁷ As fotos da reportagem foram produzidas por André Krajcsi.

a morrer em decorrência da Aids no Brasil, Pamela Araújo de Carvalho. Imagens assim tentavam sensibilizar as pessoas que liam a revista, ou até mesmo chamavam à atenção para atrair mais leitores.

Imagem 3 – Primeiras páginas da matéria *BRASIL As novas vítimas da AIDS*



Fonte: MANCHETE, edição 1.735, 20 jul. 1985/Acervo: BNDigital.

Assim como em quase todas as principais matérias das suas edições, a *Manchete* trouxe um pequeno texto que introduz o que vai ser discutido naquela reportagem. A introdução relata o caso da bebê de sete meses que faleceu devido às complicações da infecção por HIV e que tal fato traria um “novo grau de conscientização” sobre a Aids na sociedade brasileira (Carneiro *et. al.*, 1985, p. 17). Continua pontuando que o vírus não circulava apenas entre homossexuais e encerra trazendo a ideia de combate à epidemia, “a desinformação e o preconceito são os maiores aliados do mal, que também já se instalou entre nós e começa a ser combatido em várias frentes.” (Carneiro *et. al.*, 1985, p. 17, grifo nosso).

Mas a seguinte frase desse breve texto nos chama a atenção, “Se ao surgir, em 1982, nos Estados Unidos, a AIDS deu a falsa impressão de que era uma moléstia restrita aos grupos homossexuais, sua disseminação para pessoas excluídas dos chamados grupos de risco revela que a doença não é castigo ou sanção moral.” (Carneiro *et. al.*, 1985, p. 17, grifo nosso). A sentença em destaque dá a entender ao leitor que quem nomeou, ou definiu, que a Aids seria uma enfermidade que preferia homossexuais foi a própria síndrome. Contudo, a construção frasal, não revela que quem destacou essa característica em detrimento de outras à epidemia foi a própria humanidade, desde os médicos, passando principalmente, pela imprensa, como pode

ser visto nos termos utilizados nos primeiros textos da *Manchete* sobre a moléstia (*doença dos homossexuais, câncer que mata homossexuais e câncer gay*), chegando, enfim, na sociedade como um todo. Outro ponto desta frase que chama a atenção é a insinuação de que somente quando a epidemia começou a avançar em grupos sociais que não os ditos de risco, e que não eram historicamente estigmatizados, é que revela que não seria um *castigo* ou *sanção moral*.

É interessante de perceber, além do reforço das metáforas militares nesse pequeno trecho, mas a ideia da revista já em 1985 tentar desmontar a ideia de “grupos de risco” e de mostrar que uma das melhores formas de impedir o avanço da epidemia no Brasil seria na base de informar a população. É recorrente encontrar pesquisas que afirmam o reforço dos estigmas em torno da Aids que a mídia realizou, mas ela não realizou somente isso, como já mencionado, era através da imprensa que a maior parte da população se informava sobre a epidemia. Ela teve um papel importante de conscientização sobre a “nova doença” e de mostrar formas de prevenção.

O caso da menina Pâmela ocorreu no Rio de Janeiro e dessa forma a matéria relata mais a situação da epidemia no estado à época, como a criação da “Comissão Inter-Institucional de Controle e Prevenção da AIDS”. A reportagem continuou demonstrando a importância do trabalho da comissão frente às populações mais afetadas, HSH e hemofílicos. Reiterando que não havia motivos para a hostilização dessas pessoas, pois a transmissão do vírus só se dava por via sexual e por transfusões de sangue (Carneiro *et. al.*, 1985). Aqui é importante lembrar que em 1985 não havia uma resposta coordenada pelo governo federal.

O texto continua relatando o trabalho que médicos e cientistas vinham realizando para frear a disseminação do vírus e que não havia certo consenso sobre quais seriam todas as formas de transmissão, pois consideravam que o beijo poderia ser uma das formas de infecção por HIV (Carneiro *et. al.*, 1985). Mas o que chama a atenção é para a última frase da matéria, onde se pode ler o seguinte: “A AIDS é um enigma sem solução. Mas, no compasso das pesquisas, dentro em breve ela será uma manifestação patológica totalmente controlável.” (Carneiro *et. al.*, 1985, p. 19). Esse trecho é importante, pois mostra uma visão propositiva, e até certo ponto otimista, sobre a situação da epidemia, tendo em vista o contexto que está inserida: praticamente o começo da disseminação do HIV pelo Brasil.

Em 25 de abril de 1987 foi publicada a edição 1.827 com a capa que trazia um casal branco heterossexual, sem roupas, se beijando, mas envoltos em um plástico e com o título em letras garrafais dizendo, *Os heterossexuais e a AIDS* (Carneiro, 1987). A foto é de Cibele Clark, com produção de José Reynaldo, e é uma imagem bem importante de ser analisada, pois trouxe um retrato de uma cena romântica, mas com um elemento a mais, o casal envolto em um

plástico, clara referência aos preservativos, principal forma de prevenção ao HIV (hoje e) na época. Como se o casal quisesse proteger seu amor desse perigo externo a eles. Contudo, ao analisar esta capa, percebe-se que a fotografia remete, também, a uma outra imagem, no caso a pintura *Os Amantes*²⁸ (1928) do artista surrealista belga René Magritte. O quadro em questão traz um casal, composto de um homem e uma mulher, se beijando, mas tecidos encobrem os rostos de ambos, impedindo que eles de fato se toquem. A imagem criada por Magritte possivelmente não possui uma interpretação tão literal quanto a da fotografia produzida por Cibele, mas pode ser interpretada de inúmeras maneiras. Contudo, é possível vislumbrar as semelhanças da foto com o quadro do artista surrealista na hora de tentar representar imgeticamente um casal se protegendo um do outro devido um vírus sexualmente transmissível, invisível aos olhos e que precisaria de uma barreira (preservativo) para proteger esse “amor”.

Imagem 4 – Capa da edição 1.827 da *Manchete* e o quadro *Os Amantes* (1928) de René Magritte



Fonte: MANCHETE, edição 1.827, 25 abr. 1987/Acervo: BNDigital e René Magritte (1928) Museu de Arte Moderna (MoMA).

Além da mesma foto de Cibele Clark ter também estampado a edição 1.884, como veremos mais à frente, uma outra matéria de capa utilizou-se dessa mesma lógica de casais, heterossexuais, se beijando e tendo algum meio que impedia que os lábios se encostassem, a

²⁸ Em francês *Les Amants* e do inglês *The Lovers*, a obra encontra-se exposta no Museu de Arte Moderna (MoMA), em Nova Iorque (EUA).

edição 1.875 de 26 de março de 1988 (Biel; Klare; Lempke, 1988), como pode ser visualizado na Imagem 5:

Imagem 5 – Capa da edição 1.875 de *Manchete*



Fonte: MANCHETE, edição 1.875, 26 mar. 1988/Acervo: BNDigital

Outro fator que chama a atenção é a representação de, apenas, casais heterossexuais, mesmo quando a revista pontuava que uma das principais formas de disseminação da Aids era por homossexuais masculinos, ou HSH no geral. Nas três matérias de capa em questão a veiculação de casais héteros fazem sentido, pois abordavam que a epidemia também afetava essas populações. Contudo, em nenhum momento do semanário, mesmo quando se abordava a vida de pessoas abertamente homossexuais, trazia essas pessoas em imagens mais íntimas com seus parceiros.

A censura, mesmo com o fim da Ditadura Militar, continuava, agora não mais através diretamente do Estado, mas por “outras censuras, horizontais, começavam a ser praticadas sobre produções artísticas musicais, televisivas e cinematográficas.” (Klanovicz, 2011, p. 2197). Luciana Klanovicz (2011) ainda pontua que os principais alvos eram as produções que abordavam de alguma forma temas relacionados à sexualidade. Exemplo disso, foi a “censura prévia” que sofreu a primeira campanha do Ministério da Saúde, *AIDS, você precisa saber evitar*, voltada para a epidemia em 1987, pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB). A argumentação da CNBB era que os termos, “camisa de vênus” e “coito anal”, exaltavam “práticas sexuais contrárias à natureza” e propôs que fosse modificado para os

termos “preservativo” e “relação sexual”, que foi acatado em partes pelo ministério²⁹ (Barros, 2018, p. 85).

Sendo assim, mesmo que a *Manchete* fosse uma revista que se utilizava do erotismo em suas edições (Pádua, 2011), havia questões relacionadas à sexualidade que ela preferia não abordar, uma vez que como pontuou Carlos Heitor Cony (2008), era uma semanário que não buscava o conflito. Outro ponto, que ajuda a compreender a sociedade à época e a reticência de trazer casais homossexuais se beijando, foi o caso de censura que a revista voltada para o público gay, *Sui Generis*, sofreu em 1999 ao veicular a imagem do ator Paulo Gustavo (1978-2021) beijando seu namorado na capa do periódico. O semanário teve que ser distribuído nas bancas em sacos pretos, “para não chocar a sociedade”, como revelou o editor do veículo de imprensa à época Rogério Espírito Santo (*apud* Schmitz, 2021).

A matéria da edição 1.827 abordou o aumento dos casos de Aids dentro do recorte populacional de pessoas heterossexuais e foi assinada por Hélio Carneiro, jornalista que escreveu muito sobre a epidemia dentro da revista. No pequeno texto que resumia e dava o tom dessas grandes reportagens é possível identificar alguns aspectos importantes:

Sem medidas de proteção, vacina e tratamentos médicos eficazes, a AIDS poderá ceifar a vida de 100 milhões de indivíduos até o final deste século. Esta assustadora projeção da Organização Mundial de Saúde/OMS não é irresponsável, muito menos fantasiosa. A ciência médica e as estatísticas epidemiológicas agora provam que ninguém – absolutamente ninguém – está livre de contrair o vírus HIV1 e HIV2, causadores da fatal Síndrome de Imunodeficiência Adquirida. A ameaça paira sobre todos e não faz distinção entre raças, credos e sexos. Nenhum homem e nenhuma mulher pode mais acreditar que a AIDS é privilégio exclusivo de homossexuais e toxicômanos por via venosa, os mais atingidos no início da epidemia, e por isso discriminados no que se convencionou chamar de grupo de risco. A descoberta dos meios de transmissão da doença tornaram esta classificação obsoleta. Hoje, a noção de grupos foi substituída pelo comportamento de risco, e homens e mulheres hétero, bi e homossexuais correm os mesmos riscos de se infectarem através das relações sexuais. Mas ninguém precisa entrar em pânico. A AIDS não é uma fatalidade para quem está informado sobre como evita-la. (Carneiro, 1987, p. 25).

Aqui encontra-se o que foi apontado na matéria de capa anterior, que Fausto Neto (1999) já tinha abordado, o fato de o periódico analisar e conjecturar sobre a epidemia, além de informar. Porém, o que mais chama a atenção é a seguinte construção frasal: “Nenhum homem e nenhuma mulher pode mais acreditar que a AIDS é *privilégio* exclusivo de homossexuais e toxicômanos por via venosa [...]” (Carneiro, 1987, p. 25). É curioso pensar na escolha da palavra *privilégio* para falar sobre a prevalência do vírus em HSH e UDI, pois segundo a definição que o minidicionário Aurélio de 2008 (Ferreira, p. 655) dá sobre *privilégio* é a seguinte: “1. Vantagem que se concede a alguém com exclusão de outros. 2. Permissão especial. 3. V.

²⁹ As campanhas governamentais foram melhor abordadas no item 1.5.

prerrogativa.” O que causa estranhamento, pois a Aids foi carregada de estigmas e afetou primeiramente grupos já estigmatizados socialmente, o que não revela uma situação de vantagem desses grupos que foram contaminados primeiro, mas sim o reforço da sua exclusão perante a sociedade.

Nesse mesmo trecho é possível ver como a revista já aponta para uma tentativa de quebra da noção de “grupo de risco”, mostrando que essa já estava obsoleta em 1987 e não conseguia explicar o real avanço da epidemia até aquele momento. Porém, outra frase que nos salta aos olhos é justamente a última, onde aponta que “*AIDS não é uma fatalidade para quem está informado sobre como evita-la*” (Carneiro, 1987, p. 25, grifo nosso). Realmente, informação e prevenção eram – e ainda são – duas importantes ações para barrar a disseminação da epidemia, mas o que se revela uma questão nessa frase é a da fatalidade, pois se ela não era fatal para quem tinha informação e conseguiu evitá-la, isso significa que para quem não conseguiu evitar e se infectou com HIV era fatal. A questão da letalidade vai ser problematizada mais à frente.

O texto apontava que se a síndrome tivesse afetado heterossexuais e homossexuais da mesma maneira as autoridades sanitárias e a população teriam reagido mais rapidamente e com a seriedade que a epidemia exigia. A reportagem ainda faz um *mea culpa* da imprensa ao assumir que essa ajudou a cristalizar a ideia da Aids como “câncer gay” e outras terminologias que faziam referência aos homossexuais. Continuando, a matéria apresenta que a forma como a epidemia se comportava na África Central já evidenciava que o vírus não tinha preferência em que corpos infectar (Carneiro, 1987).

A prevenção foi elencada como a principal forma de frear o contágio e que essa por sua vez já vinha realizando mudanças no comportamento da sociedade e o exemplo disso era o aumento do uso de preservativos que anteriormente não eram vistos com bons olhos (Carneiro, 1987). Contudo, no texto tem frases que vale a pena se deter com maior atenção, como “Toda a pessoa infectada pelos vírus HIV tem em seu corpo uma *bomba relógio.*” (Carneiro, 1987, p. 27, grifo nosso). Ou ainda, “Contrair AIDS é estar *condenado à morte*; praticar sexo seguro é *garantir o direito à vida* e ao prazer.” (Carneiro, 1987, p. 28, grifo nosso). Essas frases, junto com aquela do início que apontava que a Aids é fatal para quem não está informado, apresentavam um reforço das metáforas militares, mas não só isso, reforçaram também a noção de morte social estabelecida por Herbert Daniel³⁰ (2018).

³⁰ Herbert Daniel (1946-1992) Foi um importante ativista contra a Ditadura Militar e lutou pelos direitos de pessoas homossexuais e soropositivos. Mesmo antes de saber sobre a sua condição sorológica, ele já atuava na prevenção ao HIV/Aids, primeiramente pela Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA) e depois no Grupo Pela

Uns dos principais conceitos que Daniel (2018) trabalhou, e combateu, é o de morte social, que é quando a pessoa recebia o diagnóstico que era soropositiva e a partir desse momento era como se ela estivesse caminhando pelo corredor da morte, sofrendo uma morte social antes da biológica, e seus direitos em vida, e sobre ela, seriam retirados. Nas palavras do autor: “Querem matar os doentes de Aids, condenando-os à morte civil.” (Daniel, 2018, p. 21). A partir do momento que a revista reitera o caráter letal da epidemia, também corrobora com essa noção de morte social.

O texto ainda aponta que a principal forma de transmissão sexual era pela via anal e que os médicos não haviam criado consenso quanto ao sexo oral e nem ao beijo (Carneiro, 1987). Essa diversidade de diagnósticos e fatores que levavam a infecção por HIV, segundo Fausto Neto (1999, p. 134), gerava efeitos peculiares nos leitores: “Ao perceber a não existência de um ponto de vista dominante e universal, concluindo-se, assim, que o discurso de mediação – o da saúde – é igualmente uma construção revestida de muitas suposições.”

Na edição de número 1.884 de 28 de maio de 1988 temos um fato interessante, a capa da presente edição traz a mesma imagem que foi utilizada na edição de 1.827, como pode ser visualizada nas Imagens 4 e 6, mais de um ano antes. A repetição da capa pode ser explicada pela vendagem do número original, ou como já apontou Pádua (2011), a utilização de um contexto mais sexual nas capas alavancava as vendas. Porém a matéria de capa desta edição não dizia respeito a contaminação do HIV em heterossexuais, mas era sobre uma cartilha informativa produzida pelo governo dos Estados Unidos.

Imagem 6 – Capa da edição 1.884 da *Manchete*



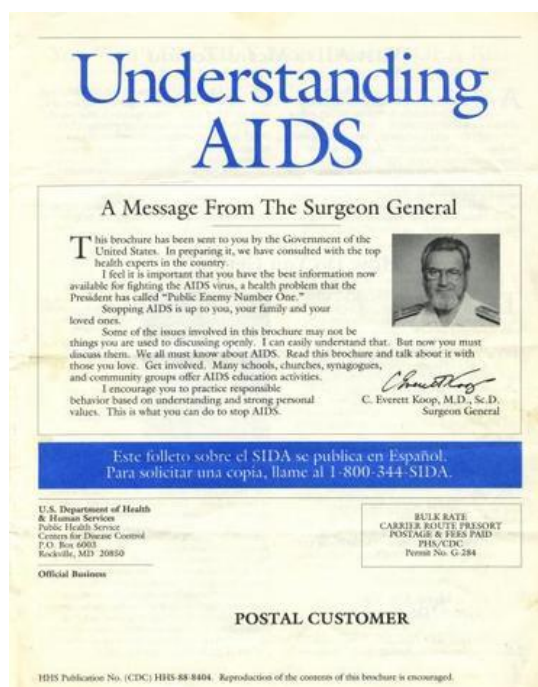
Fonte: MANCHETE, edição 1.884, 28 maio 1988/Acervo: BNDigital.

O texto introdutório para a cartilha começa pontuando que a melhor *arma* contra o vírus da Aids seria a informação (Estados..., 1988). O governo estadunidense, motivado pelo Congresso americano, produziu pelo Serviço de Saúde Pública do país um panfleto que respondia às principais dúvidas sobre a epidemia (Lord, 2013?) e que segundo o secretário de Saúde americano, Everett Koop, com aquele material, “a AIDS deve ser discutida nas escolas, igrejas, clubes, associações ou quaisquer outras instituições comunitárias. *É a guerra total.*” (Estados..., 1988, p. 4, grifo nosso). A *Manchete* teve acesso a essa documentação e resolveu publicar na íntegra a sua tradução.

Como aponta a historiadora estadunidense Alexandra Lord (2013?), a emergência da Aids casou com a chegada de Ronald Reagan (1981-1989) à presidência dos EUA em 20 de janeiro de 1981. Reagan (1911-2004) era um político extremamente conservador e ligado a setores da direita, uma das principais críticas a seu governo foi justamente a demora em realizar uma resposta à epidemia que abalou os Estados Unidos durante todo o seu mandato. O caso brasileiro não era muito diferente, em 1988 vivia-se o governo José Sarney, primeiro presidente civil depois da Ditadura Militar, com um viés também conservador e capitalista, o governo brasileiro demorou para começar a organizar uma resposta para síndrome, por exemplo, a primeira campanha governamental que foi veiculada na *Manchete* sobre a enfermidade ocorreu em 1987, cinco anos após o primeiro caso de HIV registrado no país.

De acordo com Lord (2013?), a nomeação de Koop para o cargo de secretário da saúde foi extremamente conturbada e ele foi várias vezes coagido pelo governo para não falar sobre a Aids. Tendo em vista a demanda da sociedade e a necessidade de dar uma resposta à população, o Congresso, especialistas em saúde pública e oficiais federais determinaram que o Sistema de Saúde Público estadunidense teria que produzir um panfleto sobre a epidemia, o que de fato ocorreu em 1988 com o nome *Understanding AIDS*³¹, um caderno de brochura de sete páginas com imagens e informações. Essa cartilha foi enviada para todos os lares dos EUA, caso a pessoa quisesse ou não tal folheto, gerando assim a maior correspondência em massa já enviada na história daquele país e dando pela primeira vez à população uma resposta clara, objetiva e uniforme sobre a Aids pela parte do Estado.

Imagem 7 – Capa do panfleto *Understanding AIDS*



Fonte: The Ultimate History Project (2013?).

Na *Manchete* o folheto ganhou cara de reportagem, mas manteve semelhanças com a publicação original, trazendo uma série de enunciados e questões das principais dúvidas sobre o HIV/Aids na época e suas respectivas respostas, as questões são: *O que a AIDS significa para você? Como se contrai a AIDS? Pode você ser contaminado? Como você contrai AIDS pelo sexo. Não se pega AIDS de insetos - ou de beijo. A diferença entre doar e receber sangue. Que tipo de comportamento coloca você em risco? O que fazer com o namoro? Os casados também contraem AIDS? Você deve fazer um teste de AIDS? Existe cura para AIDS? O problema das*

³¹ Tradução nossa: Entendendo a AIDS.

drogas e a AIDS. A AIDS e os bebês. Falando com criança a respeito da AIDS. Ajudando uma pessoa com AIDS (Estados..., 1988). O folheto também trazia um questionário com perguntas para as pessoas testarem o seu conhecimento sobre a Aids.

A *Manchete* não realizou a simples tradução do panfleto para o português, mas o adaptou para a realidade brasileira, exemplos: quando o texto abordou sobre a questão de doação de sangue, “Se tiver alguma dúvida, telefone para a Secretária de Saúde de seu estado ou município. Seja vigilante e exija o cumprimento desses serviços. É um direito seu.” (Estados..., 1988, p. 6). Ou se o leitor suspeitasse que estava com HIV, que procurasse órgãos que prestavam assistências a pessoas soropositivas, “Onde já houver serviços de aconselhamento, como o GAP, de São Paulo, procure-os.” (Estados..., 1988, p. 8).

Lendo a reportagem/panfleto, a reflexão de Lord (2013?) é bem pertinente, onde o panfleto foi extremamente importante por informar as pessoas com um conteúdo tão objetivo e que tentava derrubar mitos, como o caso dos grupos de risco e a transmissão pelo beijo/toque, e falou sobre as principais formas de prevenção, como uso de preservativos e a testagem regular. Contudo, o texto pontuava que uma das melhores formas de se prevenir era através da abstinência sexual e mesmo indicando o uso de proteção, em alguns trechos colocava em xeque a eficiência do método. Por exemplo, quando definiu como seria o comportamento adequado para evitar a Aids: “COMPORTAMENTO SEGURO Não fazer sexo. É radical, mas há quem se sintam melhor com essa alternativa. Ter relações sexuais com parceiro não contaminado e mutuamente fiel. Não usar drogas injetáveis” (Estados..., 1988, p. 6). Ou quando abordou especificamente sobre a transmissão sexual:

Como você contrai AIDS pelo sexo?

O vírus da AIDS pode ser disseminado pelas relações sexuais em homens e mulheres heterossexuais, bissexuais e homossexuais. Isto ocorre porque a pessoa contaminada pelo vírus da AIDS pode ter o vírus no e nos fluidos vaginais. O vírus pode entrar no corpo através da vagina, do pênis, do reto e da boca. *O sexo anal, com ou sem camisinha, é prática de grande risco. O reto é facilmente sujeito a lesões, e o látex das camisinhas, apesar do grande desenvolvimento de sua qualidade, não é 100% imune ao rompimento.* Lembre-se de que a AIDS é facilmente transmissível dessa forma, e o vírus da AIDS não é a única infecção transmissível via contato sexual íntimo. Outras moléstias sexualmente transmissíveis, tais como gonorréia, sífilis, herpes e clamídia, também podem ser contraídas através de práticas orais, anais e vaginais. Se você é portador de alguma dessas doenças e assume comportamento de risco, corre ainda mais perigo de contrair AIDS. (Estados..., 1988, p. 6, grifo nosso). [...]

Que história é essa de camisinha?

Há não muito tempo, os preservativos masculinos (camisinhas-de-vênus) eram uma coisa sobre a qual ninguém falava. Agora, eles ocupam espaço no noticiário noturno da TV, nas manchetes de jornais e revistas, e são mostrados abertamente em farmácias e pontos de venda. Para todas as pessoas sexualmente ativas e que não limitam suas atividades sexuais a um único parceiro, os preservativos já mostraram ser eficazes na prevenção de moléstias sexualmente transmissíveis. É por esta razão que se recomenda o uso de preservativos para ajudar a reduzir a epidemia de AIDS. Os

preservativos são a melhor medida preventiva contra a AIDS, além da abstinência sexual e do comportamento seguro. No entanto, os preservativos não são cem por cento seguros. Você tem de usá-los corretamente. E terá de usar cada vez que mantiver relacionamento sexual íntimo, do começo até o final. Se você usa preservativo, siga as seguintes recomendações: (1) Use preservativos feitos de látex. O látex (borracha) serve como barreira ao vírus. Os preservativos feitos a partir de material orgânico (membrana de ovinos) ou naturais não são bons devido aos poros que contêm. Procure a palavra látex (borracha) na caixinha ou invólucro do preservativo. (2) Um preservativo com espermicida pode oferecer proteção adicional. Em testes de laboratório, os espermicidas matam o vírus. Use o espermicida na ponta e em toda a extensão externa do preservativo. (3) O uso de preservativo com lubrificante é mais seguro. Verifique a lista de ingredientes no rótulo do lubrificante para ter certeza de que o material é à base de água. Não utilizar geléias à base de petróleo, óleos de bebê e óleo de cozinha. Tais materiais podem enfraquecer o preservativo e causar o seu rompimento. (Estados..., 1988, p. 7, grifo nosso).

O panfleto/reportagem abordou outras formas de transmissão do vírus, como a vertical e a venosa, porém se deteve mais sobre a sexual, que era a principal forma, ao menos no Brasil. De acordo com o Boletim Epidemiológico sobre HIV/Aids (2001) de 1980 a 1990 a infecção por sexo representava 56,6% dos casos totais no país. Os trechos destacados acima falam sobre essa forma de disseminação e por mais que em alguns momentos reiterem a abstinência sexual, também mostram que qualquer pessoa sexualmente ativa poderia ser infectada, independentemente de sua sexualidade, bem como mostrou que a utilização de preservativos ajudaria na prevenção de outras ISTs. E o segundo trecho traz a forma segura de fazer a utilização da camisa-de-vênus.

A edição 1.982 de 14 de abril de 1990 iniciou uma série de duas reportagens na revista sobre a busca da vacina para o HIV (AIDS 1..., 1990). A capa traz cinco cientistas que trabalham com um macaco, cobaia da pesquisa. O título da matéria é *AIDS em cinco anos a vacina* e como a maioria das outras matérias aqui analisadas, essa também é uma tradução, a reportagem aparece assinada por J. M. Bader e E. F. Malzieu da *Sipa Press*, uma agência de fotografias francesa e que “boa parte de sua receita advém dessas imagens” (Buitoni; Prado, 2011, p. 149). Bader e Malzieu na realidade aparecem como autores das fotografias, e capa, e essa foi uma matéria bem característica da *Manchete*, com muita imagem e pouco texto. O semanário utilizava-se, e muito, dos materiais dessas agências, bem como de revistas internacionais, inclusive a partir do número 2.047 de 6 de julho de 1991 o periódico carioca passou a contar com a seguinte frase no rodapé do sumário de suas edições, “MANCHETE tem direitos exclusivos no Brasil dos serviços TIME e PARIS MATCH” (Manchete..., 1991, p. 4).

Imagem 8 – Capa da edição 1.982 da *Manchete*

Fonte: MANCHETE, edição 1.982, 14 abr. 1990/Acervo: BNDigital.

É uma reportagem longa por se estender por nove páginas da revista, contudo, em sua maioria é ocupada por imagens mostrando cientistas trabalhando no desenvolvimento de vacinas e medicamentos. A matéria relatou que devido à instabilidade do HIV, e para evitar um contágio ainda maior, os laboratórios de pesquisa eram extremamente protegidos e controlados. As pesquisas científicas atuavam em duas frentes: achar uma vacina e tratamentos eficazes para as pessoas já soropositivas (AIDS 1..., 1990). Algo interessante deste texto é que ele apresenta um aspecto “positivo” que a Aids trouxe para humanidade, um maior conhecimento sobre o sistema imunológico, pois o vírus ataca justamente as células que seriam responsáveis pela sua eliminação (AIDS 1..., 1990). Timerman e Magalhães (2015, p. 7) relatam algo, também, nesse sentido: “Foi a AIDS que nos converteu em infectologistas. Grande parte do conhecimento que se tem hoje sobre o sistema imunológico desenvolveu-se por causa da AIDS. Foi um conhecimento adquirido [...] direto do ser humano.”

A reportagem ainda apontou que para o desenvolvimento da vacina eram utilizados, principalmente, chimpanzés como cobaias para inocular o vírus e testar os protótipos de vacinas, naquela época eram 45 em desenvolvimento em todo mundo. Embora o tom de otimismo do título da matéria, em alguns pontos do texto, os cientistas relatavam para os jornalistas a demora em conseguir resultados devido à complexidade do vírus. A reportagem ainda utiliza de alguns termos como “manhas diabólicas” e “arma contra o vírus”, mas em sua grande maioria faz uso de uma linguagem técnica, objetiva e acessível para fácil compreensão

(AIDS 1..., 1990). O grau de reforço das metáforas militares é visto com mais clareza nas imagens que a matéria vinculou:

Imagem 9 – Fotografias sobre o desenvolvimento de vacinas



Fonte: MANCHETE, edição 1.982, 14 abr. 1990/Acervo: BNDigital.

O reforço das metáforas militares vem de inúmeros aspectos nas imagens acima veiculadas: a presença do segurança para resguardar a local da pesquisa; pesquisadores paramentados da cabeça aos pés para evitar contaminação; a presença de símbolos que identificam materiais tóxicos ou de risco biológico. Para pessoas habituadas com o cotidiano do desenvolvimento de pesquisa as imagens não são tão alarmantes, mas para a população leiga ao assunto as fotografias se parecem com filmes de ficção-científica pós-apocalípticos. Bem como é importante lembrar que anos antes, em 1986, o mundo tinha presenciado o acidente nuclear de Chernobyl³² e um ano depois, em Goiânia, o Brasil vivenciou o acidente com Césio-137³³, onde pessoas responsáveis por limpar e controlar a radiação utilizavam vestimentas semelhantes.

Na edição seguinte, 1.983 de 21 de abril de 1990, a matéria sobre a busca das vacinas não aparece como capa, muito devido ao acidente que ocorreu com um navio norueguês, *Scandinavian Star*, que deixou 150 mortos, e acabou estampando a capa dessa edição (AIDS 2..., 1990). Mas é neste número que houve a continuidade da matéria sobre a produção de vacinas para o HIV, intitulada *AIDS os caçadores de vacina*.

Aos mesmos moldes da reportagem anterior, essa se estendeu por quase dez páginas, em sua maioria com imagens, e traz nomes importantes do meio científico da época, sobretudo

³² O acidente nuclear de Chernobyl ocorreu em 26 de abril de 1986 na cidade soviética de Pripiat, atual Ucrânia, e é considerado como a maior tragédia nuclear da história.

³³ Ou acidente radiológico de Goiânia, começou a ocorrer em 13 de setembro de 1987 quando pessoas da capital de Goiás manusearam material radioativo que foi descartado incorretamente e é considerado como o maior acidente radiológico do mundo.

em se tratando de Aids, como Françoise Barré-Sinoussi³⁴, Luc Montaigner³⁵ (1932-2022), Jean-Claude Chermann³⁶, Robert Gallo³⁷, Daniel Zagury³⁸ e Jonas Salk³⁹ (1914-1995), que estavam à frente de pesquisas sobre desenvolvimento de vacinas para o HIV (AIDS 2..., 1990).

Dos 45 protótipos que estavam sendo desenvolvidos até então, apenas cinco tinham reais chances de ter algum êxito. A que melhor apresentou resultados, ainda sim com muitas controvérsias, era a desenvolvida por Jonas Salk. Na realidade, o composto de Salk não era uma vacina no sentido de prevenir o contágio do HIV, mas sim um tratamento para impedir o agravamento da infecção por HIV até a Aids. O que a comunidade científica contestava segundo a reportagem era a possibilidade do vírus se ativar no corpo humano, devido à complexidade do mesmo (AIDS 2..., 1990).

Outro ponto que a matéria chama a atenção é que o desenvolvimento de uma vacina que realmente apresentasse resultados positivos na prevenção do HIV, além de dar renome para os cientistas desenvolvedores e salvar milhares de vidas, também representava uma verdadeira fortuna que os laboratórios de pesquisa poderiam ganhar, por isso não era uma questão simples, mas uma verdadeira corrida entre os laboratórios (AIDS 2..., 1990).

Mas um ponto que voltamos a chamar a atenção nessa reportagem é o reforço das metáforas de guerra. Inclusive na página 44 encontrasse a fala de uma pessoa soropositiva, Don Crouse, onde ele afirma: “Hoje sei que sou uma bomba-relógio. Só não sei quando vou explodir.” (AIDS 2..., 1990, p. 44). Essa frase exemplifica como o portador de HIV se sentia naquela época, bem como demonstra o que Sontag (1989) escreveu sobre as metáforas, sobretudo, as militares em estigmatizar os soropositivos.

A última matéria de capa selecionada é da edição 2.485 de 27 de novembro de 1999 e a única referente a década de 1990. Por mais que a imagem que estampa a capa seja da apresentadora da Rede Globo, Ana Maria Braga, a matéria que abre a edição, na realidade são duas e foram sobre a Aids. O título de destaque na capa é sobre mulheres soropositivas, mesmo assim, é interessante a associação pauta sobre o avanço da epidemia entre mulheres ao mesmo

³⁴ Foi professora e pesquisadora do Instituto Pasteur, recebeu o Nobel de Fisiologia ou Medicina pela descoberta do HIV.

³⁵ Foi pesquisador do Instituto Pasteur, também recebeu o Nobel de Fisiologia ou Medicina pela descoberta do HIV.

³⁶ Pesquisador do Instituto Pasteur, também esteve envolvido nas pesquisas sobre HIV dirigidas por Luc Montagnier.

³⁷ Médico e pesquisador estadunidense, dividiu com Barré-Sinoussi e Montagnier os méritos sobre a descoberta do HIV.

³⁸ Psicopatologista francês.

³⁹ Virologista estadunidense, foi o desenvolvedor de uma das primeiras vacinas bem-sucedidas contra a poliomielite.

tempo que Ana Maria estampa o número do semanário, pois um dos principais públicos da apresentadora na década de 1990 eram as donas de casa, que poderiam se interessar também pela epidemia devido essa chamada. O título da primeira matéria é *AIDS A ciência fracassa na luta contra o mal do século*, texto escrito por Lucia Souza, já o segundo é *A escalada da AIDS entre as mulheres*, por Alexandre Peconik e Leonardo Dias.

Imagem 10 – Capa da edição 2.485 da *Manchete*



Fonte: MANCHETE, edição 2.485, 27 nov. 1999/Acervo: BNDigital.

A primeira matéria começa relatando que o principal motivo pelo qual não teve êxito o desenvolvimento de uma vacina contra o HIV se deve ao fato do vírus ter um grau de mutação tão alto que torna inviável um imunizante, pelo menos até então, e não prospectavam que em um futuro próximo seria possível (Souza, 1999). Quase uma década separa essa matéria da anterior analisada e é visível a mudança de tom ao pensar numa cura ou vacina para Aids, nas reportagens anteriores havia um otimismo que aqui não se encontra.

Sendo assim, o texto continua relatando o fato de o Brasil até o momento contar com um pouco mais de 163 mil casos notificados e que o principal avanço pensando na epidemia foi na melhora da qualidade de vida das pessoas soropositivas. Isso se deve ao fato de os médicos estarem ministrando o “coquetel”⁴⁰ para os portadores do HIV. O *coquetel* era a “mistura” de 3 ou 4 substâncias medicamentosas de 13 disponíveis que era pensado de caso para caso, essa

⁴⁰ A questão sobre os tratamentos utilizados à época para pessoas com Aids é melhor abordada no item 1.4.

medicação atuava diminuindo a taxa de reprodução do vírus e dessa forma aumentava a expectativa e qualidade de vida do soropositivo (Souza, 1999).

Por mais que o título e matéria quando falava sobre a vacina tivesse um tom negativo e de “perda”, é interessante notar que no restante do texto o discurso não apresenta metáforas militares, por mais que seja reforçado na manchete, e é mais pragmático, no sentido que os médicos e cientistas entenderam que a possibilidade de uma vacina estava longe, então o objetivo foi de tornar o HIV/Aids como uma “doença crônica”, como exemplo, a diabetes. Tanto que relatam uma queda da mortalidade em decorrência da aids de 50% só no Brasil (Souza, 1999).

Já a segunda matéria, que é a que ganha destaque na capa, dá enfoque na questão da infecção por HIV em mulheres, pois o aumento da epidemia de Aids no Brasil naquele momento estava se dando nas mulheres. No início da epidemia a maioria dos casos se dava entre homens, sobretudo HSH, onde a proporção de homens com Aids era 40 para uma mulher. Já no fim da década de 1990 essa proporção caiu para dois homens para cada mulher soropositiva, isso mudou o perfil epidemiológico da epidemia (Peconick; Dias, 1999). O Boletim Epidemiológico sobre HIV/Aids de 2001 mostrava que entre 1980 e 1990, dos 24.817 casos de HIV positivo no Brasil, 7.534 correspondiam a homossexuais (30,4%) e o de heterossexuais era de 2.455 (9,9%). No entanto, se analisando de 1980 até 2001, esse quadro se inverte, dos 210.452 casos totais de infecção por HIV, 32.956 eram de homossexuais (15,7%) e entre heterossexuais eram 55.922 (26,6%). Somente nos anos de 2000/2001, heterossexuais correspondiam a um pouco mais de 46% dos novos casos.

A reportagem trouxe os casos de mulheres que descobriram ser soropositivas em diferentes situações, mas o texto reitera que as mulheres mais vulneráveis eram as casadas, pois ao acreditarem na fidelidade dos maridos não tinham medo do HIV, pois esse era um fato distante de suas vidas. O texto também evidenciou os casos de mulheres que descobriram sobre sua sorologia no pré-natal e sendo a transmissão vertical, de mãe para a criança na hora do nascimento, a maior forma de contágio entre as crianças soropositivas (Peconick; Dias, 1999).

Ao passar por essas cinco matérias de capa foi possível perceber como a *Manchete* foi mudando e adaptando o seu discurso como a própria pandemia foi alterando a sua dinâmica. Indo desde uma abordagem que privilegiava a utilização das metáforas militares, passando pelos processos de desconstrução de elementos que a própria imprensa ajudou a erigir, como a noção de “grupos de risco”. A busca por vacinas e tratamentos para controlar tanto o aumento do HIV, como da Aids, até chegar no final da década de 1990, quando a epidemia aparenta uma

nova feição, com o aumento dos casos em mulheres, queda da mortalidade e garantia de uma melhor qualidade de vida para pessoas soropositivas.

1.4 O encarte *Manchete Saúde* (1994-2000)

O interesse da *Manchete* ligado a assuntos científicos e da medicina não é exclusivo devido à epidemia de HIV/Aids. Como já supracitado, a revista fazia a utilização de matérias sobre inovações tecnológicas e científicas para atrair leitores, bem como para dar seriedade à publicação (Pádua, 2011). Ana Ribeiro de Andrade e José Cardoso (2001) analisaram como o semanário abordava assuntos científicos durante a sua primeira década de circulação, mesmo não possuindo uma coluna ou espaço reservado apenas para a ciência, os autores observaram que esse era um tema recorrente no impresso em questão. Segundo Andrade e Cardoso (2001), os temas principais relacionados a ciência na revista durante o período de 1952 a 1962 eram de saúde (29%), engenharia (29%), física (20%), biologia (13%) e astronomia (5%), sendo a temática da saúde como uma das mais relevantes.

Voltando ao recorte temporal da presente pesquisa e ao tema estabelecido, a temática envolvendo Ciência, Medicina e Saúde foi a principal em relação às outras. E a partir de 10 de abril de 1993, na edição 2.140, uma importante mudança ocorreu no semanário relacionado ao tema da saúde, o início do encarte *Resposta a Tudo! Saúde* (Muggiati, 1993). A importância desse encarte está justamente nesse ponto, ele não era somente uma nova coluna ou seção dentro da revista, mas sim uma publicação à parte totalmente nova, com editores específicos, seções próprias, cartas dos leitores. Era uma revista dentro de outra revista. Na edição que traz o primeiro encarte, o editor da *Manchete*, Roberto Muggiati, escreveu no editorial que:

A nova MANCHETE – que se prepara para o duplo desafio dos seus 50 anos e do ano 2000 – traz já nesta edição uma amostra do que promete para os próximos meses. Em primeiro lugar, uma outra revista, *Resposta a Tudo! Saúde*, que virá encartada semanalmente, tratando de um tema que preocupa a todos. (Muggiati, 1993, p. 3).

O motivo da revista lançar um encarte, que não poderia ser vendido separadamente do periódico principal, e que era totalmente voltado para a saúde, não se deve exclusivamente pela preocupação do periódico com o bem-estar do seu público leitor, mas sim porque era uma temática que tinha demanda, conseqüentemente gerava vendas. O encarte atravessou por algumas modificações até o fim da revista em 2000: passou a se chamar *Manchete Saúde*, depois foi introduzido dentro do corpo das edições, mas com paginação diferente e por fim foi incorporado totalmente nas edições da revista. Esse processo de inclusão do encarte pode ser

entendido dentro do longo processo que levou a falência de todo Grupo Bloch, pois numa forma de segurar gastos, insere-se uma publicação dentro da outra.

Porém, a estrutura desta publicação se manteve relativamente a mesma. Em quinze páginas contava com capa própria, bem como seções específicas como, *Sala de Espera* e *Últimas de Saúde*, que traziam em poucas linhas novidades da área médica. A diretoria responsável por esse projeto inicialmente ficou a cargo de Murilo Melo Filho, colaborador de longa data na Editora, e a consultoria do material selecionado para compor a publicação era do médico Haroldo Jacques. Um detalhe interessante é que Haroldo foi “O Médico” da Bloch Editores e da *TV Manchete*, chegou, inclusive, ser o diretor, durante as décadas de 1970 e 1980, da revista *Medicina de Hoje*, também publicação do grupo Bloch, sobre saúde e medicina (Muggiati, 2019).

Muito embora o encarte tenha começado a sua circulação em 1993, só foi encontrado a primeira referência ao HIV/Aids nesta publicação na primeira edição do ano de 1994 (Manchete Saúde, 1994), onde a publicação já contava apenas com o nome *Manchete Saúde*. Isso pode ter acontecido por duas situações: Primeiro, os editores podem realmente não ter trabalhado sobre a epidemia de Aids nessa publicação antes da edição 2.178, ou, o que leva a segunda suposição, este material não foi digitalizado e disponibilizado na HDB⁴¹, o que impossibilita de realmente saber se a epidemia foi abordada anteriormente nesta publicação.

Nessa primeira edição do encarte de 1994, já na sua 39ª tiragem, a Aids foi comentada de forma tangencial, sobretudo na parte onde se mencionava formas de realizar sexo mais seguro, e se tratava mais de uma retrospectiva do último ano na área da saúde (Manchete Saúde, 1994). Especificamente dentro do encarte a epidemia foi abordada cinco vezes em 1994, vinte e duas em 1996, quinze em 1997, doze em 1998, oito em 1999 e uma vez em 2000⁴². Ao todo o encarte correspondeu a 63 ocorrências em relação ao levantamento geral desta pesquisa.

Aqui é possível visualizar dois processos que ocorrem na *Manchete*: Primeiro é o deslocamento discursivo que a temática Ciência, Medicina e Saúde sofreu, passando da revista como um todo, para o encarte, onde ficou mais segmentada. Não que a revista abordasse tanto saúde no geral, como a Aids em específico, na publicação principal, mas fazia mais sentido abordar esses temas dentro do encarte. O segundo ponto é a diminuição, mesmo no encarte, da cobertura sobre a epidemia dentro do semanário, como pode ser aferido no número de

⁴¹ Em outras edições da *Manchete* disponibilizadas pela HDB após o início da circulação do encarte não tiveram esse material digitalizado.

⁴² Não foi encontrada nenhuma ocorrência nas edições do ano de 1995.

ocorrências da *Manchete Saúde*, como no Gráfico 1 e se fossemos desconsiderar o encarte do levantamento geral, teríamos ainda menos ocorrências nesses anos.

Como já foi mencionado, a publicação contava com uma seção de carta dos leitores própria, intitulada, *Check up do leitor*. Tal como a seção para a correspondência dos leitores na *Manchete*, essa contava com apenas uma página para as cartas e trazia pedidos dos leitores, dúvidas, questionamentos aos médicos, bem como sugestões de temas a serem abordados. Há pelo menos duas cartas requisitando que a Aids fosse mais abordada na publicação, como essa enviada pelo gaúcho Anthony Goldsmith em 1997 (p. 3), “Tenho acompanhado com prazer as reportagens publicadas no encarte SAÚDE. Justamente por isso, gostaria de sugerir que se falasse sobre as mais recentes descobertas no tratamento da AIDS.” e pela paulistana Janice Nunes da Silva (1997, p. 3),

Quero parabenizá-los pelo desempenho das reportagens publicadas no encarte SAÚDE, que são interessantes e esclarecedoras. Tenho notado, no entanto, que o assunto AIDS tem sido pouco abordado. Ainda existe muita desinformação a respeito da doença, de suas formas de contágio e do respectivo tratamento. Sendo assim, peço a atenção da revista para o caso, considerando que o tema é de extrema importância.

Muito embora houvesse essa demanda dos leitores, apresentada por essas duas cartas, bem como um volume significativo de material sobre a Aids nesse encarte que circulou durante sete anos, a epidemia em si não contou com grandes coberturas desta publicação. Dos 63 textos levantados já mencionados, 46 se referiam diretamente à questão HIV/Aids, os outros 17 citavam tangencialmente a questão. E destes 46 textos a sua maioria foi abordada na seção *Sala de Espera*, normalmente no início do encarte e que trazia de forma rápida e sintética questões de saúde e da medicina que estavam em voga, somente quatro dessas ocorrências tratavam-se de matérias de maior fôlego.

1.4.1 “Últimas de saúde”⁴³: a cobertura sobre a Aids no encarte *Manchete Saúde*

A *Manchete*, por se tratar de uma revista, trabalhava com grandes reportagens, como as que foram analisadas no item anterior, isto é, matérias jornalísticas que necessitam de um maior espaço dentro periódico, bem como de maior apuração. Porém, também veiculava notícias, ou seja, textos do jornalismo que se caracterizam por serem mais curtos e que se destacam pela sua temporalidade, no sentido de refletirem novidades e por isso, às vezes, são veiculadas sem maiores apurações sobre os dados, para conseguirem que a notícia seja “fresca”.

⁴³ Últimas de saúde era o nome de uma das sessões do encarte.

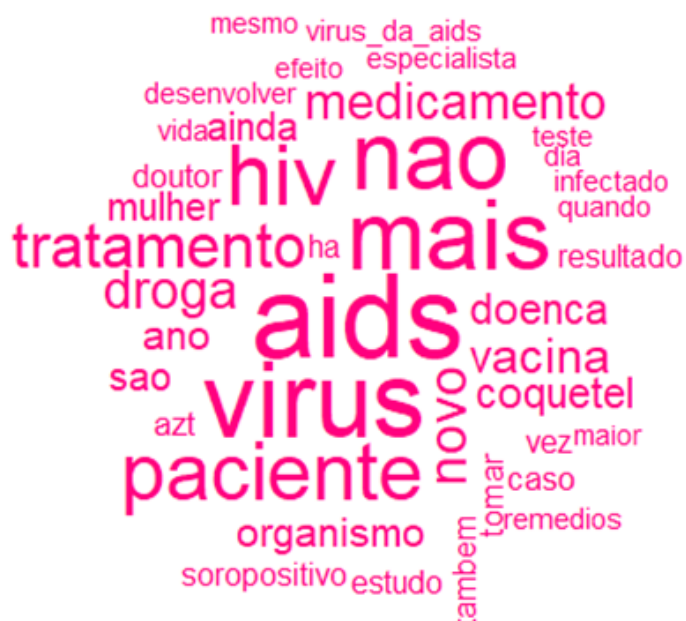
A mesma lógica é encontrada no encarte sobre saúde e nele, as maiores ocorrências sobre a Aids, foram notícias. Sobretudo nas seções *Sala de Espera* ou *Últimas de Saúde (boas e más notícias)*, espaços desse periódico que traziam atualizações sobre temas relacionados à saúde, desde tratamentos para doenças graves como câncer, até a última nova sobre tratamentos estéticos.

Já as quatro matérias em questão guardam duas principais características: concentram-se nos últimos anos da publicação, de 1997 a 1999, e as três primeiras são voltadas para a discussão sobre o tratamento de pessoas com o vírus, a última reportagem fala sobre a prevenção, sobretudo utilizando preservativo, durante o Carnaval. Há nesse período um grande entendimento que uma vacina para o HIV não figurava em um horizonte próximo, então as discussões tanto na medicina, como na imprensa, convergiam em relação a medicamentos e tratamentos, bem como na melhoria da qualidade de vida de pessoas soropositivas. Nesse sentido, primeiro foram analisadas o *corpus* textual do encarte de forma mais quantitativa e em seguida mais qualitativa em relação às matérias.

Nesse primeiro momento foi analisado todo o conjunto dos 46 textos que relacionam diretamente com a epidemia de Aids dentro do encarte⁴⁴, inclusas as quatro matérias, e para isso foi utilizado o *software* Iramuteq para auxiliar nessa tarefa. Nesse sentido, para que o programa melhor conseguisse ler o *corpus* textual os textos foram agrupados por ano: Ano 1 (1994), Ano 2 (1996), Ano 3 (1997), Ano 4 (1998) e Ano 5 (1999). Um dos resultados possíveis gerados pelo suporte lógico é uma nuvem de palavras, como demonstra a Figura 1.

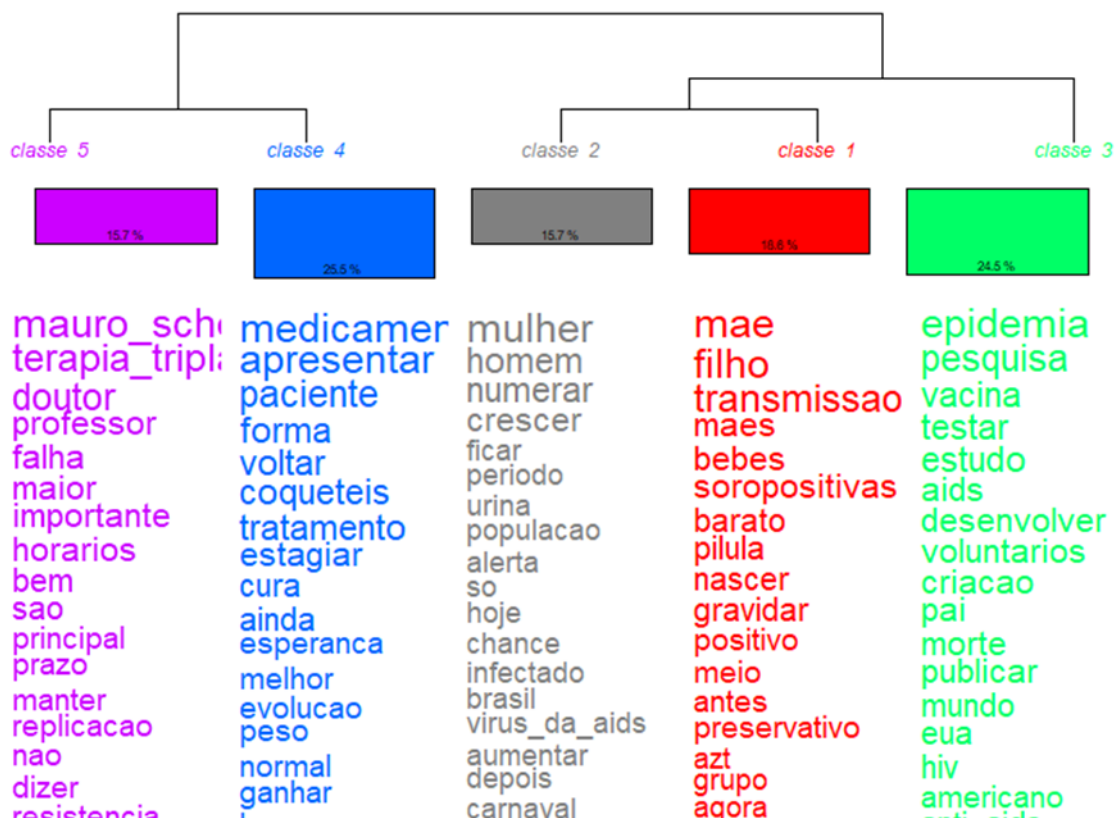
⁴⁴ Os textos que foram selecionados encontram-se transcritos no Apêndice D.

Figura 1 – Nuvem de palavras do *corpus* textual do encarte *Manchete Saúde* sobre Aids



Fonte: Elaborado pelo autor através do Iramuteq.

Através dessa nuvem de palavras é possível identificar quais palavras mais se repetiam e se relacionavam quando se falava de Aids no encarte. Como era de se esperar, a principal palavra é “Aids” e em torno dela que outras giravam, como: “doença”, “vacina”, “coquetel”, “vírus”, “tratamento”, “droga”, “HIV” e “medicamento”. Mostrando que a tendência das matérias também esteve presente em todo o encarte, o foco em novos tratamentos e a busca por vacinas. Se relacionando com o principal gênero jornalístico que se escreveu sobre a epidemia no periódico de saúde, a notícia.

Figura 2 – Dendrograma do encarte *Manchete Saúde* sobre Aids

Fonte: Elaborado pelo autor através do Iramuteq.

O dendrograma é a representação imagética do processo do *software* que divide o *corpus* textual analisado em subcorpus, grupos, onde é possível identificar os principais relacionamentos do levantamento. O *Iramuteq* na Figura 2 separou os textos sobre a Aids do encarte em 5 agrupamentos, sendo a Classe 1 e 2 que apresentam uma relação maior entre si, uma vez que são textos que trabalharam mais sobre o aumento da infecção de HIV em mulheres e, conseqüentemente, durante a gravidez, em crianças. A Classe 2 também demonstra o tratamento e meios de prevenção ao vírus dessas populações, como: “AZT”, “pílula” e “preservativo”. Já a preocupação que aparece na Classe 1 é na prevenção da transmissão vertical.

Ambas as classes fazem parte de um grupo maior com a Classe 3 que tem como foco principal a busca por vacinas antiaids e pesquisas sobre o vírus: “pesquisa”, “vacina”, “testar”, “estudo”, “desenvolver”, “voluntários” e, diferentemente das citadas anteriormente, seu foco não é o contexto nacional, mas a epidemia de HIV de forma mais geral, abrangendo o desenrolar da enfermidade no mundo e principalmente nos EUA. Já as Classes 4 e 5 pertencem a um outro agrupamento, focado sobre o tratamento em si. A Classe 4, a que teve maior espaço dentro do *corpus* textual (25,5%), focada em demonstrar que com o tratamento seria possível levar uma

vida “positiva” mesmo com o HIV, bem como a busca por novos tratamentos: “cura”, “esperança”, “melhor”, “evolução”, “normal” e “ganhar”.

Na Classe 5 um nome que chamou a atenção é do médico Mauro Schechter, o principal foco de trabalho do infectologista é sobre o tratamento e prevenção do HIV, ainda segundo o seu Currículo Lattes, “O Dr. Schechter projetou e conduziu um estudo prospectivo sobre o uso de antirretrovirais que foi pioneiro no campo da profilaxia pós-exposição sexual da infecção pelo HIV.” (Schechter, 2023). Ainda atuou nessa mesma área em comitês do Ministério da Saúde brasileiro e na Organização Mundial de Saúde (OMS). O que ajuda a explicar o seu destaque nessa classe, uma vez que nesse grupo o foco ficou no tratamento fornecido à época para o controle do HIV e, sobretudo, a necessidade de aderência do paciente ao tratamento: “falha”, “horário”, “prazo” e “replicação”. Outro ponto de destaque é que as Classes 4 (25,5%) e 3 (24,5%) correspondem a exatamente 50% do material do encarte de saúde da *Manchete* sobre Aids.

A primeira reportagem do encarte data de 20 de dezembro de 1997 na 239ª edição do encarte, com o título, *AIDS as novas terapias*, o texto de Andrea Cunha abordava os, até então, novos medicamentos e tratamentos para a Síndrome e na melhora da qualidade de vida dos pacientes. À época, segundo o Dr. Mauro Schechter, no Brasil, havia oito medicamentos que se dividiam em duas funções: uma era na inibição da transcriptase reversa – enzima que copia o DNA com base no RNA – e a outra na interdição da protease – enzima que o vírus utiliza para sua replicação. Essas oito drogas eram selecionadas de acordo com o perfil do paciente para compor a terapia tríplice, dupla ou una. A tripla terapia era destinada para casos mais avançados pela infecção por HIV, já nos casos precoces, segundo o médico, o Ministério da Saúde indicava a aplicação da dupla e a monoterapia era destinada apenas para as gestantes (Cunha, 1997).

O que definia qual terapia oferecer ao paciente de acordo com Schechter era a carga viral e é nesse ponto que o tratamento triplo mostrava mais efeito. “O que a terapia tripla faz com maior frequência em relação à dupla é reduzir a carga viral a níveis abaixo do limite de detecção, o que não significa ausência de vírus.” (Cunha, 1997, p. 12). O texto reforçava que até aquele momento nenhuma terapia foi capaz de eliminar o vírus do corpo e que

O objetivo de qualquer tipo de terapia contra a AIDS deve ser a manutenção da qualidade de vida, a preservação do sistema imunológico, a prevenção do desenvolvimento de resistência do vírus e possibilidade de opções terapêuticas em caso de falha do esquema em uso. Em relação à qualidade de vida, o especialista acha importante adotar medicamentos que se compatibilizem e sejam de fácil posologia. Os inibidores de protease exigem restrições alimentares, o que, sem dúvida, tem um impacto bem maior na qualidade de vida do paciente (Cunha, 1997, p. 13).

A questão da qualidade de vida das pessoas soropositivas era (e ainda é) algo muito importante de se ter no debate, por duas questões: a primeira diz respeito aos efeitos colaterais da utilização desses medicamentos, pois uma medicação que gerasse muitos efeitos colaterais diminuiria a aderência do paciente em relação à terapêutica, o que leva à segunda questão, o fortalecimento do HIV. Se uma pessoa iniciasse o tratamento, seja de qual terapia for, e por alguma razão interrompesse a medicação, poderia acarretar que o vírus criasse resistência aos fármacos e assim tornando as pessoas novamente vulneráveis à progressão da infecção até a Aids. Por isso, um dos principais pontos que a matéria traz é justamente que novos medicamentos estavam em fase de testes e que poderiam ampliar as opções de escolhas de medicação que comporia o até então chamado coquetel (*sic.*). Essa expressão está sendo utilizada no texto, pois é dessa forma que aparece grafada na fonte, porém o Guia de Terminologia do UNAIDS de 2017, o termo, coquetel, para se referir ao tratamento antirretroviral caiu em desuso, pois o tratamento como um todo tem sido simplificado.

A preocupação com a resistência do vírus à medicação também foi uma preocupação na matéria seguinte que focou na epidemia. A reportagem de Mauro Silveira, *AIDS: boas e más notícias*, foi veiculada na edição 2.409 de 6 junho de 1998 da *Manchete*, trouxe as principais discussões do *Simpósio Internacional sobre AIDS* que ocorreu aquele ano em São Paulo. O texto comenta brevemente sobre as boas notícias do evento, como novos medicamentos com menos efeitos colaterais, melhora na qualidade de vida das pessoas soropositivas e novos testes laboratoriais que auxiliariam os médicos nos diagnósticos e tratamentos (Silveira, 1998a). “Mesmo longe da cura, a AIDS caminha para ser uma doença crônica, onde o paciente HIV positivo poderá levar uma vida normal desde que com um controle rígido à base de remédios.” (Silveira, 1998a, p. 66).

Contudo, segundo os cientistas da época, durante muito tempo o quadro iria se manter o mesmo: “[...] os coquetéis permanecerão a forma mais eficiente de tratamento, a vacina continuará uma esperança distante e a cura uma hipótese quase improvável.” (Silveira, 1998a, p. 65). E Silveira ainda escreve que, “O cenário é *negro* em relação à evolução da AIDS” (Silveira, 1998a, p. 66, grifo nosso). Texto continua, pontua que a comunidade científica internacional tentava “domar” o vírus, porém esse se transforma e cria resistência rapidamente e um dos motivos, segundo o texto, eram as pessoas que não seguiam o tratamento corretamente.

Boa parte da culpa dessa resistência do HIV é dos próprios pacientes. Muitos deles, ao não tomarem rigorosamente os medicamentos receitados, seja por esquecimento ou confusão, já que são inúmeras doses várias vezes ao dia, ou pelos seus fortes efeitos colaterais, acabam dando a oportunidade para o vírus reagir e criar cepas

multirresistentes. Além de prejudicar o seu próprio tratamento, o paciente que age dessa forma contribui para a transmissão dessas mesmas cepas a outras pessoas. ‘Cerca de 15% dos indivíduos que nunca tomaram AZT apresentam resistência ao medicamento’, alerta o Dr. David Uip, diretor do Serviço de Saúde de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, onde é professor. ‘Nesses casos, o AZT perde sua eficiência.’ (Silveira, 1998a, p. 66).

Ainda refletindo sobre essa questão, esse mesmo médico coloca-se contrário a utilização do tratamento antirretroviral para pessoas soropositivas assintomáticas, a medicação do paciente só deveria ocorrer quando houvesse aumento da carga viral, aparição de sintomas e que os níveis do receptor CD4⁴⁵ estivessem baixos, pois assim não se correria o risco de “queimar” medicação antes da hora (Silveira, 1998a).

Neste texto ainda aparecem como os médicos prescreviam o tratamento tríplice, este teria que ser composto por dois nucleosídeos e um antiprotease. À época, o tratamento reduzia a produção de vírus em até 80% dos pacientes, segundo Dr. David Cooper (Silveira, 1998a). O médico norte americano ressalta que se fazia necessário produzir medicamentos que pudessem ser usados em diferentes estágios da infecção. Já Uip, defendia que o desenvolvimento de produtos fármacos que recuperasse o sistema imune das pessoas soropositivas tinha que ser o principal (Silveira, 1998a). Aqui pode ser retomado Fausto Neto (1991) ao lembrar que nem o discurso médico à época era uniforme sobre o HIV, o que de certa forma, refletia no discurso jornalístico. Algo recorrente que a *Manchete* fazia em suas reportagens era trazer olhares antagônicos sobre a mesma questão, como é o caso.

A questão do tratamento para Aids volta uma vez mais ao encarte no texto, *A ressaca do coquetel*, também de Mauro Silveira, na edição 2.414 de 11 de julho do mesmo ano. A empolgação dos primeiros anos com os resultados dos tratamentos antirretrovirais dá lugar à cautela e preocupação dos médicos. Uma imagem, produzida por Orípedes Ribeiro, com alguns medicamentos, abre a reportagem. Nela se consegue ler alguns nomes, como Epivir, Videx, Zeritavir e Hivid, drogas que compunham o chamado “coquetel” antiaids.

A reportagem em si cobriu a Conferência Mundial de Aids, sediada em Genebra (Suíça), em 1998. Nesse evento, o texto relata, que o Brasil foi apontado como país modelo na distribuição gratuita da medicação para minimizar os efeitos da síndrome para toda a população necessitada. À época, cerca de 600 mil pessoas com HIV já haviam recebido o tratamento através do SUS, reduzindo em até 40% a taxa de hospitalizações, segundo o texto. Contudo, o

⁴⁵ O sistema imunológico é composto por uma variedade de células que atuam na proteção do corpo humano contra infecções e doenças, sendo as células T CD4+ as principais desse sistema. Porém, é justamente essa célula que o HIV utiliza para se reproduzir e minar as defesas do corpo humano (Brasil, 2023?).

principal assunto que foi discutido se tratava dos efeitos colaterais da medicação. “O pesadelo da AIDS ainda não acabou.” (Silveira, 1998b, p. 62).

Nos outros dois textos anteriores quando se comentavam sobre os efeitos colaterais mencionava-se náuseas, vômitos, indisposição, entre outros. Sintomas que dificultava a vida das pessoas que faziam o uso da medicação, mas nada muito mais grave. Contudo, nessa conferência, foram relatados casos mais graves, com efeitos colaterais, tais como diabetes, cálculos renais, aumento de triglicérides, lipodistrofias – acúmulo de gordura em locais como tórax, braços, abdômen, glúteos, nuca, rosto – e atrofia de braços e pernas (Silveira, 1998b).

Outra discussão que foi retomada neste evento foi sobre o rigor, ou a falta dele, na hora de se fazer uso do tratamento, essa falha em não tomar a medicação poderia comprometer o tratamento, pois o HIV poderia rapidamente se tornar resistente às terapias aplicadas. O Dr. Caio Rosenthal, até então médico infectologista do Hospital Emílio Ribas (São Paulo), destacava ainda o fato de que pessoas de baixa renda, como moradores de rua, teriam dificuldades em seguir os horários rígidos do tratamento. Essa disciplina era necessária, uma vez que as medicações para o tratamento da Aids tinham vida curta dentro do corpo humano, o que gerava a situação das pessoas constantemente estarem ingerindo essa medicação para que evitasse a replicação do vírus (Silveira, 1998b).

O Dr. Rosenthal foi ainda bem categórico, aconselha que se a pessoa não fosse seguir essa disciplina ao tomar a medicação que nem começasse, para evitar que o HIV criasse resistência. Isso porque, segundo o texto, 15% dos pacientes não respondiam positivamente ao tratamento e 50% não aderiam de forma correta. Isso se mostrou um problema, pois não havia outro tratamento para quem não obtivesse resultados positivos com o coquetel (Silveira, 1998b).

Em box, a reportagem ainda trouxe o caso de uma mulher e um homem que faziam tratamento retroviral e começaram a sofrer com as reações adversas. L. M. C., empresária de 38 anos, estava sofrendo com lipodistrofia e atrofia nos braços e pernas, e relata que os medicamentos: “Eles salvaram a minha vida e me mantiveram viva até agora. Tenho esperança de que surjam novos medicamentos menos tóxicos, e que me devolvam o corpo e a beleza que tinha até pouco tempo.” (Silveira, 1998b, p. 64). O outro caso era de R. T. S., aposentado de 59 anos, que apresentava uma taxa de triglicérides extremamente alta – a taxa normal é de até 200 mg/dl, a do paciente apresentavam 5000 mg/dl. (Silveira, 1998b). Um ponto interessante de abordar aqui, é que ao menos nessas reportagens, os pacientes aparecem para exemplificar a narrativa médica, evidenciando como era formada a sociedade do discurso que poderia falar sobre saúde e doenças, única e exclusivamente médicos, sobretudo em um encarte destinado para a saúde.

O texto volta a ressaltar a importância que o coquetel ofertou na vida de muitos, inclusive com a diminuição de doenças oportunistas como Tuberculose e Hepatite B. Por isso, os cientistas estavam procurando novas drogas que não causassem tantas reações adversas. Nesse sentido, a reportagem ainda trazia outro *box* de informação sobre a AIDSVAX, uma vacina desenvolvida pela VaxGen havia recebido liberação do *Food Drugs Administration* (FDA)⁴⁶ para testagem do imunizante antiaids em humanos, segundo o texto os testes teriam duração de três anos e o grupo de voluntários seria composto por pessoas com comportamento de risco (Silveira, 1998b).

A última reportagem que tinha a Aids como destaque foi da edição 2.444 de 13 de fevereiro de 1999, escrito por Celso Arnaldo Araújo, *O bloco da prevenção*, era um texto sobre a prevenção de ISTs, sobretudo a Aids, durante o Carnaval. O principal meio de prevenção pontuado neste texto foi a utilização da camisinha, já que o seu não uso, segundo o autor, poderia ser fatal – nesse ponto claramente se referindo à síndrome (Araújo, 1999).

Araújo enfatiza a prevenção, pois o Carnaval daquele ano seria “o primeiro sob o signo do Viagra e Revia” (Araújo, 1999, p. 48), medicamentos que evitam a disfunção erétil. O Carnaval já era uma festa marcada pelo grande número de atos sexuais praticados pelos foliões na quase uma semana de feriado. O autor ainda pontua que na década de 1970 as "doenças venéreas" eram tidas como “troféus de caça”, contudo, no quase novo milênio, a Aids tinha mudado o cenário. Outro ponto que é chamado a atenção é para os turistas e ainda pensando nesse mesmo sentido (Araújo, 1999).

O texto ainda comenta que no início da década de 1980 criou-se a ideia de que a Aids era exclusiva dos homossexuais, porém, o tempo mostrou que o vírus, ao contrário das pessoas, não fazia distinção e infectava a todos. Nesse sentido, Araújo pontua que cientificamente a infecção de mulher para homem é extremamente baixa, mas nem por isso se deveria deixar de usar camisinha (Araújo, 1999).

A partir dessas quatro matérias e o levantamento do encarte como um todo, foi possível perceber que ao menos na segunda metade da década de 1990, a preocupação da *Manchete* em relação ao HIV girava em torno da importância dos tratamentos antirretrovirais, da aderência do paciente à terapia e a busca por novos medicamentos, além de pensar na melhora constante da qualidade de vida das pessoas que viviam com o vírus.

⁴⁶ Agência Federal dos EUA que controla a qualidade de alimentos e medicamentos no país, semelhante ao papel desempenhado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aqui no Brasil.

1.5 A resposta governamental à epidemia de Aids

Os primeiros casos de Aids que foram registrados no Brasil, em meados de 1983 e 1984, casaram com o turbulento processo de redemocratização do país após 21 anos de Ditadura Militar (Nascimento D., 2005; Schwarcz; Starling, 2015). A sociedade como um todo estava em efervescência desde o movimento pelas Diretas Já! de 1982, bem como a conturbada eleição indireta de Tancredo Neves em 1985, que acabou falecendo antes mesmo de ser empossado presidente, sendo assim, sucedido pelo seu então vice-presidente José Sarney (1985-1990) (Schwarcz; Starling, 2015). Passando pelos mais diversos movimentos sociais, como a Teologia da Libertação na Igreja Católica brasileira, pelos direitos das mulheres, trabalhadores e do movimento negro estavam em ebulição, bem como o movimento homossexual que dava os seus primeiros passos (Timerman; Magalhães, 2015; Parker, 2020).

Outro movimento que é de suma importância no contexto de surgimento da epidemia de Aids e o estabelecimento de respostas sociais a nova patologia foi o movimento sanitarista. Tal movimento tinha como objetivo realizar mudanças estruturais na área da saúde para que as populações mais marginalizadas conseguissem acessar os serviços de saúde, sendo inclusive o movimento sanitário um importante ator da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), previsto na Constituição de 1988 e implantado no início dos anos 1990 (Dias, 2012; Barros, 2018; Parker, 2020).

A atuação do movimento sanitarista e a efervescência social pelo qual o país passava ajudou a elaborar respostas à epidemia de Aids, bem como forçou o governo a tomar providências, já que este demorou para elaborar uma resposta concreta à epidemia. O Ministro da Saúde do governo Sarney, Carlos Santana, em 1985, quando “registrava-se um caso novo por dia, em todo o Brasil, com quatro mortos por semana, sobretudo no eixo Rio-São Paulo.” (Trevisan, 2018, p. 395). Declarou que a Aids era sim preocupante, mas não seria prioridade do governo, pois o país contava com outras doenças mais mortíferas como a malária e a doença de Chagas, que mereciam maior atenção do governo; e que pessoas que não fizessem parte dos “grupos de risco” não teriam com o que se preocupar (Nascimento D., 2005).

Como já foi citado anteriormente, o Estado brasileiro demorou a tomar alguma medida de prevenção e mitigação do contágio do HIV e essa resposta só veio devido à demanda gerada

pela população e grupos organizados, como a ABIA⁴⁷, GAPAs e o Grupo Pela Vidda⁴⁸, por exemplo. “Aquilo que se apresenta como objeto final na ponta da lança das ações de saúde pública, está embebido de disputas entre o Estado e a sociedade civil” (Ramos L., 2016, p. 12).

Segundo Sandra Garrido de Barros (2018, p. 26), os agentes que formularam a política de controle da Aids foram justamente as ONGs e os sanitaristas que trabalharam na constituição do SUS e que ocuparam cargos em diferentes níveis do sistema de saúde brasileiro, “bem como a dominância do campo médico podem ter contribuído para a formulação de uma política baseada na integralidade das ações e no acesso universal à assistência, como podem ter possibilitado uma maior participação da burocracia estatal na sua formulação.” Outro ponto que a autora aponta é justamente que devido o nascimento das políticas públicas referentes a Aids terem seu nascedouro com a articulação do movimento sanitaria e falta de tratamentos eficazes contra o HIV, contribuíram para a “priorização inicial da prevenção, mas sempre sob a dominância do campo médico, levando, a partir da década de 1990, à ênfase na universalização do tratamento.” (Barros, 2018, p. 26).

Já o antropólogo Richard Parker (2020), definiu que foi a interação desses diversos grupos sociais, Teologia da Libertação, Reforma Sanitaria e os movimentos feminista e homossexual, que moldou os princípios ético-políticos da resposta à epidemia. De acordo com o antropólogo, a resposta brasileira à Aids foi construída com base em quatro pilares: 1º a solidariedade; 2º respeito à diversidade; 3º defesa da cidadania de pessoas soropositivas; e o 4º a ideia da saúde como um direito a todo brasileiro. “Juntos esses princípios ético-políticos constituíram uma espécie de arquitetura moral de como a sociedade brasileira deveria responder à crise da Aids”⁴⁹. (Parker, 2020, p. 2).

Tendo em vista esse contexto e os apontamentos acima citados, nesta parte do texto pretende-se compreender como o governo brasileiro articulou a sua resposta à epidemia de Aids através das campanhas governamentais de prevenção ao HIV/Aids veiculadas na revista *Manchete*. Lucí Hildenbrand (*apud* Ramos L., 2016, p. 26) definiu campanha como todo o “conjunto de peças publicitárias, criadas, produzidas e veiculadas de maneira coordenada, de acordo com determinados objetivos”. A autora ainda apontou que a criação de determinada

⁴⁷A ABIA foi fundada em 1986, no Rio de Janeiro, e reuniu cientistas, autoridades civis, ativistas e religiosas, pois entendia que a aids não era um assunto apenas da área médica, mas de toda sociedade. Tem como objetivo informar sobre a aids, bem como fiscalizar as ações, ou falta delas, do governo relacionadas ao HIV/Aids.

⁴⁸O Grupo Pela Vidda, também do Rio de Janeiro, era composto em sua maioria por pessoas soropositivas e tinham como objetivo a valorização, integração e dignidade do soropositivo, combatendo a estigmatização.

⁴⁹ Original: “Together these key ethical-political principles constituted a kind of moral architecture for how Brazilian society would respond to the AIDS crisis.”

campanha possui uma “unidade conceitual e temática” e a sua propagação vai obedecer a uma “programação criteriosa de mídia” (Hidelbrand *apud* Ramos L., 2016; Gomes Frederico, 2022).

As campanhas veiculadas na década de 1980 são as seguintes: *AIDS. Assim Pega: Assim Não Pega*: do Ministério da Saúde (MS) na edição 1.821 de 14 de março de 1987; *Quem vê cara não vê AIDS*, também do MS na edição 1.871 de 27 de fevereiro de 1988; *Transfusão de sangue não é mais transfusão do vírus*, do governo do estado do Rio de Janeiro na edição 1.970 de 20 de janeiro de 1990 (Gomes Frederico, 2022).

Já em 1991 vamos ter a mesma campanha, *Se você não se cuidar a AIDS vai te pegar*, do MS, veiculada em duas edições seguidas, 2.030 e 2.031. Já em 21 de novembro de 1992, edição 2.120, foi veiculada a campanha *Pode usar à vontade. Não tem contra-indicações*⁵⁰, da prefeitura do Rio de Janeiro sobre seus hospitais e especialidades. Na véspera do Natal de 1994 foi veiculada na edição 2.229 a campanha *Quem se ama se cuida*, do MS sobre o uso de preservativos e no último dia de 1994, edição 2.230, também foi trazida a mesma campanha. A última campanha foi veiculada na edição 2.323 de 19 de outubro de 1996 intitulada, *Aqui você encontra solidariedade*, do MS, sobre serviços oferecidos pelo SUS para pessoas soropositivas, das sete campanhas levantadas, cinco são do MS (Gomes Frederico, 2022). Serão analisadas primeiramente as campanhas da década de 1980 e posteriormente as campanhas da década de 1990.

A primeira campanha a ser veiculada na *Manchete* sobre a epidemia foi a *AIDS. Assim Pega: Assim Não Pega*: na edição 1.821 de 14 de março de 1987. A edição em questão fazia parte da cobertura anual, e tradicional, que *Manchete* realizava sobre o Carnaval e nessa trazia como destaque na capa o desfile da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, com foco na Rainha da escola e parte dos carros alegóricos.

É importante trazer esse aspecto da capa, pois o MS realizava ações mais localizadas, como o caso do carnaval, “onde além do material de divulgação, como cartazes e vídeos televisivos, a distribuição de preservativos de forma gratuita nos principais locais de eventos constitui ações diretas de incentivo a prevenção à AIDS.” (Ramos L., 2016, p. 4). Isso acontecia tendo em vista que o carnaval por tradição ser uma festa onde o número de atos sexuais aumenta, bem como a circulação de turistas entre os estados brasileiros e de outros países também (Gomes Frederico, 2022).

⁵⁰ Essa campanha não foi analisada, pois o enfoque maior dela era indicar os hospitais da cidade do Rio de Janeiro e suas especialidades, não tinha como foco principal a Aids em si. Mas é importante ao menos referenciar em uma nota de rodapé, pois a campanha indica qual seria o hospital, São Francisco, como centro de referência às pessoas soropositivas na cidade carioca.

Imagem 11 – Campanha governamental: *AIDS assim pega/assim não pega*



Fonte: MANCHETE, edição 1.821, 14 mar. 1987/Acervo: BNDigital.

Esse cartaz fazia parte de uma material maior, contava também com chamadas de meio minuto que foram veiculadas na televisão, e fazem parte do primeiro esforço do Estado brasileiro em pensar políticas para a prevenção da Aids. “Em 1987, a primeira campanha governamental resultou do trabalho do grupo composto pelo publicitário Jorge Borges, a diretora da DNDS Maria Leide, o vice-diretor do Gapa-SP Paulo César Bonfim, e o general Aureliano Pinto de Moura, da Divisão da Saúde do Exército” (Barros, 2018, p. 83).

A campanha, embora sem a utilização de imagens, era bem clara e didática. Demonstrando não apenas formas de evitar o contágio por HIV, como também tentando derrubar alguns mitos que se tinha à época sobre a transmissão do vírus, como transmissão por saliva, utilizando os mesmos utensílios, ou por toque. E destaca-se ainda a parte final da campanha: “Aids não é imoral. Aids não é pecado. Aids não é crime. Aids é uma doença. Grave e ainda sem cura. Mas que você pode evitar” (Brasil, 1987, p. 54). Nesse ponto a campanha não negava a gravidade da epidemia, mas ao mesmo tempo não a transformava em um “monstro” e nem reforçava a mortalidade pela síndrome, sendo seu foco justamente a informação e prevenção. Outro ponto que é importante lembrar aqui foi a tentativa de “censura prévia” que a campanha sofreu por pedido da CNBB (Barros, 2018).

Contudo, no carnaval do ano seguinte, na edição de número 1.871 de 27 de fevereiro de 1988, o MS veiculava a campanha “Quem vê cara não vê Aids”, essa campanha também foi veiculada na edição em que a *Manchete* fazia sua tradicional cobertura do carnaval.

Imagem 12 – Campanha governamental: *Quem vê cara, não vê AIDS*



Fonte: MANCHETE, edição 1.871, 27 fev. 1988/Acervo: BNDigital.

Dilene Nascimento (2005) aponta que tanto essa peça, como a anterior, fazia parte de uma campanha maior que teve como lema *Aids, você precisa saber evitar*. Ainda segundo a autora, a utilização de frases como *Quem vê cara não vê Aids* e *A Aids mata* surtiram o efeito de reforçar certos estereótipos, pois a “cara” que sempre estava na mídia relacionada com a Aids era de homossexuais, sobretudo, além de que da metade da década de 1980 para frente houve um aumento do número de infecções por transfusão de sangue, sobretudo entre os hemofílicos, e o que acabou gerando uma enorme onda de desabastecimento nos bancos de sangue (Gomes Frederico, 2022).

Ao contrário da campanha veiculada na edição 1.821, que tentava não ser alarmista ou reiterar o caráter mortal da epidemia, essa fazia tudo ao contrário. Trazia a imagem de uma mulher branca, de olhos claros, cabelos louros e usando um batom vermelho, ela tem um aspecto sedutor. O texto que acompanha denota essa característica alarmista da campanha:

[...]. Mas também tem muitos *perigos*. O maior deles chama-se AIDS. É uma *doença que mata sem piedade*. [...] Não dá para saber quem é ou não é portador da doença. Quem vê cara, não vê AIDS. [...] Lembre-se de que *AIDS é uma doença mortal* que está se alastrando cada vez mais. Depende você, de todos nós, interromper esta triste *ameaça*: *Não permita que seja a última viagem da sua vida*. (Brasil, 1988, p. 56, grifo nosso).

Percebe-se aqui além do reforço desse caráter letal da Aids, também a retomada de certas metáforas militares, como o uso de palavras como “perigo” e “ameaça”. Também

conseguimos notar que essa era uma campanha mais tópica, pois fazia referência a vida noturna das cidades, referência ao contágio sexual e o uso de drogas, bem como traz a questão da viagem, pensando que é uma peça que foi divulgada em pleno carnaval e o trânsito de turistas. Falando sobre a questão das drogas, se percebe como a aids tocou em vários tabus, sendo um deles o uso de drogas e como o MS tinha dificuldade em trabalhar esse tema.

Retomando um pouco sobre o que Dilene Nascimento (2005) escreveu sobre a questão da campanha anterior ter contribuído para a queda de número de doações à época, prova disso ou não, em 20 de janeiro de 1990 na edição 1.970 a Secretária de Saúde do estado do Rio de Janeiro trazia a campanha *Transfusão de sangue não é mais transfusão do vírus*.

Imagem 13 – Campanha governamental: *Transfusão de sangue não é mais transfusão de vírus*



Fonte: MANCHETE, edição 1.970, 20 jan. 1990/Acervo: BNDigital.

A campanha não trazia nenhuma imagem, mas sim boas notícias, demonstrando que a Secretária de Saúde estava exercendo o seu trabalho e acabou com a transmissão de HIV por transfusão de sangue. Traz também o que vem fazendo em cada região do estado, como a abertura de novos hemocentros. A campanha ressalta a seriedade da aids e que por isso a pessoa soropositiva deve ser tratada com respeito. Por fim traz o *Disque AIDS* da época e seu horário de funcionamento (Rio..., 1990).

A infecção por transfusão de sangue era a mais comum entre hemofílicos e a partir do momento que os bancos de sangue passam a ser mais rígidos na coleta e tratamento de hemoderivados, os casos de HIV entre essa população despencam. Porém, essa resolução não foi tomada rapidamente e só foi estabelecida após muita pressão da sociedade civil, sobretudo

de ONGs voltadas para o apoio a pessoas soropositivas e prevenção da Aids, como o GAPA e a ABIA. Frutos dessa luta foram a aprovação da Lei 7.649 de 25 de janeiro de 1988, que obrigou a realização de cadastros dos doadores de sangue, bem como a testagem do material coletado não só para HIV, como para hepatite B, sífilis, malária e doença de Chagas; e em outubro do mesmo ano a proibição da comercialização do sangue e seus hemoderivados pela Constituição Federal em seu artigo 199 parágrafo 4º (Brasil, 1988a, 1988b; Barros, 2018).

Dilene Nascimento (2005) aponta que após a ineficiência das campanhas, *Quem vê cara não vê Aids*, o MS focou em reverter o quadro de escassez nos bancos de sangue e incentivar a solidariedade, com campanhas como *Doar sangue é um ato de amor* e *Amor não mata*. Contudo, com a mudança de governo de Sarney para Fernando Collor de Mello (1990-1992) houve também mudanças nas políticas de campanhas de enfrentamento à Aids. Prova disso é a campanha veiculada na *Manchete* nas edições 2.030 e 2.031 de 9 e 16 de março de 1991, intitulada *Se você não se cuidar, a Aids vai te pegar*.

Imagem 14 – Campanha governamental: *Se você não se cuidar a AIDS vai te pegar*



Fonte: MANCHETE, edição 2.030, 9 mar. 1991 e MANCHETE, edição 2.031, 16 mar. 1991/Acervo: BNDigital.

Creio que se fosse possível definir em imagem o que seria uma metáfora militar em doenças, especialmente em se tratando de Aids, essa campanha seria o exemplo perfeito. Com alvos nas partes íntimas de silhuetas de um homem e uma mulher, dá-se a entender que o “perigo” que deve ser combatido além do vírus é, também, o portador (Gomes Frederico, 2022). Aqui voltamos mais uma vez para a colocação de Sontag (1989) que a reiteração dessa metáfora em específico tornava os doentes em vítimas e culpadas pelo seu próprio diagnóstico.

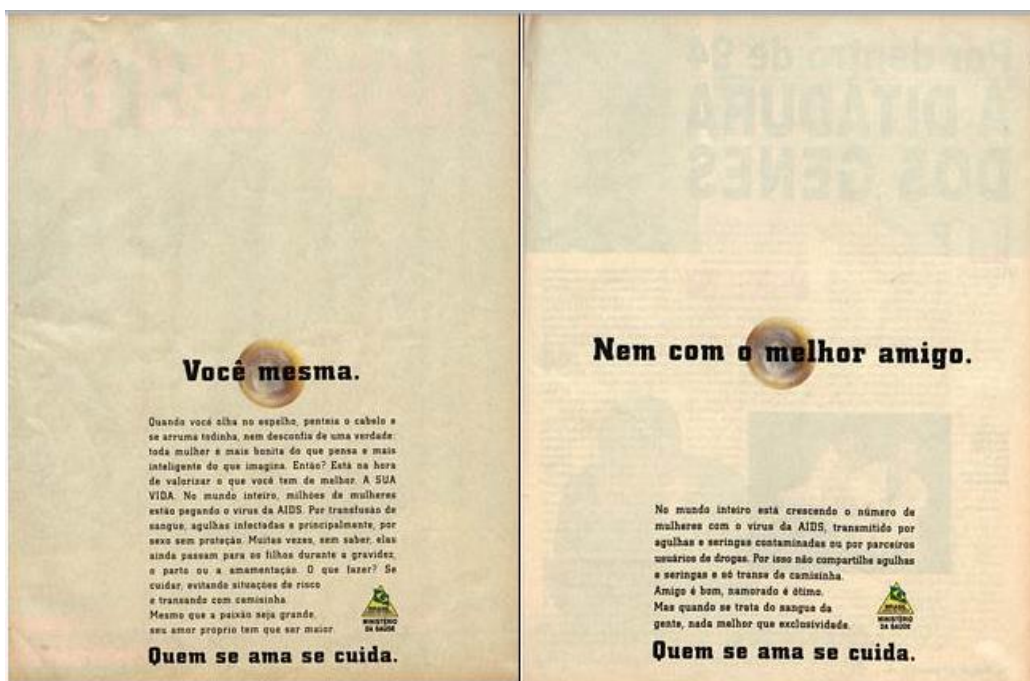
Em ambas as peças é ressaltada a transmissão de forma sexual e que a melhor forma de se prevenir era não fazendo sexo com pessoas infectadas pelo HIV, indiretamente o governo pressionava para uma campanha de abstinência sexual, deixando de focar no incentivo ao uso de preservativos, que realmente surtiam efeito na prevenção ao vírus (Brasil, 1991a, 1991b). Um ponto que chama atenção na peça veiculada na edição 2.030 é a tentativa do governo em retirar de sua conta a responsabilidade do aumento do contágio por HIV e individualizar esse problema e mais uma vez culpabilizando a pessoa soropositiva por ter se infectado:

Tem uma coisa relacionada com a AIDS que muita gente ainda não se deu conta. Primeiro, ela não tem cura. Segundo, ninguém pode evitar que você pegue AIDS. Nem governo, nem remédios, nem mesmo esta campanha. Só você pode evitar. [...] Agora você já sabe. Se não se cuidar, a AIDS vai te pegar. E o que é pior: não vai dar pra botar a culpa no vizinho, nem em ninguém. Se a AIDS te pegou, foi porque você não se ligou. (Brasil, 1991a, p. 53).

Além disso, a campanha vem mais uma vez reforçar o caráter letal da Aids, realmente desconsiderando todo o caminho trilhado pelo MS antes e a discussão realizada pela sociedade civil, como pelas ONGs que atuavam na causa da prevenção e acolhimento às pessoas com HIV. De acordo com Parker (2020) é no contexto de saída do Collor do poder, o governo transitório de Itamar Franco (1992-1995) e a primeira eleição de Fernando Henrique Cardoso (FHC) em 1995 que marca a mudança de mãos do ativismo em relação a Aids, da sociedade civil para o Estado. Isso ficou evidente com o Programa Nacional de AIDS em que o Estado brasileiro passou a ser o principal agente a liderar a resposta à epidemia, naquilo que João Biehl denominou de “Estado ativista”. Outro exemplo, foi a proposta do primeiro empréstimo do Banco Mundial para a prevenção e controle da Aids, conhecido como AIDS I. (Nascimento D., 2005; Ramos L., 2016; Parker, 2020).

Nesse sentido, temos a campanha *Quem se ama se cuida* veiculada nas edições 2.229 e 2.230 nos dias 24 e 31 de dezembro de 1994. E é claro a mudança de trato frente a epidemia, onde aqui o enfoque foi muito mais informar as pessoas sobre a Aids e a prevenção, não reiterando o seu caráter letal.

Imagem 15 – Campanha governamental: *Quem se ama se cuida*



Fonte: MANCHETE, edição 2.229, 24 dez. 1994 e MANCHETE, edição 2.230, 31 dez. 1994/Acervo: BNDigital.

Aqui o foco da campanha é o preservativo e em nenhum momento é retirada a seriedade da situação, inclusive reiterando que a preocupação pela saúde das pessoas não pode ser colocada nas mãos de terceiros, pois, nas palavras da própria campanha, “seu amor próprio tem que ser maior” (Brasil, 1994a, p. 19). Um fato importante a ser evidenciado aqui é que o enfoque dessa campanha está nas mulheres, uma vez que a partir da década de 1990 o número de mulheres infectadas por HIV foi cada vez maior (Gomes Frederico, 2022).

O enfoque sobre as mulheres nas duas peças é feito de forma distinta, o primeiro é mais extenso que o segundo. Na primeira peça é possível identificar a referência às mulheres ocorrem pela frase: “Quando você olha no espelho, penteia o cabelo e se arruma todinha, nem desconfia de uma verdade: toda mulher é mais bonita do que pensa e mais inteligente do que imagina.” (Brasil, 1994a, p. 19). Em seguida traz uma frase que aparece em ambas as peças: “No mundo inteiro, milhões de mulheres estão pegando o vírus da AIDS. Por transfusão de sangue, agulhas infectadas e principalmente por sexo sem proteção.” (Brasil, 1994a, p. 19; 1994b, p. 77). Porém, na campanha veiculada na edição 2.229 ainda é destacado a transmissão vertical e na edição seguinte foi reiterado os cuidados na utilização de drogas (Brasil, 1994a).

A última campanha governamental veiculada na *Manchete* sobre a aids foi do MS na edição 2.323 de 19 de outubro de 1996 intitulada *Aqui você encontra solidariedade*, e como o próprio nome já apresenta, essa campanha teve como objetivo de mostrar os serviços prestados pelo SUS ao cuidado da pessoa soropositiva e de prevenção ao HIV.

Imagem 16 – Campanha governamental: *Aqui você encontra solidariedade*

Aqui você encontra solidariedade.

A fita vermelha é o símbolo internacional da luta contra a Aids. Uma fita que é o elo entre dois diferentes serviços oferecidos pelo Sistema Único de Saúde: São serviços que podem ainda não ter a capacidade ideal de atendimento, mas representam ações importantes para que pessoas que vivem com HIV/AIDS sejam tratadas com respeito e dignidade. E comecem a viver cada uma dessas alternativas.

Hospitais Credenciados.
Atualmente, 200 unidades recebem pagamentos diferenciados do Ministério da Saúde para atender de forma especializada os casos de Aids.

SAE - Serviço de Assistência Especializada.
Ambulatórios que prestam serviços de diagnóstico, enfermagem, orientação e apoio social, através de equipe multidisciplinar que acompanha os soropositivos e doentes com Aids durante toda a sua vida.

ADT - Assistência Domiciliar Terapêutica.
Uma equipe multidisciplinar, composta por médicos, enfermeiros, psicólogo e assistente social, atende o doente com Aids em casa, orientando também sua família. O hospital só é utilizado em momentos específicos.

HD - Hospital-Dia.
O doente com Aids pode permanecer no hospital por até 8 horas e sem direito a acompanhante. Lá, ele tem à sua disposição uma equipe de especialistas, composta por médicos, enfermeiros e assistentes sociais treinados para este tipo de atendimento.

De acordo com o Centro de Saúde do paciente são programados exames de acompanhamento, in e consultas. O atendimento no hospital só deve ocorrer se o tratamento prescrito não for eficaz, com avaliação constante para assegurar uma melhor qualidade de vida.

COAS - Centro de Orientação e Apoio Sorológico.
Serviço disponível a qualquer pessoa que tenha se exposto a uma situação de risco. As unidades do COAS oferecem teste diagnóstico sorológico de infecção pelo HIV e alta acompanhamento pré e pós-teste. As pessoas que possuem o HIV têm total garantia de atendimento confidencial e manutenção do anonimato. O COAS não é um serviço para quem já sabe que é soropositivo ou doente de Aids.

Na rede de saúde pública, você pode encontrar o tratamento adequado para seu caso, além do catálogo contendo as formas de atendimento e as endereços das unidades disponíveis no seu Estado.

Tratar bem é lutar pela vida.

0800 61 2437
BRASIL
MINISTÉRIO DA SAÚDE

Fonte: MANCHETE, edição 2.323, 19 out. 1996/Acervo: BNDigital.

Com a fita vermelha que representa o símbolo internacional da luta contra a Aids, trouxe informações dos serviços prestados pelo SUS à época, como os Hospitais Credenciados, o Serviço de Assistência Especializada (SAE), a Assistência Domiciliar Terapêutica (ADT), o Hospital-Dia (HD), e o Centro de Orientação e Apoio Sorológico (COAS), bem como um número de telefone 0800 para que tirassem dúvidas (Brasil, 1996; Gomes Frederico, 2022).

Parker (2020), pontuou os anos 1990 foram marcados pelo avanço da “pauperização” da epidemia, isto é, o aumento dos casos de Aids nas classes mais pobres da sociedade, porém, nesse período as internações clínicas e as opções de tratamento tornaram-se cada vez mais efetivas, permitindo que a Aids, assim se tornasse uma “doença crônica”. Um dos principais pontos da política de assistência a pessoas com Aids foi a distribuição do AZT a todos os soropositivos e tal medida foi defendida por ativistas e trabalhadores da área da saúde, pois, segundo eles, estava de acordo com aquilo que foi definido como direito à saúde pela recém perpetrada Constituição Cidadã. Porém essa atitude encontrou críticos, sobretudo de fora do país. Os delatores dessa estratégia criticavam dois pontos: o alto custo econômico de pôr em prática tal empreendimento e a eficácia ainda limitada do AZT. Esse foi um dos pontos discutidos no primeiro empréstimo do Banco Mundial ao Brasil para o combate e prevenção da Aids, conhecido como AIDS I. O banco se recusou que o dinheiro do empréstimo fosse utilizado para o tratamento e prevenção de forma integral como era defendida pelo SUS, o Ministério da Saúde deveria encontrar outra fonte de recurso para complementar a ampliação da prevenção.

Com o avanço das pesquisas ao longo da década surgiu uma pressão popular crescente para que o governo brasileiro garantisse o acesso da população soropositiva aos novos medicamentos antirretrovirais. Isso ficou latente após a 11ª Conferência Internacional sobre Aids, realizada em Vancouver (Canadá) em 1996, na convenção foram apresentadas evidências científicas sobre o uso dos antirretrovirais e os seus altos custos de tratamento, o que acabou levando a delegação brasileira “à conferência a realizar uma manifestação na área de exposição farmacêutica e a desenvolver uma estratégia de defesa em relação ao acesso ao tratamento no Brasil.⁵¹” (Parker, 2020, p. 9) Retornando ao Brasil, foi realizada uma grande aliança entre ativistas, administradores e formuladores de políticas públicas, juntamente com parlamentares dos mais variados do espectro, indo desde a esquerda até a direita, para garantir que houvesse apoio político para aprovação de uma legislação que garantisse o acesso a esses novos medicamentos pelo SUS. No mesmo ano foi aprovada a Lei 9.313/96 (Lei Sarney), “garantindo o acesso universal a terapias antirretrovirais para todos os cidadãos brasileiros que precisassem delas.⁵²” (Parker, 2020, p. 9).

E essa foi a cara das campanhas no final da década de 1990, aliada com falta de tratamentos e condição da cura ainda estivesse longe, os elementos chave para o enfrentamento da Aids no Brasil eram a solidariedade, apoio e a prevenção (Ramos L., 2016). Mostrando que era possível viver com Aids, não era o fim do caminho. Percebendo as mudanças das campanhas governamentais não foi possível só verificar a mudança da Aids, mas também de todo o tratamento dado à epidemia e as pessoas que viviam com o vírus no país. Além disso, na virada do milênio, o Programa Nacional de Aids brasileiro passou a ser visto internacionalmente como um modelo de resposta à epidemia. (Parker, 2020).

Ao realizarmos esse apanhado desde as matérias de capa da revista que versaram sobre um lado mais científico da epidemia, passando pelas publicações do encarte voltado para a área da saúde e chegando até as campanhas do Ministério da Saúde e das secretarias estadual e municipal de saúde do Rio de Janeiro foi possível ter uma visão geral da forma que a *Manchete* abordava a Aids em relação a essa temática em específico: *Ciência, Medicina e Saúde*. Foi possível identificar que dois assuntos se destacaram mais nesses quinze anos de abordagem – 1985 ano da primeira capa e o encarte, tal como o próprio semanário, circularam até o ano 2000

⁵¹ No original: “[...] to stage a demonstration in the pharmaceutical exhibit area and to develop a strategy for advocacy in relation to treatment access in Brazil.”.

⁵² No original: “[...] guaranteeing universal access to antiretroviral therapies for all Brazilian citizens who might need them.”.

–, pesquisas por vacinas para evitar o contágio do HIV e a busca de novos tratamentos bem como de uma melhora de qualidade de vida de pessoas soropositivas.

O otimismo em relação a encontrar uma vacina teve mais força durante a segunda metade da década de 1980, período em que houve mais edições de capa da revista sobre a epidemia também, como pode ser visto nas edições 1.734 de 1985, 1.827 de 1987, 1.884 de 1988 e 1.982 de 1990. A única capa referente a Aids e com relação a temática em toda a década de 1990 foi da edição 2.485 de 1999, porém nela foi abordado mais a questão das tentativas de encontrar melhores tratamentos para pessoas soropositivas e uma melhora na qualidade de vida das mesmas, entendendo que uma vacina não se encontrava em um horizonte próximo. Essa mesma preocupação com os medicamentos utilizados à época e seus efeitos colaterais também foi muito evidenciado no encarte *Manchete Saúde*, sobretudo quando analisamos as três das quatro matérias que versaram sobre a síndrome em específico no impresso: *AIDS as novas terapias* (Cunha, 1997); *AIDS: boas e más notícias* (Silveira, 1998a) e *A ressaca do coquetel* (Silveira, 1998b).

Essa mudança da cobertura sobre Aids no semanário – não só nele, mas visível através da cobertura dele – se deve, em muito, pela própria dinâmica e mudanças da epidemia ao longo do tempo. Na década de 1980 a síndrome era ainda uma novidade e por essa característica era amplamente abordada nos meios de comunicação, inclusa a *Manchete*, a partir dos anos 1990 com o advento de novos medicamentos, maior disseminação de informações sobre o que era o HIV e a Aids, assim como uma resposta mais centralizada do governo federal e a perda desse ineditismo fizeram com que a revista, assim como os demais veículos de imprensa, passassem abordar cada vez menos sobre a epidemia e buscassem abordar outros assuntos que estavam mais em voga e chamavam a atenção do público leitor. Pois é importante relembrar que por mais que o periódico fosse um meio de informação, antes ele era uma empresa que presa pelas vendas de suas edições e lucratividade.

CAPÍTULO 2: DO OLIMPO AO HADES - FAMOSOS SOROPOSITIVOS NAS CAPAS DA MANCHETE

“[...] uma das mais importantes coisas que a epidemia da AIDS nos ensinou foi o valor da memória. Uma das principais maneiras de superar a dor e o sofrimento de nossas perdas é se lembrar das pessoas que perdemos - trazendo à memória a importância de suas vidas e valorizando seus legados.”

(Richard Parker, 2018, p. 13).

No dia 18 de junho de 1983, um sábado, chegou às bancas de jornais de todo o país a *Manchete* de número 1.626. A edição trazia à capa *Lady Di*, até então Princesa de Gales, e a notícia de sua segunda gravidez, mas a importância dessa edição para essa pesquisa não gira em torno do nascimento do mais novo herdeiro do trono britânico à época, mas sim de uma reportagem localizada na página 132, *A morte prematura de Markito*. Assinado por Hélio Carneiro foi o primeiro texto da revista a falar sobre o caso de um brasileiro infectado pelo HIV.

Porém, não se tratava de um brasileiro comum. Marcus Vinícius Resende Gonçalves, mais conhecido como *Markito*, foi um estilista mineiro nascido em 1952 que conseguiu renome tanto nacional, como internacional no mundo da moda. Hélio Carneiro (1983) escreveu em memória de *Markito* que esse iniciou cedo sua vida como modelista, aos 18 anos já havia aberto sua “boutique” em São Paulo e que possuía uma característica “sexy e sedutora” em suas peças. Sendo um dos primeiros brasileiros a sucumbirem à epidemia de Aids, e ainda por ser uma pessoa famosa (Laurindo-Teodorescu; Teixeira, 2015), “É o caso Markito, portanto, que vai dar à Aids, através dos meios de comunicação, a visibilidade social que ela, apesar de existir clinicamente, ainda não tinha.” (Castro, 2005, p. 4). João Silvério Trevisan (2018, p. 393), pontua que foi a partir desse episódio que a Aids “[...] invadiu com sensacionalismo os meios de comunicação e o cotidiano dos homossexuais brasileiros.” E que a morte de *Markito* foi retratada nos jornais brasileiros de forma espalhafatosa, contudo, não foi assim abordada pela *Manchete*.

Como apresentado no início do capítulo, o título do texto não revelava a causa *mortis* e trazia *Markito* feliz em seu último Carnaval. Somente no subtítulo que é identificada o que teria abreviado a vida do estilista, “Vítima de AIDS, o ainda incurável e desconhecido mal” (Carneiro, 1983, p. 132). O texto ainda se refere à Síndrome como “câncer gay”, mas continua apresentando como Marcus descobriu que estava com Aids e não conseguindo melhores tratamentos no Brasil, partiu para Nova Iorque (EUA). O texto não faz menção sobre a

sexualidade do modelista e nem coloca isso como o motivo de ter sido acometido pela Aids. Antes de falar sobre a trajetória do estilista, o texto faz um breve apanhado sobre o que se sabia até o momento sobre a nova enfermidade.

Ainda sobre a morte de *Markito* vale destacar dois pontos. Primeiro, até então, 1983, essa nova epidemia era vista como algo de países estrangeiros, contudo, é nesse ano que os casos de Aids começam a se alastrar por todo mundo, inclusive no Brasil, de forma muito rápida, onde nem mesmo os médicos conseguiam acompanhar a evolução de casos (Lima, 2021). A morte do modelista atuava em um meio termo, pois ao mesmo tempo que indicava o contágio em brasileiros, representado pelo próprio estilista, também foi caracterizada como uma doença do outro, que não afetaria o brasileiro médio, pois o costureiro era homossexual, rico, branco, famoso, jovem e que constantemente viajava para o exterior (Nascimento D., 2005). Susan Sontag (1989) ainda aponta que essa é uma característica comum que dão a peste, ou quando transformam uma doença em peste, que é uma enfermidade do outro, do estrangeiro.

O segundo ponto é que Marcus Vinícius era uma pessoa famosa, logo, poderia relacionar a doença a um rosto e também, por ser conhecido, gerava comoção nas pessoas. *Markito* foi o primeiro brasileiro famoso que teve sua vida, ou morte, pela Aids apresentada nas páginas da *Manchete* e na imprensa como um todo. A vida de famosos, celebridades e artistas eram (e ainda são) extensivamente abordadas nos meios de comunicação. Fausto Neto (1991, p. 16) definiu esse conjunto de pessoas como “[...] ‘olimpianos’, heróis e mitos produzidos pela cultura de massa; espécie de celebridades dos mundos do cinema, da música, da poesia, da política e, particularmente, no Brasil, da televisão.” E são essas pessoas em que a “[...] vida privada é de certo modo pública, cuja vida pública de certo modo é publicizada, cuja vida real de certo modo é mítica.” (Rodrigues *apud* Fausto Neto, 1991, p. 15-16).

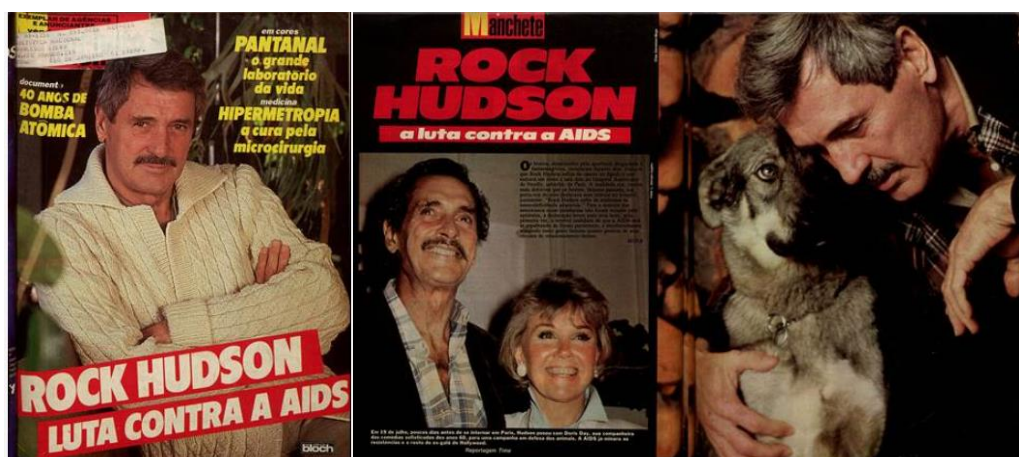
Nesse sentido, neste capítulo, foi abordado como a revista *Manchete* aludiu à soropositividade de olímpianos, no sentido definido por Fausto Neto (1991), que figuraram nas capas da revista devido a sua condição sorológica, sendo eles: Rock Hudson, Cazuza, Lauro Corona, Sandra Bréa e Renato Russo, respectivamente. A relevância em abordar essas trajetórias no semanário em detrimento de outras temáticas se deve a dois pontos: Primeiro, a vida desses, e outros, olímpianos foi a segunda maior temática em relação a epidemia de Aids, e também era uma característica do próprio impresso fazer abordagem sobre a vida de famosos. Segundo, justamente por essas pessoas serem conhecidas, e terem certo prestígio social, conseguiram, de certa forma, falar sobre a suas soropositividades por eles mesmo, sem terem suas vidas resumidas a apenas números em relatórios epidemiológicos.

2.1 “A primeira celebridade a ser vítima de AIDS”⁵³

Roy Harold Scherer Júnior nasceu em 17 de novembro de 1925 no estado de Illinois, EUA. Atuou na Marinha dos Estados Unidos até o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), após isso, o agente Henry Wilson ajudou-o a trilhar o caminho de *Hollywood* e a se transformar em Rock Hudson, nome que o tornou mundialmente conhecido. Rock foi um dos principais nomes da Era de Ouro hollywoodiana, atuou em filmes como *Sublime Obsessão* (1954), *Assim Caminha a Humanidade* (1956), *Confidências à Meia-Noite* (1959), entre outros, referente ao segundo filme, Hudson, recebeu a indicação de melhor ator no Oscar de 1957, junto com seu companheiro de cena, James Dean.

Por muito tempo, Rock Hudson, foi considerado *O Galã* de cinema e exemplo de como deveria ser o homem estadunidense. Porém, em 1985 essa imagem do ator é destituída e passa a ser reconhecido como a primeira celebridade vítima da Aids. A *Manchete* produziu duas matérias de capa sobre o caso Hudson, a primeira em 10 de agosto de 1985 intitulada *Rock Hudson: a luta contra a AIDS* e a segunda em 19 de outubro, do mesmo ano, intitulada *... e a AIDS venceu Rock Hudson*, ambas traduzidas da revista *Time*. A revista ainda produziu outros três textos sobre o caso, mas não como matérias de capa.

Imagem 17 – Primeira capa sobre a soropositividade de Rock Hudson



Fonte: MANCHETE, edição 1.738, 10 ago. 1985/Acervo: BNDigital.

A edição 1.738 da *Manchete* trazia à capa um Rock Hudson maduro, com cabelos grisalhos, bigode e um semblante sorridente, essa imagem destoa da que abriu a matéria de fato, intitulada *Rock Hudson: a luta contra a AIDS*, onde o ator aparece, ao lado da atriz Doris Day, mais magro e com um semblante envelhecido, muito embora traga um sorriso ao rosto, mas se não soubéssemos que a matéria se tratava de Rock, não reconheceríamos devido a diferença

⁵³ Subtítulo da primeira matéria de capa sobre a soropositividade de Hudson (Clarke; Dutka; Kraft, 1985, p. 8-9).

física do ator nas duas imagens. A motivação da escolha da imagem para compor a capa e a outra para compor a abertura da matéria não se sabe, mas pode-se especular que o nome e a aparência do ator norte-americano chamassem vendas, ou que o público não reconheceria o ator se visse primeiro a segunda imagem. Mas uma coisa é certa, a *Manchete* não usou imagens do ator já com Aids, pelo menos em estágios mais avançados, para ilustrar as suas capas, lógica essa que se manteve nas outras capas sobre famosos soropositivos, excetuando a situação de Cazuza⁵⁴.

Essa matéria de capa, na verdade, se tratava de dois textos da *Time*⁵⁵ que foram reunidos e traduzidos por Hélio Carneiro. Então, antes de falar sobre como estava o ator, a matéria se estende explicando como estava a situação da epidemia em território estadunidense, em que até 22 de julho desse mesmo ano o CDC de Atlanta já havia registrado mais de onze mil casos e quase seis mil mortes, a porcentagem de infectados era de 73% homossexuais ou bissexuais; 17% de UDI e 1% de hemofílicos (Walls; Ludtke, 1985). A matéria se estende explicando o funcionamento da doença e o que se sabia até então.

A doutora Alexandra Levine, da Universidade do Sul da Califórnia, afirmava que não era uma enfermidade exclusiva dos homossexuais, transmitida de forma sexual era de preocupação geral, pois todos estariam suscetíveis. Ainda foi explicado que não é todos que entram em contato com o vírus que acabavam desenvolvendo Aids, alguns pacientes desenvolviam um quadro gripal e que não avançava para os quadros mais sérios da síndrome, na época, os cientistas deram para esse tipo de situação o nome de “Complexo Relacionado ao AIDS” (ARC⁵⁶) (Walls; Ludtke, 1985).

A matéria pontuava que até então não se tinha um tratamento específico para Aids e que os médicos focavam em amenizar os sintomas sentidos pelos pacientes, reiterando também a característica que a Aids seria sempre fatal. O texto continua e apresenta que os pacientes mais ricos procuravam tratamentos pelo mundo, como o caso de Rock Hudson que foi até Paris, França, para um tratamento experimental com o antirretroviral conhecido como HPA-23, desenvolvido pelo Instituto Pasteur. A droga estudada pelo instituto de pesquisa francês desempenhava o papel de diminuir a reprodução do vírus dentro do organismo, porém ela não melhorava a condição de saúde do paciente (Walls; Ludtke, 1985).

⁵⁴ O caso de Cazuza será abordado no item 2.2.

⁵⁵ O primeiro texto foi escrito por Claudia Wallis e a reportagem sobre responsabilidade de Melissa Ludtke. O segundo se trata do texto de Gerard Clarke e reportagem de Elaine Dutka e Barbara Kraft.

⁵⁶ Sigla em inglês para *AIDS Related Complex*.

Voltando aos EUA, o texto colocou que até aquele momento não houve uma resposta organizada do governo federal de lá e que as verbas destinadas a pesquisas sobre a Aids aumentaram somente neste ano, e ainda vindas do congresso estadunidense. De acordo com o senador Henry Wasman, “O dinheiro que está sendo gasto com a AIDS é apenas uma gota num balde, comparado com o que realmente se necessita para esta situação de emergência.” (Walls; Ludtke, 1985, p. 9). Esse primeiro texto termina destacando que com a revelação da situação de Rock Hudson, pacientes e pesquisadores, ficaram “esperançosos” que em o ator ter revelado a sua sorologia as atenções se voltem para a epidemia. Segundo o doutor Alvin Friedman-Kien, do *New York University Medical Center*, “*tem de acontecer algo assim para que a opinião pública tome conhecimento de que, em relação a esta doença, não está sendo feito o suficiente.*” (Walls; Ludtke, 1985, p. 9, grifo nosso)

O segundo texto dá mais enfoque sobre a vida e a atual situação do ator, tendo como título que encabeça essa parte da matéria, “Rock Hudson é a primeira celebridade a se revelar vítima da AIDS. O mundo ficou chocado” (Clarke; Dutka; Kraft, 1985, p. 8-9). Porém, antes de entrarmos nessa parte do texto é importante retomar a legenda da imagem que abre a matéria na página quatro, pois há algumas frases interessantes de serem analisadas sobre o famoso hollywoodiano.

Os boatos, alimentados pela *aparência desgastada e fantasmagórica*, circularam durante dias. Dizia-se que Rock Hudson sofria de câncer no fígado e que entrava em coma e saía dele no Hospital Americano de Neuilly, subúrbio de Paris. *A realidade era, porém, mais dolorosa que os boatos*. Semana passada, um porta-voz do ator declarava sem rodeios no hospital parisiense: ‘Rock Hudson sofre de síndrome da imunodeficiência adquirida.’ *Para a maioria dos americanos cujas existências não foram tocadas pela epidemia, a declaração levou para seus lares, pela primeira vez, a terrível realidade de que a AIDS está se espalhando de forma persistente, e inevitavelmente atingindo tanto gente famosa, quanto pessoas de seus círculos de relacionamento íntimo.* (Walls; Ludtke, 1985, p. 4, grifo nosso).

Primeiro, destaca-se em relação aos adjetivos empregados para se referir a aparência do ator, “desgastada” e “fantasmagórica”, essas palavras podem ser entendidas como uma reiteração de sua morte social (Daniel, 2018). Uma vez que Hudson não estava ainda morto, mas essas imagens, metáforas, destacadas reiteram que ele já não possuía muito mais tempo de vida e inclusive uma delas já o retratando como um fantasma, ser que já morreu, mas permanece no plano dos vivos.

Os boatos que circulavam eram que o ator estava com câncer, mas, segundo o próprio texto, a realidade seria ainda mais “dolorosa”, pois este estava com Aids. Nesse ponto retomo algumas considerações de Sontag (1989, p. 67), pois antes da emergência da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, “[...] o câncer foi a doença que melhor servia à necessidade de

nossa sociedade secular de culpar, punir e censurar através do imaginário da doença. O câncer era uma doença do indivíduo, vista não como resultado de uma ação, mas da negligência”. E com o início da epidemia de Aids, “[...] o câncer perdeu parte de seu estigma devido ao surgimento de uma doença cuja capacidade de estigmatizar, de gerar identidade deterioradas, é muito maior.” (Sontag, 1989, p. 20). Nesse sentido, para a filósofa, essa nova patologia acabou banalizando o câncer, pois a principal chave de interpretação da Aids pela sociedade era com a metáfora da “peste” (Sontag, 1989, p. 53). Isso se deve muito, segundo a autora, pois as doenças tidas como mais temidas, não são as mais fatais em si, mas sim as que de alguma forma acabam transformando o corpo humano, tornando-o em “algo repulsivo”, e a Aids se encaixava nesse perfil (Sontag, 1989, p. 54-5), principalmente se estamos falando de início dos anos 1980, quando não havia tratamentos adequados para frear os sintomas e as doenças oportunistas. A noção de “deterioração” do ator estadunidense é retomada mais vezes durante a matéria, como pode ser lida em uma das frases que legenda uma das imagens de Rock Hudson na reportagem: “A AIDS, descoberta em 1981, acabou por minar seu sistema imunológico e *destruiu* um dos rostos mais famosos de Hollywood. Hudson só pode esperar agora um unhappy end.” (Clarke; Dutka; Kraft, 1985, p. 8, grifo nosso). Dessa forma, a Aids representava uma censura “genérica à vida e à esperança” (Sontag, 1989, p. 29). Sendo assim, a mídia e a sociedade fazem um grau de comparação entre a síndrome e o câncer, em qual seria o “pior”, ou “menos pior”, de ser portador.

Já referente a terceira frase destacada, refere-se a um fenômeno que vemos primeiro ocorrendo com Rock Hudson, mas que vai se repetir com outros olímpicos e que pode ser visto nos tópicos seguintes, o de ter os casos destas celebridades fossem sensibilizar público e autoridades, ou que servissem de exemplo de quais atitudes não tomar, ou ainda, representando como estava a situação da epidemia. Essa última noção aparece na frase em destaque do médico Alvin Friedman-Kien no primeiro texto, por exemplo.

O segundo texto da reportagem começa exaltando a beleza do ator e nem tanto o seu talento, mas que sem dúvida havia representado as virtudes dos EUA nos anos 1950 e 1960: “Protótipo do garoto virtuoso, Rock Hudson tornou-se paradigma do homem americano. Seu look foi imitado em todo mundo.” (Clarke; Dutka; Kraft, 1985, p. 8). Contudo, com a revelação de ser soropositivo evidenciava que o artista não levava essa vida “virtuosa” e que “ele certamente era homossexual” (Clarke; Dutka; Kraft, 1985, p. 8). Essa especulação sobre a sexualidade Hudson aparece, pois, à época, revelar a sua sorologia positiva era ao mesmo tempo revelar-se homossexual. “No século XX, tornou-se quase impossível explorar com intenção

moralizante as epidemias — exceto quando se trata de doenças sexualmente transmissíveis.” (Sontag, 1989, p. 67).

O texto cita outros atores que compartilharam com Hudson a sua “condição sexual” (*sic.*), como Ramon Novarro (1899-1968), Montgomery Clift (1920-1966), Tyrone Power (1914-1958), Errol Flynn (1909-1959) e Sal Mineo (1939-1976), inclusive a matéria, ao fim, traz uma imagem de cada um desses atores e coloca que se eles estivessem vivos na década de 1980 seriam “vítimas em potencial” da Aids e que a “Babilônia de Hollywood está em pânico” (Clarke; Dutka; Kraft, 1985, p. 10). O texto cita, que os atores (e outros profissionais) escondiam as suas vidas sexuais para não perderem seus empregos, “Eles devem projetar uma falsa imagem não apenas para seus amigos e companheiros de trabalho como, no caso de Hudson, para milhões de fãs que eles sabem que não aceitarão a verdade.” (Clarke; Dutka; Kraft, 1985, p. 10). Aqui, mais uma vez volta o sentido desses olímpicos manterem suas vidas privadas como espaços públicos, tendo que manter o que seria íntimo ainda mais escondido, para servirem de “exemplo”, ou cumprirem o papel esperado socialmente. Além, de certa forma, reiterar que sexualidades fora da heteronormatividade não seriam aceitas para esses olímpicos.

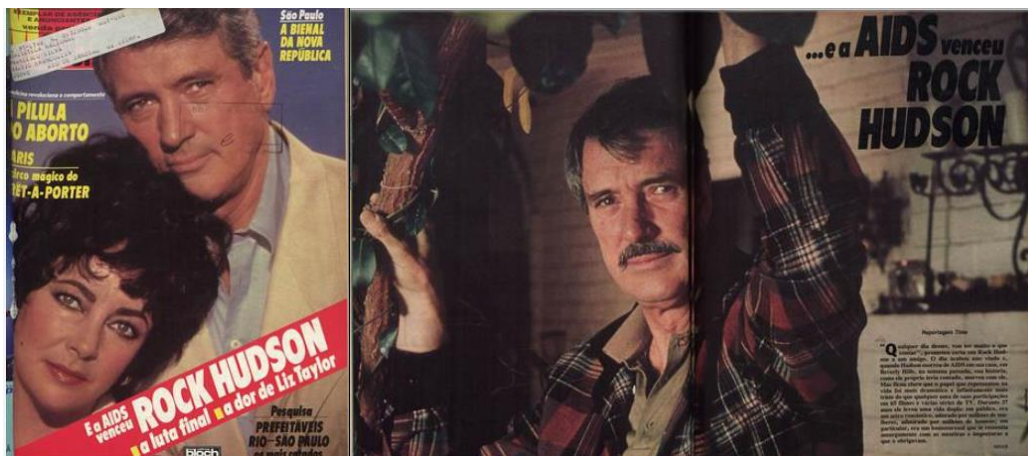
A matéria segue e aborda um pouco tanto sobre a vida profissional de Rock, como pessoal, cita que quando o ator não conseguia manter as aparências em *Los Angeles*, partia para *San Francisco*, onde frequentava ambientes frequentados, em sua maioria, por homossexuais. O texto argumenta que a opinião pública havia mudado muito desde de 1950 até a década de 1980, contudo, ser gay ainda era um estigma e a “AIDS acrescentou um novo e ainda mais sinistro componente à velha história e dentro em breve deverá fazer outros astros saírem de seus esconderijos.” (Clarke; Dutka; Kraft, 1985, p. 9).

A matéria ainda cita que mais pessoas do *show business* estavam com a nova doença, fazendo com que a classe artística, ao menos estadunidense, começasse a se mobilizar em levantar fundos para a prevenção e pesquisas, como exemplo traz a iniciativa de Victoria Hamburg que organizou uma noite beneficente para Fundação Médica AIDS, em Manhattan, conseguindo arrecadar 500 mil dólares na noite de 9 de maio de 1985. O texto ainda retoma a questão do exemplo:

O reconhecimento de Hudson poderá ecoar mais profundamente que ele previra. ‘É vergonhoso que seja necessário algo assim – diz Hamburg – para que as pessoas prestem atenção ao que está acontecendo. Mas, por mais terrível que seja, está acontecendo. Precisamos fazer as pessoas entender que a AIDS não precisa ser uma doença incurável, que os dólares para pesquisa podem salvar a todos.’ Hudson, afirmam ainda outros, deu cara à doença e levou o mal para o lar de pessoas que não

estavam preparadas para enfrentar o mal há duas semanas. (Clarke; Dutka; Kraft, 1985, p. 10).

Imagem 18 – Segunda capa sobre a soropositividade de Rock Hudson



Fonte: MANCHETE, edição 1.748, 19 out. 1985/Acervo: BNDigital.

No dia 19 de outubro do mesmo ano, a *Manchete*, trouxe a edição 1.748 e a matéria de capa trazia Elizabeth Taylor, atriz de *Hollywood*, com a cabeça apoiada no ombro de Rock Hudson, amigos desde as gravações do filme *Assim Caminha a Humanidade* (1956), porém a matéria de capa não trazia boas notícias, como se pode ler no título, *E a AIDS venceu Rock Hudson*⁵⁷. O impacto da morte do ator se reflete até no editorial da revista escrito pelo editor, Roberto Muggiati.

Ele sempre escapou com vida de guerras, tiroteios, atentados e incontáveis acidentes. Mas nenhum filme previu a morte de Rock Hudson, com todos os componentes dramáticos: vítima de uma doença que os meios de comunicação elegeram como ‘o flagelo dos anos 80’ e que desmascarou a sua imagem de galã romântico, revelando sua condição homossexual. (Muggiati, 1985, p. 3).

Um fato importante de ressaltar sobre essa matéria são as suas imagens, na realidade ela traz muito mais fotografias de Rock Hudson – com outros atores, amigos ou sozinho — do que realmente texto. Contudo, esse é um fato até recorrente nas matérias da *Manchete* devido ao seu carro chefe ser o fotojornalismo, mas o que chama atenção nesse caso é a escolha das imagens. A única fotografia que traz Hudson já em estágio avançado da Aids é a mesma que abriu a matéria na edição 1.738, e a única outra foto, onde mostra a viagem de volta de Paris para *Los Angeles* é em preto e branco e não consegue-se identificar onde poderia estar o ator, todas as outras fotos trazem Rock em premiações ou em suas atuações. De alguma forma, podemos pensar assim, a revista buscou manter a integridade de Rock Hudson, já que outros veículos de mídia expunham a aparência do artista.

⁵⁷ Reportagem da revista *Time* e com tradução de Mário Bendetson.

O texto inicia contando que o ator já havia participado de 65 filmes, outras tantas séries de televisão e que nos seus últimos 37 anos de vida, Rock Hudson havia se dividido entre o astro de cinema desejado pelas mulheres, ao mesmo tempo que era um homem que escondia sua homossexualidade (Clarke; Worrell, 1985). A matéria colocou que Hudson era limitado como ator, mas desempenhava bem os seus papéis e que ao revelar sua sexualidade e condição sorológica havia se tornado o mais famoso homossexual do mundo. “Se tivesse sucumbido a um ataque do coração, sua morte provavelmente teria gerado apenas uma nota curta; como era a mais famosa vítima conhecida de AIDS, ela tornou-se um evento significativo.” (Clarke; Worrell, 1985, p. 8).

O que tornou justamente a morte de Hudson interessante foi devido a característica da imprensa em destrinchar cada segmento da vida desses olímpicos e, tanto a sociedade em geral, como os veículos de imprensa, em construir estigmas sobre a Aids, transformado esse processo de uma pessoa ser infectada por um vírus em um espetáculo. Como pontua Fausto Neto (1991), nem um pedaço das vidas desses famosos era deixado de fora, inclusive a morte.

Em uma das legendas traz a seguinte frase: “O beijo de Rock em Linda Evans, de Dinastia – último trabalho do ator –, deixou a atriz com medo de ter contraído a AIDS.” (Clarke; Worrell, 1985, p. 7). Ainda em 1985, não se tinha definido quais seriam as principais formas de contágio do vírus, apenas dois anos antes que os cientistas haviam descoberto o agente etiológico da Aids, HIV, então as informações eram incompletas e desconstruídas (Nascimento D., 2005). Tinha-se receio que o vírus fosse transmitido através da saliva, por isso o medo em torno do beijo, em alguns casos se preocupava inclusive com o compartilhamento de objetos pessoais, como talheres e pratos.

A matéria faz uma breve biografia da trajetória do ator e do homem por trás do artista, pontuando momentos importantes da carreira e o malabarismo que Hudson tinha que fazer na sua vida pessoal para manter as aparências e que seu segredo só veio a público quando ele fez a viagem até Paris em busca de tratamento para Aids. Com a progressão da síndrome ele não pode estar presente em uma noite beneficente no dia 19 de setembro em *Hollywood* contra a Aids e que acabou arrecadando um milhão de dólares, “Um derrame de tanto dinheiro não teria acontecido se não fosse pela doença de Hudson.” (Clarke; Worrell, 1985, p. 9). O texto ainda insinua que devido ao caso do ator ter tomado tamanha proporção fez com que o Congresso estadunidense aumentasse o valor das verbas destinadas às pesquisas sobre Aids e finaliza com a frase de Liz Taylor sobre a morte do amigo, “Graças a Deus, ele não morreu em vão.” (Clarke; Worrell, 1985, p. 9).

Nessa mesma edição, seguida dessa matéria e da publicidade do Ford Escort XR3, na página onze traz a reportagem traduzida da revista *National Enquirer*, intitulada pela *Manchete* como, *Os últimos momentos do ator e a tristeza de Liz Taylor*. Como já citado, Taylor e Hudson eram amigos e extremamente íntimos um do outro, e o texto traz relatos de como a atriz recebeu a notícia sobre o estado de saúde de seu amigo. Mas é importante destacar dessa matéria a descrição que é feita sobre como ocorriam os cuidados médicos de Rock.

O texto relata que devido às dores no corpo, o ator, tomava sedativos e passava em torno de quinze horas por dia, sua rotina se dividia em ver televisão ou ler algum jornal, e quando se encontrava um pouco mais disposto, recebia algumas visitas, nunca mais de duas pessoas por vez. Relata-se que, às vezes, no meio das conversas Rock Hudson perdia a consciência por alguns minutos. Devido ao estágio avançado a Aids no qual ele se encontrava, quem fosse visitar Hudson acabava passando por exames, para garantir que não iria passar alguma outra enfermidade para o artista e assim piorando o seu quadro clínico. Também havia rigor na limpeza, para manter germes e bactérias afastados, por exemplo, utensílios como talheres e pratos, antes de serem usados por Rock, eram esterilizados em um aparelho hospitalar. O astro de *Hollywood* contava com uma equipe de três enfermeiras, que se revezavam durante três turnos, durante 24 horas por dia (National ..., 1985). A morte de Rock e o sofrimento de Liz Taylor pela perda do amigo foi abordado por duas leitoras na edição 1.749:

Não foi só Elizabeth Taylor que ficou triste com a morte de seu amigo. Nós todos, fãs de Rock Hudson, também vamos sentir muito a sua falta. Os cientistas precisam fazer logo alguma coisa para acabar com a AIDS, esta doença infame poderá causar outras mortes entre artistas de que tanto gostamos. (Proença; Fontoura, 1985, p. 35).

A partir da sua morte, Rock Hudson, não passou a figurar, ao menos na *Manchete*, nas capas de revista, porém, no levantamento realizado, identificou-se outros três textos⁵⁸ que falavam diretamente sobre Hudson, além das reportagens sobre Liz Taylor que acabavam citando seu amigo – a atriz se tornou uma das vozes mais contundentes em *Hollywood* no ativismo sobre a Aids. Ainda no ano de 1985, na edição 1.755, de 7 de dezembro, na página 105 há um pequeno texto de autoria de Ed Sá intitulado, *Disputa pela herança de Rock*.

E retomando Fausto Neto (1991) quando este pontua que todo aspecto da vida de um olímpico é destrinchado pela imprensa, aqui podemos acrescentar que após a morte também será continuamente abordado, desde que angarie público leitor. Pois a questão da herança de

⁵⁸ Os outros dois textos eram uma série de duas reportagens sobre a vida do ator, *Rock Hudson: ascensão e queda de um ídolo*, que foram veiculados nas edições 1.791, 16 de agosto, e 1.792, 23 agosto, de 1986. Essas reportagens não foram aqui abordadas por não trazerem um material inédito do que já foi abordado neste item.

Hudson diria respeito somente aos herdeiros e algo do âmbito privado dessas pessoas, mas ao passo que Rock foi uma pessoa pública, esse assunto passa a ser da seara de todos.

A edição 1.760 de 11 de janeiro de 1986 traz a retrospectiva da *Manchete*, intitulada *As imagens de 85*, onde a revelação de que Rock Hudson estava com Aids e a sua morte aparecem algumas vezes. A primeira imagem é uma de Hudson sentado à frente de sua mansão em *Hollywood*, antes de revelar a sua sorologia, a legenda da imagem relembra que ele acabou falecendo em decorrência da Aids, a frase que intitula a parte sobre cinema da retrospectiva reitera o impacto da morte do ator, “O ano teve desaparecidos ilustres nas artes. Mas Rock Hudson, primeira vítima famosa da AIDS, foi que marcou.” (O Ano ..., 1986, p. 55). Na página 68 traz fotos de alguns beijos, dentre famosos e políticos, e cita um beijo, dado em cena, entre Rock e Linda Evans, como “o beijo contaminado” (Amores ..., 1986, p. 68), bem como cita uma certa paranoia, devido a Aids, em relação aos beijos.

A cobertura de Rock Hudson guarda algumas peculiaridades, uma por ser o primeiro famoso soropositivo que foi capa da *Manchete* e isso ocorreu justamente pelo grau destaque do olimpiano (ator, estadunidense, galã, etc.), percebendo que os próprios famosos pela mídia vão ter graus de favoritismo. Outra questão, é que justamente por esse ineditismo, ele não foi comparado a outras celebridades, o que, por exemplo, não ocorre com os outros *stars* aqui analisados.

2.2 “Não estou agonizando. Pelo contrário, estou muito vivo”⁵⁹

No dia 26 de abril de 1989, a revista *Veja*, editada pelo Grupo Abril e a principal concorrente da *Manchete*, causou uma grande comoção social ao publicar a edição 1.077, onde estampava uma foto do cantor Cazuza sério com os braços cruzados e a chamada de capa, *Uma vítima da Aids agoniza em praça pública*. Agenor de Miranda Araújo Neto, popularmente conhecido pelo seu nome artístico, Cazuza, nasceu em 4 de abril de 1958 no Rio de Janeiro. Começou a sua vida artística em 1981 na banda de *rock*, *Barão Vermelho*, onde permaneceu até 1985, ano em que iniciou a sua carreira solo lançando o seu primeiro álbum, *Exagerado* (Grangeia, 2016).

Cazuza era reconhecido pela utilização de drogas, álcool e era abertamente bissexual, por isso, bem como a sua aparência mais magra que passou a ser cada vez mais evidente no decorrer da segunda metade da década de 1980, foi questionado inúmeras vezes pela imprensa se era portador do HIV. A própria *Manchete* já havia pontuado o boato sobre a soropositividade

⁵⁹ Frase do próprio Cazuza na matéria em resposta a capa da *Veja* (Gaio; Varejão, 1989, p. 9).

do cantor em 1985, na edição 1.755, em que Antônio Carlos Miguel, autor da reportagem, escreveu que as especulações começaram após o roqueiro ter sido internado com febre alta e mal-estar generalizado. Porém, uma dessas especulações mais marcantes foi na entrevista ao programa *Cara a Cara* para a apresentadora Marília Gabriela, em 1988. O roqueiro fez a revelação que era soropositivo para o jornalista Zeca Camargo em 13 de fevereiro de 1989, à *Ilustrada*, caderno sobre cultura da *Folha de S. Paulo*. O artista só teve conhecimento do diagnóstico de Aids em outubro de 1987.

A *Manchete* chegou a estar presente com o cantor na sua turnê pelo Nordeste brasileiro e publicou a reportagem de capa na edição 1.920 de 4 de fevereiro de 1989, *Cazuza: “Não tenho medo de morrer”*, e na legenda coloca que a revista acompanhou o sucesso do roqueiro e “sua comovente luta pela vida”, dias antes da revelação à *Folha de S. Paulo*. O texto de Ana Gaio (1989b) em nenhum momento cita a Aids, pois até então o olimpiano não havia revelado sua soropositividade, mas tecia comentários sobre a saúde do *star*, além da menção de não ter medo da morte e de lutar pela vida na capa, no corpo da reportagem é comentado sobre a aparência do artista (magreza) e quando fala em enfermidade é citada como uma possibilidade (Gaio, 1989b). Tratamento diferenciado que recebeu Lauro Corona, onde os boatos sobre sua “possível doença” (Gaio, 1989b, p. 112) se referiam diretamente à síndrome.

Fausto Neto (1991) pontuou, pensando o caso do ator Lauro Corona, mas que aqui ajuda a compreender a situação de Cazuza à época, antes de contar sobre sua sorologia, é que devido ao silêncio do cantor sobre a sua saúde, a mídia tentou de alguma forma construir um diagnóstico e para isso utilizou-se de declarações do próprio olimpiano, pessoas próximas, descrição de modificações na aparência, comparação dessa pessoa com outro famoso que tenha a enfermidade que estava sendo aventada, cotidiano, entre outros. Algo que o autor define com uma *sintomologia* da doença é esse processo que ocorre nessa reportagem – e em outras reportagens sobre celebridades soropositivas, como Corona e Renato Russo –, de dar características e falas do *star* para que se tenha noção do quadro clínico da pessoa em questão.

A comoção, à época, com a edição da *Veja* não estava em revelar a sorologia do cantor, mas sim na forma como essa questão foi abordada. Começando pelo próprio título que vinha com o verbo “agonizar”, ressaltando que o cantor estaria à beira da morte. Já no início da reportagem é reiterada essa noção letal: “*O mundo de Cazuza está se acabando com estrondo e sem lamúrias. [...] definha um pouco a cada dia rumo ao fim inexorável.*” E continua, “*faz questão de morrer em público, sem esconder o que está se lhe passando.*” (Abreu; Porro, 1989, p. 80, grifo nosso). E aqui tem-se um evidente exemplo do que Daniel (2018) explicita como morte social, onde a morte do roqueiro se torna certa na medida em que este revelou que estava

com Aids e que não há outro caminho para ele, a não ser “agonizar”. O próprio Herbert Daniel em uma entrevista à *Manchete* em 15 de julho de 1989, edição 1.943, comentou sobre a abordagem do semanário do Grupo Abril sobre a soropositividade do olimpiano:

O que fizeram com o Cazuzza, de condená-lo à agonia em praça pública (reportagem de capa da revista *Veja*), atribuindo a ele uma morte contra a qual ele lutava, falando de vida, esta tendência a condenação rasteira à morte é uma convicção que está embutida dentro da idéia de que você decide quem vive e quem morre. Esta é a imoralidade profunda da classe dominante. Não é uma opção da pessoa viver. É exatamente uma imposição: você está morto. Isso é o que se fala sobre AIDS, este é o grande pavor da doença, mais até de que a morte. (Daniel, 1989, p. 89).

A matéria continua e ainda faz algo que era recorrente no início da epidemia e que já foi evidenciado por Sontag (1989), em que o portador do vírus era muitas vezes considerado vítima e culpado por ter contraído a enfermidade, mas aqui é evidenciado o segundo ponto. “O cantor é o primeiro a reconhecer que foi um menino-problema, um adolescente-problema, um homem-problema e é hoje um doente-problema.” (Abreu; Porro, 1989, p. 82). Acrescenta uma fala do artista mais à frente no texto: “Sempre fui muito destrutivo, eu achei que tinha Aids, eu quis ter Aids.” (Abreu; Porro, 1989, p. 83) E sobretudo, coloca uma série de comportamentos de Cazuzza que explicariam sua soropositividade.

O cantor fumava maconha, cheirava cocaína e usava heroína, embora seu vício mais sério sempre tenha sido o álcool, principalmente o uísque. Some-se a essa drogas todas uma vida sexual extremamente intensa, com parceiros e parceiras, se tem um quadro da vida de Cazuzza, dos caminhos que ele percorreu. (Abreu; Porro, 1989, p. 82)

Nesse sentido, o texto continua e relaciona o cantor a outros grandes nomes do mundo das artes, a dependência química de Cazuzza foi comparada ao do poeta e pintor inglês William Blake (1757-1827) e ao músico Keith Richard, o alcoolismo aos escritores Ernest Hemingway (1899-1961) e William Faulkner (1897-1962), e a “promiscuidade sexual” com os escritores franceses Marcel Proust (1871-1922) e Jean Genet (1910-1986) (Abreu; Porro, 1989). E fica evidente a articulação da revista em pontuar que foi o próprio roqueiro a se colocar nessa situação. Também cita que o avô de Cazuzza, que herdou seu nome, havia contraído sífilis quando tinha 28 anos, também tentando fazer uma associação entre as infecções sexualmente transmissíveis de ambos, “Naqueles tempos, a sífilis não tinha cura, era considerada uma doença maldita que conforme se dizia, se transmitia ‘pecando’.” (Abreu; Porro, 1989, p. 82) Como se o neto estivesse “pecando” assim como o avô e teria o mesmo “fim”.

Nesta matéria há um aspecto que foi abordado nas edições da *Manchete* sobre Rock Hudson, que naquele momento era colocado em Cazuzza, além de ser um dos primeiros famosos brasileiros a falar sobre a sua sorologia, também era colocada a revelação da sua

soropositividade como uma forma de trazer luz a epidemia e conscientizar as pessoas, “Entre os que sofrem de Aids, a exposição pública de Cazuzza foi considerada altamente benéfica. ‘Ele está ajudando a tirar o estigma da doença’, opina o sociólogo Herbert de Souza⁶⁰” (Abreu; Porro, 1989, p. 85). Contudo, o texto termina colocando que o roqueiro não seria nenhum gênio da música, “É até discutível se sua obra irá perdurar, de tão colada que está ao momento presente.” (Abreu; Porro, 1989, p. 87).

A imagem de Cazuzza veiculada na *Veja*, como soropositivo, é lembrada em várias narrativas, desde orais e escritas, como uma referência a epidemia de Aids, sobretudo nos anos 1980. E na imprensa em geral, “A imagem da AIDS esteve associada a rostos magros, corpos abatidos e frágeis, sempre à espera da morte.” (Ramos L., 2016, p. 3). Para Fausto Neto (1991, p. 123-124), ao se abordar o nome de Cazuzza, para além do músico e importante figura da cultura brasileira, se transformava em “[...] uma sigla que condensa e que desloca, metáfora e metonimicamente, várias matrizes e estereótipos, enquanto um signo permutando e dissimulando, conseqüentemente, a emergência da noção de valor equivalente do outro signo - AIDS.” Mesmo que o roqueiro não sendo o primeiro famoso soropositivo, “Mas, seguramente, sigla/signo em torno do qual se desdobraram as mais complexas e cruciais associações simbólicas e culturais, que funcionaram como sintomas e pistas no interior do campo simbólico para dar conta da consagração deste moderno e fatal mal-estar.” (Fausto Neto, 1991, p. 124).

A única vez que a *Manchete* veiculou a imagem de um famoso soropositivo em suas capas já em estágio avançado da Aids foi com Cazuzza, justamente em resposta a edição da *Veja*. José Esmeraldo Gonçalves (2008), um dos editores da *Manchete* e de outras revistas do Grupo Bloch, conta que o próprio Adolpho se envolveu no processo de organizar a entrevista do cantor para esta edição.

No caso, o velho foi procurado por João Araújo, pai do cantor e compositor, que estava visivelmente indignado com a matéria de *Veja* publicada naquela semana. A revista apontava o fato de o compositor ‘agonizar em praça pública’ uma referência aos shows, turnês e até noitadas que Cazuzza protagonizava, apesar da progressão da doença, e ainda questionava a qualidade de suas canções e letras. Adolpho nos convocou e lá fomos, Cony e eu, a um encontro reservado com o pai de Cazuzza, naturalmente emocionado, no 11º andar do Russell. Adolpho via a questão sob outra ótica: Cazuzza não constrangia o público ao continuar a sua carreira apesar da Aids, e seria inoportuno, àquela altura, fazer uma análise crítica da obra do compositor. Ao contrário, na opinião de Adolpho, Cazuzza dava uma demonstração de coragem e vontade de viver. *Manchete* publicou entrevista e fotos exclusivas da ‘resposta’ de Cazuzza, de resto, apenas uma reafirmação de seu gosto pela vida, e designou repórter e fotógrafo para acompanhar os shows e excursões do cantor e compositor, que protagonizou, pouco depois, um espetáculo que emocionou Maceió e uma memorável

⁶⁰ Também conhecido como Betinho, foi um importante sociólogo brasileiro. Hemofílico, acabou contraindo o HIV em transfusões de sangue, assim como seus irmãos, o cartunista Henfil e o músico Chico Mário. Foi fundador da ABIA.

apresentação no Canecão, no Rio. A repórter Ana Gaio, da *Manchete*, que fez um brilhante trabalho jornalístico na cobertura do drama e também dos momentos de superação de Cazuzza, tornou-se, naquelas circunstâncias especiais e delicadas, amiga do cantor e compositor. Lembro-me de que, na época, ela obteve da família uma privilegiada autorização para reproduzir um raro material fotográfico, da infância, adolescência e começo da carreira de Cazuzza. (Gonçalves J., 2008, p. 126-127).

Dessa forma, no dia 13 de maio de 1989, chegou às bancas de revista de todo o país a edição 1.934 da *Manchete* em que a capa estampava um Cazuzza sorridente e cercado pelos seus pais, João e Lucinha Araújo. Contudo, esse número, até o momento de escrita deste texto, não se encontra disponível no acervo da HDB, na realidade só foi possível tomar conhecimento deste número graças às cartas de leitores da revista⁶¹ que faziam referência a essa matéria, como a de Aurélio Vieira (1989, p. 96), de Salvador (BA) na edição 1935: “A AIDS é um problema que interessa a toda humanidade. Os portadores do vírus devem ser tratados com respeito. Parabenizo a MANCHETE pela dignidade com que deu voz e vez ao nosso querido Cazuzza. A sua luta tenaz pela vida é um exemplo para todos.” Bem como a de Sônia Renner (1989, p. 96), de Nova Friburgo (RJ): “Só tenho duas palavras para me referir à edição passada de MANCHETE e para agradecer o momento de reflexão que vocês me proporcionaram: Cazuzza me comoveu”. E a que indicou, com exatidão, qual era a edição que constava a capa:

O poeta Cazuzza nos dá uma injeção de esperança a cada vez que aparece nos jornais, nas revistas e na televisão. MANCHETE, em seu número 1.934, ao mostrar o Cazuzza em família, recebendo o extraordinário apoio dos seus pais, prestou um serviço a centenas de famílias brasileiras que vivem o mesmo drama. Fora da solidariedade, não há salvação. (Pingittore, 1989, p. 96).

Imagem 19 – Capas das edições 1.077 da *Veja* e 1.934 da *Manchete*



⁶¹ No capítulo III há a análise completa sobre as cartas dos leitores.

Fonte: VEJA, edição 1.077, 26 abr. 1989 e MANCHETE, edição 1.934, 13 maio 1989/Acervo: pessoal.

A reportagem de Ana Gaio e Marilda Varejão (1989), com fotos de Nilton Ricardo, trouxe algumas diferenças que podem ser notadas já na imagem da capa em relação à edição da concorrente. Enquanto a da *Veja* focava única e exclusivamente em um Cazuza sério, com uma blusa de tom escuro e com um efeito de luz e sombra que evidenciava ainda mais a magreza do cantor, além de que nessa publicação é possível verificar a nítida queda de cabelo do compositor. “Se abstraíssemos o enunciado lingüístico que vem superposto às imagens, estas articuladas com o sintagma *Veja* seriam suficientes para nos dizer: ‘*Veja* como Cazuza está’, em nível de sentido.” (Fausto Neto, 1991, p. 136). Já a da *Manchete* trazia o roqueiro com um sorriso no rosto, roupas claras e um lenço na cabeça em que não é possível ver os cabelos *rockstar*, um charuto na mão direita e acompanhado de seus pais, o produtor musical João Araújo e a modista Lucinha Araújo, que faz um sinal de “V” com as mãos, provavelmente indicando vida ou viva⁶². Fausto Neto (1991, p. 143), ainda pontua que a “Foto como se diz convencionalmente, ‘pousada’ reúne, pela primeira vez, Cazuza ao lado dos seus pais, evocando a associação de uma foto retirada/destinada ao álbum de família, para fins da posteridade.” Essa diferença também aparece dentro das reportagens, enquanto na revista do Grupo Abril o artista aparecia somente sozinho em seu apartamento, nas fotos de Ricardo, somente em uma apareceu sozinho, mas sorridente. Ao se comparar as duas capas lado a lado é possível compreender que o artista, ao menos semanticamente, saiu da “praça pública”, *Veja*, para o outro local, o núcleo familiar, *Manchete* (Fausto Neto, 1991).

O editorial, escrito por Roberto Muggiati (1989a, p. 3), do semanário da Bloch, também faz referência ao cantor: “O transe de Cazuza é o transe de cada um de nós. A morte pode estar à nossa espera, na próxima esquina. Mas esta certeza não vai nos diminuir ou paralisar. A vida é luta, a vida é alegria, e está aí para ser vivida intensamente, a cada segundo. E esta é a mensagem do artista.”

A introdução da reportagem começa colocando que além de “*Enfrentar a AIDS com garra* — compondo, circulando e gravando disco até deitado — não tem sido a única *trincheira nesta guerrilha* do cantor Cazuza pela vida.” (Gaio; Varejão, 1989, p. 4, grifo nosso). Embora houvesse no texto um reforço de metáfora militares em relação à doença, nessa matéria o artista não foi colocado com a morte certa, ou que estava “agonizando”, mas sim que estava “lutando pela vida” (Gaio; Varejão, 1989).

⁶² Logo após a morte de seu único filho, Lucinha fundou a *Sociedade Viva Cazuza*, em 1990, ONG que atuava no auxílio às pessoas soropositivas.

Após a publicação da edição da *Veja*, quando Cazuzza se deparou com o resultado acabou sendo internado às pressas, com pulso e pressão quase a zero. A comunidade artística como um todo reagiu a matéria produzindo o manifesto *Brasil, mostra tua cara!*, lido pela atriz Marília Pêra (1943-2015) após entregar um Prêmio Sharp⁶³ ao cantor, criticando o que a *Veja* havia feito e enaltecendo o trabalho do cantor (Gaio; Varejão, 1989).

Ana Gaio e Marilda Varejão (1989) colocam um aspecto que foi apontado já por Fausto Neto (1991), que é a questão de o olimpiano não ter direito a uma vida privada, em que até mesmo nos aspectos mais íntimos são colocados no debate público. Principalmente em relação a família do cantor, “Além de tudo, eles enfrentam o drama que é ver a doença do filho escancarada ao público.” (Gaio; Varejão, 1989, p. 7). Outra diferença entre as duas matérias, é que na *Veja* foi apontado que a mãe de Cazuzza se arrependia de não ter “segurado” mais o filho (Abreu; Porro, 1989), já na *Manchete*, ela admite que possa ter “errado” em algo na criação, mas que também acertou em outros aspectos, mas que sempre buscou o melhor para Cazuzza e a única coisa que ela se arrependia era de ter colocado ele em um colégio “que não tinha nada ver com ele” (Gaio; Varejão, 1989, p. 8). É interessante notar como essa noção da educação do cantor, em ambas as revistas, são direcionadas somente a mãe do roqueiro.

Cazuzza afirmava: “Não estou agonizando. Pelo contrário, estou muito vivo.” (Gaio; Varejão, 1989, p. 9). E ele demonstrava isso, segundo a matéria, no seu próprio trabalho, chegando até a gravar o seu último disco deitado. E novamente apareceu o sentido de que uma pessoa famosa revelar a sua soropositividade ajudaria a trazer mais debate sobre a epidemia, mas dessa vez, nas palavras do próprio soropositivo, onde este se nega a morte social que tentaram-lhe colocar:

Eu falo que estou com AIDS porque quero mostrar pra essas pessoas que não devem se desesperar. Eu tenho AIDS e continuo trabalhando, produzindo, compondo. É claro que tenho os meus momentos de depressão, mas logo dou a volta por cima e me vêm momentos de extremo otimismo. Sou otimista. É preciso ser assim para viver, estar vivo. E eu estou. Qualquer pessoa pode morrer amanhã. Basta estar vivo. (Gaio; Varejão, 1989, p. 9).

E é justamente por esse aspecto, ou melhor dizendo, por negarem essa vitalidade do cantor que este se desestabilizou.

O que mais me aborreceu naquela matéria foi eles declararem a minha morte e negarem meu trabalho. Quando te chamam para fazer a matéria de capa de uma revista, todo mundo supõe que é para falar bem. Eles me perguntaram toda a minha vida e disseram que a reportagem era sobre o Mito Cazuzza, que as pessoas tinham

⁶³ Atualmente intitulado Prêmio da Música Brasileira, é um dos principais honorários da música nacional e no ano de 1989 Cazuzza ganhou três prêmios por Melhor Música Pop/Rock com *Brasil*, Melhor Disco Pop/Rock e o especial Melhor Música do Ano.

curiosidade a meu respeito, essas coisas. Mas me botaram na capa pra dizer que eu sou medíocre. Estou colocando toda a minha força, minha energia, no meu trabalho, na minha obra. Acabei de gravar um álbum duplo, deitado num sofá dentro do estúdio. Tenho força para isso: compor, cantar, amar. Infelizmente, não tenho forças para ir lá e dar um soco na cara do desgraçado que fez isso comigo. Mas meu pai vai fazer isso por mim. (Gaio; Varejão, 1989, p. 9).

Cazuza termina a matéria agradecendo a revista, é evidente que o semanário deu palco a um depoimento importante do cantor. Contudo, não fez isso somente de forma altruísta do periódico, ou mais especificamente de Adolpho Bloch. *Veja e Manchete* eram as principais semanais do país, disputavam o mesmo público leitor, o cantor e sua família travaram uma batalha entre eles e o impresso do Grupo Abril, abrir espaço para o roqueiro e seus familiares colocarem seu ponto de vista, era uma forma da Bloch marcar seu posicionamento e também garantir vendas.

Um outro ponto percebido em relação a abordagem sobre a soropositividade de Cazuza e que foi observada por Patrícia Ceolin Nascimento (2002) em seu livro, *Jornalismo em revista no Brasil: um estudo das construções discursivas em veja e manchete*, é que o semanário da Bloch Editores era mais elogioso aos olímpianos do que a concorrente. “Nesse sentido, [na *Manchete*] podemos afirmar que as apresentações dos personagens se revestem, por vezes, de elementos heróicos e idolátricos” (Nascimento P., 2002, p. 176).

Cazuza e sua soropositividade foram abordados em outros momentos de 1989, principalmente nas matérias que falavam sobre a situação do ator Lauro Corona⁶⁴, que veio a falecer nesse mesmo ano em decorrência das complicações da infecção pelo HIV. A edição 1.949 de 26 de agosto também trouxe o cantor estampando a sua capa, mas o foco do número não era em relação à saúde do compositor, especificamente⁶⁵, mas sobre a produção do último álbum lançado até então, *Burguesia* (1989), e como o compositor tinha feito esse processo mesmo estando com a saúde debilitada. O interessante desta reportagem de Marilda Varejão é que em nenhum momento é citado a Aids, mas a todo instante foi comentado sobre a disposição, sintomas e aparência do olímpiano.

⁶⁴ O caso Corona foi abordado mais profundamente no item seguinte.

⁶⁵ Pelo foco principal da capa não ser sobre o diagnóstico do cantor, ela não foi considerada na Imagem 1, mas a matéria está presente no levantamento geral.

Imagem 20 – Capa da edição 1.949 de *Manchete*

Fonte: MANCHETE, edição 1.949, 26 ago. 1989/Acervo: BNDigital.

Exemplo disso são as seguintes frases: “*Fruto de uma batalha diária contra a morte – Cazuza muitas vezes chegou ao estúdio com febre de 39° e precisava cantar deitado num sofá –, Burguesia resultou em vida*”; “*Entre março e junho deste ano, nas mais precárias condições de saúde que se possa imaginar, Cazuza ia religiosamente aos estúdios da PolyGram, no Rio, onde ficava às vezes até 12 horas seguidas trabalhando*”; “*Entre tratamentos médicos, piores e melhores, Cazuza gravou a voz em 34 canções*”; e, “*interpretando as faixas de rock muitas vezes deitado, precisou do apoio vocal*” (Varejão, 1989, p. 110, grifo nosso).

Marilda também trouxe citações de pessoas que trabalharam com o cantor na produção do disco que corroboram sua adjetivação, como as falas do tecladista e produtor musical João Rebouças: “*Mesmo com febre ele fazia questão de vir ao estúdio e impunha um ritmo de trabalho que contagiava*” e “*Havia um acordo tácito de que tínhamos pouco tempo, mas agora a gente vê que não era bem assim.*” (Varejão, 1989, p. 110-111). Do supervisor de estúdios, Paulo Succar, “*Moldamos o trabalho às condições dele. Às vezes ele chegava no estúdio num estado que deprimia todo mundo. Mesmo assim, gravava com disposição e ia até quando dava.*” (Varejão, 1989, p. 111). Do amigo, Ezequiel Neves, “*Em dezembro Cazuza vai estar cantando de pé no Maracanãzinho, antes de sair pelas outras capitais brasileiras.*” (Varejão, 1989, p. 111). Da produtora do disco, Marcia Alvarez, “*Ele estava com 30 quilos, mas já ganhou mais oito, com um tratamento especial feito em São Paulo. O João Araújo acabou de*

alugar lá, uma casa grande, com jardim e piscina para o Caju pegar sol.” (Varejão, 1989, p. 111, grifo nosso).

No começo achei que não ia sair nada. Mas quando a gente achava que ele estava mal, Cazuzza dava a volta por cima. Teve uma época, no meio da gravação, que a voz dele foi ficando fraquinha e ele ficou três dias sem aparecer. Aí quando ele voltou, veio cheio de gás. Gravou dez músicas direto e com maior bom humor, disse: ‘Pronto, cheguei de novo aqui com o chicote pra acabar com essa vida manda!’ (Varejão, 1989, p. 110, grifo nosso).⁶⁶

Nessa matéria é possível verificar dois pontos que a *Manchete* desenvolvia em suas reportagens, um mais geral, acompanhando a imprensa como um todo, e outro mais característico seu, de como fazia a cobertura jornalística. O primeiro, em nenhum momento é citado a Aids, nominalmente, mas ela está presente em todo o texto, como um não dito. Isso ocorre através da *sintomologia* que Marida Varejão (1989) trouxe, traçando comentários sobre os sintomas, tratamentos médicos, disposição e aparência de Cazuzza, sem contar com a fala de pessoas próximas. Um outro aspecto que ajuda a entender que mesmo o texto não citando a síndrome e o público leitor conseguia compreender sobre qual enfermidade estava sendo falada e que subentendesse, como lembra Fausto Neto (1991), que esse mesmo público teve acesso a um certo nível de conhecimento sobre: 1. a doença de Cazuzza, que já havia sido abordada na revista anteriormente, bem como em outros meios midiáticos; e 2. quais eram os principais sintomas que as pessoas soropositivas tinham e, com a descrição da reportagem, tornava-se evidente sobre qual patologia estava se falando. Aqui também entram as imagens, sobretudo a da capa, e que por mais que a matéria tentasse abordar uma certa melhora do cantor, ele aparecia visivelmente mais abatido, mostrando um certo descompasso entre o discurso imagético e o escrito (Fausto Neto, 1991).

O segundo ponto trata-se da forma elogiosa que o texto aborda não só o trabalho de Cazuzza, mas como ele mesmo. A reportagem em nenhum momento traçou críticas contundentes ao álbum e a todo momento evidenciava o esforço do cantor na produção do mesmo. Além de, mesmo apontando como a saúde do compositor andava fragilizada, era extremamente esperançosa sobre o futuro do cantor. Porém, o cantor, abordando a questão da Aids, voltou a ser capa da *Manchete* na edição 1.996, de 21 de julho de 1990, devido a sua morte pelo agravamento do seu quadro de saúde no dia 7 do mesmo mês.

⁶⁶ A reportagem não deixou claro quem proferiu essa sentença, por isso optou-se por citar a autora do texto.

Imagem 21 – Capa da *Manchete* sobre a morte de Cazuza

Fonte: MANCHETE, edição 1.996, 21 jul. 1990/Acervo: BNDigital.

A imagem que abre a edição é uma das fotos tiradas por Nilton Ricardo para a edição 1.934 em que o cantor aparece segurando um charuto com a mão direita, vestindo uma camisa branca e usando um lenço na cabeça enquanto olha diretamente para a câmera. Na chamada para a reportagem é evidenciado “o fim do martírio” de Cazuza, referindo-se a Aids, a soropositividade e a morte do roqueiro também foram abordadas no editorial escrito por Roberto Muggiati e que fazia referência às músicas do compositor.

Ele viveu – como diz uma de suas canções mais conhecidas – num *clip* sem nexos. E tudo, até a morte, fez parte do seu *show*. Cazuza pertence àquela geração dos desesperançados anos 80, que não viu outra saída senão afogar seus anseios nas letras de um *blues*. Não foi simplesmente um roqueiro. Cazuza soube fundir o espírito da velha MPB com o embalo da bossa, temperando sua música com generosas pitadas de *jazz* e *rock'n'roll*. Somou ao som sua veia particular de poeta: uma (*pop*)poesia direta e cortante, feita sem ilusões, para um tempo duro e impiedoso. Com sua franqueza, Cazuza extrapolou do público roqueiro típico (classe média Zona Sul) para uma plateia maior, unindo todas as classes e todas as idades. Fez o Brasil mostrar a sua cara e o país ficou grato a ele por isso – e não o esquecerá. (Muggiati, 1990, p. 7, grifo próprio).

A noção de “fim do martírio” é correspondida no título da matéria no interior da revista, *A PAZ DE CAZUZA o fim de um drama*, isso porque a noção de paz se contrapõe a de sofrimento, que a palavra martírio traz, e esse nirvana só foi possível ao cantor depois da morte. Porém, essa mesma noção de martírio pode ser aplicada a duas situações: As complicações e doenças oportunistas que a pessoa portadora do HIV sem tratamento, como era o caso à época, passava; ou também, o assédio que a mídia realizava cotidianamente em relação a sua vida e,

principalmente, a sua saúde. O que de fato ocorreu, pois, ao menos na *Manchete*, após o seu falecimento, Cazuzza foi citado poucas vezes no decorrer da década de 1990.

A noção de paz foi reafirmada pela escolha da imagem que abriu a reportagem. “Vestido de branco, Cazuzza comemora a vida nas águas de Iemanjá” (Varejão, 1990, p. 9), a foto captada por Frederico Mendes reflete bem a ideia de tranquilidade e data o início do auge da carreira solo do cantor, uma vez que o ensaio foi feito em 1985 para edição 1.755⁶⁷ da *Manchete*, um momento que o olímpiano não “sofria” com a Aids. Porém, Marilda Varejão, autora do texto, escreveu que “Quando o *mal* se agravou, o jeito foi *assumir*. E *lutar*. Com a *força e a bravura de um guerreiro*. Foi isso que ele fez, até o fim, no último sábado dia 7.” (Varejão, 1990, p. 9, grifo nosso).

Imagem 22 – Primeiras páginas da reportagem sobre a morte de Cazuzza.



Fonte: MANCHETE, edição 1.996, 21 jul. 1990/Acervo: BNDigital.

Novamente vemos a reiteração das metáforas militares com a utilização de palavras: “mal”, “lutar”, “bravura” e “guerreiro”; o mesmo ocorre mais à frente na matéria quando diz que “Muita água rolou até que ele perdesse a *batalha* contra esta *inimiga* que *não perdoa ninguém*” (Varejão, 1990, p. 12, grifo nosso). Além da questão da palavra assumir, como se Cazuzza estivesse escondendo algo, o que de fato estava, porém tratava-se de sua privacidade, e como se o cantor tivesse alguma obrigação em falar sobre a sua soropositividade. Isso é reiterado no texto, quando pontuado que ele “só admitiu” para o público após ter estado no programa de Marília Gabriela (Varejão, 1990). É interessante notar que esse processo de “assumir”, “admitir”, doenças é cobrado de olímpianos em casos de enfermidades graves, raras,

⁶⁷ Porém, importante lembrar que, essa foi a primeira vez na *Manchete* em que foi comentado sobre uma possível soropositividade do cantor, como supracitado. Inclusive a imagem que abre a reportagem é do mesmo ensaio dessa edição.

ou estigmatizantes, como os casos de câncer e da própria Aids, o mesmo não ocorre com doenças como hipertensão e diabetes.

Isso de certa forma se relaciona com o que Liliane Calado (2012) pontuou, no caso da autora em relação ao discurso jornalístico sobre a ciência, mas que aqui cabe, de certa forma, aos olímpianos, em que a imprensa, muitas vezes, utiliza-se de sensacionalismo, sobretudo, abordando assuntos “bizarros”, “estranhos” e “incomuns”. E sendo a epidemia de Aids predominantemente transmissível sexualmente, sem falar dos casos em UDI, afetando, em seu início, populações já estigmatizadas (Sontag, 1989), era um chamariz para abordagem da imprensa, ainda mais quando se tratava da vida de famosos, que por si mesmos já chamavam a atenção dos leitores.

Outro ponto importante da reportagem foi quando Marilda Varejão trouxe uma fala do cantor sobre a sua sexualidade e a relação com “grupos de risco”:

Cazuza nunca escondeu suas preferências sexuais: ‘Eu sempre fiz parte do grupo de risco. Nunca escondi que sou bissexual.

A AIDS não é uma epidemia e ninguém pode deixar de se encontrar e de se amar por causa dela. Ninguém pode ter medo por isso: vamos usar camisinhas!’, pregava ele. Por isso mesmo teve vida sexual ativa enquanto foi possível, uma vez que achava que estavam usando a AIDS para justificar um movimento conservador, querendo através dela dar um retrocesso em tudo que se conquistou com a revolução sexual. (Varejão, 1990, p. 12).

A autora ainda traz uma fala do próprio cantor que reflete sobre esse assédio que a mídia realizava em sua vida: “Comi o pão que o diabo amassou. Não dá para repórter chegar e me perguntar: ‘Como vai a sua AIDS?!’ Não posso dar satisfação sobre o que está acontecendo com meu corpo. Isso é assunto meu e do meu médico.” (Varejão, 1990, p. 13). Porém, mesmo assim, o texto ainda especula sobre os tratamentos que o roqueiro fez, principalmente após o AZT não surtir mais efeito. Aqui, percebesse, mais uma vez, como a imprensa se utiliza de todos os aspectos da vida dos olímpianos, chegando ao ponto de o cantor exemplificar o assédio da mídia e delimitar até onde poderia ir esse escrutínio.

Além da reportagem de capa, a edição 1.996 contou com outros três textos sobre a morte do compositor: *Cazuza por Cazuza*, em que trouxe frases do cantor, organizadas por Marilda Varejão, sobre vários aspectos da sua vida. Um pequeno texto de Ana Gaio, *Cazuza em Close: uma palavra amiga*, que relata como começou a amizade entre o cantor e repórter, segundo a jornalista foi motivada pela confiança que o olímpiano criou com ela: “você é a única pessoa que escreve exatamente o que eu digo.” (Gaio, 1990, p. 12). O texto narra justamente essa relação, Ana chegou acompanhar como repórter a série de *shows* que o *star* fez no Nordeste

em 1989⁶⁸, e como ela foi percebendo os efeitos da Aids na vida de seu amigo, porém, em nenhum momento chega a citar o nome da síndrome: “Cazuza já estava dominado pela doença, tomava AZT na presença de todos, fazia questão de escandalizar pra mostrar que estava vivo.”; “Caju se agarrava à vida com unhas e dentes, e eu já tinha me acostumado à idéia de que ele iria viver pra sempre.”; e “Totalmente dominado pela doença, mais magro do que nunca, meu amigo Cazuza fazia um esforço terrível pra falar comigo e o que saía de sua boca era apenas um sussurro” (Gaio, 1990, p. 12). Um ponto realmente importante é que na matéria de Ana Gaio no início de 1989 em nenhuma parte do texto ela revelou o que foi pontuado nesse momento, como o cantor fazia o uso da medicação, e nem havia tantos comentários sobre a aparência do artista, revelando, assim, que realmente a jornalista publicava aquilo que seu amigo autorizava, mantendo o vínculo de confiança entre repórter e fonte.

Já o terceiro texto foi um artigo de opinião escrito por Carlos Heitor Cony e intitulado como *Azetica* – mistura entre AZT, medicação que foi utilizada pelo cantor para controlar o HIV, e *Adocica*, música de Beto Barbosa lançada em 1988, e pelo que dá a entender foi a música que o autor ouvia tocar em uma rádio antes de ser dado a notícia da morte do roqueiro. Cony (1990) começou pontuando sobre a aparência física de Cazuza, “Trinta e dois anos, trinta e oito quilos” e “Cobriam o seu corpo – magro e escurecido pelo AZT – com mosenhores brancos e fofos, flor detestável, mortalha de mau gosto para o rito convencional, último ato de uma vida que agrediu convenções, última estrofe de um poeta que andou na contramão.” (Cony, 1990, p. 15).

Além de relacionar no texto algumas letras de músicas do cantor, como fez Muggiati no editorial, um ponto que chama a atenção no texto de Cony é a relação que ele estabelece entre Cazuza e Santo Agostinho. De acordo com que escreve o autor, “Agostinho de Cartago que até os trinta e dois anos foi como ele.” (Cony, 1990, p. 15). O que o autor quer dizer em “como ele” é que Agostinho de Hipona, em sua adolescência, viveu de forma “desregrada” e isso ocorreu antes de sua conversão ao cristianismo. E essa é a principal diferença que o autor demarca entre as duas figuras, a conversão. Dando a entender que por essas escolhas Cazuza pôs sua vida em risco, ao contrário do santo (Cony, 1990).

A morte de Cazuza também gerou duas cartas dos leitores, com isso, ele foi o famoso que mais foi abordado na seção na *Manchete*, ao menos em se tratando de sua soropositividade. O interessante dessas missivas foi que elas guardam discordâncias entre si, a primeira foi Glauce Pacheco (1990, p. 67) de Belém (PA):

⁶⁸ Ver: MANCHETE, edição: 1.920, 4 fev. 1989.

Com a morte de Cazuzza encerrou-se um admirável ciclo de reportagens de MANCHETE sobre o compositor genial da MPB, vitimado pela AIDS. Foram diversas matérias enquanto ele padecia da doença e a reportagem final após sua morte. A palavra amiga redigida pela jornalista e amiga Ana Gaio, nesta edição, foi comovente. Exageros à parte, não há como negar que Cazuzza foi um cometa que passou em nossas vidas.

Já a carta de Maria Ramos (1990, p. 67) de Salvador pontuava que “Não há dúvida que Cazuzza foi um gênio musical, verdadeiro poeta maior de nossa MPB. Mas discordo da idolatria excessiva que fizeram em torno dele.” Mesmo que a discordância entre as duas leitoras seja mínima, é interessante notar como a *Manchete* utilizava dessas pequenas diferenças para poder passar uma imagem que mesmo na sua seção de cartas dos leitores apresentava diversidade de discursos.

A abordagem sobre a soropositividade de Cazuzza foi extensa, na *Manchete* a com maior destaque entre os olímpianos, e que nas páginas da revista foi possível acompanhar continuamente o desenvolvimento de seu estado clínico, até a sua morte. Fausto Neto (1991), afirmou que no momento que o cantor revela seu quadro sorológico, lá em 1989, inverteu a dinâmica do morrer contemporânea: afastado de todos e provavelmente isolado em alguma instituição hospitalar. Para o autor, o roqueiro recuperou um papel ativo que antigas “maneiras de morrer” possuíam, em que a pessoa se via cercada de amigos, agentes da saúde e religiosos, familiares e ia se despedindo aos poucos, “fazendo com que a morte se desse através de uma transição assegurada por um clima de presenças, sem rupturas e mistérios” (Fausto Neto, 1991, p. 122). O que ocorre de forma diferente com Lauro Corona.

2.3 Lauro Corona: “o papel mais difícil”⁶⁹

Em novembro de 1988 estreou na TV Globo a sua, até então, mais recente novela do horário das seis, *Vida Nova*. A trama, escrita por Benedito Ruy Barbosa, era ambientada no Rio de Janeiro pós-Era Vargas, foi marcada por ser a última contribuição de Benedito na emissora e, também, por ser o último trabalho do ator carioca, Lauro Corona, então com 31 anos. Essa telenovela foi a derradeira de Corona, pois este veio a falecer em 20 de julho de 1989 em decorrência das complicações da Aids.

Lauro Corona não foi o primeiro olímpiano brasileiro a morrer em decorrência da Aids, o caso de *Markito* que abre esse capítulo mostra isso, mas a sua trajetória soropositiva guarda dois pontos que o destacam: primeiro, trata-se da questão que sua soropositividade não foi

⁶⁹ Título da matéria sobre a possível soropositividade de Lauro (Lauro..., 1989, p. 106).

confirmada por ele, ou pela família, muito menos com a equipe médica, mas sim, aventada pela imprensa e amplamente discutida pela sociedade; segundo, por ser um ator de uma das novelas da principal emissora do país (Globo), Corona era muito mais conhecido e visto do que outros olímpicos soropositivos que faleceram, como Marcos Resende, por exemplo, ele “entrava” na casa dos brasileiros de segunda-feira a sábado durante meses. Portanto, a suposição que ele estivesse com Aids não era somente aventada pelos veículos de imprensa, como também era uma preocupação de telespectadores.

Contudo, a primeira reportagem da *Manchete* especulando pela suposta soropositividade de Lauro só ocorreu em 29 de julho de 1989, nove dias após a morte do ator, na edição 1.945 o qual estampava esse número da revista e a matéria, que não continha autoria, ainda se referia ao ator como vivo. A capa, como pode ser visualizada na Imagem 23, trazia uma foto de Corona, feita por Armando Borges, com uma aparência saudável e a chamada *O Drama de Lauro Corona*. Aqui repete-se o padrão comentado anteriormente, que a *Manchete* buscava, ao menos na imagem que abria suas edições, não trazer a figura dos olímpicos em estágio avançado da Aids.

Imagem 23 – Lauro Corona estampando a capa da edição 1.945 da *Manchete*



Fonte: MANCHETE, edição 1.945, 29 jul. 1989/Acervo: BNDigital.

A demora da *Manchete* ao abordar tanto os boatos sobre a sorologia de Lauro Corona, como também a sua morte não condiz com a sua linha editorial, vide que matérias sobre famosos era um dos seus carros-chefes sobretudo quando se tratava de Aids, Rock Hudson e Cazuzu, por exemplo. O que permite compreender esse atraso é a *Rede Manchete*, emissora de televisão

do grupo Bloch Editores que entrou no ar em 1983 (Nascimento G., 2020). Gonçalves e Muggiati (2008, p. 49) explicam que com o advento do canal de televisão, os outros empreendimentos da Bloch não ganhavam tanta atenção:

Além de ficar em segundo plano ao longo de pouco mais de dez anos, a editora viu suas revistas se transformarem, muitas vezes, em meros boletins de divulgação da emissora de televisão. Uma máxima do jornalismo sempre foi cobrir assuntos que davam ibope, ou seja, os bastidores das grandes produções e das grandes estrelas da Globo. De repente, “botar azeitona na empada do inimigo” passou a ser proibido nas revistas da Bloch. Raras exceções eram abertas para a *Amiga*, que vivia quase exclusivamente das fofocas globais. E mais, a Rede Globo passou a dificultar a ação dos profissionais da Bloch. Com esse desgaste todo, as revistas, inclusive a *Manchete*, começaram a sofrer progressivas quedas nas vendas, sem que a empresa fizesse qualquer investimento para virar o jogo.

Sendo assim, abordar a vida de um dos atores principais da novela de sua principal concorrente não era tão interessante, como a *Manchete* costumava fazer nas décadas anteriores e de alguma forma explica o silêncio que encontramos sobre o ator global nas páginas do semanário. E, inclusive na reportagem que aborda especificamente sobre o estado de saúde do olimpiano, não foi realizada uma entrevista com Lauro, diferentemente dos casos de Cazusa e Sandra Bréa, isso pode ser explicado, também, pela recusa de Corona e posteriormente sua família em ceder informações à imprensa. Fausto Neto (1991), em sua análise, pontuou que até julho, próximo a morte do ator, à revista *Amiga*, também da Bloch Editores, abordava o desenrolar do estado de saúde de Lauro de forma positiva e que isso só mudou quando o artista foi internado pela última vez. Isso ajuda a explicar o motivo da *Manchete* não ter trabalhado sobre essa questão antes, somente depois da morte do olimpiano.

O texto trazia o título, *Lauro Corona O papel mais difícil*, e uma frase acima: "Hospitalizado no Rio, o ator *luta* pela vida". Também em destaque a reportagem traz duas imagens, uma de Corona sem camisa na praia, reforçando a sua imagem de galã, e outra de Lauro com a atriz Deborah Evelyn caracterizados como seus personagens, Manuel Victor e Ruth, em *Vida Nova*, onde faziam um par romântico.

Imagem 24 – Primeiras páginas da matérias sobre a possível soropositividade de Lauro Corona



Fonte: MANCHETE, edição 1.945, 29 jul. 1989/Acervo: BNDigital.

Por mais que a revista buscasse não vincular imagens dos famosos em estágio avançado da infecção por HIV, é notável a diferença física, mais magro, entre a foto de Lauro que abre a edição e a imagem em que está caracterizado como o português Manuel Victor, seu personagem. Em relação a veiculação justamente da imagem de Corona junto com a atriz Deborah Evelyn, Fausto Neto (1991, p. 84-85)⁷⁰, comentou que se tratava de um “dispositivo de operação bastante complexo”, pois:

De um lado, como vimos, para testemunhar e dar prova de que no real ele está bem, desmentindo-se as versões vigentes. De outro lado, operando decorativamente. Mas esta imagem visa produzir uma ‘metáfora conceitual’ cuja compreensão estaria além daquilo que outras interpretações estariam dando conta. Se há algo implícito sobre a saúde de Corona, inclusive por não ser admitido por ninguém, no âmbito do circuito social, uma das maneiras de recusar as repercussões dos estigmas que sobre o ator são construídos, seja por terceiros, seja pela própria doença, trata-se de provar que ele não é ‘porta-à peste’. E nada melhor do que mostrar pelo contágio, pele a pele, rosto a rosto, conforme a capa da revista. Este dispositivo poderia ser definido como uma estratégia que reúne elementos anafóricos e deícticos, na medida em que as imagens tratam de dar conta, por elas próprias, de um conceito que desejam apresentar aqui e agora. E, ao mesmo tempo, se remeter para uma situação contextualmente que se situa além dos limites do texto.

A matéria começou relatando que os boatos sobre a suposta soropositividade do ator ganharam mais força após este ter sido internado na Clínica São Vicente, Rio de Janeiro, em 12 de julho de 1989. O texto revela que a clínica era “a mesma em que o cantor Cazuza costuma se internar” (Lauro..., 1989, p. 106). É interessante como a revista em nenhum momento afirmou com toda a certeza que Corona era soropositivo, mas deu indícios e argumentos que

⁷⁰ Fausto Neto (1991) em seu livro não chegou a trabalhar especificamente com essa edição da *Manchete*, porém ele analisou outro semanário, que também era da Bloch Editores, *Amiga*, e uma prática da editora era compartilhar entre suas publicações o material fotográfico, e uma das edições da revista *Amiga* veiculava exatamente essa imagem como capa.

corroboram com essa tese, sendo um deles a internação do ator no mesmo hospital que Cazuzza, pois o cantor já havia revelado sua sorologia no início do mesmo ano. Sendo assim, o jogo da *Manchete* era que os leitores fizessem a associação por si mesmos, sem se comprometer, pois se Lauro estava internado na mesma clínica em que se internava o roqueiro e este tinha o diagnóstico de Aids, logo, o ator também era soropositivo – *sintomologia*.

Segundo a reportagem, a boataria sobre a sorologia de Corona começou quando o ator foi afastado no início do ano das gravações da novela, mesmo época que Cazuzza revelou ser soropositivo, por dois meses. A motivação oficial foi que Lauro estava com estafa aliada a uma alergia, mas a Imprensa, como um todo, começou a apontar que possivelmente ele estaria com Aids. A revista reproduziu a declaração que o global deu à época do afastamento:

Não sou só eu que estou com estafa: o Brasil está estafado com a morte de Chico Mendes, com a tragédia do Bateu Mouche no primeiro dia do ano, com o viaduto da Barra caindo, com o Plano Verão, com a instabilidade, com a falta de segurança. Quais são os planos de quem inventou o Plano Verão? Eu sofro com isso, com a falta de respeito no trânsito na hora de voltar pra casa, mas não posso fazer nada. Fiz uma rápida pesquisa entre os atores e há mais gente que sente enjoão por causa do cheiro do removedor. Descobri que estava com estafa, primeiro por já conhecer os sintomas, depois pela dificuldade que sentia em memorizar o texto. O Manoel Victor me exige demais, um grande cansaço mental, além de um torpor, ou melhor, uma sensação desagradável. *Pedi dez dias de descanso, que viraram dez dias de entrevistas. Se todo mundo agüentava e eu não, o que era? Cansaço. Então resolvi dar um tempo.* (Lauro..., 1989, p. 106, grifo nosso).

Um ponto importante de ressaltar é que nessa declaração, Lauro, não menciona nenhuma vez a Aids. Outra questão, sobretudo, nessa última frase fica evidente que o ator não aguentava mais a pressão da imprensa em cima de sua pessoa, uma vez que dá a entender que até no momento que ele se retirou para descansar virou uma série de entrevistas. Neste sentido, retornamos a Fausto Neto (1991, p. 42), em que este pontua que na contemporaneidade os “filtros” que, por exemplo, a família de pessoas famosas passavam sobre a vida desses olímpicos e que tinha como objetivo a privacidade, conforto ou os limites dessas pessoas foi substituído por novos “rituais”, que objetivam espetacularizar esses sujeitos “pela força do drama e da tragédia”.

Um ponto importante de análise é perceber que reiteradamente a revista fez comparações entre Lauro Corona e Cazuzza. Os dois, desde que foram alçados ao estrelato, sempre guardaram semelhanças físicas e com o desenvolvimento da síndrome as semelhanças se mantiveram para além da aparência, neste momento, também com os sintomas. Além da citação que faz referência a Corona ter sido internado na mesma clínica que o cantor, havia outras como quando a reportagem cita a descrição de Lauro sobre a sua vida íntima “*Poucas são as pessoas que têm a força e a coragem de Cazuzza*” (Lauro..., 1989, p. 108, grifo nosso),

ou na legenda da foto (Imagem 25) que a revista trouxe do ator acompanhado de seus colegas de profissão, Diogo Vilela e Déborah Bloch, e o até então vocalista do *Barão Vermelho*, “Cazuza, que assumiu a AIDS, diz que Lauro, um galã, não a assumiria nunca” (Lauro..., 1989, p. 108), ou ainda quando a reportagem fala explicitamente da semelhança de ambos:

Porque quando Lauro surgiu no vídeo no dia primeiro de abril, muitos quilos mais magro e com uma visível queda de cabelos, as comparações com Cazuza foram inevitáveis. O cantor acabara de assumir que estava com AIDS e a semelhança física que sempre existiu entre os dois, naquele momento se tornou *enorme*. (Lauro..., 1989, p. 106, grifo próprio).

Imagem 25 – Fotografia com Diogo Vilela, Lauro Corona, Cazuza e Déborah Bloch



Fonte: MANCHETE, edição 1.945, 29 jul. 1989/Acervo: BNDigital.

Até a escolha da imagem que a *Manchete* trouxe corrobora com a argumentação da semelhança dos dois homens. A revista poderia ter veiculado qualquer outra imagem de Lauro com outros famosos, como com Glória Pires que a matéria revelava ter sido uma grande amiga do ator, mas a escolha foi justamente uma foto com o cantor. O próprio Cazuza chegou a comentar sobre Lauro na entrevista que deu para *Veja*:

Ele [Lauro Corona] deve estar com Aids, sim. Quem tem Aids fica com o cabelo ralo no lado da cabeça. É um dos sinais mais claros. Mas ele vai esconder a doença até morrer, vai fazer igualzinho o Rock Hudson. Ele é muito galãzinho, muito vaidoso. Deus queira que ele não tenha Aids. Mas, de repente, ele vive sendo internado, não sei. (Abreu; Porro, 1989, p. 85).

Porém, quando a reportagem cita que não eram todas as pessoas que teriam a “força e a coragem de Cazuza” (Lauro..., 1989, p. 108), esqueceu de comentar que o cantor só revelou a sua sorologia após muita especulação da imprensa, como abordado no item anterior. Outro exemplo, é quando no texto aparece que “Apesar de o ator não assumir a doença, *todos*

passaram a dar como certo o diagnóstico de AIDS” (Lauro..., 1989, p. 108, grifo nosso), — esse todos é abrangente e inclui a imprensa, mas ao mesmo tempo impessoaliza, pois não cita alguém em específico — e acima dessa frase, em destaque, “Lauro Corona sempre se recusou a admitir que contraiu AIDS” (Lauro..., 1989, p. 108). Um tipo de metáfora que não foi trabalhada por Sontag (1989), mas sim por Fausto Neto (1991, p. 83), permite-nos entender essa ligação Cazuza-Corona, algo que o autor definiu como metáforas associativas: “Nelas, uma certa chave de compreensão e de acesso à inteligibilidade do caso Corona pode ser proporcionada pelo papel que podem desempenhar as imagens de Cazuza no sentido de assegurar um nível de co-determinação com Corona, através de processo associativo.” O autor, ainda pontua que há casos que chegaram a diagnosticar o ator pelas semelhanças com o cantor, o que ocorre na *Manchete*, de forma sutil na escrita e mais explícita na veiculação de imagens.

A matéria afirma que o que teria deixado evidente que o ator estava com Aids foi pelo final da novela. Após a volta de Lauro do hiato de dois meses, o folhetim teria sido encurtado em vinte capítulos e o próprio Corona havia saído da telenovela 14 episódios antes do fim, e também havia relatos do público, que mesmo com a volta do personagem Manoel Victor e descoberta que Ruth (Deborah Evelyn) estava grávida, o par romântico jamais se beijava (Lauro..., 1989). Nesse ponto é citado uma fala do autor da novela, Benedito Ruy Barbosa, em que este sai em “defesa” do ator.

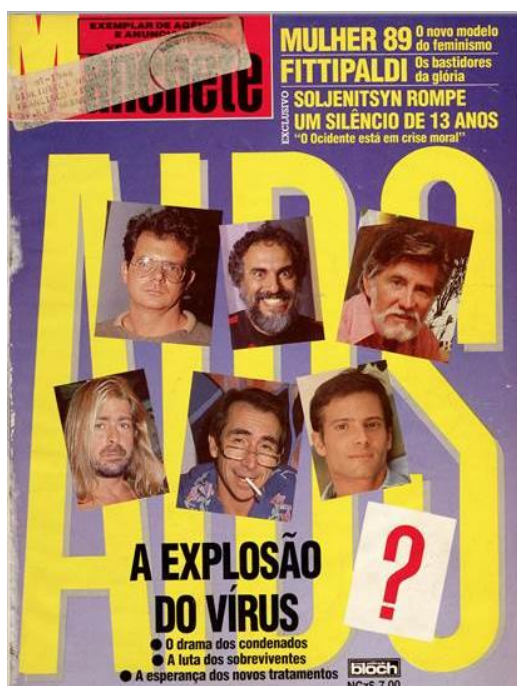
O corte de 20 capítulos na trama foi uma iniciativa da Globo. [...] Nada tem a ver com a doença de Lauro. Ele tem sido de um profissionalismo incrível. Desde que voltou a gravar está a minha disposição para quantas cenas forem necessárias. Sua ida para Israel já estava prevista desde o início da novela, tanto que Manoel Victor sempre fez questão de frisar que largaria tudo para viver com Ruth. O que estão fazendo com esse rapaz é uma coisa desumana. Lauro é uma pessoa incrível, dedicada, sensível e tem feito um trabalho fantástico nessa novela. A colônia portuguesa está apaixonada por ele. Isso é coisa de quem tem a mente doentia. Ele e Ruth se beijam como o Bruno e a Bianca se beijam, e todos os outros casais da novela se beijam. (Lauro..., 1989, p. 108).

A matéria termina retomando a declaração de Cazuza para *Veja* sobre Corona e que além da sua vaidade, outro impeditivo de revelar sua soropositividade seria pelo medo do estigma pois, “Afinal, o ator sempre conviveu com o rótulo de galã, e a síndrome da imunodeficiência adquirida ainda é vista por muitos como uma doença de homossexuais.” (Lauro..., 1989, p. 108). O texto ainda revelou que Lauro era muito reservado sobre sua vida íntima e sendo “Assim, ceder às pressões desumanas que todos fazem para que no Brasil, artistas famosos portadores de AIDS assumam a doença, vai ser difícil para ele.” (Lauro..., 1989, p. 108). E mais uma vez o texto não revelou que um dos principais agentes responsáveis

por essa pressão era justamente a Imprensa, outro ponto, é que mesmo afirmando a soropositividade de Corona, ela é dada como certa, “vai ser difícil para ele”.

Lauro Corona voltou a aparecer na *Manchete* na edição seguinte, 1.946, de 5 de agosto de 1989. Esse número da revista também teve como capa famosos soropositivos, o ator aparece dentre eles, mas o diferencial nessa é que são todos olímpicos que vieram falecer em decorrência das complicações da Aids. A capa da edição, Imagem 26, conta com a palavra Aids escrita em amarelo e em letras garrafais, sobre ela as imagens de seis personalidades: o pintor Jorge Guinle Filho (1947-1987), o cartunista Henfil (1944-1988); o cenógrafo e militante LGBT Darcy Penteadado (1926-1987); o estilista Simon Azulay (1950-1988); o jornalista Daniel Más (1944-1989); e por último, Lauro. É interessante notar que ela traz também um campo em branco com um ponto de interrogação vermelho no centro, dando a atender a pergunta: quem será o próximo a morrer? Além das metáforas militares que aparecem tanto no título, “*explosão do vírus*”, como nos tópicos que foram tratados na reportagem: “O drama dos *condenados*” e “A luta dos *sobreviventes*”.

Imagem 26 – Capa da edição 1.946 da *Manchete*



Fonte: MANCHETE, edição 1.946, 5 ago. 1989/Acervo: BNDigital.

Diferente do número anterior da *Manchete*, nesse, Roberto Muggiati, editor da revista à época, escreveu no editorial, que abria todas as edições do semanário, exclusivamente sobre a questão da Aids. O editorial é um espaço importante em um meio de comunicação, sobretudo de um impresso, pois este marca o posicionamento do grupo ao qual está vinculado sobre

determinado tema, sendo assim, na maioria das vezes não vem assinado e quando é assinado, normalmente é pelo seu editor-chefe, como era o caso do semanário da Bloch.

‘A AIDS é o modelo de catástrofe que todas as sociedades abastadas esperam que vá ocorrer’, escreve Susan Sontag em seu mais recente livro, *AIDS e suas metáforas*. Segundo ela, de todos os preconceitos e manipulações a que se presta a doença, existe um que nos afeta mais de perto, o fato de que ‘a AIDS é encarada como uma doença tropical: mais uma peste oriunda do chamado Terceiro Mundo...’ Metáforas à parte, as estatísticas são alarmantes, no Brasil e no resto do mundo. (Na Europa, segundo a Organização Mundial de Saúde, o número de aidéticos subiu 80% entre março do ano passado e março deste ano.) O drama dos doentes, a luta dos sobreviventes e a esperança de soluções para o futuro próximo (com relato da recente 5ª Conferência Internacional sobre AIDS em Montreal) estão na reportagem de abertura desta edição. *Parte da responsabilidade do pânico (e do escândalo) que cerca a AIDS tem sido atirada aos meios de comunicação*. Na verdade, em tudo isso — desde que a doença entrou espetacularmente na mídia no início dos anos 80 — *a imprensa se limitou a veicular um medo e uma curiosidade que pertenciam à própria opinião pública no combate à AIDS* — ou na luta pela minimização dos seus efeitos — *a informação é fundamental. Fique informado lendo MANCHETE e forme seu próprio julgamento* (Muggiati, 1989b, p. 5, grifo nosso).

Há alguns elementos importantes a serem discutidos já nesse pequeno texto. Primeiro é a citação à Susan Sontag (1989) pelo editor, mais especificamente do livro que a filósofa escreveu especificamente sobre a epidemia. A primeira citação que Muggiati (1989b) fez está localizada quase no final do ensaio da autora, em que ela não afirmava que a Aids era dessa forma, mas sim que síndrome foi vista assim por uma escolha: “Se a AIDS ocupa parte tão grande da nossa consciência, é por ter sido interpretada como foi: o modelo exato de todas as catástrofes que as populações privilegiadas julgam que as esperam” (Sontag, 1989, p. 99). A segunda citação parece até se contrapor ao que a primeira afirma, pois como uma doença que veio do “terceiro mundo” seria uma “catástrofe” que sociedades abastadas esperam? Porém, esse segundo trecho, no texto de Sontag (1989), está inserido em uma discussão maior, e que no editorial foi descontextualizada, da Aids encarada com a metáfora da peste. Para Sontag (1989) um dos elementos que determinam que uma enfermidade está sendo encarada como peste é justamente a noção de que ela vem de fora⁷¹, do estrangeiro, do outro, e no trecho da citação ela está tratando justamente disso:

Assim, seguindo-se à risca a visão clássica da peste, julga-se que a AIDS surgiu no “continente negro”, espalhou-se para o Haiti, depois para os Estados Unidos, depois para Europa, depois... A AIDS é encarada como uma doença tropical: mais uma peste oriunda do chamado Terceiro Mundo — o qual afinal de contas, é o lugar onde vive a maior parte da população do mundo —, além de ser um flagelo dos *tristes tropiques*. Tem razão os africanos que assinalam a presença de estereótipos racistas em boa parte das especulações a respeito da origem geográfica da AIDS. (Como também têm razão quando afirmam que apresentar a África como berço da AIDS certamente alimenta os

⁷¹ É importante também lembrar que na época em que Susan escreveu esse ensaio os cientistas já afirmavam que a origem do HIV era da África.

preconceitos contra os africanos, na Europa e na Ásia.) A ligação subliminar com idéias referentes a um passado primitivo e as muitas hipóteses que supõem a doença tendo se originado em animais e passado para seres humanos (uma doença dos macacos? peste suína africana?) desencadeiam inevitavelmente uma série de estereótipos bem conhecidos, que associam os negros a idéias de animalidade e licenciosidade sexual. No Zaire e em outros países da África Central onde a AIDS está matando dezenas de milhares de pessoas, a reação já teve início. Muitos médicos, professores, jornalistas, funcionários do governo e outras pessoas instruídas acreditam que o vírus foi enviado para a África pelos Estados Unidos, num ato de guerra bacteriológica (cujo objetivo seria diminuir a taxa de natalidade africana), mas se tornou incontrolável, de modo que o feitiço se voltou contra o feiticeiro. Segundo uma versão dessa teoria muito difundida na África, o vírus foi fabricado num laboratório da CIA e do exército americano em Maryland, de lá foi mandado à África e terminou reentrando em seu país de origem, trazido por missionários homossexuais americanos que estavam atuando na África, quando voltaram para Maryland. (Sontag, 1989, p. 61-62).

Como pode ser visto na citação acima, a autora critica essa visão, em que essa colocação da doença como peste e como algo que vem do outro gera estigma sobre estrangeiros e na própria pessoa que carrega o vírus. Por mais que o editorial fosse uma parte pequena e muitos leitores não prestavam atenção a essa parte do periódico, foi justamente por essa citação descontextualizada de Sontag que recebeu uma carta do leitor. Na edição 1.947 de 12 de agosto de 1989, o leitor paulista, Júlio Maria Rolemberg (1989, p. 83) escreveu a seguinte carta:

Acho engraçadíssimo — para não dizer revoltante — dizerem no países ricos que a AIDS é uma doença tropical, “mais uma peste do chamado Terceiro Mundo”, como cita Susan Sontag AIDS e suas Metáforas, na MANCHETE nº 1.496. Em certa ocasião, a imprensa noticiou que todo brasileiro, ao visitar os Estados Unidos, seria lá submetido a um exame especial, como se nós é que estivéssemos exportando a doença. Fico morrendo de raiva. Afinal, é lá que existe o maior número de aidéticos e foi lá que se descobriu a doença.

Fica evidente que simplesmente a utilização da citação como foi realizada pelo editorial levou a várias interpretações que não condiziam com o intuito original da autora, mas, ao mesmo tempo, a carta também funciona como um exemplo do que a autora quis dar. Para o autor a Aids é um problema dos EUA, uma vez que lá era o país com o maior número de soropositivos e onde a doença foi “descoberta”, sendo assim, seguindo a lógica do leitor, a síndrome era uma enfermidade do estrangeiro, não brasileira. Fica evidente o papel da própria imprensa em realizar desinformação, ou desencontro de informações, apresentando dados ou falas “verdadeiras”, mas descontextualizadas ou recortadas.

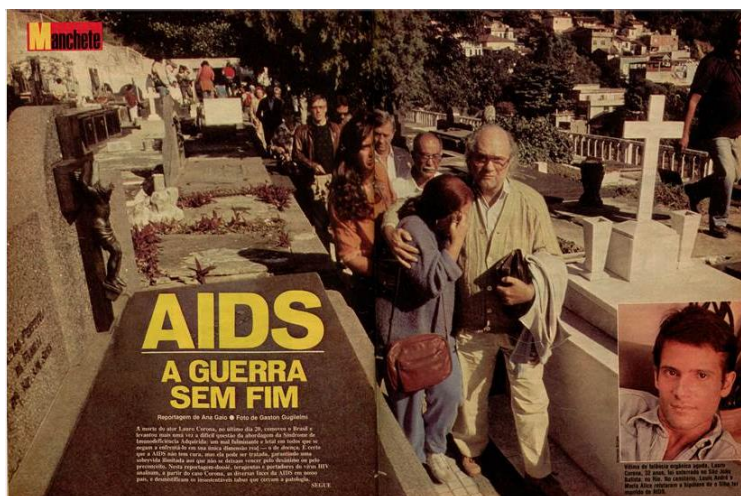
Outro ponto que encontramos no editorial é a defesa que Muggiati fez da imprensa, e por sua vez da *Manchete*, na cobertura sobre a epidemia de Aids. Roberto comentou que a síndrome “entrou espetacularmente” nos meios de comunicação, mas não lembra que a espetacularização ocorreu pela própria imprensa, como lembra Érica Lima (2021), a Aids foi a primeira “doença” mediatizada. O editor ainda coloca que uma das melhores formas de

prevenção da epidemia era através da informação e para o público se informar lendo a revista e dar a sua opinião. Dessa forma, na edição seguinte, o semanário trouxe uma outra carta do leitor que corrobora com a argumentação do editorial.

Não partilho do preconceito de que a imprensa é culpada do pânico da AIDS. A imprensa faz bem em informar, pois toda informação honesta só pode fazer bem. Gostaria apenas de lembrar que existem por aí muitas coisas matando mais que a AIDS. A fome, por exemplo. Essas coisas também deviam merecer espaço na mídia (Costa, A., 1989, p. 83).

A reportagem de Ana Gaio com fotos de Gaston Guglielmi foi intitulada como *AIDS A guerra sem fim*. A imagem que abre a matéria é justamente sobre o enterro de Lauro Corona. Na Imagem 27, pode-se ver os pais de Corona à frente do cortejo fúnebre, o pai olha direto para a câmera, mas a mãe esconde o rosto abraçada ao marido. A imagem também traz uma pequena legenda com uma foto de Lauro e a seguinte legenda: “Vítima de falência orgânica aguda, Lauro Corona, 32 anos, foi enterrado no São João Batista, no Rio. No cemitério, Louis André e Maria Alice refutaram a hipótese de o filho ter morrido de AIDS.” (Gaio, 1989a, p. 7).

Imagem 27 – Matéria sobre a epidemia de Aids e que trata sobre a morte de Lauro Corona

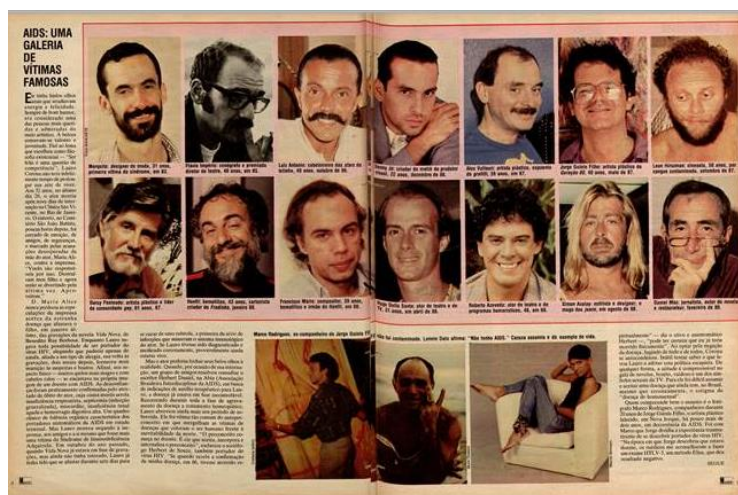


Fonte: MANCHETE, edição 1.946, 5 ago. 1989/Acervo: BNDigital.

No parágrafo/resumo que abria a reportagem, a jornalista comentou que a morte de Lauro colocou mais uma vez a Aids em destaque e que a partir do caso Corona, juntamente com terapeutas e soropositivos, seria analisada as diversas faces dessa epidemia (Gaio, 1989a). Com o subtítulo, *AIDS: uma galeria de vítimas famosas*, a matéria trazia uma espécie de mural com diversos nomes conhecidos da mídia que vieram a falecer devido às complicações da Aids. Além dos olímpicos que apareceram na capa há a presença de nomes como o estilista *Markito*; o diretor de teatro Flávio Império; o cabeleireiro Luiz Antônio; o produtor musical Denny Jô; o artista plástico Alex Vallauri; o cineasta Leon Hirszman; o compositor Francisco Mário; e, os

atores Hugo Della Santa e Roberto Azevedo. Logo abaixo aparecem fotos do fotógrafo Marco Rodrigues, companheiro de Jorge Guinle, seguido pelo coreógrafo Lennie Dale e Cazuzu, como um contraponto das personalidades que já haviam falecido (Gaio, 1989a).

Imagem 28 – Mural com famosos que faleceram devido às complicações do desenvolvimento da Aids



Fonte: MANCHETE, edição 1.946, 5 ago. 1989/Acervo: BNDigital.

O texto em si começou descrevendo Lauro Corona fisicamente e como pessoa, relata seu falecimento em julho de 1989. O texto como um todo não afirmava que o ator estava com Aids, mas relaciona a todo momento e a família de Corona continuava negando e inclusive culpabilizando a própria imprensa pela morte de Lauro: “Vocês são responsáveis por isso. Destruíram meu filho e agora estão se divertindo pela última vez. Aproveitem.” (Gaio, 1989a, p. 8). Ana Gaio (1989a) trouxe inclusive a causa *mortis* “falência orgânica aguda” e que isso definia que foi devido a síndrome:

As desconfiças foram *praticamente* confirmadas pelo atestado de óbito do ator, cuja causa mortis arrola insuficiência respiratória, septicemia (infecção generalizada), miocardite, insuficiência renal aguda e hemorragia digestiva alta. Um quadro clínico de falência orgânica característica dos portadores sintomáticos da AIDS em estado terminal. (Gaio, 1989a, p. 8, grifo nosso).

Neste ponto o texto iniciou-se a teorização sobre o porquê o ator teria recusado buscar tratamento para doença, sem ter a certeza que ele havia, ou não, procurado assistência médica: “Se Lauro tivesse sido diagnosticado e medicado corretamente, provavelmente ainda estaria vivo. Mas o ator preferiu fechar seus belos olhos à realidade.” (Gaio, 1989a, p. 8). E para corroborar com essa argumentação, foi pontuada a opinião de uma pessoa ligada a área da saúde:

A Dr^a Márcia Rachid, responsável pela 10^a Enfermaria do Hospital Gaffrée Guinle, atribui a reação de Lauro Corona, idêntica à da maioria dos pacientes HIV positivos

(ela não usa o termo *aidético* por considerá-lo extremamente preconceituoso e agressivo), à desinformação que ronda a moléstia. “O que se deve fazer é falar exaustivamente sobre a doença. Conhecendo-a bem.” — pondera a terapeuta — “descobre-se que ela não é a peste negra. Como a AIDS está intimamente vinculada à sexualidade, o paciente tem pavor de assumir que tem o vírus, e tende a se esconder. *O Lauro tinha chances de se tratar e não se tratou. Quando o doente não tem poder aquisitivo, a fuga é até compreensível, já que o tratamento é caro, os medicamentos são importados, mas ele... É inaceitável uma pessoa com as condições que ele tinha morrer tão rápido, abrir mão de um tratamento. A única explicação é o medo. As pessoas acham que, se não tomarem conhecimento da doença, ela não vai existir. Isso é uma ilusão!*” (Gaio, 1989a, p. 11, grifo nosso).

Foi através do discurso médico que a matéria sustentou que Lauro estava com Aids, até como uma forma de se blindar de acusações de difamação à imagem do ator, uma vez que o semanário estaria “somente” repassando a fala de uma pessoa ligada ao campo médico. Outra forma, indireta, de afirmar que Corona poderia ter buscado tratamento e não fez é com um *box*, escrito por Celso Arnaldo Araújo, intitulado *São Paulo - HOSPITAL ALBERT EINSTEIN: Quem pode mais vive mais*, que trazia informações de como era o tratamento de soropositivos no hospital paulista, porém, somente para quem tinha condições de arcar com as despesas (Araújo, 1989). Bem como a nota que relatava os avanços científicos da época, como o AZT e novas terapias, na 5ª Conferência Internacional sobre AIDS em Montreal, Canadá, *Aidéticos: a certeza de vida longa*, traduzida da revista *Time* (Thompson, 1989).

Outro ponto interessante é que Ana Gaio trouxe a história do fotógrafo Marco Rodrigues, que viu seu companheiro, Jorge Guinle Filho, morrer por causa das complicações da Aids e as mortes dos dois, Lauro e Jorge, foram comparadas. Para Marco, “Eles não puderam encarar a realidade porque ela era muito dura. E, conseqüentemente, abreviaram seus períodos de vida.” (Gaio, 1989a, p. 10). E essa é uma argumentação que foi reiterada inúmeras vezes dentro da reportagem, de que Corona deliberadamente encurtou a sua vida a não falar sobre a Aids: comparando novamente com Cazuzza, “A reflexão em torno do comportamento de Lauro deve servir como um sinal de alerta para pessoas soropositivas que relutam em aceitar que contraíram a doença. Não se deve esquecer do cantor Cazuzza, e sua coragem.” (Gaio, 1989a, p. 11). Ou ainda:

Recorrendo durante toda a fase de agravamento da doença a tratamento homeopático, *Lauro abreviou ainda mais seu período de sobrevivência. Ele foi vítima tão comum do autopreconceito em que mergulham as vítimas de doenças que colocam o ser humano frente à inevitabilidade da morte. ‘O preconceito começa no doente. É ele que aceita, incorpora e internaliza o preconceito’, esclarece o sociólogo Herbert de Souza, também portador do vírus HIV. ‘Se quando recebi a confirmação da minha doença, em 86, tivesse morrido espiritualmente’ — diz o ativo e assintomático Herbert —, ‘pode ter certeza que eu já teria morrido fisicamente’. Ao optar pela negação da doença, fugindo de tudo e de todos, Corona se autocondenou. Inútil tentar saber o que levou Lauro a adotar esta política escapista. De qualquer forma, a atitude é compreensível no galã de novelas, bonito, vaidoso e um dos símbolos sexuais da TV.*

Para ele foi difícil assumir e aceitar uma doença que ainda tem, no Brasil, mesmo que erroneamente, o estigma de 'doença de homossexual'.

[...]

O escritor Herbert Daniel considera um erro se entregar à morte antes do tempo, e garante: em sua luta pessoal, por enquanto é ele quem está ganhando. *No entanto, Daniel compreende a postura de Lauro. Assumir a doença é uma atitude muito difícil, que varia de indivíduo para indivíduo.* Mas, sem dúvida, assumir e aceitar a AIDS é muito importante para a sobrevivência de quem porta o vírus. Eu posso dizer isso com certeza. Desde que aceitei a AIDS, depois de ficar 45 dias internado com tuberculose e outras infecções diversas, e passei a enfrentá-la, estou muito melhor. Mas, repito. É uma situação difícil. *Eu não sei do que o Lauro morreu, pois ele não disse a doença que tinha. Antes de tudo, temos de lembrar que, nesse momento, existe uma família enlutada, sofrendo, e a sua dor merece respeito.* (Gaio, 1989a, p. 8-11, grifo nosso).

A jornalista utiliza-se de discurso de terceiros (médicos, ativistas, soropositivos, parentes de soropositivos, sociólogos) para fundamentar sua argumentação, mas também para se blindar de acusações. As semelhanças entre Lauro e Jorge não estariam somente no exposto acima, mas também na negação das famílias de ambos artistas, sobretudo as mães, em assumir que seus filhos haviam morrido em decorrência da Aids. O fotógrafo conta que quando os resultados dos exames de Jorge Guinle Júnior deram positivos para HIV eles decidiram que seria melhor o artista ir procurar tratamento em Nova Iorque, onde morava a mãe de Jorge, Dolores Sherwood. Contudo, o artista plástico acabou falecendo nos EUA e sua mãe jamais revelou a real causa *mortis* (Gaio, 1989a).

Próximo do fim da reportagem, Ana Gaio, fez uma relação interessante entre a caminhada trôpega das campanhas de combate a Aids do Ministério da Saúde até aquele momento, com o aumento de casos de HIV/Aids na população em geral e comparando com o aumento de casos de morte de famosos soropositivos:

A primeira campanha do Ministério da Saúde foi ao ar em dezembro de 85, quando o número de casos conhecidos já chegava a 604, com 438 mortes, dentre elas a do figurinista Markito, em 83, e a do cenógrafo Flávio Império, em 85. (Meses antes, a morte do ator americano Rock Hudson, vítima de AIDS, causara o maior estardalhaço e chamara a atenção para o caráter pandêmico da AIDS.) Num filme de um minuto de duração, o jogador Sócrates dava informações de como o brasileiro devia se precaver contra a doença. Na mesma época, Cazuza era internado com sua primeira pneumonia. De dezembro de 85 a fevereiro de 87, as autoridades sanitárias simplesmente ignoraram a existência da doença e nada foi feito para mudar o quadro epidemiológico que se agravava dia-a-dia. De janeiro a junho de 87 surgiram mais 770 casos de AIDS, com taxa de morbidez da ordem de 63,8%.

No segundo semestre, o quadro se tornou mais agudo: 1.164 pacientes com HIV davam entrada nos hospitais; 51,1% morreriam. A negligência a nível de informação respondeu pelo significativo aumento das estatísticas de infecção: em 87 surgiram mais casos de AIDS no Brasil do que durante o período de 80 a 86. As mortes do cabeleireiro Zé Antônio e do produtor de moda Denny Jô, em 86, e do artista plástico Jorge Guinle Filho, do cineasta Leon Hirszman, dos artistas plásticos Alex Valauri e Darcy Penteado, em 87, levaram o Ministério da Saúde a intensificar as campanhas de esclarecimento sobre o mal. Só naquele ano de 87, sete filmes informativos foram ao ar pelas telinhas nacionais. 88 foi um ano marcado pelas mortes do cartunista e de seu irmão, o compositor Chico Mário, ambos hemofílicos contaminados através de transfusões de sangue; do estilista Simon Azulay; dos atores Hugo Della Santa e

Roberto Azevedo. Os casos de vítimas fatais da doença alçaram 3.246. O Brasil se colocava entre os 3 países do mundo com maior número de infectados, só perdendo para os Estados Unidos e Uganda, e disputando o terceiro lugar, palmo a palmo, com a França. Os três filmes, que o Ministério da Saúde colocou na TV dando informações sobre os meios de prevenção e contágio da AIDS, não surtiram o efeito desejado. Tanto que, no final de 88, optou-se por uma mensagem mais contundente: um filme de um minuto de duração intitulado *Quadrilha*, inspirado no poema de Carlos Drummond de Andrade. “João amava Tereza que amava Marcos que amava Joaquim que amava... Fábio que morreu de AIDS. Não morra de amor.” A campanha provocou protesto de todas as associações de doentes de AIDS, que reclamaram da utilização de um poema que falava de amor para denunciar a cadeia de relações promíscuas. O governo provava que, definitivamente, não estava sabendo lidar com a AIDS. (Gaio, 1989a, p. 11-12).

Nesse sentido, a jornalista trouxe novamente a Dra. Márcia Rachid, em que esta afirmava que as campanhas para surtirem efeito, e não acontecer o que ocorreu com Corona, deviam ser produzidas por quem entendia sobre a dinâmica da epidemia, e não ficar focando, somente, na letalidade da Aids (Gaio, 1989a), visão que era compartilhada por ativistas da época, como Herbert Daniel (2018). A reportagem, em relação com a fala de médicos, também trouxe a falta de recursos nos hospitais brasileiros, como falta de vagas e pessoal capacitado, que também esbarrava no estigma, pois algumas vezes certos agentes da saúde não queriam trabalhar com pacientes soropositivos (Gaio, 1989a).

No de fato encerrar a reportagem, Ana Gaio (1989a, p.13), trouxe previsões sobre o desenrolar da epidemia até o ano 2000, “100 milhões de infectados em todo mundo”. Também relembrou a importância do uso de preservativos e aqui é um exemplo de como a imprensa pode ser veiculadora de informação e desinformação ao mesmo tempo, pois ao mesmo tempo que reforça o uso de camisinha, trouxe a fala da Igreja Católica, na voz do Cardeal D. Eugênio Salles, condenando o uso do objeto: “O preservativo não é cem por cento eficaz. Promovê-lo é incentivar o contato sexual promíscuo, principal fator de propagação da AIDS.” (Gaio, 1989a, p. 13). Contudo, abaixo dessa fala foi colocada a informação que devido ao uso de preservativos, nos EUA, o número de casos de Aids havia diminuído. A matéria também reflete sobre os casos em hemofílicos em que um controle maior sobre a qualidade do sangue se fazia necessário (Gaio, 1989a).

O final do texto também trouxe uma reflexão sobre uma queda do número de novos casos e mortes de Aids no Brasil em 1989 e que isso seria reflexo de uma maior conscientização da população, como lembra as considerações da Dra. Márcia Rachid e nas palavras da jornalista: “Não existe cura, mas o contágio pode ser evitado. E, quando a infecção já está instalada, não há por que desesperar. Não se pode travar com a AIDS [...] uma batalha contra a morte. A única resposta desejável e possível é a luta pela vida.” (Gaio, 1989a, p. 13).

Na cobertura sobre o caso Corona foi possível verificar que na medida que a revista não possuía informações pelo ator, ou de pessoas próximas a ele, utilizava-se de vários artifícios para pontuar a sua soropositividade, ao mesmo tempo em que não se comprometia inteiramente em afirmar essas suposições. As táticas da *Manchete* iam desde declarações médicas, como as da Dra. Rachid, descrição da aparência e sintomas de Lauro, vinculação de imagens (mais magro) para sustentar o argumento, como também as comparações entre Cazuzu e Lauro.

2.4 “O drama de Sandra Bréa”⁷²

No ano de 1993 a(s) manchete(s) volta(ram) a relacionar o nome de uma celebridade e a Aids, no entanto, dessa vez, havia algo de novo, uma mulher soropositiva. Em março daquele ano, a atriz carioca da Rede Globo de Televisão, Sandra Bréa, havia sido diagnosticada com HIV, o que levou a uma corrida entre os veículos de imprensa para quem primeiro conseguiria uma entrevista exclusiva com a atriz e a *Manchete* estava no páreo. José Esmeraldo Gonçalves (2008), comentou como ocorreram as negociações, que aconteceram diretamente entre Adolpho Bloch e Sandra, para a realização da entrevista.

Sandra Bréa acabava de anunciar que era portadora do vírus HIV. A imprensa inteira queria da atriz uma entrevista exclusiva. Pela *Manchete*, a repórter Behula Spencer se esforçava para obter o privilégio e levar Sandra para entrevista e fotos de capa no estúdio da Bloch. Era um drama que surpreendia e comovia o país. Sandra quis conversar com Adolpho, que me chamou para participar da negociação. Foi uma reunião delicada. Sandra, apesar de demonstrar fortaleza e determinação, estava naturalmente abalada. Daria uma grande entrevista, achava que sua coragem serviria de exemplo para outras pessoas em situação semelhante, mas gostaria de fazer uma campanha para ajudar vítimas da Aids e chamar a atenção da população para prevenção da doença. Sandra alegava que tinha plano de saúde pago pela TV Globo, ‘e quanto aos doentes sem recursos?’, indagava. De fato, na época, eram raras as iniciativas públicas ou privadas sobre o problema. Foi então que Adolpho interrompeu a negociação e pôs a revista à disposição da atriz para ajudá-la no alerta, ofereceu-lhe a gráfica para impressão de quantos cartazes quisesse e se dispôs a apoiá-la na divulgação de uma campanha a fim de levantar recursos para tratamento de vítimas do vírus. Sandra Bréa topou a exclusiva, foi capa da *Manchete*. Enquanto pôde, a atriz recebeu das revistas da Bloch ampla cobertura em visitas a hospitais e teve espaço para fazer o alerta que achava necessário levar à população (Gonçalves J., 2008, p. 125-126).

A exclusiva de fato ocorreu, na edição 2.160 de 28 de agosto de 1993 a atriz estampou a capa da *Manchete*. Na fotografia capturada por Indalécio Wanderley, a global aparece em fundo vermelho sorridente, provavelmente sentada com as pernas cruzada em uma banqueta para a captura da foto, vestindo um terninho bege – atentar para o fato dela não estar vestindo uma camisa ou sutiã por baixo, evidenciando uma sensualidade da artista que era

⁷² Título da reportagem de capa sobre a soropositividade de Sandra (Spencer, 1993, p. 14).

constantemente mencionada em matérias sobre Sandra, como será possível ver mais adiante. Bréa faz o sinal de positivo com a mão, indicando que tudo estava bem e dessa forma retirando alguma possibilidade de associação da olimpiana estar mal com o resultado de seus exames. Logo abaixo aparece a chamada da capa, *AIDS SANDRA BRÉA A luta pela vida*.

Imagem 29 – Capa da edição 2.160 da *Manchete* sobre a soropositividade de Sandra Bréa



Fonte: MANCHETE, edição 2160, 28 ago. 1993/Acervo: BNDigital.

Esta não foi a primeira vez de Sandra na *Manchete*. Nascida na cidade do Rio de Janeiro em 1952, começou cedo na carreira de atriz, sobretudo no teatro, e fez sua primeira aparição no semanário em 1970, então com 18 anos. Desde então, fora constantemente mencionada no periódico. Porém, a edição de 2.160 também não foi a primeira em que a global apareceu nas páginas da revista em relação a uma enfermidade que estava portando, em 27 de setembro de 1986, edição 1.797, foi veiculada a informação que Bréa havia sido internada devido a uma pneumonia (Penna, 1986). Não é possível afirmar que a artista fosse portadora do HIV desde dessa época, contudo a pneumonia é uma das doenças oportunistas de casos avançados de infecção pelo vírus da Aids. Além disso, em outubro do mesmo ano o quadro de pneumonia da atriz é citado na pequena matéria, *A estranha doença do cabeleireiro*, que falava sobre o caso da doença no penteador José Antônio, que tempos depois, veio a falecer em decorrência de complicações da Aids (A Estranha..., 1986). Sobre o caso da soropositividade de Sandra, Roberto Muggiati (1993b, p. 5, grifo nosso) escreveu no editorial do número em análise:

A AIDS não é uma simples doença. *É também um fator de delação do comportamento social e/ou sexual. Rock Hudson, nos Estados Unidos; Cazuzza, no Brasil, foram estrelas que colocaram a AIDS nas manchetes sem que isso contribuísse, como se desejava, para o maior conhecimento do mal e para uma atitude objetiva diante dele.* Agora é a vez de Sandra Bréa, que corajosamente anuncia ser portadora do vírus e se coloca à frente de uma campanha para – mais do que tudo – esclarecer os efeitos da AIDS entre as mulheres. Acompanhada durante mais de três dias pela repórter Behula Spencer, Sandra abriu seu coração para MANCHETE. Não percam esta dramática lição de vida.

Neste pequeno trecho Muggiati (1993b) trouxe alguns elementos interessantes que ajudam a compreender como a *Manchete* foi construindo o seu discurso sobre a Aids. Primeiro, trata-se de evidenciar casos parecidos com o qual está trabalhando, a situação de Sandra é equiparada aos casos Rock Hudson e Cazuzza, que também foram capas da revista. A imprensa realiza essa operação como um meio de situar quem lê sobre a questão abordada por meio de outras situações, metáforas associativas, que os leitores já tenham tido contato antes, segundo Fausto Neto (1991, p. 43), “Também pode-se destacar o fato de que a economia enunciativa das revistas trabalha à base da estruturação de um contrato com o leitor, pressupondo, neste, a existência de ‘cultura’ implícita acerca do acontecimento.” Ou, como interdiscurso, já que uma enunciação dada não existe sozinha, sempre está em relação com outras (Orlandi, 2000). Dessa forma, a revista compara a todo momento os casos de olímpianos soropositivos, como forma de situar o leitor.

Outros dois pontos do editorial que merecem atenção são: primeiro, o texto, na forma que está escrita em um primeiro momento, que nos casos de Hudson e Cazuzza foram eles que colocaram o tema da Aids em destaque, sendo que a operação foi a imprensa que colocou a soropositividade (por ser um assunto em voga à época) deles em destaque. E o segundo, Muggiati (1993b) na segunda frase demonstra o estigma que a síndrome carregava ao relacionar que o diagnóstico da enfermidade revelava certos comportamentos sociais (UDI) e sexuais (cis-hétero divergentes) específicos.

A matéria em si, intitulada *AIDS O drama de Sandra Bréa*, abre com uma foto da atriz sentada em um jardim, vestindo o que se parece um casaco de pele e fumando um cigarro. Behula Spencer começa o seu texto narrando como a artista ficou sabendo sobre seu quadro sorológico, após uma bateria de exames para identificar as causas de uma infecção urinária. Depois do diagnóstico a atriz deu uma declaração à imprensa sobre como tinha contraído o vírus, transfusão de sangue após ter sofrido um acidente, mas que depois revelou não saber ao certo como e quando havia se tornado soropositiva (Spencer, 1993).

Imagem 30 – Primeiras páginas da matéria sobre a soropositividade de Sandra Bréa



Fonte: MANCHETE, edição 2.160, 28 ago. 1993/Acervo: BNDigital.

O debate sobre como uma pessoa, no caso a atriz, contraiu o HIV à época, e agora na análise, era importante, pois revelava quem era “inocente” ou “culpado” por ser soropositivo. As pessoas que contraíram o vírus pelo contato sexual, ou por drogas injetáveis, eram tidas como responsáveis pelo seu quadro clínico, uma vez que reproduziam comportamentos que iam em contramão à norma estabelecida como correta socialmente. Segundo Sontag (1989, p. 31-32), no contexto em questão:

A transmissão sexual desta doença, encarada pela maioria das pessoas como uma calamidade da qual a própria vítima é culpada, é mais censurada do que a de outras – particularmente porque a AIDS é vista como uma doença causada não apenas pelos excessos sexuais, mas também pela perversão sexual.

O mesmo julgamento ocorria com os UDI, uma vez que, segundo Sontag (1989, p. 31), eles estariam cometendo um “suicídio inadvertido”. Já os casos das pessoas que contraíram o vírus por transfusão sanguínea, ou pela via vertical, são encarados como “inocentes”, mas mesmo esses sofrem devido ao estigma construído em torno da Aids (Sontag, 1989). Sandra comenta sobre como possivelmente teria contraído o HIV na matéria após ter sido acusada por Lucinha Araújo, mãe de Cazuza, por contar uma história “nebulosa” sobre como tinha se tornado soropositiva e alguns veículos de imprensa a acusavam de usar a síndrome para se autopromover (Spencer, 1993). Sobre como ocorreu a infecção, a atriz comentou que:

A forma como eu contraí o vírus da AIDS não interessa, absolutamente. Pode ter sido de várias maneiras, inclusive através de relações sexuais com um portador desavisado, uma injeção ou uma transfusão de sangue, que é o mais provável. Sou apenas mais uma pessoa que, nos últimos 10 anos de história, não posso precisar com certeza quando adquiri o vírus. Se resolvi falar, foi para ajudar as pessoas, tirando o véu que encobre os portadores do HIV. Se soubesse que tinha tanta gente querendo ganhar

dinheiro fácil com matérias sensacionalistas, não teria aberto a minha boca... (Spencer, 1993, p. 16).

A questão sobre como ocorreu a infecção de Sandra permeou toda a edição, logo após a citação acima, Behula (1993) escreveu que entre o recebimento do diagnóstico e a revelação da soropositividade para o público, Bréa teve pouco tempo comparado a outros artistas, como Cazuza e Carlos Augusto Strazzer⁷³ (1946-1993). Em relação a esses famosos, Spencer pontua “que só assumiram publicamente a doença depois de muita pressão da imprensa e quando os sinais do mal não podiam mais ser escondidos.” (Spencer, 1993, p. 16). Neste trecho demonstra que os artistas só falavam sobre isso devido à especulação do público e, principalmente, da mídia.

O assédio da imprensa em cima da atriz foi tanto que além dela ser constantemente veiculada nos meios de comunicação nessa questão, o seu médico, Mário Maciel, também o foi. Sandra chegou, por intermédio de seu terapeuta, a publicizar o seu exame onde a identificava como portadora do HIV, inclusive na *Manchete* (Spencer, 1993). Situação semelhante viveu a também atriz Cláudia Raia, só que na situação inversa, fez um exame para comprovar que não estava com Aids e publicizou por meio de uma coletiva de imprensa. Sobre essa questão, da pressão da mídia, Bréa ainda pontuou: “Não quero mais saber de nada. Estou fora. Tudo o que queria era poder ajudar e estou sendo atacada. Somente O Globo, a MANCHETE e a Folha da Tarde me trataram com respeito. Põe isso aí. Quero agradecer às pessoas que me ouviram e me ajudaram.” (Spencer, 1993, p. 18). E continuou agradecendo, mas ao mesmo tempo apontando que não foi respeitada em seu processo de compreender o próprio diagnóstico:

Ao Dênis Carvalho, aos funcionários da TV Globo, que me telefonaram para elogiar minha atitude, e ao Vereza. Estou me sentindo muito mal com isso tudo. Eu tenho uma cardiopatia, e o meu médico, o doutor Walber, falou que não quer perder uma paciente aidética por problemas do coração. Você [Behula Spencer] e todos os repórteres a quem abri a minha casa, na quinta-feira, ouviram de mim só palavras elogiosas e de admiração pela Lucinha Araújo. E agora, ela vem me cobrar transparência igual à do filho dela. Eu posso ter contraído a AIDS de diversas maneiras. Não sei qual, e pronto. (Spencer, 1993, p. 18).

O texto comenta ainda que Sandra, apesar de tudo, não se deixou abater, “Papel de vítima, para ela, ‘Só se for para ganhar presente e depois rir dos otários que pensam que sou coitadinha’.” (Spencer, 1993, p. 17). Segundo Behula (1993), a atriz estava disposta a atuar no movimento em prol as pessoas soropositivas, inclusive, chegou a visitar o Retiro dos Artistas⁷⁴,

⁷³ Ator, cantor, produtor teatral e diretor de cinema, nascido em São Paulo.

⁷⁴ Entidade voltada para o auxílio de artistas que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

conversando com o relações públicas da entidade à época, Paulo de Souza, sobre a construção de um ambulatório para portadores do HIV no local (Spencer, 1993). Spencer chega a citar a conversa entre Bréa e Bloch mencionada por José Esmeraldo Gonçalves (2008) sobre fundos e apoio na campanha da atriz.

Próximo ao encerrar da matéria há uma citação de Sandra: “Põe aí: que os jovens tomem muito cuidado, que não deixem de usar camisinha, que não injetem porcarias no corpo. [...] *Quero celebrar a vida, não a morte*. Os carpideiros que pensam em deliciar-se com desgraças, não vão arranjar nada comigo...” (Spencer, 1993, p. 19, grifo nosso). Além do conselho que ela dá aos jovens, é interessante notar como a artista nega a morte social que é imposta a ela, e reclama a vida para si. A atitude da atriz contou com a carta de uma leitora, Luana M. Pinto (1993, p. 74) da cidade de São Paulo na edição 2161, parabenizando Bréa pela atitude de se manter feliz.

Assim como na matéria sobre a morte de Corona, nessa edição a *Manchete* veiculou no mesmo espaço da matéria sobre a atriz um box escrito por Celso Arnaldo Araújo, intitulado *Infectologista David Uip: “Mantenho a minha posição: Mulher não passa AIDS pelo sexo”*. Como o título já revela, o texto de Celso abordava a visão do médico, David Uip, sobre a questão da Aids em mulheres. O pequeno texto começou refletindo que o caso Sandra Bréa condizia com o contexto da epidemia à época: o aumento dos casos de infecção por HIV em mulheres. Para infectologista isso acontecia por causa de três fatores “1) A mulher está se drogando mais; 2) Está tendo relações bissexuais; 3) Relaciona-se com usuários de drogas injetáveis.” (Araújo, 1993, p. 18). Segundo o médico, era remotíssimo o caso de uma mulher transmitindo HIV para seu parceiro e finaliza com o seguinte questionamento “Se o número de mulheres infectadas pelo HIV explodiu nos últimos anos, onde estão os homens respectivamente contaminados?” (Araújo, 1993, p. 18).

A veiculação do nome de David Uip ganhou espaço na *Manchete* desde que a revista abordou sobre a soropositividade do jogador de basquete estadunidense, Magic Johnson. O semanário publicou o caso do atleta pela primeira vez, uma matéria traduzida da norte-americana *Time*, em 23 de novembro de 1991, na edição 2.067. Johnson havia deixado claro que a sua infecção tinha acontecido por meio de contato sexual hétero e, mesmo já sendo até mesmo comentado na própria publicação da Bloch Editores (Iyer *et.al.*, 1991) que todas as pessoas estavam sujeitas a infecção, isso alarmou a população em geral. Tanto que no número seguinte, 2.068, de 30 de novembro do mesmo ano, a *Manchete* publicou a matéria de capa *Mulher dá AIDS?*, de Hélio Carneiro com colaborações de Malu Lopes e Marina Nery. A

reportagem contava com um box escrito por Celso Arnaldo Araújo, *Dr. David Everson Uip – Mulher: vítima e não vilã*.

Celso (1991) iniciou o seu texto trazendo uma fala do infectologista em que esse considerava que a informação trazida por Hélio Carneiro (1991), que a OMS tinha levantado uma porcentagem que no mundo todo 75% dos casos de infecção tinham acontecido entre heterossexuais, estava mal interpretada. Segundo Uip, não era isso que ele enxergava no seu dia-a-dia, para ele o aumento dos casos também ocorria nos “tradicionalis grupos de risco” e “É o heterossexual feminino que está, claramente, se contaminando mais [...] A mulher tem tido relações com bissexuais, com drogados, e está se drogando.” (Araújo, 1991, p. 26). O médico ainda faz outras ponderações, desconsiderando que homens heterossexuais podiam ser infectados pelas suas parceiras, como “A informação de quem um homem contaminado é heterossexual depende da palavra de quem a dá. Mas numa boa conversa com ele, não de pé, em dois minutos de contato, você extrai a verdade. Geralmente, esse paciente acaba se revelando bissexual.” (Araújo, 1991, p. 26). Ou ainda:

O homossexual geralmente assume a sua condição. O bi, não. Frequentemente é casado, tem filho e mantém relações homossexuais fora de casa. Está se contaminando e contaminando mulher e futuros filhos. Agora, se ele me diz que é hetero e eu acredito, lá vai mais um hetero para as estatísticas. (Araújo, 1991, p. 27).

Trouxe essas colocações do infectologista veiculadas na edição 2.068 para demonstrar que ele já havia sido trazido para dentro da revista anteriormente, bem como demonstrar qual era a sua posição. Essas colocações demonstram que o médico possuía uma posição firme em relação ao seu entendimento dos casos de transmissão do HIV. David Uip, mesmo que indiretamente, reforçou os principais grupos de risco, HSH e UDI, e ao desconsiderar a estatística apresentada pela OMS não levou em conta, por exemplo, os casos de Aids entre heterossexuais no continente africano, que Sontag em 1989 já apontava que era a principal forma de disseminação do vírus naquela região.

Outro ponto, é que por mais que o infectologista pontuasse que as mulheres seriam “vítimas de parceiros bissexuais”, ele aponta que o motivo do aumento não era por relações heterossexuais, mas sim por uso de drogas injetáveis, ou relação sexual com UDI e/ou com bissexuais. Nesse discurso, o único comportamento que não aparece como “culpado” pela transmissão – lembrando que socialmente era produzido a distinção entre culpados e inocentes em relação a forma como tinham sido infectados – era o heterossexual masculino. O médico se baseava em sua experiência clínica, mas mesmo ignorando os casos em outros lugares do

mundo, no Brasil, a partir da década de 1990, foi possível identificar aumento expressivo dos casos entre heterossexuais, em ambos os sexos.

De acordo com o Boletim Epidemiológico sobre HIV/Aids de 2001, entre os anos de 1980 a 1990 a porcentagem de exposição sexual de pessoas do sexo masculino com mais de 13 anos encontrava-se em 62,1%, sendo a homossexual com 37,3%, seguida da bissexual com 18,1% e a heterossexual em último lugar, com 6,7%. Porém, em 1993, ano da reportagem sobre a soropositividade de Sandra, esse quadro se inverte: a exposição por via sexual representava 51,1% do total, os homossexuais ainda lideravam o levantamento, com 23,8%, mas no segundo lugar passou a ser ocupado por heterossexuais, 14,6%, seguidos pelos bissexuais com 12,8%. Entre as mulheres, nos anos de 1983 a 1990 a exposição sexual era de 35,8% do total, já no ano de 1993 essa porcentagem saltou para 48%. Até o final da década a porcentagem da exposição sexual entre ambos os sexos ficou muito semelhante, 55,3% para os homens e 55,9% para as mulheres.

Logo após a reportagem de Behula Spencer (1993) a *Manchete* veiculou uma matéria sobre a vida da atriz escrita por Maria Helena Malta intitulada *Sandra Bréa: uma vida agitada no palco e no amor*. O texto abordou dois aspectos da vida da global, sua carreira e sua vida amorosa. Tendo em vista que fragmento anterior tinha como um dos principais focos a forma como artista havia sido infectada pelo HIV é revelador que esta publicação tenha como enfoque os relacionamentos amoroso, e sexualidade, da famosa.

Imagem 31 – Reportagem de Maria Helena Malta sobre Sandra Bréa



Fonte: MANCHETE, edição 2.160, 28 ago. 1993/Acervo: BNDigital.

O texto começou pontuando que Sandra cresceu no meio artístico, acompanhando seu padrasto, o ator Jardel Filho, em filmagens. Bréa era uma atriz multifacetada, fazia teatro, televisão e musicais. Sobre a vida pessoal da atriz, Malta (1993) revelou que a artista teria tido

a sua primeira vez com 16 anos e listou os relacionamentos que ela teve. Cita também a adoção do seu filho, Alexandre Bréa Brito.

Como se não bastasse a melancolia profissional, iniciou o martírio de quem se reconhece, aos 41 anos, contaminada pela AIDS. Convocou a imprensa, riu muito, disse algumas frases e *só esta semana admitiu que o vírus pudesse ter relação com sua vida sexual*. Vítima de um mal ainda irreversível, agredida pelo preconceito e amargurada pela impotência, a moça que chegou a ser símbolo sexual dos anos 70 ainda assim teve a coragem de Cazuza, Arthur Ashe e Magic Johnson, e botou a boca no mundo. Desequilibrada, para alguns; abalada, para outros. *Sandra chegou a anunciar que finalmente verá a mãe, que se suicidou em 1987*. ‘Ela deve estar dando pulinhos de alegria no céu!’ (Malta, 1993, p. 21, grifo nosso).

Esta citação guarda dois pontos interessantes e que contradizem a reportagem que a precede. Primeiro, Maria Helena (1993) ressaltou que Sandra havia finalmente admitido a possibilidade da sua transmissão ter sido por via sexual, no entanto, não foi a única forma de infecção que a atriz havia aventando, inclusive, segundo ela mesmo, seria mais provável que tivesse acontecido após uma transfusão de sangue (Spencer, 1993). Dessa forma, a citação reforça que esta matéria foi veiculada para corroborar que o meio de transmissão de Sandra fosse o sexual. Segundo o texto de Behula (1993), na última citação da entrevista da artista, ela rechaça a morte social imposta aos soropositivos, já o texto de Malta (1993) dá a entender que ela, de certo modo, aceita essa sina.

Sandra Bréa praticamente some, não só da(s) manchete(s), mas também da televisão. A sua última novela como atriz fixa foi em *Felicidade* (1991-1992), da Rede Globo, onde interpretou a personagem Rosita. A artista continuou como contratada da emissora, contudo, nenhum outro papel desempenhou, a não ser em *Zazá* (1997-1998), telenovela que interpretou a si mesma no último episódio. Em 1996, participou de uma campanha do Ministério da Saúde sobre a Aids. Na *Manchete* só voltou a ser citada na reportagem sobre sua morte na edição 2.508 de 13 de maio de 2000, matéria escrita por Ricardo Morreira e Lorem Falcão e intitulada *Sandra Bréa: Guerreira até o fim*. A atriz, então com 47 anos, faleceu em 4 de maio: “Portadora do vírus da AIDS, a atriz lutou para controlar a doença. Acabou não resistindo ao câncer [pulmonar].” (Morreira; Falcão, 2000, p. 94).

Imagem 32 – Matéria sobre a morte de Sandra Bréa



Fonte: MANCHETE, edição 2.508, 13 maio 2000/Acervo: BNDigital.

Matéria citou que a vaidade da atriz seria o motivo de sua reclusão. Ainda pontuou que a *Manchete* havia procurado ela duas vezes antes de seu óbito, uma um ano antes e outra uma semana antes do falecimento, mas não houve acordo dessa vez. A indicação que o semanário tenha procurado a atriz vem, justamente, para demonstrar que ao contrário da concorrente (Globo), e outros artistas, havia esquecido da artista, contudo, não foi mais citada, como era antes, no semanário⁷⁵. E a reportagem ressaltou que tanto a TV Globo não chamava para mais trabalhos, como colegas de profissão não iriam visitar, apenas quatro atores compareceram ao velório de Sandra, Luís Carlos Miéle, Lúcio Mauro, Ney Latorraca e Tadeu Aguiar.

Mesmo assim, Sandra ainda saiu da sua auto-reclusão para participar das campanhas para o GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS). Sua última participação na Globo foi no último capítulo de *Zazá*, de Lauro César Muniz, em 1997, interpretando seu próprio papel, como portadora do vírus HIV. ‘Sandra colocou sua tragédia acima de qualquer preconceito. Foi um exemplo contra a discriminação’, diz Miéle. A emissora a mantinha como funcionária, custeando o tratamento médico, mas os convites para atuar não surgiram. (Morreira; Falcão, 2000, p. 96).

O texto descreve desde a descoberta de Bréa que estava com câncer de pulmão, até o detalhamento da morte da olimpiana, “O atestado de óbito, assinado pela médica Rosane Goldwasser, diz que a causa *mortis* foi insuficiência respiratória por hemorragia nos pulmões. ‘Ela não tinha infecção nenhuma e sua morte não tem ligação com o vírus HIV’, assegura a Dra. Goldwasser.” (Morreira; Falcão, 2000, p. 96). Morreira e Falcão (2000) ainda detalharam um pouco tanto sobre a vida profissional, como pessoal, de Bréa.

⁷⁵ O nome de Sandra Bréa apareceu posteriormente da edição 2.160 mais algumas vezes na *Manchete*, mas em sua maioria eram citações rápidas, como em legendas de fotos. Exceto na seção *Leitor em Manchete*, onde contou com uma carta na edição seguinte a reportagem de Behula Spencer.

Em todas as reportagens analisadas sobre Sandra fica evidente o quanto associavam o seu sucesso, reconhecimento, enquanto atriz devido a sua aparência física. Isso acontece com os homens, como Rock Hudson e Lauro Corona, como galãs, porém com eles é menos intenso do que como é com ela. Exemplos não faltam, apenas utilizando as matérias que abordam sobre a sua soropositividade. “Bela, esguia e graciosa como sempre, a atriz, Sandra Bréa vivia tranqüila” (Spencer, 1993, p. 14), “Sandra lutou para ser reconhecida pelo talento. A cara bonita e o corpo perfeito sempre foram sua marca registrada” (Spencer, 1993, p. 20), “Sua beleza, fulgurante no palco e na vida, conquistou experts, como fotógrafo Antônio Guerreiro, companheiro de quase três anos” (Spencer, 1993, p. 20-21), “Atriz completa, Sandra Bréa foi símbolo sexual” (Morreira; Falcão, 2000, p. 94), “Bonita e alegre, Sandra Bréa conquistou o país com um corpo invejável e um sorriso cativante. Foi essa a imagem que deixou” (Morreira; Falcão, 2000, p. 94-95), “Numa noite de 1972, o diretor Daniel Filho ficou maravilhado com aquele rosto lindo, a absoluta sensualidade daquele corpo” (Morreira; Falcão, 2000, p. 96), “Muitos homens ainda guardam exemplares da *Playboy*, que a fotografou nua em 1981 e 1985” (Morreira; Falcão, 2000, p. 96).

Além de todo momento a cobertura sobre Sandra trazer essa noção de sua sensualidade, é interessante notar que ao contrário de Lauro ela resolveu falar sobre o seu diagnóstico, mas não publicizou como Cazuzza todo o seu processo como pessoa soropositiva, tornando-se reclusa no final da vida. Outra pessoa que se manteve recluso nos seus últimos dias e resolveu não revelar à imprensa sobre sua soropositividade foi Renato Russo, o que não impediu a *Manchete* de abordar sobre isso.

2.5 Renato Russo: “um anjo torto na vida”⁷⁶

A *Legião Urbana* foi uma das principais bandas do rock nacional do final do século XX, iniciou os seus trabalhos em Brasília no ano de 1982 e foi composta pelo baixista Renato Rocha (em seus três primeiros álbuns), o baterista Marcelo Bonfá, o guitarrista Dado Villa-Lobos e o vocalista, e fundador do grupo junto com Marcelo, Renato Russo. Nascido em 27 de março de 1960, Renato Manfredini Júnior, era extremamente reservado sobre a sua vida pessoal. A primeira vez que aparece uma declaração do cantor na *Manchete* foi na matéria *Como o Rock Transa o Sexo* de Antônio Carlos Miguel na edição 1.775 de 26 de abril de 1986, em que abordava a vida íntima e sexual dos astros do rock brasileiro.

⁷⁶ Título da reportagem sobre a morte de Renato (Essinger *et.al.*, 1996, p. 12).

Se Cazuzza é tão aberto em suas declarações, um dos mais talentosos cantores e compositores da nova geração, Renato Russo, 25 anos, do grupo *Legião Urbana*, se mostra revoltado com o pedido de uma entrevista sobre esses temas: ‘Não falo sobre a minha vida privada, não sou artista de Hollywood, que vive em cima dessas fofocas. E não é por aparecer na tevê que tenho que abrir a minha vida’. (Miguel, 1986, p. 56).

Por mais que Renato Russo fosse reservado sobre sua vida pessoal, muito dela aparecia em suas letras. O compositor abordava em suas composições para o *Legião Urbana* aspectos da sua bissexualidade, como em *Meninos e Meninas* do álbum *Quatro Estações* de 1989 em que Renato canta: “Acho que gosto de São Paulo/ Gosto de São João/ Gosto de São Francisco e São Sebastião/ E eu gosto de meninos e meninas”. Porém, a sua sexualidade ficou evidente após o lançamento do seu disco solo, *The Stonewall Celebration Concert*, de 1994.

O álbum foi feito para celebrar os 25 anos da Revolta de *Stonewall*⁷⁷, e trazia músicas que de certa forma eram importantes para a comunidade LGBTQIA+ à época. Além disso, o encarte do CD vinha com contatos de ONGs, como a *Sociedade Viva Cazuzza* e o *Greenpeace*, Mario Luis Grangeia (2016, p. 144, grifo próprio) coloca que, “A variedade desses contatos, como constara no CD *The Stonewall Celebration Concert*, era um reflexo, ainda que numa escala mínima, de um maior ativismo da sociedade civil após a redemocratização”.

Foi devido ao lançamento desse disco que na edição 2.206, em 16 de julho de 1994, a *Manchete* trouxe uma entrevista do cantor concedida à Déborah Berman, com fotos tiradas por Frederico Mendes. O título dado a entrevista foi *Renato Russo assume total*, contudo, as perguntas abordavam vários aspectos da vida do compositor para além da sua sexualidade, como seu relacionamento com os membros da banda, posicionamento político e a sua opinião sobre a Aids:

Bem, o que eu vou falar sobre a AIDS? Prático sexo seguro desde 1986. E acho que a doença está mais ligada a um tipo de vida desregrada. Já perdi amigos. É uma coisa brutal, terrível. Mas espero que agora, passados 10 anos, a situação melhore. Essa garotada que está aí é mais bem informada. (Russo, 1994, p. 63).

Contudo, o que o público e a imprensa não sabiam é que o líder do *Legião Urbana* era soropositivo desde 1990. “Meses após a morte de Cazuzza, Renato Russo descobriu ter aids, contraída do namorado, mas optou por não torná-la pública” (Grangeia, 2016, p. 114). E segundo Grangeia (2016, p. 114), “O segredo buscava evitar novo martírio público, como o sofrido por Cazuzza, em especial com a capa da *Veja*”. Como de fato ocorreu, sua soropositividade só foi confirmada após sua morte em 11 de outubro de 1996.

⁷⁷ Levante da população LGBT+ de Nova Iorque que ocorreu entre os dias 28 de junho e 3 de julho de 1969 contra a opressão policial que reiteradamente realizava batidas no bar *Stonewall Inn*. Considerado por muitos como o nascedouro do movimento LGBT+.

E, por isso, a edição 2.323 de 19 de outubro de 1996 da *Manchete* estampou uma foto de Renato Russo, capturada por Frederico Mendes, com um sorriso tímido, vestido de branco e com as mãos estendidas para frente com um céu azul no fundo. A chamada para reportagem especial sobre a morte e velório do cantor era *Mãe eu não sou daqui – o maior ídolo do Rock do Brasil cansou de lutar contra a AIDS*, sendo está última palavra a única em cor vermelha, e não em preto como as outras.

Imagem 33 – Capa sobre a morte de Renato Russo



Fonte: MANCHETE, edição 2323, 19 out. 1996/Acervo: BNDigital.

A edição 2.322 de 5 de outubro, em seu editorial escrito por Roberto Barreira (1996, p. 5), então editor do periódico, revelava que, “Como o leitor poderá constatar na próxima edição da MANCHETE. Nasce uma nova revista. Com os mais modernos recursos gráficos.” O que de fato aconteceu, o número seguinte chegou com uma nova cara nas bancas de revista. Entre as mudanças é possível citar a alteração da logo da revista, a presença de pequenos resumos das principais reportagens no sumário do semanário e o editor do periódico, agora era Sebastião “Tão” Gomes Pinto. No resumo sobre a matéria sobre a morte de Renato:

Renato Russo morreu na sexta-feira, 11. O líder da Legião Urbana, a mais popular banda de rock do Brasil, perdeu a batalha contra a Aids. Nas últimas semanas de vida, inconformado com a doença, ele se trancou em casa, se recusou a comer, não quis mais ver os amigos e desistiu de tomar o coquetel de drogas que poderia mantê-lo vivo por mais tempo. (Capa, 1996, p. 4).

Nesse resumo dá a entender que Renato deliberadamente decidiu sobre o fim da sua vida e isso é de alguma forma reiterado na reportagem de Silvio Essinger (*et.al.*, 1996, p. 12-

13), *Renato Russo Um Anjo Torto na vida*, por exemplo, com as seguintes frases em destaques, “O poeta da Legião desistiu de lutar contra a AIDS” e “Trancou-se no apartamento, pôs remédios de lado, parou de comer e esperou a morte” que abrem a matéria. As frases são seguidas de fotos do enterro do cantor e testemunhos de fãs e amigos.

Imagem 34 – Imagens do velório de Renato Russo



Fonte: MANCHETE, edição 2323, 19 out. 1996/Acervo: BNDigital.

Nessa reportagem, a *Manchete* continuou com o padrão da revista em não trazer fotos dos olímpicos em estado avançado da infecção por HIV, contudo, Silvio Essinger (*et.al.*, 1996) começou o seu texto narrando o estado físico de Renato antes de sua morte, revelando os sintomas que a Aids infligiu ao cantor:

Pele e osso, com 20 quilos a menos que os 65 habituais, barba comprida, quase irreconhecível, Renato Russo, líder da Legião Urbana, a mais popular e carismática banda de Rock Brasil, morreu à 1h15min da sexta-feira 11, depois de abandonar uma luta de seis anos contra a Aids. ‘Ele se entregou’, desabafou sua mãe, Maria do Carmo, logo após a cremação do corpo, no sábado, no Cemitério do Caju, no Rio. ‘Nos últimos tempos, ele não cansava de repetir: ‘Mãe, eu não sou daqui.’’ Atormentado e com crises de depressão, Renato sucumbiu como os poetas que tanto admirava. O mal do nosso século o levou, solitário e desencantado. (Essinger *et.al.*, 1996, p. 17).

Um dos pontos elencados na reportagem que pode ter contribuído para a desistência do cantor em continuar o seu tratamento foi justamente os seus efeitos colaterais, segundo ele mesmo: “Quando eu tomo o coquetel, é como se estivesse comendo um cachorro vivo. E o cachorro me come por dentro” (Essinger *et.al.*, 1996, p. 17). E, ao contrário do que foi feito com Lauro Corona e Sandra Bréa, Essinger (*et.al.*, 1996) não cita a causa *mortis* do compositor, somente Aids bastaria, mas é importante ressaltar que a síndrome não leva ninguém a óbito. O HIV atua atacando o sistema imunológico, impossibilitando que o corpo consiga se defender das mais diversas enfermidades e são essas doenças oportunistas que levam o paciente a falecer

caso o vírus não seja controlado. “Naquela madrugada de primavera, Renato morreu em seu apartamento, aos 36 anos, por complicações pulmonares e renais derivadas da aids, que matara Cazuzza seis anos e três meses antes” (Grangeia, 2016, p. 144).

Essinger (*et.al*, 1996) pontuou que Renato teria escondido a sua doença dos seus fãs (e da imprensa), contudo, o próprio texto reflete que os admiradores da *Legião Urbana* estavam percebendo que algum problema acontecia nos bastidores. O sétimo álbum da banda, *A Tempestade ou O Livro dos Dias*, foi lançado em 20 de setembro de 1996 sem entrevistas ou divulgação, a foto do vocalista no encarte do CD era de arquivo, a inscrição em latim, *URBANA LEGIO OMNIA VINCIT*⁷⁸, que já era uma tradição nos discos do grupo não estava grafada nesse e as letras das músicas, como *Música Ambiente* e *Via Láctea*, dava indícios que o seu compositor não estava bem (Essinger *et.al*, 1996).

Porém, essa não teria sido a primeira vez que Renato havia abordado esse tema em suas músicas, em *Quando o sol bater na janela do teu quarto* do álbum *As Quatro Estações* (1989) foi escrita, segundo o compositor, levando em conta, também, a comoção que se seguiu à publicação da capa da *Veja* sobre a soropositividade de Cazuzza (Grangeia, 2016). Na entrevista concedida a Eliane Lobato, veiculada na *Manchete* em 1997, o cantor revelou que a canção *La Forza Della Vita* do seu segundo disco solo, *Equilíbrio Distante* (1995), tinha como uma das temáticas a síndrome e:

A Aids que acabou consumindo o líder da Legião Urbana, já tinha sido tema de uma de suas canções: *Feedback Song For a Dying Friend*, que na tradução de Millôr Fernandes, incluída no encarte de *As Quatro Estações*, ficou como *Canção de Retorno Para Um Amigo à Morte*. ‘Alisa a testa suada do rapaz/ Toca o talo nu ali escondido/ Protegido nesse ninho farpado sombrio da semente/ Então seus olhos castanhos ficam vivos’, diziam os primeiros versos. O amigo à beira da morte era Cazuzza, com quem Renato Russo dividia o título de poeta máximo do rock Brasil dos anos 80. Mais ou menos na mesma época em que a canção era lançada, o próprio Renato se contaminou com a Aids. (Russo, 1997, p. 24).

As comparações com Cazuzza, que existiam em vida, são retomadas também na hora da morte, como na foto dos dois cantores e com a legenda “Os maiores poetas do Rock Brasil foram derrotados pelo vírus da Aids” (Essinger *et.al*, 1996, p. 24). Silvio também traçou uma breve biografia da vida de Renato, passando desde a sua infância, até os momentos finais do compositor e como ocorreu o seu velório e enterro.

⁷⁸ Legião Urbana Tudo Vence.

Imagem 35 – Fotografia de Renato Russo e Cazuza juntos



Fonte: MANCHETE, edição 2.323, 19 out. 1996/Acervo: BNDigital.

Um ano após a veiculação da morte do cantor na *Manchete*, 18 de outubro de 1997, o semanário publicou trechos de uma entrevista de Renato concedida a Eliane Lobato em 1995, publicada anteriormente em partes na revista *SuiGeneris*, periódico voltado para comunidade LGBTQIA+ brasileira nos anos 1990. Assim como na entrevista que o compositor deu para Déborah Berman, nessa ele falou sobre os mais diversos temas. Eliane chega a comentar que entrou em contato com o vocalista do *Legião* após essa entrevista para pensarem sobre um biografia, mas Renato comentou que somente depois que o sétimo álbum da banda fosse lançado, ele faleceu três semanas depois do lançamento do disco (Russo, 1997).

Renato era tímido em falar sobre ativismo no movimento homossexual⁷⁹, contudo ele era muito ativo. Segundo Mario Grangeia (2016), a partir de 1994 o cantor frequentava as reuniões do grupo Arco-Íris e doou dez mil dólares para a Conferência Internacional de Gays e Lésbicas que ocorreu no Rio de Janeiro em 1995. “Ele escondia seu ativismo para não ter de erguer a bandeira da homossexualidade a toda hora, mas seu gesto foi reconhecido após a morte por membros do grupo Arco-Íris” (Grangeia, 2016, p. 116-117). Eliane Lobato questionou o cantor sobre como a epidemia de Aids tinha afetado o movimento LGBTQIA+, no que ele respondeu que:

Acho que a AIDS fez com que a gente aprendesse que, de repente, não adianta transar com 20 pessoas diferentes numa noite. O problema é que a AIDS é mortal, mas o que tinha de gente pegando pereba, sífilis, cancro, gonorreia. O erro foi cair naquela coisa “nós somos livres pra fazer o que quisermos”. Somos, mas vamos com calma. Você pode ser até promíscuo, mas se já é a terceira vez que vai ao médico porque tá com cândida, se toca, amigo! (Russo, 1997, p. 60-61).

⁷⁹ Nomenclatura utilizada à época para se referir ao movimento LGBT+.

Logo em seguida, Eliane, questionou o cantor se era soropositivo, e este respondeu que:

Isso é problema meu. Isso eu... eu não abro. Mas isso realmente não importa. Eu me comporto como se fosse positivo se é isso que você quer saber. Camisinha sempre. Eu conheço pessoas que são soropositivo e não tomam cuidado. Que não têm informação e têm preguiça de se informar sobre se, por exemplo, sexo oral de determinada maneira é seguro ou não. Claro que a transmissão heterossexual não é tão imediata, digamos, quanto a homossexual. Mas quantos brasileiros gostam de sexo anal? Imagina! Brasileiro adora bunda! (Russo, 1997, p. 61).

A atitude de Renato⁸⁰ em não contar sobre a sua soropositividade é compreensível levando em conta a trajetória do cantor, que buscava manter uma certa privacidade e distância dos meios midiáticos da sua vida, e também percebendo como a imprensa abordou a vida de outros olímpianos soropositivos, como Rock Hudson, Cazuzza, Lauro Corona e Sandra Bréa. Percebe-se que, mesmo após a sua morte, a *Manchete* vai utilizar de metáforas associativas, sobretudo com Cazuzza, para corroborar com o diagnóstico de Russo.

A abordagem sobre a vida e a soropositividade desses olímpianos se deve pela própria lógica da *Manchete*, uma vez que não somente no levantamento realizado para pesquisa a cobertura da vida de famosos teve destaque, como era uma das principais características, senão a principal, da própria revista (Campos, 2008; Gomes; Vázquez, 2022). A veiculação de furos sobre as vidas, ou mortes, dessas celebridades representava, muitas vezes, o sucesso de vendas de uma edição, não somente para o semanário em questão, mas para a imprensa como um todo e principalmente em revistas. “Para não dizer, simplesmente, estruturas mitológicas ou produtos-personagens altamente estratégicos na vendagem da mídia.” (Fausto Neto, 1991, p. 42). Exemplo visível disso, são que das 19 matérias de capa levantadas (ver Imagem 1) 8 foram sobre famosos soropositivos.

Algo que permeou a cobertura dos cinco olímpianos foi a questão da morte social (Daniel, 2018). Ora a revista reiterando essa noção, principalmente no caso de Rock Hudson, mas também sendo um espaço onde esses artistas combatiam isso. Os casos de Sandra Bréa e Cazuzza são exemplares nesse sentido, pois como eram pessoas conhecidas pelo grande público tiveram a oportunidade de fazer com que a suas vozes fossem ouvidas, algo que não ocorria com a população em geral afetada pelo vírus. Tanto o caso da atriz, como do cantor, ajudam a compreender o que Maria Rita de Almeida (2004) pontuou como uma reorganização na relação entre médico e enfermo, onde os segundos deixam de ser pacientes e assumem um papel de

⁸⁰ O líder do Legião Urbana voltou a ser citados outras vezes na *Manchete*, como nas edições 2.482 e 2.484 de 1999 que abordavam sobre homenagens ao cantor após três anos de sua morte.

protagonistas em relação ao seu diagnóstico, como Sandra e Cazuzza, que em suas entrevistas, negando a morte social imposta e reafirmando suas posições perante a vida.

Retomando a epígrafe de Parker (2018) no início do capítulo, é importante relembrar as pessoas que perdemos no decorrer dessa pandemia, “trazendo à memória a importância de suas vidas e valorizando seus legados.” Essas figuras tiveram, pela posição social ocupada, o privilégio de ter suas histórias contadas, que outras pessoas não tiveram e se tornando apenas estatísticas, e nos ajudam a lembrar que as doenças não são apenas números em boletins epidemiológicos, mas foram pessoas que tiveram suas vidas atravessadas por uma pandemia.

CAPÍTULO 3: LEITOR EM MANCHETE - AS CARTAS DOS LEITORES SOBRE A EPIDEMIA DE AIDS

Uma revista não se faz somente com papel, tinta, matérias de capas, ou fotos interessantes. Ela é composta por pessoas, tanto quem a produz, como quem a lê, e este último tem um papel preponderante nesse processo, pois é ele quem decide se uma publicação se mantém no mercado, ou não. Claro que se uma revista estiver dentro de uma editora grande, como era o caso da Bloch Editores, à sua época, ou o Grupo Abril, pensando na atualidade, contando com grande investimento, tem uma maior possibilidade de obter êxito. Contudo, se o impresso não “cair nas graças” do público, muito dificilmente continuará sendo editado.

Um exemplo pode ser dado através da própria Bloch, a editora não contava com um plano de *marketing* bem definido para suas publicações. As duas principais estratégias de propaganda da Bloch eram: primeiro, lançar publicações com nomes parecidos com das concorrentes para confundir os leitores, por exemplo, *Carícia* era uma revista da Editora Abril, *Carinho* era da Bloch, e ambas abordavam os mesmos assuntos. E a Bloch também aproveitava o que “sobrava” de suas principais publicações, principalmente da *Manchete*, como fotos, e canalizava para outras publicações. “Se em seis edições, às vezes menos, a revista não se firmasse, tirava-se de circulação, e o fracasso, é claro, ficava na conta do editor.” (Campos, 2008, p. 222).

Então, uma forma de compreender como um periódico tinha relevância em determinada época é através da sua duração e, também, número de vendas, contudo, essa forma não revela o envolvimento das pessoas que liam um periódico. Um campo, presente nas próprias publicações, são as cartas dos leitores. Essa seção, mesmo passando pelo crivo da edição, é uma das únicas partes em que as palavras e ideias dos leitores, sobre o periódico, ou temas diversos, é “ouvida” dentro da edição. É sobre essa parte da publicação em específico que foi trabalhado neste capítulo.

A seção de cartas dos leitores da *Manchete*, foi, na maioria do tempo de funcionamento da revista, chamada de *Leitor em Manchete* e contou com 81 cartas — 47 na década de 1980 e 34 nos anos 1990 — que falavam diretamente sobre matérias do semanário que abordavam a Aids, ou que citavam a epidemia. Neste levantamento contam já com as cartas do encarte sobre saúde, que possuía a sua própria seção para as correspondências dos leitores.

3.1 O gênero carta do leitor

Rua do Russel, 766, 8º andar, Rio de Janeiro (RJ), CEP: 22210-010. Esse era o endereço para onde os leitores da *Manchete* enviavam suas cartas sobre os mais diversos temas, com o avanço e popularização da internet na década de 1990, além da correspondência física, passou-se a receber também a eletrônica. As primeiras cartas dos leitores veiculadas na revista datam desde a sua quinta edição, de 24 de maio de 1952, na ainda intitulada seção *Manchete Responde* e acompanharam o semanário até o seu último número em 22 de julho de 2000.

A carta do leitor, assim como a notícia, reportagem, ou entrevista, é um dos inúmeros gêneros textuais que compõem um grupo maior, o jornalístico. O linguista Sérgio Roberto Costa (2014, p. 64) caracterizou-a como sendo “geralmente de opinião (argumentativa), que circula em jornais ou revistas, já que o leitor a envia para manifestar seu ponto de vista sobre alguma matéria (v.) que tenha lido, principalmente matéria polêmica.” Dessa forma, as cartas dos leitores se encaixam naquilo que se entende como jornalismo opinativo, tal qual os editoriais e artigos de opinião (Medeiros, 2009; Nunes, 2017; Guaraldo, 2020).

A estrutura da carta do leitor guarda semelhanças com o gênero carta, como a presença de autoria e, de certa forma, algo que lembraria um remetente, ao menos no caso da *Manchete*. Porém, outros elementos que caracterizam esse gênero textual como a presença da data de envio, vocativo, despedida, são retirados pelo editor da revista para poupar espaço na edição final do periódico (Costa, Sérgio Roberto, 2014; Nunes, 2017). Porém, as cartas dos leitores possuem características específicas que definem esse subgênero textual como textos curtos, normalmente com apenas um parágrafo; a presença de títulos como uma forma de identificar o assunto da carta (Jesus, 2009; Trouche, 2010; Nunes, 2017).

Em relação a linguagem, Aline Medeiros (2009, p. 65) pontuou que “O gênero carta do leitor, assim como o gênero artigo de opinião apresenta, geralmente, maior carga de intenção persuasiva, já que a carta tem como foco a manifestação do leitor e, conseqüentemente, uma espécie de necessidade de adesão a essa manifestação.” E por ser um texto argumentativo, já que expressa uma opinião, os assuntos tratados nas cartas são os mais diversos, mas normalmente se relacionam ao conteúdo já veiculado pelo periódico em números anteriores exprimindo pareceres de concordância, discordância e sugestões sobre um tema em específico (Medeiros, 2009; Jesus, 2009; Trouche, 2010; Nunes, 2017; Guaraldo, 2020).

Outra característica desse gênero, é que as cartas são veiculadas todas em uma mesma seção, ao contrário do que ocorre com outros textos, como os artigos de opinião que podem ser vários e posicionados ao longo de toda edição do periódico. As cartas dos leitores são

posicionadas em uma mesma seção, geralmente identificada com nomes que remetem a quem escreveu aqueles textos, ou para quem escreveu, como *Carta do Leitor*, *Espaço do Leitor*, *Painel do Leitor*, *Cartas ao Editor* entre outros (Bezerra *apud* Medeiros, 2009; Guaraldo, 2013; Almeida; Cavalcanti, 2019). Tamara Guaraldo (2013) também reflete sobre o espaço que as cartas dos leitores possuem nos periódicos, menor do que se comparado com outras seções, ou até mesmo propagandas.

A primeira carta do leitor publicada na *Manchete* é da sua quinta edição, como apontado no início desse tópico, a maioria das cartas eram parabenizando a, até então estreada, revista e o nome da seção era *Manchete Responde*, contudo essa nomenclatura ficou em circulação somente nos primeiros números do semanário. Em 11 de outubro de 1952, na edição 25, a seção passou a ser denominada *O Leitor em Manchete* e esse foi o nome que “pegou na praça”, variando com o artigo masculino na frente ou não até a década de 1990, aqui é interessante notar como o periódico buscou nesse título dar destaque ao leitor, colocando-se em segundo plano.

Contudo, após a morte do fundador da revista em 1995, a direção do periódico, bem como todo o grupo Bloch, passaram a tomar uma série de decisões que levaram o semanário à decadência e, conseqüentemente, à falência em 2000 (Nascimento G., 2020). Em 1996, na mesma edição em que estampou a capa sobre a morte de Renato Russo e anunciou as mudanças na “nova *Manchete*”, sendo uma dessas, o novo nome da seção das cartas dos leitores, *Linha Direta*. Porém, ao contrário da nomenclatura anterior, esse nome não agradou os leitores, ou a direção do periódico, pois, a partir da edição 2.365 de 2 de agosto de 1997, a seção passou a ser intitulada *Sr. Editor* que permaneceu até a edição 2.519, a última. Mesmo que o novo nome tenha a presença do vocativo como título, que caracterizaria normalmente uma carta, percebe-se que, visualizando pelo menos a nomenclatura da seção, o público leitor saiu do foco da seção e a revista tomou esse lugar.

Imagem 36 – Seção de carta do leitor da *Manchete* nas três configurações que se encontrou entre 1985 a 2000



Fonte: MANCHETE, edições: 1.736, 2.334 e 2.379, respectivamente/Acervo: BNDigital.

As nomenclaturas da seção foram as mais diversas durante as quase cinco décadas do periódico, porém, a estrutura das cartas era algo que se manteve de certa forma constante, principalmente entre os anos de 1985 a 2000. As cartas em si eram escritas, ou editadas, em parágrafos únicos, em média pequenos entre 5 a 15 linhas, que eram precedidos por títulos em negrito que identificavam, de certa maneira, a temática que aquele pequeno texto abordava e ao final, também em destaque, encontrava-se a autoria, cidade e estado de quem tinha enviado aquela carta. A seção de cartas geralmente não tinha um espaço definido na revista, podendo aparecer logo nas primeiras páginas, ou nas últimas, dependendo muito da tipografia adotada e o número de cartas selecionadas – como apresentado no Capítulo I, a partir da edição 2.140, a edição do semanário vinha acompanhada de uma outra revista mensal, o encarte *Resposta a Tudo! Saúde* e essa nova publicação contava com uma seção própria de cartas de leitores, *Check-up do Leitor*, mas a sua estrutura era bem semelhante a seção do periódico principal.

Imagem 37 – Seção *Check-up do Leitor* do encarte de saúde da *Manchete*

The image shows two pages from the 'SAÚDE' section of the 'Manchete' newspaper. The left page is titled 'SAÚDE' and contains a 'SUMÁRIO' (Table of Contents) and several articles. The right page is titled 'E S P E R A' and features a 'CHECK-UP DO LEITOR' (Reader's Check-up) section. The 'CHECK-UP DO LEITOR' section includes several columns of text, each starting with a bold heading: 'AUTOTRANSFUSÃO', 'PÓS-GRÁDE', 'NÚMEROS ARTIGOS', 'MÁIS HONOR', 'DEBATE CEBERIAL', 'ÁCIDOS INDICADOS PARA A PELE', 'MÁSTERA DRUGS', and 'AIDS'. Each column contains a short paragraph of text, likely a response to a reader's question or a piece of advice. The layout is clean and organized, with clear headings and columns of text.

Fonte: MANCHETE SAÚDE, edição 233, 8 nov. 1997, p. 3/Acervo: BNDigital.

Em relação ao tamanho do espaço que a seção ocupa dentro de um periódico, como pode ser visualizado na Imagem 36, normalmente na *Manchete* a seção de carta do leitor ocupava entre meia página a uma, menos de um por cento do total do conteúdo da edição. Quando ocupava metade da página, a outra parte correspondia a uma publicidade, inclusive da própria Bloch Editores, prática comum da editora em seus periódicos (Campos, 2008). E as próprias propagandas ocupavam mais espaço dentro da revista, pois ao contrário do que se pode pensar, o que sustentava o periódico não era necessariamente a vendagem de suas edições⁸¹, mas, também, a venda de espaços publicitários, tanto para iniciativa pública, como privada. Contudo, essa é uma relação cíclica, pois as empresas só anunciam nos periódicos se esses comprovarem que possuem um público leitor considerável. Então a vendagem de revistas era importante para manutenção de anunciantes no semanário.

Para efeitos comparativos, a edição 1.736 de 27 de julho de 1985 foi o primeiro número da revista que teve uma carta do leitor sobre a epidemia de Aids. Essa tiragem contava com 124 páginas, sendo destas: metade de uma página para a seção *Leitor em Manchete*, menos de um por cento da publicação; e 25 laudas foram destinadas a propagandas, cerca de 20% do total da impressão em questão. Porém, isso não é uma característica específica da *Manchete*, segundo Guaraldo (2013), em um levantamento nos principais jornais brasileiros, a seção de carta dos leitores não chega a uma página. Dessa forma, isso corrobora com a argumentação de Chaparro (1992, p. 63 *apud* Guaraldo, 2013, p. 60) em que, “a carta, dentro de um processo industrial de

⁸¹ Uma prova disso é o relato de Gonçalves e Muggiati (2008) que revelam que a *Manchete* demorou para se abrir ao mercado de assinaturas, focando sua estratégia de vendas nas bancas de revista.

comunicação, seria uma concessão ao leitor, administrada a favor da própria publicação, pois afirma que o leitor só interfere de modo acidental no conteúdo dos impressos.”

Essa concessão não se trata apenas do espaço reservado à seção de cartas dos leitores das edições dos periódicos, mas também na seleção de quais cartas seriam publicadas. As redações de jornais e revistas recebem diariamente inúmeras cartas – e recentemente, em sua maioria, *e-mails* – dos seus leitores, tornando-se impossível a veiculação de todo esse material, o que cria um primeiro processo de editoração desse material, a triagem (Klanovicz, 2003; Jesus, 2009; Nunes, 2017). O veículo de imprensa necessita manter sua linha editorial em todos os elementos do periódico, o que inclui seleção do material que compõem sua seção de cartas dos leitores. “É assim que, na prática, o ato de selecionar – ideológico por excelência – marca a linha editorial, isto é, a ótica sob a qual o veículo de comunicação vê o mundo, atendendo aos seus interesses, por meio do poder de que dispõe.” (Nunes, 2017, p. 166).

Outro processo de edição das cartas quando selecionadas é a adaptação desse material ao periódico, como redução do texto para se adequar ao espaço da seção, bem como, em alguns casos é realizada a correção desses textos para a norma culta da língua (Fausto Neto, 1999; Costa Solange, 2005; Jesus, 2009; Costa Sérgio, 2014; Nunes, 2017; Gonçalves A., 2022). Dessa forma, muitas vezes, as cartas são escritas a quatro mãos, autores e editores, pois essas passam por um processo de retextualização para serem publicadas (Fausto Neto, 1999; Costa Solange, 2005; Nunes, 2017; Gonçalves A., 2022). Em casos mais raros, os próprios editores dos periódicos chegavam a forjar cartas para compor a seção, como aponta Alisson Gonçalves (2022) na análise do jornal *Lampião da Esquina*.

Porém, é na seção das cartas dos leitores que se encontra a maior polifonia de discursos dentro de um periódico e o espaço em que o leitor sai da postura de receptor para uma posição mais ativa na dinâmica jornalística. A opinião dos leitores pode ser encontrada em outros pontos dos periódicos, como enquetes e entrevistas, mas é dentro da seção das cartas dos leitores que elas possuem mais espaço (Fausto Neto, 1999; Nunes, 2017; Cruz, 2019). Mesmo havendo o processo de seleção do material que compõem a seção, também são publicadas cartas com assuntos diversos, desde elogiando o periódico e matérias, até críticas. Sendo que essa diversidade não se encontra apenas no conteúdo das cartas, mas também de quem escreve, no caso da *Manchete*, por ter uma circulação nacional, foram pessoas, homens e mulheres, de todos os cantos do Brasil que escreveram para a revista.

Guaraldo (2013) pontua que o público leitor das revistas seria mais segmentado do que os de jornais diários, que tendem à heterogeneidade. Apesar disso, a *Manchete* possuía um público leitor bastante amplo, uma vez que o semanário, embora tivesse seus temas que se

debruçaram mais, era uma revista de variedades, abordando desde a política internacional até o dia a dia de celebridades. E essa variedade dos assuntos também refletia no próprio público leitor da publicação da Bloch. Sendo essa pluralidade visualizada na própria seção de cartas dos leitores do periódico.

Nesse sentido, as cartas funcionam como um termômetro de popularidade dos assuntos discutidos no periódico e o que de fato levava uma pessoa a escrever para um jornal ou revista, geralmente assuntos polêmicos; e também funcionam como um meio para os veículos de imprensa entenderem como o público reage a sua linha editorial (Costa Solange, 2005; Jesus, 2009). Guaraldo (2020) pontua que as cartas também são interessantes de serem analisadas por permitirem visualizar como ocorre os “efeitos de sentidos de leitura”, pois os leitores do periódico se apropriam daquilo que leram e produzem o seu próprio discurso, intertextualidade (Orlandi, 2000; Guaraldo, 2013). E as cartas não são somente intertextuais apenas por isso, mas também por que os leitores vivem em sociedade e não estão alheios a ela. Então eles trazem para dentro da periódico as suas visões de mundo, ideologias, crenças e culturas,

E segundo Fausto Neto (1999), na seção de cartas dos leitores, pensando já a temática da Aids, mas também para além dela, os leitores emulam um “terreno de luta”, pois nem sempre eles concordam ou aceitam o que os veículos de imprensa propõem. E o autor ainda pontua que “A seção ‘Carta do Leitor’ é um belo exemplo ilustrativo a lembrar sobre as incompatibilidades entre pontos de vista dos lugares de emissão e recepção.” (Fausto Neto, 1999, p. 91).

Para esse capítulo foram selecionadas para análise somente as cartas dos leitores da *Manchete* que trataram sobre a Aids, sendo 47 da década de 1980 e 34 da década de 1990 (ocorrências do encarte foram incluídas nesse número), perfazendo um total de 81 cartas dos leitores sobre a epidemia, como pode ser visualizado na Tabela 2. Elas vão ser analisadas em dois momentos, primeiro de forma quantitativa e a segunda de forma qualitativa.

Tabela 2 – Cartas dos leitores da Manchete sobre a epidemia de Aids entre os anos 1985-2000

<i>Edição</i>	<i>Ano</i>	<i>Identificação</i>	<i>Tema</i>	<i>Autor(a)</i>	<i>Gênero</i>	<i>Local</i>
1736	1985	AIDS	Parabenizando a Manchete	Maria Márcia Alves	Mulher	RJ
1740	1985	HIPOCONDRIA	Doença	Jonas Mesquita	Homem	RN
1748	1985	Ainda AIDS	Parabenizando a Manchete	Jonas Souza	Homem	CE
1749	1985	Rock Hudson	Famoso	Isabel Proença e Carla Fontoura	Mulher	RS
1754	1985	AIDS	Ninguém na FR liga para AIDS	Herman H. Flores	Homem	SP
1754	1985	AIDS	Preocupação (BR em 2º lugar)	Maria Hermínia Costa	Mulher	CE
1755	1985	AIDS	Vergonha (BR em 2º lugar)	Roberto R. C. Cruz	Homem	RS
1800	1986	AIDS	Parabenizando a Manchete	Jairo Celeste	Homem	SP
1803	1986	HOMEOPATIA	Tratamento	Maria Nazaré Pedreira	Mulher	SP
1805	1986	Vírus do câncer	Vírus	Carlos Fontoura	Homem	PR
1807	1986	Infidelidade	Relacionamento	Afonso M. Ramos	Homem	MA
1812	1987	AIDS	Religião	João Baptista Scultori da Silva	Homem	PR
1815	1987	AIDS	Parabenizando a Manchete	Roberto Figueira Santos, M. S.	Homem	DF
1825	1987	AIDS	Religião	João Baptista Scultori da Silva	Homem	PR
1834	1987	AIDS	Contágio	Armindo Falcão Filho	Homem	RJ
1840	1987	AIDS	Parabenizando uma artista	Humberto Benzaquen da Silva Campos	Homem	DF
1842	1987	Alimentação contra AIDS	Reclamação	Ney Ribeiro Azevedo	Homem	RJ
1847	1987	AIDS	Parabenizando a Manchete	Valdir Rezende	Homem	RJ
1854	1987	Benguela	Dúvida	Carlos Alberto Pimentel	Homem	Angola
1855	1987	AIDS	Parabenizando a Manchete	Maria Alice da Silva Couto	Mulher	SP
1861	1987	AIDS	Informação	Myrian M. Reis	Mulher	RS
1862	1987	Amiga dos aidéticos	Solidariedade	Sandra Helena R.	Mulher	MS
1862	1987	Ainda sobre AIDS	Parabenizando a Manchete	Marcelo E. Costa	Homem	RJ
1867	1988	Henfil	Hemofílico	Gabriel Marcondes	Homem	RJ
1870	1988	AIDS em bebês	Comentário	Arnaldo Monteiro de Araújo	Homem	SP
1887	1988	AIDS, sexo, amor	Comportamento	Lino Guedes Pires	Homem	SP

(continua)

Tabela 2 – Cartas dos leitores da Manchete sobre a epidemia de Aids entre os anos 1985-2000

(continuação)

<i>Edição</i>	<i>Ano</i>	<i>Identificação</i>	<i>Tema</i>	<i>Autor(a)</i>	<i>Gênero</i>	<i>Local</i>
1901	1988	Machos, adeus	Sexualidade /Discordância	Maria Aparecida Tavares	Mulher	RJ
1910	1988	MANCHETE premiada	Premiação	Arlindo de Almeida	Homem	SP
1935	1989	O drama de Cazuza	Parabenizando a Manchete	Aurélio M. Vieira	Homem	BA
1935	1989	O drama de Cazuza	Artista	Maria Lúcia Pingitore	Mulher	SP
1935	1989	O drama de Cazuza	Parabenizando a Manchete	Sônia L. Renner	Mulher	RJ
1947	1989	De onde vem a AIDS	Descontentamento	Júlio Maria Rolemberg	Homem	SP
1947	1989	De onde vem a AIDS	Discordância	Antonieta Leandro Costa	Mulher	ES
1952	1989	A CAPITAL DA AIDS	Parabenizando a Manchete	Leonardo B. Carvalho	Homem	RJ
1955	1989	A GALERIA DA AIDS	Morte/ Famosos	Alfredo Cabral Silveira	Homem	RS
1970	1990	O <u>CLOSE</u> DA CLOSE	Famoso	Paulo Serejo	Homem	SP
1971	1990	SOS AIDS	Informação	Herbert Paschoal Moreira	Homem	SC
1973	1990	AIDS: VIAS DE CONTÁGIO	Sexo/ Contágio/ Dúvida	Luís G. Alves	Homem	SP
1976	1990	SEXO E DESAMOR	Relacionamento	Laura Mendes	Mulher	SP
1976	1990	BERÇÁRIOS DO HORROR	Infância/ Raiva	Paulo Alberto Gentile	Homem	SP
1984	1990	AIDS, A ESPERANÇA	Morte/ Esperança/ Vacina	Analice M. Silva	Mulher	SP
1988	1990	O MACACO HERÓI	Hemofílico/ Morte/ Esperança	Assuero S. Pereira	Homem	SP
1995	1990	A GUERRA DA AIDS	Morte	Antônio Porfírio	Homem	MG
1999	1990	CAZUZA, POETA MAIOR DA MPB	Morte/ Famoso	Glauce de Assis Pacheco	Mulher	PA
1999	1990	CAZUZA, POETA MAIOR DA MPB	Famoso/ Discordância	Maria Alice Carvalho Ramos	Mulher	BA
2005	1990	OS CONDENADOS DO AMOR	Educação	Janette Maria Heuer	Mulher	PR
2007	1990	O FÔLEGO DE LIZ	Famoso	Vivaldo Pereira Caçador	Homem	PE
2047	1991	Os casamentos estão de volta	Casamento	Marcos André da Silva	Homem	SP
2052	1991	O drama de Ricky	Amor/ Adolescente	Graciane Cristina Machado	Mulher	RJ
2058	1991	Ianomâmi ameaçado	Avanço da aids em c. indígenas	Ernesto Pindorama	Homem	PA

Tabela 2 – Cartas dos leitores da Manchete sobre a epidemia de Aids entre os anos 1985-2000

(continuação)

<i>Edição</i>	<i>Ano</i>	<i>Identificação</i>	<i>Tema</i>	<i>Autor(a)</i>	<i>Gênero</i>	<i>Local</i>
2069	1991	A verdade da AIDS	Crescimento dos casos de aids	Antônio F. A. Brandão	Homem	RJ
2070	1991	Guia do sexo I	Educação sexual	Clóvis F. Correa	Homem	RJ
2070	1991	AIDS I	Grupo de risco	Angela dos Santos R. Thys	Mulher	SP
2070	1991	AIDS II	Medicina/ Recursos financeiros	Alberto R. Weissman	Homem	SC
2071	1991	Freddie Mercury II	Famoso/ Morte	Heitor R. Penna	Homem	SP
2072	1991	Mulher e AIDS	Mulher/ Transmissão	Maria V. Stronberg	Mulher	RS
2090	1992	Milagre à mineira	Religião	Therezinha Couto de Oliveira Corrêa	Mulher	MG
2118	1992	Nureyev e a AIDS	Famoso/ Morte	Vera Lúcia S. Camacho	Mulher	RJ
2118	1992	Nureyev e a AIDS	Famoso/ Morte	Ana Lúcia C. Bueno	Mulher	RJ
2118	1992	Nureyev e a AIDS	Famoso/ Morte	Célia T. Bonjean	Mulher	DF
2121	1992	Homossexualismo	Violência	Jorge V. Reis	Homem	RJ
2138	1993	O sábio Sabin	Morte/ Ciência	Maria F. Valente	Mulher	SP
2157	1993	O massacre dos meninos	Política/ Social	Luiz Roberto Barros Nunes	Homem	RS
2161	1993	A vitória da vida	Famoso	Luana M. Pinto	Mulher	SP
2180	1994	Já se nasce gay?	Sexualidade	Nelson Pinto	Homem	RO
2235	1995	Uma estrela em ascensão	Famoso	Elza F. Ribeiro	Mulher	MG
2320	1996	Quanto custa viver	Saúde	Emanuel M. Figueiredo	Homem	RJ
2334	1996	Maridos de risco	Comportamento	Andrade Ferranato	Homem	RJ
2334	1996	Machismo de risco	Sexualidade	Luiz Octávio da Silva Oliveira	Homem	RJ
2338	1997	Aids	Sugestão	Francislene AP. Alves	Mulher	MG
2345	1997	Dentistas e AIDS	Saúde	Silvia H. Villela de Castro	Mulher	MG
2379	1997	AIDS	Sugestão	Anthony Goldsmith	Homem	RS
2385	1997	AIDS	Sugestão	Janice Nunes da Silva	Mulher	SP
2391	1998	Guia sobre vírus HIV	Pedido	Leonardo Lucas do Nascimento	Homem	SP
2396	1998	Alerta Anti-AIDS	Denúncia/ Presídio	Ramon Saturnino de Lacerda	Homem	MS
2405	1998	Contágio da AIDS	Pedido	Paulo Nogueira da Rocha	Homem	-

Tabela 2 – Cartas dos leitores da Manchete sobre a epidemia de Aids entre os anos 1985-2000

(conclusão)

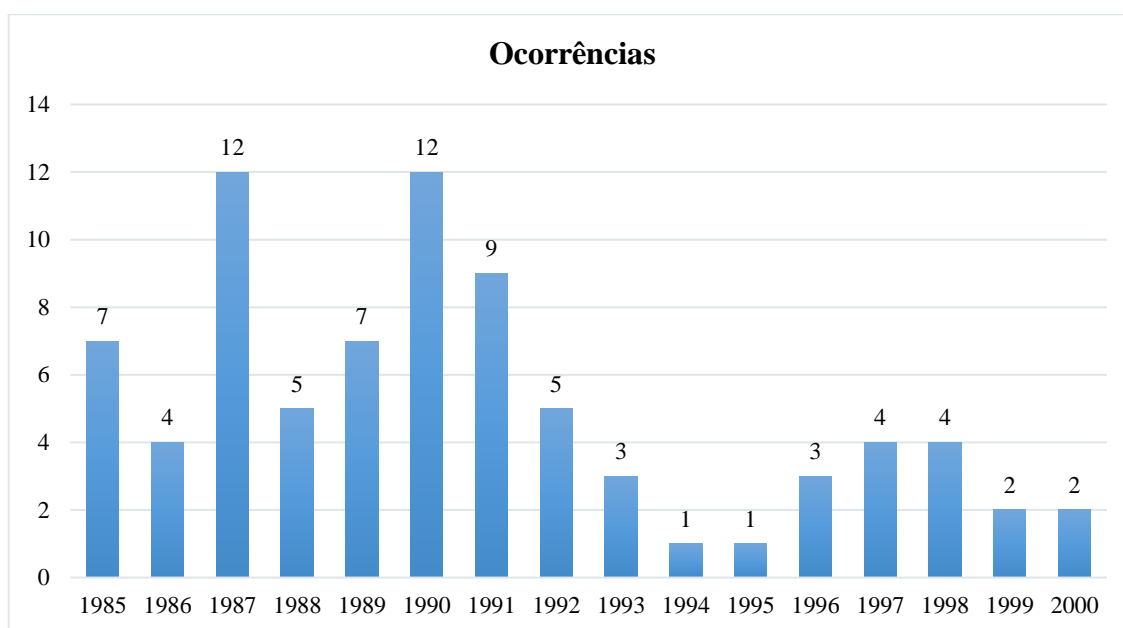
<i>Edição</i>	<i>Ano</i>	<i>Identificação</i>	<i>Tema</i>	<i>Autor(a)</i>	<i>Gênero</i>	<i>Local</i>
2434	1998	Gordura mata	Saúde	Aristides Pereira	Homem	RN
2476	1999	Os órfãos da AIDS	Infância	Hélio Peixoto	Homem	SP
2486	1999	O contra-ataque	Avanço da AIDS	Ana Mariana	Mulher	RJ
2502	2000	Eu sou espada...	Sexualidade	Maria Emília Silvano	Mulher	MG
2517	2000	Sem mato nem cachorro	Adolescentes	Juliana Alvarenga	Mulher	MG

Fonte: Elaborado pelo autor no decorrer do levantamento da *Manchete*/Acervo: BNDigital.

3.2 Quem escreveu sobre a Aids para a *Manchete*

Conforme citado no item anterior, durante os quinze anos que a *Manchete* publicou cartas dos leitores sobre a Aids foram encontradas mais de 80 cartas, segundo o levantamento. Porém, esse interesse pela epidemia não foi uniforme durante o período levantado e inclusive, observando o Gráfico 4, percebe-se que houve um ápice de cartas enviadas entre os anos de 1987 a 1991 e uma diminuição de missivas no decorrer da década de 1990.

Gráfico 4 – Cartas dos leitores sobre a Aids na *Manchete* distribuídas por ano de publicação



Fonte: Elaborado pelo autor no decorrer do levantamento da *Manchete*/Acervo: BNDigital.

É no final da década de 1980 que o governo brasileiro começa a ter uma preocupação cada vez maior sobre a epidemia, vide que as campanhas governamentais só passaram a surgir na *Manchete*, e nacionalmente, em 1987. Também nesta data, por exemplo, o surgimento de novos grupos GAPA nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina, para além de outros grupos no interior de São Paulo (Barros, 2018). Nesse meio tempo entre em 1987 e 1990 houve eventos importantes, como a aprovação da Constituição de 1988 e a criação do Sistema Único de Saúde, que afetou profundamente o caminhar da epidemia no Brasil a partir deste momento, bem como a sua efetivação através da Lei Orgânica de Saúde em 1990 (Parker, 2020). Sem contar com o governo Collor (1990-1992), que representou um dilema para as políticas públicas em relação à Aids.

É nesse período que ocorreu a publicização da soropositividade tanto de Lauro Corona, como de Cazusa, que gerou inúmeras reportagens para a *Manchete*, assim como cartas dos

leitores. Bem como a produção de grandes reportagens da revista sobre o tema, inclusive de capa, e que foram abordadas nos capítulos anteriores. E ao se retomar o Gráfico 1, é possível visualizar que os anos de 1987 e 1990 também foram de grande destaque no levantamento geral.

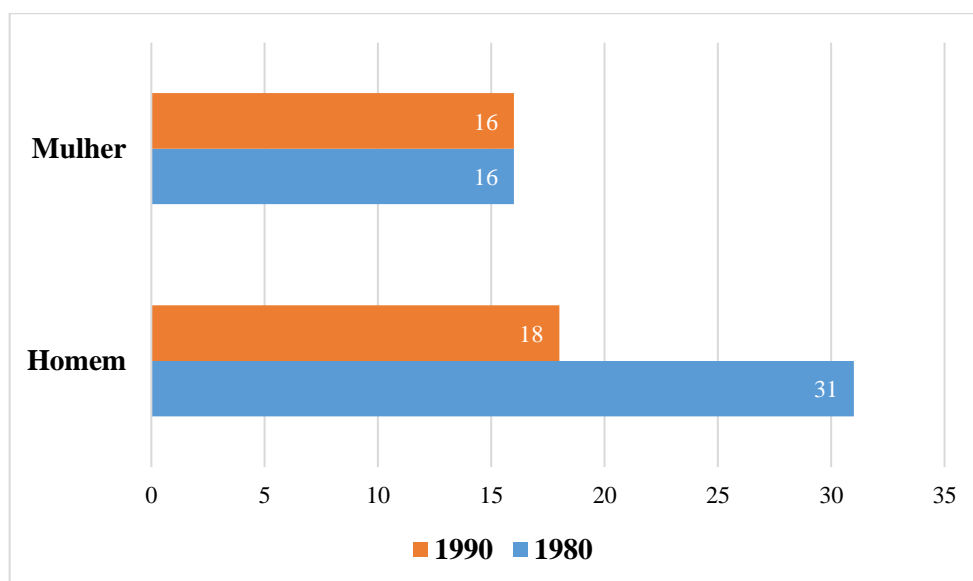
Da mesma forma que houve uma queda no número de textos em geral sobre a Aids na segunda metade da década de 1990, percebe-se, analisando o Gráfico 4, que a seção das cartas dos leitores seguiu o mesmo caminho. Na realidade, nesta seção especificamente o número de cartas entra em uma curva descendente já em 1993. Justamente pelo mesmo motivo, a epidemia deixou de ser uma novidade e a Aids passou a ser encarada com mais “naturalidade”, como uma doença crônica, por exemplo, então o interesse do público, e conseqüentemente da revista, diminuiu.

Outro ponto, já mencionado no item em que foi abordado sobre a *Manchete Saúde*, e que ocorre de forma similar nas cartas enviadas à *Manchete*, foi o deslocamento discursivo do tema Aids para o encarte. Porém, aqui, isso ocorre do *Leitor em Manchete* para o *Check-up do Leitor*, por exemplo, em 1997 três das quatro cartas do levantamento são correspondentes à seção do encarte e em 1998 foram duas.

Conforme Fausto Neto (1991), através da seção de carta do leitor de um periódico é possível vislumbrar quem são as pessoas que consomem esse veículo de imprensa e um dos segmentos que é possível identificar graças a seção veicular a autoria das cartas é o sexo dos leitores. Na análise foi focado apenas no sexo⁸² dos leitores que escreviam sobre a Aids, dessa forma não foi o intuito do trabalho pensar o leitor em geral da *Manchete*. No levantamento foi possível identificar que os homens (60%) escreviam mais do que as mulheres (40%) sobre a epidemia tendo em vista todo o período.

⁸² As cartas na *Manchete* somente traziam os nomes dos autores das cartas e dessa forma foi possível a definição se eram homens ou mulheres, não sendo possível definir se eram cisgêneros ou transvestigêneros

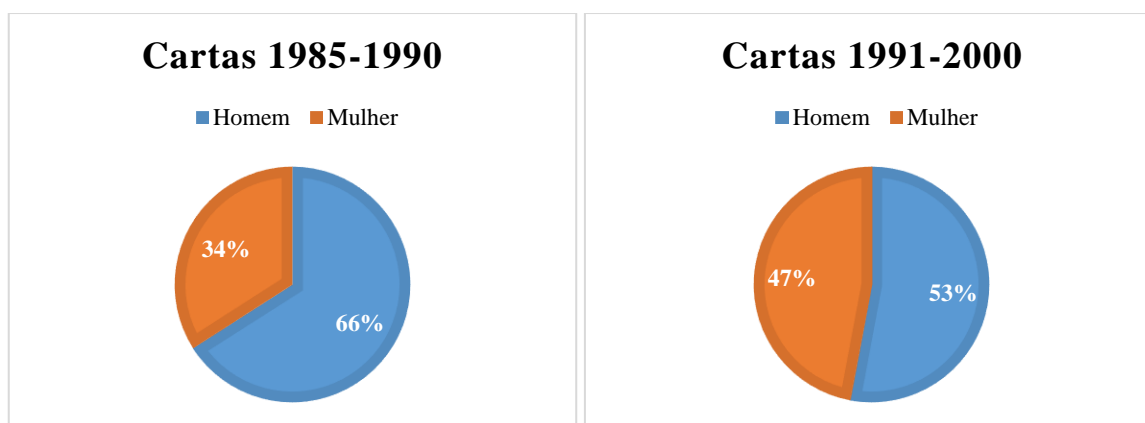
Gráfico 5 – Distribuição entre os sexos na autoria das cartas sobre Aids



Fonte: Elaborado pelo autor no decorrer do levantamento da *Manchete*/Acervo: BNDigital.

Por mais que os homens ocupem a liderança de cartas sobre a epidemia tanto no geral, como pensando as décadas de 1980 e 1990 separadamente, é possível visualizar que eles tem uma queda de missivas enviadas a *Manchete* indo de 31 no período entre 1985 a 1990, para 18 na década seguinte, uma redução de 42%. Já entre as mulheres se manteve estável nos dois períodos. Mas como pode ser visualizado no Gráfico 6, a razão entre os sexos mudou de uma década para outra.

Gráfico 6 – Razão entre os sexos dos autores das cartas dos leitores sobre Aids



Fonte: Elaborado pelo autor no decorrer do levantamento da *Manchete*/Acervo: BNDigital.

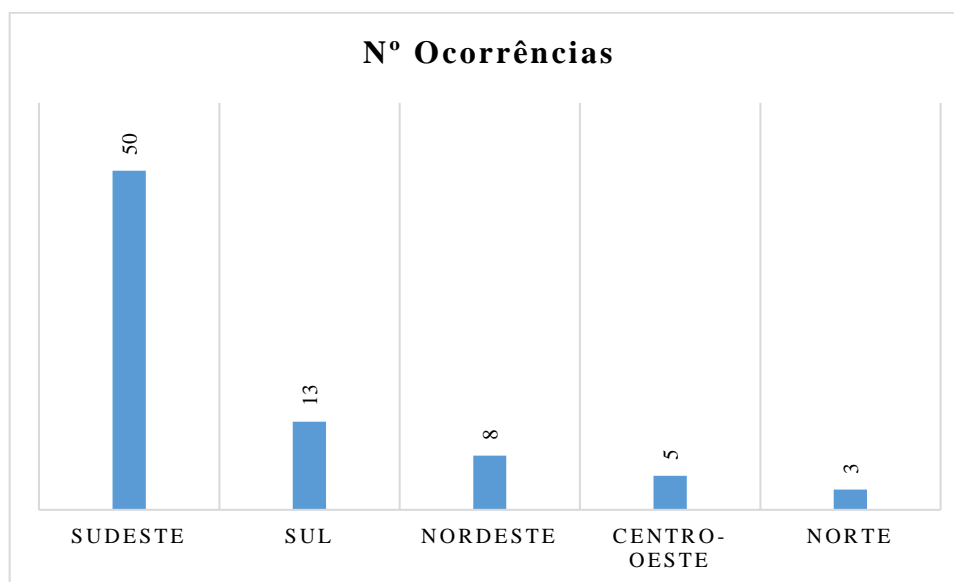
Além da razão dos sexos se alterarem na comparação entre os dois períodos, é possível visualizar que o número de mulheres e homens que escreveram para a revista sobre a síndrome na década de 1990 há uma certa igualdade, com os homens 6% à frente das mulheres. Isso pode-se explicar pela própria dinâmica da epidemia, uma vez que os homens eram mais afetados pelo

HIV nos primeiros anos da Aids no Brasil e a partir da década de 1990 há um aumento significativo de mulheres soropositivas.

Segundo o Boletim Epidemiológico sobre HIV/Aids de 2001, no ano de 1985 (primeira carta sobre a epidemia na *Manchete*) haviam 531 novos casos de Aids em homens, contra 19 em mulheres, isto é, para cada mulher soropositiva existiam 29 homens. Já em 2000⁸³, ano da falência do periódico, haviam 8.977 homens vivendo com HIV e 4.657 mulheres, nesse cenário, para cada mulher infectada havia apenas dois homens, considerando apenas os novos casos no ano de referência. Esse quadro ajuda a explicar o motivo do interesse das mulheres sobre a Aids se manter na década de 1990, sendo que os dos homens diminuíram.

O sexo dos leitores não foi a única informação que o levantamento contou, mas também a região que essa pessoas escreviam, uma vez que isso vinha indicado logo após a autoria da carta. Como pode ser visualizado no Gráfico 7, a região que contou com um maior número de cartas foi a Sudeste (50) e a com o menor número foi a Norte (3). Sendo os três estados com maior número de cartas do Sudeste: São Paulo (23), Rio de Janeiro (19) e Minas Gerais (7) – Minas empatou com Rio Grande do Sul (7) da região Sul, segunda colocada. E as três cartas da região Norte são de apenas de dois estados, Pará (2) e Rondônia (1).

Gráfico 7 – Distribuição por região de autoria das cartas sobre Aids



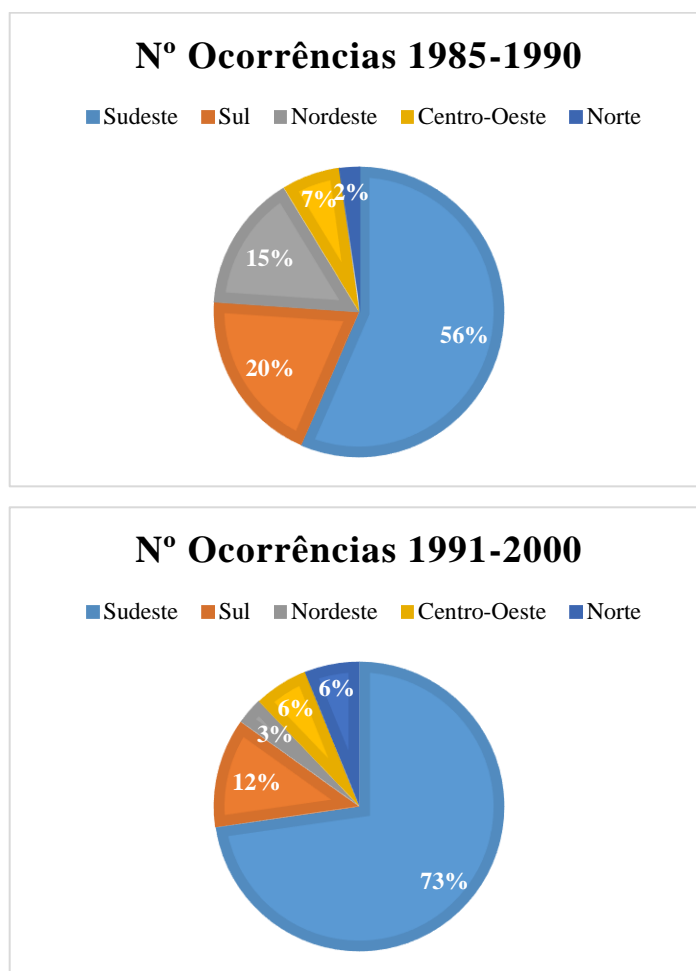
Fonte: Elaborado pelo autor no decorrer do levantamento da *Manchete*/Acervo: BNDigital.

A participação do Sudeste fica evidente levando em conta todo o período, porém, ao se analisar as duas décadas de forma separadamente é possível visualizar que essa porcentagem

⁸³ Segundo o Boletim Epidemiológico sobre HIV/Aids de 2001, entre os anos de 1980 a 2001 houve mais de 200 mil casos de pessoas com HIV no território nacional (ambos os sexos) e com uma letalidade de mais de 100 mil óbitos.

não apenas se manteve na liderança, como também cresceu na década de 1990. Por mais que o Sudeste conte com 24 cartas nos anos 1990, duas a menos do que o período anterior, todas as outras regiões, exceto o Norte (2), tiveram uma queda de participação nessa seção da revista.

Gráfico 8 – Diferença da participação das regiões nas cartas sobre Aids entre os anos 1980 e 1990



Fonte: Elaborado pelo autor no decorrer do levantamento da *Manchete*/Acervo: BNDigital.

A maior participação das regiões Sul e, majoritariamente, Sudeste nas cartas da *Manchete* também pode ser entendida pela própria dinâmica da Aids no país. Inicialmente o HIV ficou conhecido como uma epidemia dos grandes centros urbanos, uma vez que os casos se alastraram principalmente no eixo Rio-São Paulo, as duas principais cidades do país. De acordo com o Boletim Epidemiológico de 2001, entre 1980 a 2001, os cinco municípios com mais casos eram capitais dessas regiões: São Paulo com 44.808 notificações, Rio de Janeiro contava com 19.485, Porto Alegre com 7.810, Curitiba somava 4.225 e Belo Horizonte com mais 3.653 casos. Esse quadro de destaque dessas cidades também pode ser visualizado nos municípios dos leitores da revista que escreveram sobre a epidemia, onde quatro das cinco cidades citadas aparecem como remetentes.

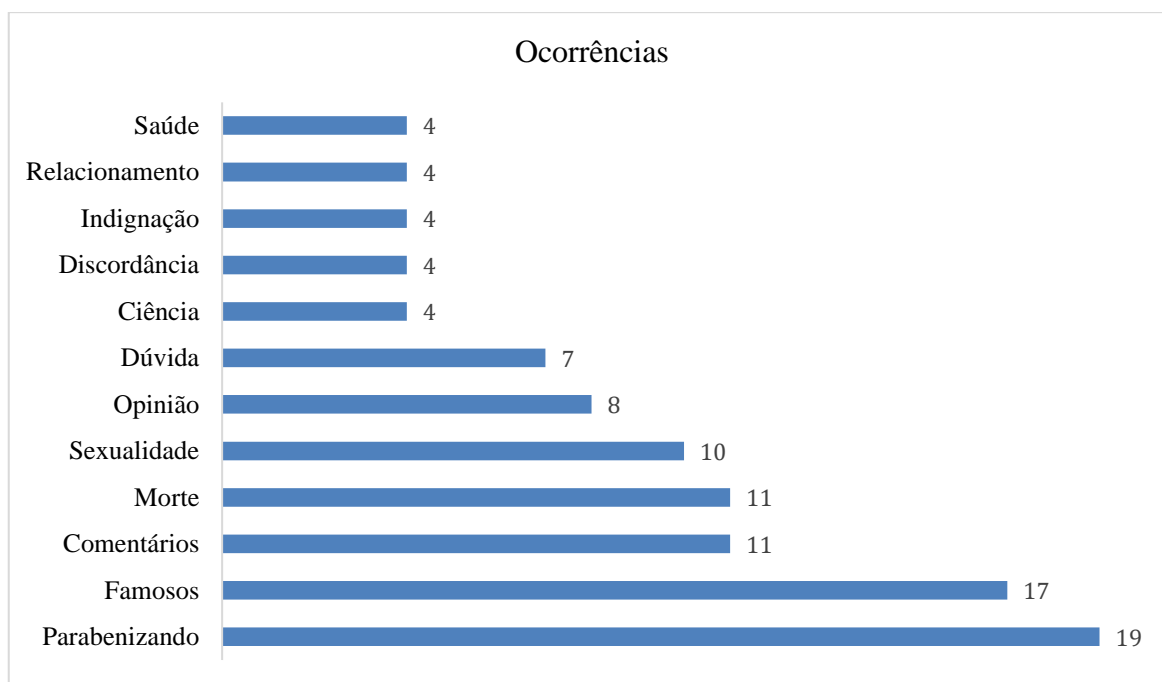
Gráfico 9 – Cidades que mais escreveram sobre Aids para a *Manchete* (1985-2000)⁸⁴

Fonte: Elaborado pelo autor no decorrer do levantamento da *Manchete*/Acervo: BNDigital.

As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro aparecem assim como seus respectivos estados na liderança. Outras cidades que se destacam são Brasília, capital federal, e Santos, cidade do interior de São Paulo, com três cartas. O Distrito Federal em si carrega uma importância, mas também pelo número de casos de infecções por HIV, ocupava o décimo lugar de cidades com mais casos, 2.790. Já o destaque da cidade paulista aqui pode ser explicado pelo fato de que a cidade foi a primeira que não era capital em número de notificações e a sexta no *ranking* geral, com 3.638 casos. O caso da cidade santista fez com que a repórter Malu Vasconcellos produzisse uma matéria para a *Manchete* sobre intitulada, *Santos capital brasileira da Aids*, e que foi publicada na edição 1.951 de 9 de setembro de 1989.

As cartas dos leitores, por serem uma seleção, não nos dá uma exata percepção de quem era o público da *Manchete*, mas, levando em conta o recorte temporal e temático da pesquisa, é possível ter um vislumbre de quem escrevia para a revista sobre a Aids. Em sua maioria homens, que viviam em grandes centros urbanos, sobretudo do eixo Rio-São Paulo, só as cartas das duas cidades representam algo em torno de 35% do total de missivas levantadas. Porém, também foi possível vislumbrar que com o desenrolar da epidemia, na década de 1990, as mulheres passaram a se preocupar mais com o assunto e escrever para o semanário, mantendo o mesmo desempenho da segunda metade da década de 1980, enquanto o público masculino

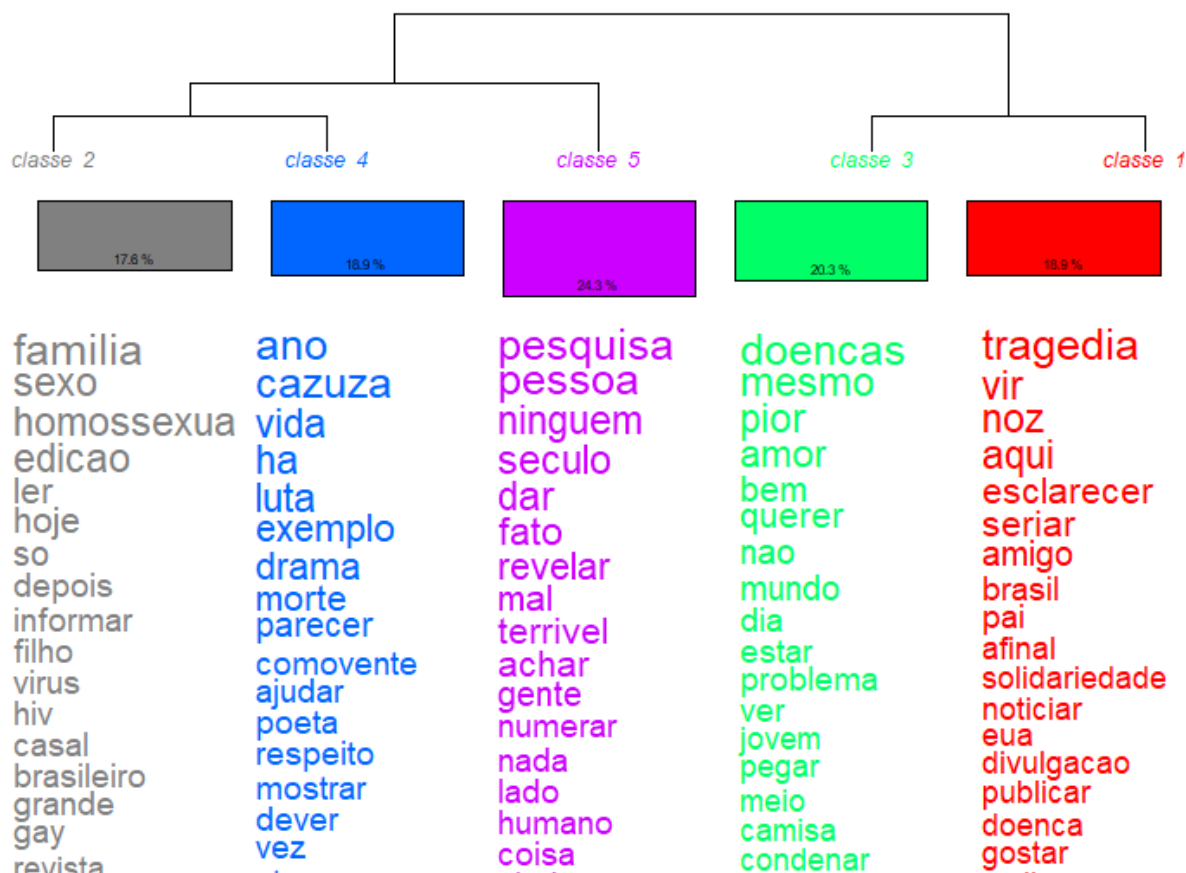
⁸⁴ As duas primeiras cartas do levantamento contavam apenas com a união da federação da pessoa, por isso foi considerado como sendo da capital daquele estado. As cidades com menos de três ocorrências não foram consideradas para o Gráfico 9.

Gráfico 10 – Temáticas das cartas dos leitores da *Manchete* sobre a Aids

Fonte: Elaborado pelo autor no decorrer do levantamento da *Manchete*/Acervo: BNDigital.

As temáticas foram definidas pelo autor após a leitura do conjunto de cartas e para o Gráfico 10 foram consideradas as temáticas que tiveram até quatro ocorrências⁸⁶, sendo as de *Parabenizando*, *Famosos*, *Comentários*, *Morte* e *Sexualidade*, as cinco principais e que foram analisadas neste item. Nesse ponto, podemos confirmar, de certa forma, que as cartas dos leitores são escolhidas para manter a linha editorial do veículo de imprensa, pois se retomarmos o Gráfico 2, que trouxe a quantidade de ocorrências sobre as principais temáticas que foram abordadas na *Manchete* sobre a Aids, percebemos que alguns temas se repetem em ambos os esquemas: vida de famosos, sexualidade, morte, ciência e saúde. E essa tematização representada pelo Gráfico 10 reflete no dendograma gerado pelo Iramuteq dos grupos de palavras das cartas dos leitores:

⁸⁶ As 22 temáticas podem ser visualizada na Tabela 2.

Figura 4 – Dendrograma da seção de cartas dos leitores da *Manchete* sobre Aids

Fonte: Elaborado pelo autor através do Iramuteq.

O Iramuteq conseguiu dividir o *corpus* textual das cartas dos leitores em cinco sub-*corpus* e ao se comparar a Figura 5 com o Gráfico 10 é possível identificar certas semelhanças. A Classe 5 é a que possui maior incidência na seção e ela faz referência a comentários que os leitores faziam sobre a epidemia, como, por exemplo, com a utilização de adjetivos para se referir a Aids, como “mal” e “terrível”, ou como um “mal de fim de século”; sobre a o desenvolvimento de “pesquisas”. Já a Classe 3 também abordava impressões que o público leitor possuía sobre a enfermidade, muitas vezes substituindo a sigla pela palavra “doença” ou “problema”, referindo ao desenvolvimento da enfermidade no “mundo”.

Na Classe 1 podemos visualizar os verbos “publicar”, “divulgar” e “noticiar”, percebendo que é um conjunto de cartas que comentavam sobre reportagens da revista, bem como pela utilização da palavra “esclarecer”, em que os leitores pontuavam que a *Manchete* elucidava questões sobre a epidemia. Um exemplo disso, é a palavra “tragédia” aparecendo em primeiro, pois faz referência à série de reportagens de Márcia Mello Penna, com fotos de Carlos Humberto TCD, sobre o desenrolar da epidemia no Brasil em 1987, *AIDS – A Tragédia no*

Brasil, (Penna, 1987a; 1987b; 1987c; Vázquez; Gomes, 2021) e contou com 4 cartas referindo-se diretamente a essas matérias (Couto, 1987; Reis, 1987; Costa M., 1987; Almeida A., 1988).

A Classe 4 trouxe como palavras de destaque: “Cazuza”, “luta”, “exemplo”, “morte”, “comovente”, sendo a classe que se refere diretamente a abordagem dos olímpicos nas cartas dos leitores. O nome do cantor carioca aparece em destaque, pois ele foi quem mais apareceu nessa seção pensando o recorte temático (cinco vezes), mas os outros termos como “lutar”, “exemplo” e “comovente”, apareceram em missivas sobre outros famosos, como Sandra Bréa e Henfil. Outro ponto é que a temática morte aparece, sobretudo, relacionada à abordagem de celebridades, onde os leitores comentam como a passagem desses *stars* impactaram suas vidas. E a Classe 2 refere-se as cartas que abordaram temas como sexualidade, comportamento e relacionamentos, como pode se destacar com as palavras: “famílias”, “sexo”, “homossexualidade”, “casal”, “filho” e “gay”.

As cartas dos leitores funcionavam como meio de validar socialmente o discurso da *Manchete*, pois a maioria da correspondência era parabenizando a revista pela sua cobertura da epidemia. Não que cartas contrárias às pontuações de jornalistas, e do próprio periódico, não fossem veiculadas, mas apareciam em menor número. Alguns exemplos da principal temática levantadas são:

- I. Oportuna e informativa, sem alarmismo, a série de reportagens da MANCHETE sobre a epidemia de AIDS que assolou o mundo ajudou em muito a esclarecer os verdadeiros perigos da doença/tragédia. Mais um sucesso desta conceituada e séria revista. (Alves, 1985, p. 31).
- II. Sou do tempo em que educação sexual era pecado, por isso vejo com alegria as grandes revistas brasileiras – como MANCHETE 2.069 – se debruçarem sobre o assunto. Nada do que é natural é pecado – e o que é mais natural do que sexo? Post scriptum: Sempre é bom lembrar, em tempo de AIDS, o uso da camisinha. (Correa, 1991, p. 87).
- III. Sou assinante da revista MANCHETE e gostaria de felicita-los pelo ótimo trabalho realizado. Gosto especialmente no encarte SAÚDE, que está sempre informando ao leitor sobre as novidades na área. Na edição n.º 237, por exemplo, li uma nota na Sala de Espera sobre um guia de orientação para profissionais que atendem pessoas com AIDS. Se for possível gostaria que vocês informassem de que forma posso adquirir um exemplar desse guia. (Nascimento L., 1998, p. 3).

Como pode ser visto nos exemplos acima, cartas parabenizando a revista se estendem por todo o recorte temporal, contudo há uma concentração maior na segunda metade da década de 1980 (13), do que em todo os anos 1990 (6). Além da diminuição de correspondência sobre a Aids na década de 1990, há também o fator que no decênio anterior a epidemia ainda figurava como novidade, por isso um maior reconhecimento da *Manchete* por parte dos leitores, pois estavam ainda sendo apresentados à síndrome. Outro ponto importante de ser ressaltado é que esse número elevado de missivas elogiando o semanário demonstra que o processo de

editoração ocorreu aí, pois essas cartas com essas características foram mais veiculadas do que as que criticavam o posicionamento do impresso.

Como forma de reconhecer os serviços prestados pela revista, a *Manchete* é descrita pelos leitores como: “conceituada”, “séria” e “grande”. Já em relação às reportagens, pode-se elencar: “oportuna”, “informativa” e “ótimo”. Na carta III o leitor elogia em especial o encarte de saúde e demanda que a Aids fosse mais abordada neste periódico, por isso, além de elogiar, os autores das cartas requisitavam o que gostariam de ver no semanário, bem como aconselhavam outros leitores, como na carta II.

A segunda temática com mais ocorrência na seção de cartas dos leitores, assim como no levantamento em geral, foi sobre a vida de famosos. Além da mídia abordar a todo instante a vida dos olímpicos, a população em geral, muitas vezes compelida pela imprensa, também comentavam sobre celebridades. Além dos casos de Rock Hudson, Cazuza, Lauro Corona e Sandra Bréa, que já foram abordados no Capítulo II, houve correspondência para outros *stars*.

Houve outras cartas sobre famosos, como a veiculada na edição 2.071 de 1991 sobre a morte de Freddie Mercury, mas quem teve mais ocorrências, fora os olímpicos já abordados anteriormente, foi o bailarino russo, Rudolf Nureyev. O bailarino foi um dos principais nomes do seu ofício no século XX, sendo mundialmente conhecido, e as missivas sobre ele para *Manchete* revelam alguns pontos interessantes.

- IV. É de cortar o coração ver que o bailarino do século, Rudolf Nureyev, está morrendo de AIDS. No belíssimo *La Bayadère*, a que tive o privilégio de assistir em Nova Iorque, o amor vence a morte. Infelizmente, nada, nem ninguém, consegue, até o momento, vencer a AIDS. (Camacho, 1992, p. 79).
- V. Quando o flagelo da AIDS atinge mais uma pessoa do renome de Rudolf Nureyev, seria muito bom que ele tivesse a coragem de admitir a doença para, assim, chamar a atenção para ela, como fez o magnífico jogador de basquete Magic Johnson. (...). (Bueno, 1992, p. 79).
- VI. O olhar vazio de Nureyev nas páginas de *MANCHETE* mostraram uma estranha semelhança com outro ídolo, o nosso Cazuza, pouco antes de falecer. Até quando esta doença continuará ceifando vidas valiosas? (Bonjean, 1992, p. 79).

As três cartas foram veiculadas na edição 2.118 de 7 de novembro de 1992 e fazem referência a matéria, *Nureyev: o último aplauso*, publicada no número 2.116 de 24 de outubro do mesmo ano. A reportagem abordou sobre uma das últimas apresentações do bailarino e teceu comentários sobre a sua saúde (Nureyev..., 1992), as missivas também. A correspondência sobre o dançarino é interessante de analisar pois revela outros pontos já abordado em outros momentos deste texto, como a noção de morte social (Daniel, 2018), comparação entre olímpicos (Fausto Neto, 1991) e a noção de que se o bailarino “assumissem” a Aids estaria chamando a atenção para epidemia.

A percepção de morte social aparece tanto na carta IV como na missiva VI: “está morrendo de Aids” e “Até quando esta doença continuará ceifando vidas valiosas?”. A utilização dos verbos “morrer” e “ceifar” no gerúndio mostra que a situação não havia acabado, mas se prolongava, a partir do momento em que pessoas confirmam que o dançarino estava com Aids, então o processo de sua morte começaria ali. E como pontuou Fausto Neto (1991, p. 47) sobre a cobertura da imprensa sobre olímpianos, aqui se repete: “nenhum centímetro do seu corpo, nenhuma fibra de sua alma, nenhuma lembrança da sua vida que não possa ser jetada sobre o mercado’, lembra Morin, é descartada, ao que acrescentaríamos também, a sua morte.”

Como na reportagem a soropositividade não vem de Nureyev, mas de pessoas próximas, as cartas vinculadas comparam com outros olímpianos soropositivos, Magic Johnson e Cazusa. No caso do cantor brasileiro é assemelhado o olhar “vazio” de ambos, como uma forma de confirmar que Rudolf estaria com a síndrome, “sintomologia” ao comparar aspectos físicos de ambos. E em relação a Magic é relacionado a postura de ambos diante do diagnóstico, um falando publicamente sobre e o outro não, onde a atitude do atleta é vista como valorosa, “coragem”.

A terceira maior temática das cartas dos leitores foi sobre *Comentários*, por mais que seja abrangente, uma característica desse tema é que não necessariamente as cartas faziam referência direta a alguma reportagem da *Manchete*, como por exemplo:

- VII. Chegando recentemente da França, trago notícias surpreendentes sobre a AIDS. O fato é que, não sei se por excesso de divulgação, ninguém mais está dando bola para moléstia na Europa. Os franceses continuam sua vida normal, e as liberdades sexuais estão a todo vapor. Será que o assunto foi superexposto? Será que a moda passou? (Flores, 1985, p. 90).
- VIII. Fiz, há alguns meses, uma viagem a Boa Vista, Roraima, e caí na tolice de brincar com uma antropóloga de lá, dizendo que qualquer dia desses a imprensa noticiaria a chegada da Aids aos ianomâmis. Ela ficou braba comigo. Vejo, entretanto, que o perigo está aí. Os ianomâmis são índios extremamente vulneráveis, por sua própria índole dócil, que facilita a aproximação dos brancos, especialmente os garimpeiros. Por isto, as doenças dos brancos já os estão atormentando. Pior é que não há solução à vista. (Pindorama, 1991, p. 63).
- IX. Realmente, quem pega AIDS e outras doenças graves no Brasil e não ganha muito bem, está condenado a uma sobrevida muito curta, pois não é qualquer um que pode pagar o tratamento, como a MANCHETE n.º 2.319 mostra na reportagem O Preço da Vida. O jeito é o governo assumir o tratamento, como manda a Constituição. E como isto é difícil, devido à alegada falta de dinheiro, ai de nós. (Figueiredo, 1996, p. 50).

A carta IX, por mais que faça referência a uma matéria do semanário, traz questionamentos sobre o papel do Estado, ou a falta dele, no tratamento de pessoas soropositivas e nesse ponto assemelhasse a carta VIII, pois esta também trata de uma responsabilidade do governo, que seria o de barrar o avanço da epidemia sob populações

indígenas. Já as cartas VII e VIII trazem colocações que os leitores se sentiram impelidos a escrever para a revista, mesmo que não tenham ligação com algum texto veiculado pela *Manchete*, compreendiam o periódico e a seção como um espaço para discussão de ideias e de levantar debates.

A quinta principal temática foi *Sexualidade*, sendo um tema que também permeou todo o recorte temporal. Algumas das cartas sobre a temática foram:

- X. A pesquisa sobre infidelidade conjugal revela os índices de traição, mas esconde um fato assustador. Não que eu queira dar uma de conservador, mas o aumento da promiscuidade só pode ocasionar uma expansão maior do maior flagelo de nossa década: a AIDS. Antes de darem um mau passo, é preciso que as pessoas reflitam sobre as conseqüências não só morais, mas fatais que lhes podem acontecer.” (Ramos A., 1986, p. 22).
- XI. Só agora tive a oportunidade de ler um artigo publicado na MANCHETE n.º 2.156, que mostra uma pesquisa do Laboratório de Bioquímica do Instituto Nacional do Câncer dos EUA, coordenada pelo dr. Dean Hamer, dizendo que o homossexualismo é uma característica genética. Não sou contra os gays nem os discrimino, pois acho que eles têm um lado bom que é o de serem pessoas sensíveis e humanas, mas daí a concordar que a homossexualidade é uma coisa normal já é outra história. Não achei nessas pesquisas argumentos suficientes para me convencer. É muito perigoso afirmar tais teorias, pois pode fazer que o número de gays não-assumidos cresça e com isto a AIDS aumente. (Pinto N., 1994, p. 49).
- XII. A reportagem O perigoso mundo dos michês, na MANCHETE n.º 2.500, mostra um dos lados mais hipócritas e abomináveis do nosso mundo de hoje. Tenho AIDS. Peguei-a do meu marido, que se fazia de muito machão mas, às escondidas, era homossexual. Só descobri o que era quando a AIDS se manifestou nele, matando-o, e depois apareceu em mim também. Não sei por que certos homens fazem isto. Freud, concordando com os gays de hoje, dizia que quem faz sexo com um homossexual é homossexual. Bissexualismo, nesse caso, é puro fingimento. Para se passarem pelo que não são, esses sujeitos de duas caras se matam e acabem matando a família também. Seria melhor assumirem. (Silvano, 2000, p. 61).

Algo que chama atenção nessas três cartas é a associação direta da Aids com uma sexualidade não heteronormativa. Na carta X isso aparece quando o autor escreveu que o aumento da “promiscuidade” significaria o aumento de casos de HIV, já o autor da XI foi ainda mais direto, em que pontuou que se o número de pessoas gays aumentasse, automaticamente o mesmo ocorreria com a AIDS. Já a carta XII desconsiderava a bissexualidade, colocando que só seria possível homo ou heterossexuais, e devido a esse “bissexualismo” (*sic.*) é que esse homens estariam se “matando” e as suas famílias.

A carta X, mesmo não se referindo a homo/bissexualidade, também traz uma noção que vai contra a heteronormatividade, pois segundo Sontag (1989, p. 87), “A AIDS apresenta todas as formas de sexualidade que não a união monogâmica estável como promíscuas (e portanto perigosas), assim como divergentes, já que todas as relações sexuais são,

indiretamente, também homossexuais.” Mesmo que a *Manchete*, principalmente após 1985⁸⁷, tentasse dissociar a noção de ter HIV necessariamente as pessoas seriam de um “grupo de risco”, sobretudo, homossexuais, essa ideia se manteve no imaginário social, como ocorre nessas cartas.

A carta XII guarda um outro fator importante, ela é a única veiculada na *Manchete* de uma pessoa que se diz soropositiva em mais de dez anos de correspondência. No ano de 1990 houve três casos de missivas que se referiam a Aids de acordo com as suas próprias experiências, mas relatando a morte de pessoas próximas devido ao agravamento da síndrome. A carta de Maria Emília Silvano (2000), revela justamente um quadro que teve início na década de 1990, o aumento dos casos de HIV em mulheres, sobretudo, casadas, como a *Manchete* já havia abordado, *A escalada da AIDS entre as mulheres*, na edição 2.485 de 27 de novembro de 1999 (Peconick; Dias, 1999).

Um outro ponto que se consegue perceber ao analisar essa seção é justamente como ocorreram as mudanças na própria dinâmica da epidemia, por exemplo, as temáticas “hemofílico” e “mulher”. As três ocorrências que tiveram sobre hemofilia nas cartas dos leitores datam da segunda metade da década de 1980, já as cartas da temática “mulher” foram na década de 1990. Isso é explicável por fatores já apontados anteriormente: No primeiro caso, após a declaração da Constituição de 1988 e o controle dos bancos de sangue pelos órgãos públicos, os novos casos de HIV em pessoas hemofílicas caiu vertiginosamente; já no segundo caso, os casos de infecção pelo vírus da Aids em mulheres teve um aumento significativo na década de 1990.

Assim como a revista de um modo geral refletiu a própria dinâmica da epidemia, isto também ocorreu na seção *Leitor em Manchete*, exemplo disso é a diminuição de missivas nos anos 1990 em comparação com o período anterior. Entre os anos de 1985 a 1990 foram publicadas 47 cartas que versavam sobre a Aids, contra 34 que foram veiculadas em todo o período da década de 1990. Essa diminuição ocorreu, pois, a síndrome deixou de ser considerada uma novidade e se tornou parte do cotidiano brasileiro fazendo com que o semanário abordasse menos sobre ela e conseqüentemente o público leitor também a deixou um pouco de lado.

Outro exemplo é a predominância de autoria masculina dessas cartas. Em todo o período de correspondência sobre a epidemia foram catalogadas 49 missivas escritas por homens contra 32 por mulheres. Como já supracitado, os homens representavam o principal

⁸⁷ A primeira capa da *Manchete* sobre Aids foi sobre “as novas vítimas” da epidemia, ainda em 1985.

foco de disseminação do HIV, sobretudo na década de 1980, período em que houve maior número de cartas de autoria masculina (31).

Contudo, nos anos 1990 esse quadro teve uma mudança, por mais que o público masculino fosse, também, o que mais escreveu sobre a epidemia, 18 cartas nessa década, percebesse que a diferença com o número de missivas escritas por mulheres não foi tão grande quanto no período anterior. Assim como nos anos entre 1985 a 1990 foram catalogadas 16 cartas escritas pelo público feminino, o mesmo número de missivas fora encontrado em toda a década de 1990. Isso mostra que a participação do público leitor feminino se manteve constante na leitura do periódico, mas também demonstra que o interesse do público masculino caiu a partir do momento em que homens e mulheres passaram a serem infectados pelo vírus quase na mesma proporção (Brasil, 2001).

Também no levantamento ficou evidente a grande participação das regiões Sudeste e Sul, respectivamente, como remetentes das cartas e sobretudo vindas dos grandes centros urbanos dessas regiões, essa predominância pode ser explicada por dois motivos. O primeiro já foi aventado anteriormente e se deve à própria evolução da epidemia de HIV/Aids, pois inicialmente a maioria dos casos foram relatados em grandes cidades, especialmente entre o eixo Rio-São Paulo e dessa forma chamava a atenção dos leitores dessas regiões.

Contudo, um outro aspecto também deve ser evidenciado nessa questão, pois por mais que a *Manchete* tivesse uma circulação nacional, a sua principal forma de distribuição era nas grandes capitais do país. Inclusive, José Esmeraldo Gonçalves e Roberto Muggiati (2008, p. 44), evidenciam que esse foi um dos motivos que auxiliou na queda de vendas das revista e ainda ressaltam que “[...] as edições super-rápidas só atingiam as capitais Rio e São Paulo.” Essa característica do próprio semanário ajuda a explicar a prevalência de um público leitor desses dois estados e, em especial, dessas duas metrópoles.

Já em relação às temáticas específicas das cartas tornaram possível identificar que a maioria das missivas abordavam questões levantadas pela própria *Manchete* e que na maioria das vezes elas parabenizavam o periódico pela sua cobertura sobre a epidemia. Isso nos revela um aspecto importante, o processo de editoração, escolha, do próprio semanário, pois o número de cartas elogiando o trabalho da revista é consideravelmente maior do que criticando. Algo que nos ajuda a corroborar com essa situação é que as principais temáticas em específico desta seção refletem, de algum modo, os principais temas da publicação no geral: famosos/olimpianos, morte e sexualidade.

Mesmo as cartas dos leitores sendo utilizadas como um espaço de reforço da linha editorial de um periódico, neste tópico foi possível vislumbrar uma variedade de discursos e

peças, que muitas vezes, não são percebidas em outros pontos da publicação. Tentando ver entre as frestas, foi possível ter certa noção de quem era o público leitor da *Manchete* e o que pensava sobre a epidemia de Aids.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu vejo o futuro repetir o passado/
Eu vejo um museu de grandes novidades/
O tempo não para.”
O Tempo Não Para – Cazusa.

Após esse longo percurso, indo desde as matérias de capa da revista até as cartas que os leitores escreveram para o semanário, creio que conseguimos completar o principal objetivo da pesquisa, o de compreender como a revista *Manchete* realizou a cobertura da epidemia de HIV/Aids de 1985 a 2000. O periódico não economizou tinta e papel para escrever sobre, na época, a “nova doença” que colocou em xeque construções sociais relacionadas à saúde, sexualidade e, também, ética jornalística. Como abordar sobre uma enfermidade que ninguém tinha conhecimento sobre? Questionamentos que foram feitos no passado, mas que continuam latentes no presente.

A resposta foi sendo construída aos poucos e por um caminho sinuoso, cheio de avanços e retrocessos. A imprensa como um todo atuou, em um primeiro momento, de forma a ressaltar a letalidade da epidemia, bem como de estigmas que foram sendo construídos em torno da Aids. Mas, ao mesmo tempo, os periódicos funcionavam como pontes que não só levavam informações aos seus leitores, como ajudavam a explicar conceitos científicos para a população em geral. A própria *Manchete* apresentou esse caminho de idas e vindas.

A primeira vez que foi mencionado sobre a epidemia na revista em 1982 ela foi referida como “doença dos homossexuais” (Time, 1982), ou “câncer que mata homossexuais” (US, 1982). Contudo, com o passar dos anos, descobertas científicas, pressão dos movimentos sociais, percebe-se que o semanário passa a utilizar os termos como HIV e “AIDS”, evidenciando em sua primeira matéria de capa que a síndrome não estava restrita aos “grupos de risco” (Barners; Hollister, 1985). Ao mesmo tempo que em muitas de suas reportagens utilizaram-se de metáforas militares, ou da Aids como peste, também trouxe informações que ajudaram os seus leitores, vide que a categoria que mais se destacou na seção de cartas dos leitores foi parabenizando a *Manchete* pela sua cobertura.

A revista privilegiava o discurso médico quando falava sobre Aids, como evidenciou o próprio levantamento e o primeiro capítulo, em que podemos perceber que a *Manchete* se utilizava desse discurso científico para fundamentar o seu próprio. Nas matérias de capas esse discurso aparecia na utilização de termos técnicos ou que caracterizavam a epidemia — a própria síndrome não ficou conhecida até hoje por um nome, mas através uma sigla que inicialmente foi definida no campo médico —, também trazendo falas de médicos e cientistas,

ou de uma forma mais evidente, trazendo campanhas, principalmente do Ministério da Saúde, para informar, alertar, a sociedade.

A prevalência desse discurso médico sobre a epidemia dentro do semanário ficou mais evidente com o surgimento da *Manchete Saúde* a partir de 1994. Pois o encarte acabou concentrando os temas relacionados à medicina e saúde em si, gerando um deslocamento discursivo sobre a Aids da publicação principal para o novo periódico. Das 228 ocorrências de 1994 a 2000, período de circulação do encarte, 63 vieram da *Manchete Saúde*, cerca de 27,6% do total desse recorte temporal em específico.

Porém, mesmo com o destaque ao discurso médico, justamente por a epidemia ser uma desconhecida de todos fez com que muita gente, para além da área da saúde, falasse sobre ela e desse opiniões, indo desde estudiosos da ciências humanas e sociais, políticos, ativistas, religiosos e soropositivos. Todos tinham algo para falar e de certo modo, o discurso de todos é encontrado no periódico. Claro que obedecendo o editorial e as posições do veículo de imprensa, mas funcionou como um espaço de debate. Pois, como já citado por Márcia Machado (2006), a imprensa não apenas repassa os discursos, ela os recria obedecendo suas próprias regras.

Uma das vozes que mais pode ser encontrada na revista, por vontade própria ou não, foram as dos famosos, uma vez que o semanário privilegiava a cobertura sobre a vida desses olímpicos modernos como uma característica própria do semanário. O segundo capítulo se debruçou sobre a cobertura que a *Manchete* realizou sobre a soropositividade de cinco dessas celebridades: Rock Hudson, Cazusa, Lauro Corona, Sandra Bréa e Renato Russo.

Principalmente com os casos de Cazusa e Sandra Bréa, foi possível verificar a própria pessoa adoentada pontuando suas opiniões e recusando uma morte social que muitas vezes lhe foi imposta socialmente, inclusive pelos próprios veículos de imprensa. Mais um ponto que releva a abordagem de famosos é a questão da ética no jornalismo, onde os periódicos buscavam, e ainda o fazem, de destrinchar cada pedaço da vida dessas pessoas.

Já no terceiro capítulo abordamos como o público leitor da *Manchete* se apropriou do discurso da revista e pontuava suas opiniões na seção de cartas dos leitores. Ainda que esse material tenha passado pelo crivo editorial, ele enriquece a análise por trazer a visão dos leitores sobre a epidemia, deixando de lado a sua figura passiva e tem a sua voz ouvida nesta parte do periódico de forma mais evidente. O público que se informava sobre a epidemia, ou sobre a vida de famosos, através do periódico era bem definido. Uma vez que a maioria da correspondência era da região Sudeste, sobretudo do eixo Rio-São Paulo, e tendo sido escrita

por homens, porém mulheres e pessoas de outras regiões também possuíam uma participação considerável dentro do periódico.

No levantamento e análise das cartas dos leitores foi possível verificar que a maioria do material referia-se à matérias e textos da própria *Manchete* sobre a epidemia e agradecendo o papel que o semanário desempenhava na sua cobertura sobre a Aids, o que, de certa forma, acabou influenciando nas principais temáticas das missivas em específico, como Famosos, Morte e Sexualidade. Contudo, esse era um espaço que os leitores traziam debates que extrapolavam as temáticas das matérias da revista, trazendo informações e visões que vinham de outros meios que além da revista (outros meios de comunicação, religiosidades, vivências próprias, entre outros).

Outro objetivo da pesquisa era o de mostrar a diversidade de fontes que a *Manchete* possui sobre a epidemia de Aids, foram mais de 600 textos catalogados e que só uma pequena parte foi aqui abordada. Muitas temáticas e edições sobre o HIV/Aids ainda podem ser trabalhadas com o semanário, bem como para além da questão da síndrome e da História da Saúde, a revista é uma fonte muito rica, são mais de duas mil edições e meio século de atuação, e com a digitalização e publicização realizada pela BNDigital o acesso a essa documentação e as pesquisas em cima dela tendem a aumentar. Importante ressaltar que esse é um trabalho inicial, que não teve como objetivo esgotar as discussões aqui propostas e incentivar que outras pesquisas possam florescer desse levantamento.

Um ponto importante e que não foi trabalhado nesse texto, mas que serve de incentivo a futuras pesquisas é o de realizar um olhar mais atento sobre as imagens que foram utilizadas para a representação da síndrome ou de pessoas soropositivas dentro da *Manchete*. A revista era caracterizada por ser um semanário de fotojornalismo e que essas fotos compunham mais da metade do material impresso de cada edição, sendo assim de suma importância entender como essas imagens eram construídas e quais mensagens queriam passar, desde as que estampavam as capas até as figuras dentro das matérias.

Outro aspecto que não foi evidenciado nesta pesquisa, mas que aparece de forma considerável na *Manchete*, principalmente na década de 1980, são os casos de hemofílicos soropositivos. A partir do momento em que os bancos de sangue são controlados e o número de infecções de HIV por transfusão sanguínea caem esse grupo praticamente some das reportagens e matérias da revista. O próprio semanário abordou casos emblemáticos de hemofílicos que vieram a se tornar soropositivos, como os olímpianos e irmãos Betinho (1935-1997), Henfil (1944-1988) e Chico Mário (1948-1988). É interessante notar como a mídia abordava esses casos, se havia diferença de tratamento entre hemofílicos e pessoas que tiveram

contato com o vírus pela via sexual ou por utilização de drogas e entender como o periódico foi deixando de lado essa população com o passar do tempo.

Ao mesmo tempo que a revista foi deixando de abordar certos grupos em relação a Aids, foi elencando e discutindo outros devido a própria mudança e dinâmica da epidemia, como foram os casos das mulheres soropositivas. A partir da década de 1990 o número de casos de mulheres com HIV foi aumentando consideravelmente e a *Manchete* percebeu isso e abordou até de forma significativa esse processo, produzindo uma matéria de capa (Peconick; Dias, 1999), por exemplo. Em vislumbre rápido nesses textos que abordavam esse assunto no periódico é possível visualizar que a *Manchete* abordava sobre essas mulheres soropositivas muito associado com a questão da transmissão vertical e casos de crianças que viviam com o vírus, em que o foco não estava somente na saúde das mulheres, mas também na questão reprodutiva.

Pesquisar sobre uma epidemia (HIV/Aids) nos anos 1980 e 1990 e estar vivendo no meio de outra pandemia (Covid-19) não foi processo fácil, pois muitas vezes parecia que os dois processos históricos se misturavam, no sentido de decisões políticas, declarações e coberturas das duas enfermidades serem extremamente parecidas, como autoridades menosprezando a gravidade da situação, ou como cantou Cazuza, “um museu de grandes novidades”.

Dessa forma, para concluir, esta pesquisa destaca-se a importância da defesa da ciência, bem como de instituições sérias de notícias e informações, pois nas duas crises sanitárias, HIV/Aids e Covid-19, elas desempenharam primeiro um papel que cabia ao Estado brasileiro e que não foi feito. A veiculação de informações seguras, apuradas, podem salvar vidas, enquanto que a desinformação e o silêncio podem ceifá-las.

REFERÊNCIAS

- A estranha doença do cabeleireiro. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 157, 25 out. 1986. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/241043>>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- ABREU, Angela; PORRO, Alessandro. A luta em público contra a Aids. *Veja*, São Paulo, p. 80-87, 26 abr. 1989.
- AIDS 1 em cinco anos, a vacina. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 6-15, 14 abr. 1990. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/261550>>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- AIDS 2 os caçadores de vacina. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 36-45, 21 abr. 1990. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/261696>>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- ALMEIDA, Arlindo de. MANCHETE premiada. *Manchete*, Rio de Janeiro, 26 nov. 1988. Leitor em Manchete. p. 83. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/254102>>. Acesso em: 18 out. 2023.
- ALMEIDA, Cláudia Amorim de; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa. Análise retórico-textual do gênero carta do leitor na esfera acadêmica. *VERBUM* (ISSN 2316-3267), v. 8, n. 1, p. 168-187, abr. 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/41157/28240>>. Acesso em: 26 set. 2023.
- ALMEIDA, Maria Rita de Cassia Barreto de. *A trajetória silenciosa de pessoas portadoras do HIV contada pela História Oral*. 2004. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://www.ppgenf.ufpr.br/Disserta%C3%A7%C3%A3oAlmeida.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2023.
- ALVES, Maria Márcia. AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1985. Leitor em Manchete. p. 31. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/233062>>. Acesso em: 25 ago. 2023.
- AMORES reais e presidenciais salvaram o beijo da paranóia da AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 68, 11 jan. 1986. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/235795>>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou manchete. *Revista Brasileira de História*, v. 21, n. 41, p. 243-264, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/z4SF7rY8TzXZKXmQR4Z8R9w/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 9 set. 2023.
- ARAÚJO NETO, Agenor de Miranda. *Cazuza tem vírus da Aids mas diz estar com 'saúde ótima'*. [Entrevista concedida a] José Carlos Camargo. São Paulo: Folha de São Paulo, 13 fev. 1989. Ilustrada. p. E6. Disponível em: <https://media.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/11/21/ilustrada-13_02_1989.pdf>. Acesso em: out. 2023.
- ARAÚJO NETO, Agenor de Miranda. *Entrevista de Cazuza ao programa Cara a Cara*. [Entrevista concedida a] Marília Gabriela. São Paulo: Rede Bandeirantes, 1988. Vídeo online.

(48 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=smsWOqeb1hQ>>. Acesso em: 6 out. 2023.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. Carnaval O bloco da prevenção. *Manchete*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1999. *Manchete Saúde*. p. 48-49. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/308044>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. Dr. David Everson Uip - Mulher: vítima e não vilã. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 26-27, 30 nov. 1991. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/271362>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. Infectologista David Uip: “Mantenho a minha posição: mulher não passa AIDS pelo sexo”. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 18-19, 28 ago. 1993. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/280353>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. São Paulo - HOSPITAL ALBERT EINSTEIN: Quem pode mais vive mais. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 10-11, 5 ago. 1989. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/257450>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

BARNERS, Edward; HOLLISTER, Anne. As novas vítimas do AIDS. Tradução: Mário Bendetson. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 16-22, 13 jul. 1985. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/232815>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BARREIRA, Roberto. *Manchete*, Rio de Janeiro, 5 out. 1996. Editorial. p. 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/295940>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

BARROS, Sandra Garrido de. *Política Nacional de Aids: construção da resposta governamental à epidemia HIV/aids no Brasil*. Salvador: Edufba, 2018. E-book.

BATISTA, Tarlis. A beleza contra a AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 110-113, 27 jun. 1987. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/245434>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BIEL, Maria; KLARE, Hans-Hermann; LEMPKE, Klaus. AIDS O perigo é para todos. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 12-15, 26 mar. 1988. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/249908>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BONJEAN, Célia T. NUREYEV E A AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 7 nov. 1992. O Leitor em *Manchete*. p. 79. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/276427>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, v. 33, n. 69, p. 196-219, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eh/a/XNJJWhFFzPKdkhF6cyj5BJv/>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988a. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 1 set. 2023.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Dispõe sobre as Boas Práticas no Ciclo do Sangue*. Resolução - RDC nº 34, 11 jun. 2014. Disponível em: <<https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20170553/04145350-rdc-anvisa-34-2014.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei 2353/2021*. Altera a Lei nº 10.205, de 21 de março de 2001, para proibir a discriminação com base na orientação sexual de doadores de sangue. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2022. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2306536>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. AIDS: Assim pega\Assim não pega. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 54, 14 mar. 1987. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/243598>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Aqui você encontra solidariedade. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 58-59, 19 out. 1996. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/296112>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Quem se ama se cuida. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 19, 24 dez. 1994a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/286811>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Quem se ama se cuida. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 77, 31 dez. 1994b. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/286974>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Quem vê cara, não vê AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 56, 27 fev. 1988. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/249486>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Redefine o regulamento técnico de procedimentos hemoterápicos*. Portaria nº 158, 4 fev. 2016. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2016/prt0158_04_02_2016.html>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde de A a Z: Aids/HIV. In: BRASIL. Ministério da Saúde. *Assuntos*. [Brasília]: Ministério da Saúde, [2023?]. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aids-hiv>>. Acesso em: 4 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Se você não se cuidar a AIDS vai te pegar. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 53, 9 mar. 1991a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/267021>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Se você não se cuidar a AIDS vai te pegar. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 103, 16 mar. 1991b. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/267191>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. *Boletim Epidemiológico HIV/Aids*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001, [Dez. 2001, ano XIV, nº 1]. Disponível em: <<http://antigo.aids.gov.br/pt-br/pub/2001/boletim-epidemiologico-aids-2001>>. Acesso: 3 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. *Boletim Epidemiológico HIV/Aids*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022, [Dez. 2022, nº especial]. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2022/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-numero-especial-dez-2022/view>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 7.649 de 25 de janeiro de 1988b*. Estabelece a obrigatoriedade do cadastramento dos doadores de sangue bem como a realização de exames laboratoriais no sangue coletado, visando a prevenir a propagação de doenças, [...]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/17649.htm#:~:text=Art.,sangue%20ou%20de%20suas%20fra%C3%A7%C3%B5es.>. Acesso em: 1 set. 2023.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998*. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BRASIL. Senado Federal. *Projeto de Lei 2353/2021*. Altera a Lei nº 10.205, de 21 de março de 2001, para proibir a discriminação com base na orientação sexual de doadores de sangue. Brasília, DF: Senado Federal, 2021, Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/148917>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BUENO, Ana Lúcia C. NUREYEV E A AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 7 nov. 1992. O Leitor em Manchete. p. 79. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/276427>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BUITONI, Dulcilia Schroeder; PRADO, Magaly (org.). *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*. São Paulo: Saraiva, 2011.

CALADO, Liliâne de Andrade. *A ciência no jornalismo impresso: Análise das reportagens do suplemento Mileniun — Jornal Correio da Paraíba*. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. Disponível em: <<https://www.bocc.ubi.pt/pag/calado-liliane-ciencia-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2023.

CAMACHO, Vera Lúcia S. NUREYEV E A AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 7 nov. 1992. O Leitor em Manchete. p. 79. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/276427>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

CAMARGO, Brigido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CAMPOS, Marília. Carinho S.A. In: GONÇALVES, José Esmeraldo (org.); BARROS, J. A (org.). *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 209-240.

CAMUS, Albert. *A peste*. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 37. E-book.

CAPA. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 4, 19 out. 1996. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/296058>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CARNEIRO, Hélio *et.al.* BRASIL as novas vítimas da AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 16-19, 20 jul. 1985. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/232931>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CARNEIRO, Hélio. A AIDS e a criança. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 22-27, 6 jun. 1987. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/244998>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CARNEIRO, Hélio. A morte prematura de Markito. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 132, 18 jun. 1983a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/218644>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CARNEIRO, Hélio. AIDS e o amor. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 4-9, 31 ago. 1985. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/233623>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CARNEIRO, Hélio. Nada gay o câncer gay: a peste (AIDS) chega ao Brasil. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 42-42, 25 jun. 1983b. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/218695>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CARNEIRO, Hélio. Os heterossexuais e a AIDS: o perigo é para todos. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 24-28, 25 abr. 1987. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/244288>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CARNEIRO, Hélio; LOPES, Malu (col.); NERY, Marina (col.). Mulher da AIDS? *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 22-26, 30 nov. 1991. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/271358>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CASTRO, Paulo César. A enunciação midiática da sexualidade a partir da Aids: os discursos de Veja e IstoÉ nas décadas de 1980 e 1990. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos [...]* Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/31525644888324662420081064433588588489.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

CLARKE, Geral; DUTKA, Elaine; KRAFT, Barbara. Rock Hudson é a primeira celebridade a se revelar vítima da AIDS. O mundo ficou chocado. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 8-10, 10 ago.

1985. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/233279>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CLARKE, Gerald; WORRELL, Denise. ...e a AIDS venceu ROCK HUDSON. Tradução: Mário Bendetson. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 4-9, 19 out. 1985. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/233987>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CONTRERA, Wildney Feres. *GAPAS: uma resposta comunitária à epidemia da AIDS no Brasil*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 2000. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/179_2Gapas.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

CONY, Carlos Heitor A linha da Revista. In: GONÇALVES, José Esmeraldo (org.); BARROS, J. A (org.). *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 57-76.

CONY, Carlos Heitor. Azetica. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 15, 21 jul. 1990. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/263183>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CORREA, Clóvis F. GUIA DO SEXO I. *Manchete*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1991. O Leitor em Manchete. p. 87. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/271655>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

COSTA, Antonieta Leandro. De onde vem a AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1989. Leitor em Manchete. p. 83. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/257639>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

COSTA, Marcelo E. Ainda sobre a AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 26 dez. 1987. Leitor em Manchete. p. 35. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/248391>>. Acesso em: 18 out. 2023.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 61, 2014.

COSTA, Solange Garrido da. Cartas de leitores gênero discursivo porta-voz de queixa, crítica e denúncia no jornal O Dia. *SOLETRAS*, Ano V, n° 10. São Gonçalo: UERJ, p. 28-41, jul./dez. 2005. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/4549/3325>>. Acesso em: 26 set. 2023.

COUTO, Maria Alice da Silva. AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 7 nov. 1987. Leitor em Manchete. p. 91. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/247619>>. Acesso em: 18 out. 2023.

CRUZ, Heloisa de Faria.; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221/1322>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

CRUZ, Lucas Coutinho da. A nova carta do leitor: do classicismo à ironia. *Revista Científica Multidisciplinar UNIFLU* (ISSN: 2525-4421), v. 4 n. 1, p. 154-169, 2019. Disponível em:

<<http://www.revistas.uniflu.edu.br:8088/seer/ojs-3.0.2/index.php/multidisciplinar/article/view/197/109>>. Acesso em: 26 set. 2023.

CUNHA, Andréa. AIDS as novas terapias. *Manchete Saúde*, Rio de Janeiro, p. 11-13, 20 dez. 1997. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/301345>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

DANIEL, Herbert. *Betinho e Herbert Daniel: brasileiro, profissão esperança*. [Entrevista cedida a] Cláudio Accioli. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 88-91, 15 jul. 1989. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/257179>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

DANIEL, Herbert. *Vida antes da morte/Life before death*. Rio de Janeiro: ABIA, 2018. Disponível em: <https://abiains.org.br/wp-content/uploads/2018/12/VIDA_ANTES_DA_MORTE_LIFE_BEFORE_DEATH_site.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

DIAS, Cláudio José P. *A trajetória soropositiva de Herbert Daniel (1989-1992)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/19762/112.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

EISFELD, Aiula; CASARA, Marques; SILVEIRA, Mauro (col.). Maridos de risco. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 12-20, 14 dez. 1996. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/297170>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ESSINGER, Silvio *et.al.* Renato Russo: um anjo torto na vida. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 12-24, 19 out. 1996. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/296066>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ESTADOS Unidos da América. AIDS A Cartilha da Sobrevivência. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 4-9, 28 maio 1988. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/250960>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

FAUSTO NETO, Antônio. *Comunicação e mídia impressa. Estudo sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

FAUSTO NETO, Antônio. *Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2008, p. 655.

FIGUEIREDO, Emanuel M. QUANTO CUSTA VIVER. *Manchete*, Rio de Janeiro, 21 set. 1996. O Leitor em Manchete. p. 50. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/295766>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama; *et al.* *Análise do Discurso: Fundamentos & Práticas*. Maceió: Edufal, 2016.

FLORES, Herman H. AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1985. O Leitor em Manchete. p. 90. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/234887>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FONSECA, F. Mídia e Democracia: uma análise conceitual e histórica da atuação dos meios de comunicação. In: SILVA, C. L. (org.); RAUTENBERG, E. (org.). *História e imprensa: estudos de hegemonia*. Porto Alegre: FCM Editora, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANÇA, Marcelo. A promessa brasileira para a cura do câncer gay. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 142, 21 maio 1983. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/217948>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Apresentação*. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/bn/pt-br/aceso-a-informacao-2/institucional/apresentacao-bn>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *BNDIGITAL: Manchete (1952-2007)*, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pagfis=1>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

GAIO, Ana. AIDS a guerra sem fim. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 6-13, 5 ago. 1989a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/257446>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

GAIO, Ana. CAZUZA “Eu não tenho medo de morrer”. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 110-113, 4 fev. 1989b. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/255189>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

GAIO, Ana. Cazuzza em close: uma palavra amiga. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 12-13, 21 jul. 1990. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/263180>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

GAIO, Ana; VAREJÃO, Marilda. O drama (e o desabafo) de Cazuzza. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 4-10, 13 maio 1989.

GOLDSMITH, Anthony. AIDS. *Manchete Saúde*, Rio de Janeiro, 8 nov. 1997. Check-up do Leitor. p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/300557>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

GOMES, Fabio Ricardo Hilgenberg. *Associação da atividade física estruturada e das oficinas/cursos oferecidos pela UNATI com aspectos cognitivos e a percepção de qualidade de vida em idosos: um estudo longitudinal*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2020. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/69576>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GOMES, Frederico Renan Hilgenberg. Campanhas governamentais sobre a epidemia de aids na Revista Manchete (1987-1996). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA

ANPUH, 18., 2022, Foz do Iguaçu. *Anais eletrônicos* [...] Foz do Iguaçu: ANPUH. p. 1-11. Disponível em: <https://www.encontro2022.pr.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-pr-erh2022/1667071945_ARQUIVO_12144599dd1a56fcfb0b2956bc5901df.pdf>. Acesso em: 1 set. 2023.

GONÇALVES, Alisson. *Jornal Lampião da Esquina (1978- 1981): à luz da identidade gay no Brasil ditatorial*. 2022. Dissertação (Mestrado em História – Área de Concentração: História, cultura e identidades) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2022. Disponível em: <<https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/3682/1/Alisson%20Gon%C3%A7alves.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2023.

GONÇALVES, José Esmeraldo. Folhetim de Redação. In: GONÇALVES, José Esmeraldo (org.); BARROS, J. A. (org.). *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 101-137.

GONÇALVES, José Esmeraldo; MUGGIATI, Roberto. A janela do Russel. In: GONÇALVES, José Esmeraldo (org.); BARROS, J. A. (org.). *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 21-53.

GRANGEIA, Mario Luis. *Brasil: Cazuza, Renato Russo e a transição democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GREEN, James N. *Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel - primeiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GUARALDO, Tamara de Souza Brandão. Cartas de leitores como espaços privilegiados de apropriação da informação e dos efeitos de sentido. *Informação & Informação*, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 373–404, 2020. DOI: 10.5433/1981-8920.2020v25n1p373. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/34846>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GUARALDO, Tamara de Souza Brandão. Mediação Editorial nas cartas de leitores: uma análise do texto instrucional de revistas semanais de informação. *Revista Multiplicidade*, v. 4, n. 4, p. 55-73, 2013. Disponível em: <<https://revistas.fibbauru.br/multiplicidadefib/article/view/49/33>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

HOCHMAN, Gilberto. “O Brasil não é só doença”: o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, p. 313-331, jul. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/tzNTpBKqTq9hdHZCs7zYqRn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

IYER, Pico *et.al.* Magic Johnson o jogo da coragem. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 14-17, 23 nov. 1991. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/271234>>. Acesso em: 13 out. 2023.

JESUS, Josely de. Carta do leitor: a voz de quem leu. In: DELL'ISOLA, R. L. P., (org.). *Nos domínios dos Gêneros Textuais*. v. 2. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 69-74, 2009. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/nosdominiosdosgenero-s-v1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. Com a palavra, os leitores... *In*: PEDRO, Joana Maria. *Práticas Proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX*. Florianópolis: Cidade Futura, p. 189-218, 2003.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. Erotismo sob censura na redemocratização brasileira dos anos 1980. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 1., 2011. Florianópolis. *Anais eletrônicos* [...] Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH, 2011. p. 2196-2209. Disponível em: <<https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/302/223>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. A imprensa como fonte: apontamentos teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. *Revista de História Bilros. História (s), Sociedade (s) e Cultura (s)*. [S. l.], v. 4, n. 06, 2022. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7604>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. *Histórias da aids no Brasil, v. 1: as respostas governamentais à epidemia de aids*. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/15021/A%20hist%c3%b3ria%20da%20AIDS%20no%20Brasil.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

LAURO Corona O papel mais difícil. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 106-108, 29 jul. 1989. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/257430>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LIMA, Érica Cavalcante. *A AIDS vira notícia: os discursos sobre a "doença nova" nos periódicos cearenses na década de 1980*. Fortaleza: Editora da UECE, 2021. Disponível em: <<https://www.uece.br/eduecewp/wp-content/uploads/sites/88/2021/10/A-AIDS-vira-not%C3%ADcia-os-discursos-sobre-a-%E2%80%9Cdoen%C3%A7a-nova%E2%80%9D-nos-peri%C3%B3dicos-cearenses-na-d%C3%A9cada-de-1980.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

LORD, Alexandra M. It's in the mail... *The Ultimate History Project*. [2013?]. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20221125121931/http://ultimatehistoryproject.com/the-aids-mailer.html>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MACHADO, Márcia Benetti. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. *Intexto*. Porto Alegre, n. 14, p. 68-79, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4251>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MALTA, Maria Helena. Sandra Bréa uma vida agitada no palco e no amor. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 20-21, 28 ago. 1993. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/280355>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MANCHETE Saúde. Retrospectiva 1993. *Manchete Saúde*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1994. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/281918>>. Acesso em: 4 out. 2023.

MANCHETE tem direitos exclusivos no Brasil dos serviços Time e Paris Match. *Manchete*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1991. Editorial. p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/268904>>. Acesso em: 3 out. 2023.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MARTINS, Justino. *Manchete*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1971. Editorial. p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/115285>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MEDEIROS, Aline. Carta do Leitor. In: DELL'ISOLA, R. L. P., (org.). *Nos domínios dos Gêneros Textuais*. v. 2. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 59-68, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/nosdominiosdosgeneros-v1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MELO FILHO, Murilo. A Manchete na onda de Brasília. In: GONÇALVES, José Esmeraldo (org.); BARROS, J. A (org.). *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 371-375.

MIGUEL, Antônio Carlos. CAZUZA Retrato de um roqueiro muito jovem. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 92-95, 7 dez. 1985. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/235017>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MIGUEL, Antônio Carlos. Como o Rock transa o Sexo. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 54-57, 26 abr. 1986. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/237618>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MOREIRA, Ricardo; FALCÃO, Lorem. Sandra Bréa: Guerreira até o fim. *Manchete*, Rio de Janeiro, 13 maio 2000. Personagem da semana. p. 94-97. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/313919>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: As mutações do olhar: O século XX*. Petrópolis: Vozes, p. 15-82, 2008.

MUGGIATI, Roberto. A torre de papel. In: GONÇALVES, José Esmeraldo (org.); BARROS, J. A (org.). *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 77-100.

MUGGIATI, Roberto. Frère Jacques, o médico da Manchete. *Panis Cum Ovum – O blog que virou Manchete*, 2019. Disponível em: <<https://paniscumovum.blogspot.com/2019/06/frere-jacques-o-medico-da-manchete-por.html>>. Acesso em: 6 out. 2022.

MUGGIATI, Roberto. *Manchete*, Rio de Janeiro, 10 abr. 1993a. Editorial. p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/278278>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MUGGIATI, Roberto. *Manchete*, Rio de Janeiro, 13 maio 1989a. Editorial. p. 3.

MUGGIATI, Roberto. *Manchete*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1986. Editorial. p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/239595>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MUGGIATI, Roberto. *Manchete*, Rio de Janeiro, 19 out. 1985. Editorial. p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/233986>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MUGGIATI, Roberto. *Manchete*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1990. Editorial. p. 7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/263175>>. Acesso em: 26 set. 2023.

MUGGIATI, Roberto. *Manchete*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1993b. Editorial. p. 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/280340>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MUGGIATI, Roberto. *Manchete*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1989b. Editorial. p. 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/257445>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MUGGIATI, Roberto. Sabin: “A AIDS nada tem a ver com o câncer”. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 148, 25 jun. 1983. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/218808>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MUNIZ, Érico Silva. ‘Basta aplicar uma injeção?’: concepções de saúde, higiene e nutrição no Programa de Erradicação da Bouba no Brasil, 1956-1961. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.197-216, jan./mar. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/77ZL4BcRpMtBbHdys9Hrzyj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. *As pestes do século XX: tuberculose e aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

NASCIMENTO, Greyce Falcão do. *Aconteceu, virou Manchete: notícias da ditadura*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. Disponível em: <https://www.editorafi.org/files/ugd/48d206_0c5d201bdb6f46dc821e650d088c5207.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

NASCIMENTO, Leonardo Lucas do. GUIA SOBRE VÍRUS HIV. *Manchete*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1998. Check-up do Leitor. p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/301851>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em veja e manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.

NATIONAL Enquirer. Os últimos momentos do ator e a tristeza de Liz Taylor. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 11, 19 out. 1985. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/233994>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

NIEMEYER, Oscar. Afeto e solidariedade. In: ONÇALVES, José Esmeraldo (org.); BARROS, J. A (org.). *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15-16.

NISKIER, Arnaldo. *Memórias de um sobrevivente: a verdadeira história da ascensão e queda da Manchete*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

NUNES, Valfrido da Silva. Cartas e Carta do Leitor: o que diz a Literatura sobre o Tema. *Revista Tabuleiro de Letras*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 145–165, 2018. DOI: 10.35499/tl.v11i2.3760. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/3760>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

NUREYEV o último aplauso. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 16-20, 24 out. 1992. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/276156>>. Acesso em: 18 out. 2023.

O ano teve desaparecidos ilustres nas artes. Mas Rock Hudson, primeira vítima famosa da AIDS, foi que marcou. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 54-55, 11 jan. 1986. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/235781>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinell. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.

PACHECO, Glauce de Assis. Cazuza poeta maior da MPB. *Manchete*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1990. Leitor em Manchete. p. 67. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/263591>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PÁDUA, Gesner Duarte. Manchete: a cortesã do poder. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 2, n. 2, p. 213-222, 2013. DOI: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.2220134121>. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4121/2438>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

PÁDUA, Gesner Duarte. *O herói conciliador: a construção da imagem de Tancredo Neves nas revistas Veja e Manchete (1982-1985)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/4338>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

PARKER, Richard. AIDS Crisis and Brazil. *Oxford Research Encyclopedias, Latin American History*, 29 maio 2020. DOI: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199366439.013.865>. Disponível em: <<https://oxfordre.com/latinamericanhistory/display/10.1093/acrefore/9780199366439.001.0001/acrefore-9780199366439-e-865?print=pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

PARKER, Richard. Prefácio. In; DANIEL, Herbert. *Vida antes da morte/Life before death*. Rio de Janeiro: ABIA, 2018. Disponível em: <https://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2018/12/VIDA_ANTES_DA_MORTE_LIFE_BEFORE_DEATH_site.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

PECONICK, Alexandre; DIAS, Leonardo. ‘Eu tenho o vírus’ A escalada da AIDS entre as mulheres. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 8-10, 27 nov. 1999. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/311722>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

PENNA, Márcia Mello. AIDS A Tragédia no Brasil 1 Educação: por enquanto, o único remédio. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 36-45, 24 out. 1987a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/247341>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PENNA, Márcia Mello. AIDS A Tragédia no Brasil 2 A ciência nas frentes de batalha. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 20-29, 31 out. 1987b. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/247441>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PENNA, Márcia Mello. AIDS A Tragédia no Brasil 3 O drama das vítimas. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 20-28, 7 nov. 1987c. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/247548>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PENNA, Márcia Mello. Sandra Bréa: a volta por cima do boato. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 113, 27 set. 1986. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/240489>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PINDORAMA, Ernesto. IANOMÂMI AMEAÇADO. *Manchete*, Rio de Janeiro, 21 set. 1991. O Leitor em Manchete. p. 63. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/270237>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

PINGITTORE, Maria Lúcia. O drama de Cazuzu. *Manchete*, Rio de Janeiro, 20 maio 1989. Leitor em Manchete. p. 96. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/256259>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PINTO, Luana M. A vitória da vida. *Manchete*, Rio de Janeiro, 4 set. 1993. Leitor em Manchete. p. 74. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/280509>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PINTO, Nelson. JÁ SE NASCE GAY? *Manchete*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1994. O Leitor em Manchete. p. 49. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/282048>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

PRÉTOLA, Daisy. Bloch, a gaiola dourada do jornalismo gráfico. In: GONÇALVES, José Esmeraldo (org.); BARROS, J. A (org.). *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 149-170.

PROENÇA, Isabel; FONTOURA, Carla. Rock Hudson. *Manchete*, Rio de Janeiro, 26 out. 1985. Leitor em Manchete. p. 35. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/234142>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PROIBIÇÃO de doação de sangue por homens homossexuais é inconstitucional, decide STF. *Portal Supremo Tribunal Federal*, 2020. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=443015&ori=1>>. Acesso em: 27 fev. 2023.

RAMOS, Afonso R. Infidelidade. *Manchete*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1986. O Leitor em Manchete. p. 22. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/241790>>. Disponível em: 25 ago. 2023.

RAMOS, Lissandra Queiroga. *Da cara da morte para a cara viva da AIDS: a transição expressa nas campanhas do dia mundial de luta contra a AIDS (1989-2014)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.

RAMOS, Maria Alice Carvalho. Cazuza poeta maior da MPB. *Manchete*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1990. Leitor em *Manchete*. p. 67. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/263591>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

REIS, Myrian M. AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 19 dez. 1987. Leitor em *Manchete*. p. 34. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/248274>>. Acesso em: 18 out. 2023.

RENNER, Sônia L. O drama de Cazuza. *Manchete*, Rio de Janeiro, 20 maio 1989. Leitor em *Manchete*. p. 96. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/256259>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

RIO de Janeiro. Secretária de Estado de Saúde. Transfusão de sangue não é mais transfusão de vírus. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 18, 20 jan. 1990. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/260274>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

ROLEMBERG, Júlio Maria. De onde vem a AIDS. *Manchete*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1989. Leitor em *Manchete*. p. 83. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/257639>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

RUSSO, Renato. *Renato Russo assume total*. [Entrevista cedida a] Deborah Berman. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 62-65, 16 jul. 1994. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/284348>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

RUSSO, Renato. *Um ano sem Renato*. [Entrevista cedida a] Eliane Lobato. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 58-61, 18 out. 1997. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/300446>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SÁ, Ed. Disputa pela herança de Rock. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 105, 7 dez. 1985. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/235030>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SCHECHTER, Mauro. *Currículo do sistema currículo Lattes*. [Brasília], 8 ago. 2023. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9560591817035298>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SCHMITZ, Alberto. Em 1999 Paulo Gustavo estampou capa censurada da revista *Sui Generis*. *Grupo Dignidade*, 11 mai 2021. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/em-1999-paulo-gustavo-estampou-capa-censurada-da-revista-sui-generis/>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Carla Luciana. Imprensa liberal, imprensa partidária: uma aproximação historiográfica. In: SILVA, C. L. (org.); RAUTENBERG, E. (org.). *História e imprensa: estudos de hegemonia*. Porto Alegre: FCM editora, p. 131-163, 2014.

SILVA, Janice Nunes da. AIDS. *Manchete Saúde*, Rio de Janeiro, 20 dez. 1997. Check-up do Leitor. p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/301333>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SILVA, Silvani. *Iramuteq*: Material de Apoio. Produto Educacional (mestrado) – Instituto Federal Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede: Blumenau, 2021.

SILVANO, Maria Emília. EU SOU ESPADA... *Manchete*, Rio de Janeiro, 1 abr. 2000. Sr. Editor. p. 61. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/313286>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SILVEIRA, Mauro. AIDS A ressaca do coquetel. *Manchete*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1998. *Manchete Saúde*. p. 62-65. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/304636>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SILVEIRA, Mauro. AIDS: boas e más notícias. *Manchete*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1998. *Manchete Saúde*. p. 64-67. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/303944>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SONTAG, Susan. *AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUZA, Lucia. AIDS A ciência fracassa no mal do século. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 4-7, 27 nov. 1999. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/311718>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SPENCER, Behula. AIDS O drama de Sandra Bréa. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 14-19, 28 ago. 1993. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/280340>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

THOMPSON, Dick. Aidéticos: a certeza de vida longa. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 13, 5 ago. 1989. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/257450>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

TIME. A misteriosa doença dos homossexuais. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 26-27, 9 jan. 1982. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/206831>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

TIMERMAN, Artur; MAGALHÃES, Naiara. *Histórias da AIDS*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª ed, rev., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves. Cartas do leitor: a construção do ethos como espelho da cidadania. *Cadernos do CNLF*, v. 14, n. 2, p. 292-704, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/692-704.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

UNAIDS. Guia de Terminologia do UNAIDS. 2017. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/06/WEB_2018_01_18_GuiaTerminologia_UNAIDS.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2023.

US. O misterioso câncer que mata os homossexuais. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 26B, 4 set. 1982. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/211433>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

VAREJÃO, Marilda. CAZUZA “O meu canto é o que me mantém vivo”. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 108-111, 26 ago. 1989. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/257900>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

VAREJÃO, Marilda. O fim de um drama A paz de Cazuzza. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 8-13, 21 jul. 1990. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/263176>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil; GOMES, Frederico Renan Hilgenberg. Da “doença misteriosa dos homossexuais” à Aids: notas sobre Aids na Revista Manchete – década de 1980. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 13, n. 30, p.26-45, set./dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5678/3701>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

VIEIRA, Aurélio M. O drama de Cazuzza. *Manchete*, Rio de Janeiro, 20 maio 1989. Leitor em Manchete. p. 96. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/004120/256259>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

VIEIRA, Tamara R. No coração do Brasil, uma capital saudável – a participação dos médicos e sanitaristas na construção de Brasília (1956-1960). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.16, supl.1, p.289-312, jul. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/M47yddYsRKhYP575L3Yd6TR/?lang=pt>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

WALLS, Claudia; LUDTKE, Melissa. ROCK HUDSON: a luta contra AIDS. Tradução: Hélio Carneiro. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 4-9, 10 ago. 1985. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/233274>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

WORLD BANK. World Development Indicators. *Population Indicator*. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>>. Acesso em: 6 out. 2022.

APÊNDICE A – Levantamento sobre a epidemia de Aids na *Manchete* por ano

1. 1982:

A misteriosa doença dos homossexuais					9 jan. 1982
Time	Localização: 28	p. 26	1551	30	Medicina/ Sexualidade
O misterioso câncer que mata homossexuais					4 set. 1982
Us	Localização: 44	p. 26B	1585	31	Medicina/ Morte/ Sexualidade

2. 1983:

A promessa brasileira para a cura do câncer gay					21 maio 1983
Marcelo França	Local.: 152	p. 142	1622	31	Medicina
A morte prematura de Markito					18 jun. 1983
Hélio Carneiro	Local.: 140	p. 132	1626	31	Moda/Morte/Famoso
Nada gay o câncer gay					25 jun. 1983
Hélio Carneiro	Localização: 42	p. 41	1627	31	Medicina
Sabin: "A AIDS nada tem a ver com o câncer"					25 jun. 1983
Roberto Muggiati	Local.: 156	p. 148	1627	31	Medicina
Tudo sobre a AIDS: a epidemia que apavora o mundo					2 jul. 1983
Der Spiegel/ Trad. Frederico Wollny	Localização: 75	p. 75	1628	31	Panorama
A passeata triste dos gays					9 jul. 1983
Fotos: Luiz Alberto	Localização: 16	p. 16	1629	31	Sexualidade/ Ativismo
Uma vacina milagrosa					30 jul. 1983
Laércio de Vasconcelos	Localização: 46	p. 46	1632	31	Medicina
Pânico nos bancos de sangue					6 ago. 1983
Hélio Carneiro	Local.: 140	p. 128	1633	31	Saúde
O antídoto contra a hepatite B					3 set. 1983
Hélio Carneiro	Local.: 135	p. 127	1637	31	Medicina
AIDS: São Paulo contra-ataca					24 set. 1983
Celso Arnaldo Araújo	Local.: 106	p. 94	1640	31	Saúde
AIDS: Sem esperança de cura					15 out. 1983
Reynivaldo Brito	Local.: 126	p. 122	1643	32	Medicina
Os homoeróticos					5 nov. 1983
	Localização: 56	p. 56	1646	32	Sexualidade
As desgraças de uma criança					10 dez. 1983
O mundo em manchete	Local.: 121	p. 113	1651	32	Infância
"Estou morrendo de AIDS"					24 dez. 1983
José Soffiotti Filho	Localização: 38	p. 38	1653	32	Morte/Soropositivo

3. 1984:

As imagens que marcaram 83					7 jan. 1984
Imagens	Localização: 70	p. 70/52	1655	34	Movimento Soc.

O AIDS ataca no Sul					21 jan. 1984
Lilian Bem David	Localização: 14	p. 14	1657	32	Transmissão
Doenças sexuais: o mal que alarma o Brasil					3 mar. 1984
Hermann Nass	Localização: 40	p. 40	1663	32	Medicina
Dr. Herpes e Mr. Aids: o sexo está doente					28 abr. 1984
Eduardo Francisco Alves/ Celso Arnaldo Araújo	Localização: 36	p. 37	1671	32	Medicina/Sexo
Descoberto o vírus da AIDS					5 maio 1984
Time	Local.: 110	p. 110	1675	33	Medicina
SÃO PAULO: O dossiê secreto da AIDS – 41 mortes em 2 anos					20 out. 1984
Joaquim Maria	Local.: 106	p. 106	1696	33	Panorama/Morte

4. 1985:

Quem não tem medo da AIDS?					5 jan. 1985
Time	Local.: 110	p. 110	1707	33	Medicina
Descoberto o verdadeiro agente da AIDS					9 fev. 1985
Ed Sá	Local.: 110	p. 102	1712	33	Medicina
Guerra à AIDS: no Brasil e no mundo					25 maio 1985
Hélio Carneiro/ João Ascânio Corrêa	Local.: 122	p. 114	1727	34	Medicina
O Brasil tem remédio contra a AIDS					15 jun. 1985
João Ascânio Corrêa/ Fernando Ewerton/ Eliane Lobato	Local.: 108	p. 108	1730	34	Medicina
As novas vítimas do AIDS					13 jul. 1985
Life	Localização: 16	p. 16	1734	34	Soropositivos/ Saúde
Brasil as novas vítimas da AIDS					20 jul. 1985
Hélio Carneiro/ Lorem Falcão/ Maria Silva Camargo/ Paulo Fradique/ André Krajcs	Localização: 16	p. 16	1735	34	Soropositivo/ Infância/ Morte/ Saúde
A única arma contra AIDS					3 ago. 1985
Celso Arnaldo Araújo	Local.: 103	p. 103	1737	34	Saúde
Rock Hudson: a luta contra a AIDS					10 ago. 1985
Time/ Trad. Hélio Carneiro	Localização: 4	p. 4	1738	34	Soropositivo/ Artista/ Sexualidade
Tudo o que você queria (e precisa) saber sobre AIDS					17 ago. 1985
Time/ Trad. Hélio Carneiro	Localização: 4	p. 4	1739	34	Medicina
AIDS e o amor					31 ago. 1985
Hélio Carneiro/ Mário Bendetson/ Eduardo Francisco Alves	Localização: 4	p. 4	1741	34	Amor
AIDS verdades e mentiras					5 out. 1985
Time	Localização: 18	p. 18	1746	35	Transmissão
Depois da AIDS, o novo pesadelo PAPOVA					12 out. 1985
Hélio Carneiro	Localização: 22	p. 22	1747	35	Medicina
Hollywood live contra a AIDS					12 out. 1985
	Localização: 76	p. 76	1747	35	Ativismo/ Famosos

Artistas: o exemplo do sangue					12 out. 1985
Solange Guarino	Local.: 118	p. 118	1747	35	Ativismo/ Famosos
...e a AIDS venceu Rock Hudson					19 out. 1985
Time/ Trad. Mário Bendetson	Localização: 4	p. 4	1748	35	Morte/Famoso/ Sexualidade
“O medo da AIDS é que é fatal”					19 out. 1985
Hélio Carneiro	Local.: 111	p. 111	1748	35	Medicina
AIDS “É hora de educar a população”					26 out. 1985
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 22	p. 22	1749	35	Entrevista
Roque Santeiro com AIDS					2 nov. 1985
Carlos Heitor Cony	Localização: 17	p. 17	1750	35	Opinião
‘Eu tenho AIDS e só mais um ano de vida’					2 nov. 1985
Patrícia Morrisroe/ Frank Fournier	Localização: 39	p. 39	1750	35	Soropositivo
AIDS Brasil já é vice-campeão					9 nov. 1985
Time	Localização: 4	p. 4	1751	35	Panorama
Uma esperança contra a AIDS					16 nov. 1985
Time	Local.: 127	p. 115	1752	35	Medicina
Linda Evans em perigo?					16 nov. 1985
Time	Local.:127	p. 115	1752	35	Famosos
Romeu e Julieta sob o signo da AIDS					16 nov. 1985
Ângela Rahde	Local.: 128	p. 116	1752	35	Comportamento/ Amor
O caminho da VACINA passa por PARIS					23 nov. 1985
Hélio Carneiro	Localização: 39	p. 39	1753	35	Ciência/ Entrevista
Sexo à brasileira					7 dez. 1985
Alexandre Raposo	Localização: 22	p. 22	1755	34	Sexo
Disputa pela herança de Rock					7 dez. 1985
Ed Sá	Local.: 105	p. 105	1755	34	Morte/Famoso
O amor e a AIDS					21 dez. 1985
Emilse Barbosa	Localização: 82	p. 82	1757	35	Amor/Arte

5. 1986:

O ano teve desaparecidos ilustre nas artes. Mas Rock Hudson, primeira vítima famosa da AIDS, foi que marcou					11 jan. 1986
	Localização: 59	p. 59	1760	35	Retrospectiva
A pesquisa médica descobre novas armas para combater a AIDS					11 jan. 1986
	Localização: 70	p. 66	1760	35	Retrospectiva
Marta Suplicy conta como foi 1985					11 jan. 1986
Elsie Rotenberg	Local.: 151	p. 143	1760	35	Retrospectiva
Socorro para as vítimas de AIDS					25 jan. 1986
Time	Local.: 107	p. 107	1762	35	Saúde
A nova moral do sexo					1 fev. 1986
João Ascânio Corrêa/ Fotos: Ruy de Campos	Localização: 66	p. 64	1763	34	Entrevista/ Sexo

Ofensiva desmistificadora contra a AIDS						8 fev. 1986
Celso Arnaldo Araújo	Local.: 106	p. 106	1764	34	Medicina	
AID-Se quem puder						15 fev. 1986
Celso Arnaldo Araújo/ Fotos: Cibele Clark	Localização: 40	p. 40	1765	34	Sexo	
Clô para os íntimos						15 mar. 1986
Glória Alvarez/ Fotos: Sérgio de Souza	Localização: 59	p. 55	1769	34	Entrevista/ Famoso	
CÂNCER: a esperança que vem de Israel						17 maio 1986
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 26	p. 22	1778	35	Medicina	
A ciência perde um round contra a AIDS						12 jul. 1986
Time	Local.: 106	p. 106	1786	35	Medicina	
Homossexualismo agora é crime						19 jul. 1986
Time	Localização: 10	p. 10	1787	35	Sexualidade	
ROCK HUDSON: Ascensão e queda de um ídolo do cinema						16 ago. 1986
George Gurjan	Localização: 32	p. 30	1791	35	Soropositivo/ Sexualidade	Famoso/
DR. AIDS: O herói de uma guerra perdida						16 ago. 1986
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 70	p. 68	1791	35	Medicina/Morte	
ROCK HUDSON: Ascensão e queda de um ídolo do cinema (2)						23 ago. 1986
George Gurjan	Localização: 68	p. 68	1792	35	Soropositivo/ Sexualidade	Famoso/
Um mosquito transmissor?						13 set. 1986
Hélio Carneiro	Localização: 18	p. 14	1795	35	Medicina	
Os bebês da cocaína						27 set. 1986
James Kamp/ Black Star	Localização: 52	p. 50	1797	35	Infância/Drogas	
“Ainda não é a cura, mas já é um tratamento”						11 out. 1986
Time	Local.: 110	p. 110	1799	35	Medicina	
A estranha doença do cabeleireiro						25 out. 1986
	Local.: 165	p. 157	1801	35	Famoso	
Atestado de óbito do cabeleireiro constata imunodeficiência						8 nov. 1986
Luiz Carlos Sarmiento	Local.: 133	p. 125	1803	35	Morte/ Famoso	
VÍRUS: do câncer a AIDS						15 nov. 1986
Time	Localização: 22	p. 22	1804	35	Medicina	
LAV-II: um novo vírus do mal						22 nov. 1986
Time	Local.: 159	p. 149	1805	35	Medicina	
Propaganda infecciosa						22 nov. 1986
Time	Local.: 159	p. 149	1805	35	Política	
AIDS a epidemia do fim do século						6 dez. 1986
Hélio Carneiro	Localização: 37	p. 37	1807	35	Panorama	
Os sapatos contra a AIDS: o fetiche virou caridade						27 dez. 1986
	Local.: 104	p. 100	1810	35	Campanha	
Denny Jô, 29 anos, mais uma vítima do vírus						27 dez. 1986
Lilian Bem David	Local.: 131	p. 123	1810	35	Morte/Famoso	

6. 1987:

Enquanto a vacina não vem, o vírus – e o medo – correm o mundo						10 jan. 1987
	Localização: 69	p. 69	1812	35	Retrospectiva	
O produto do ano						10 jan. 1987
	Local.: 102	p. 102	1812	35	Retrospectiva	
S.O.S. AIDS						12 jan. 1987
Hélio Carneiro	Localização: 24	p. 24	1813	35	Panorama	
Como escapar da AIDS						31 jan. 1987
Hélio Carneiro	Localização: 20	p. 16	1815	35	Medicina	
AIDS afinal, há remédio?						14 fev. 1987
Time	Localização: 18	p. 18	1817	35	Medicina	
A estranha doença de Burt Reynolds						21 fev. 1987
Syigma	Localização: 32	p. 28	1818	35	Famoso	
LIBERACE A sonata do adeus						21 fev. 1987
Alexandre Raposo	Local.: 106	p. 98	1818	35	Morte/ Sexualidade	Famoso/
O mundo declara guerra total à AIDS						28 fev. 1987
Time	Localização: 20	p. 20	1819	35	Panorama	
AIDS: Quando o perigo dorme ao lado						28 fev. 1987
José Augusto Lopes	Localização: 23	p. 23	1819	35	Transmissão/ Sexo/ Mulher	
Carnaval 87: AIDS e as (outras) doenças do sexo/como brincar sem medo						7 mar. 1987
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 24	p. 24	1820	35	Sexo/ Saúde	
Os que vão morrer te saúdam						7 mar. 1987
Carlos Heitor Cony	Localização: 28	p. 28	1820	35	Opinião	
Campanha do Governo José Sarney						14 mar. 1987
Ministério da Saúde	Localização: 54	p. 54	1821	35	Campanha	
Camisinhas: a AIDS derruba um tabu						28 mar. 1987
	Localização: 14	p. 14	1823	35	Sexo	
Em teste a primeira vacina anti-AIDS						11 abr. 1987
Time	Local.: 100	p. 100	1825	35	Medicina	
No Brasil, a palavra de um especialista						11 abr. 1987
Eduardo Francisco Alves	Local.: 100	p. 100	1825	35	Medicina/Entrevista	
Alex Vallauri: a mais nova vítima						11 abr. 1987
Reynaldo Roels Jr.	Local.: 101	p. 101	1825	35	Morte/Famoso	
Os heterossexuais e a AIDS: o perigo é para todos						25 abr. 1987
Hélio Carneiro	Localização: 24	p. 24	1827	35	Transmissão/ Sexualidade	
AIDS Aid: a cruzada pop contra o dragão da maldade						25 abr. 1987
José Esmeraldo Gonçalves	Local.: 102	p. 102	1827	35	Arte/ Ativismo	
A AIDS em ação						16 maio 1987
Hélio Carneiro (Gamma)	Localização: 70	p. 66	1830	36	Medicina/ Imagem	

Audácia do Boff: AIDS não é pecado						23 maio 1987
Arnaldo Bloch	Local.: 109	p. 109	1831	36	Religião	
A AIDS e a Criança: como evitar a tragédia						6 jun. 1987
Hélio Carneiro	Localização: 22	p. 22	1833	35	Infância/Saúde	
Uma nova estrela no céu						6 jun. 1987
Lozem Falcão	Localização: 28	p. 28	1833	35	Morte/Artista	
Um milagre brasileiro: Pai com AIDS, bebê saudável						20 jun. 1987
Lozem Falcão	Localização: 32	p. 32	1835	35	Infância/Transmissão	
Ricardo Amaral e Victor Oliva: O dia em que os reis da noite se encontraram						20 jun. 1987
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 80	p. 80	1835	35	Entrevista/Sexualidade	
O mundo se mobiliza contra a epidemia						20 jun. 1987
Time	Local.: 110	p. 110	1835	35	Política	
A beleza contra a AIDS						27 jun. 1987
Tarlis Batista	Local.: 110	p. 110	1836	35	Ativismo/Famosos	
A brasileira e o sexo nos anos 80						11 jul. 1987
Marilda Varejão	Localização: 46	p. 46	1838	35	Sexo/ Mulher	
A AIDS em cena						11 jul. 1987
Marli Berg	Localização: 76	p. 76	1838	35	Arte/Sexualidade	
Gays assumidos homenageiam enrustedos						11 jul. 1987
Antenor Barreto	Local.: 107	p. 107	1838	35	Mov. Social/ Política	
A alimentação contra a AIDS						25 jul. 1987
Marilda Varejão	Localização: 18	p. 18	1840	35	Saúde/Alimentação	
A arte contra a AIDS						1 ago. 1987
Time	Localização: 17	p. 17	1841	35	Arte	
Os segredos da autotransfusão: Sangue do meu sangue						8 ago. 1987
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 44	p. 44	1842	35	Transmissão/ Hemofílico	
Dercy Gonçalves: a boca maldita da jovem senhora						8 ago. 1987
Júlio Saraiva	Localização: 82	p. 82	1843	35	Entrevista/Artista	
Cazuza e Silvia Buarque: os rebeldes da geração careta						22 ago. 1987
Ana Gaio	Localização: 80	p. 80	1844	35	Entrevista/Famoso	
Um leilão para Plácido Domingo						22 ago. 1987
Marina Nery	Local.: 107	p. 107	1844	35	Ativismo/Famoso	
Gente que faz livro						5 set. 1987
	Localização: 62	p. 62	1846	?	Livro	
Plácido Domingo: uma noite (inesquecível) na Ópera						5 set. 1987
Eduardo Francisco Alves	Local.: 110	p. 110	1846	?	Famoso/Ativismo	
Uma tragédia americana: três crianças segregadas pela AIDS						26 set. 1987
Sygma	Localização: 60	p. 60	1849	35	Infância	
O Brasil acorda tarde						26 set. 1987
Arnaldo Niskier	Localização: 78	p. 78	1849	35	Política	
A AIDS leva um dos maiores cineastas brasileiros Leon Hirszman						3 out. 1987

Arnaldo Bloch	Localização: 16	p. 16	1850	35	Morte/Famoso
Vozes indignadas					24 out. 1987
Alexandre Garcia	Localização: 18	p. 18	1853	35	Opinião
AIDS a tragédia no Brasil – Educação: por enquanto, o único remédio					24 out. 1987
Márcia Mello Penna	Localização: 3	p. 3	1853	35	Prevenção
Paciente Zero: uma história de terror					24 out. 1987
Time	Local.: 104	p. 104	1853	35	Ciência/ Soro+
AIDS a tragédia no Brasil – A ciência nas frentes de batalha					31 out. 1987
Márcia Mello Penna	Localização: 20	p. 20	1854	35	Medicina
AIDS a tragédia no Brasil – O drama das vítimas					7 nov. 1987
Márcia Mello Penna	Localização: 21	p. 21	1855	35	Soropositivo
Florianópolis: A gang da AIDS					21 nov. 1987
Luiz Carlos Sarmento	Localização: 24	p. 24	1857	35	Drogas/ Transmissão/ Crime
Bhagwan o deus que não deu certo					12 set. 1987
Geroge Gurjan	Localização: 82	p. 82	1860	36	Religião/Soropositivo
Por amor aos irmãos do Henfil					19 dez. 1987
Marilda Varejão	Local.: 108	p. 108	1861	36	Hemofílico/ Famoso/ Soro+

7. 1988:

Os gays dos EUA desfraldam uma bandeira gigante de cores contra o mal					9 jan. 1988
	Localização: 46	p. 46	1864	36	Ativismo/ Retrospectiva
A Síndrome de Imunodeficiência Adquirida se abate sobre a intelligentsia BR					9 jan. 1988
	Localização: 48	p. 48	1864	36	Morte/ Famoso/ Retrospectiva
Tudo o que se sabe sobre a AIDS					9 jan. 1988
Hélio Carneiro	Local.: 106	p. 106	1864	36	Livros
HENFIL: a vida por um fio					23 jan. 1988
Renato Sérgio	Localização: 29	p. 29	1866	36	Hemofílico/ Morte/ Famoso
De cada 100 hemofílico do Rio, 73 têm o vírus da AIDS					23 jan. 1988
Henrique Koifman	Localização: 34	p. 34	1866	36	Hemofílico/Soro+/Saúde
Liz Taylor renasce uma estrela					30 jan. 1988
George Gurjan	Localização: 37	p. 37	1867	36	Famoso/Ativismo
Posto de escuta					30 jan. 1988
Murilo Melo Filho	Local.: 100	p. 102	1867	36	Política/Religião
AIDS em bebês o massacre dos inocentes					6 fev. 1988
Time	Localização: 32	p. 32	1868	36	Infância
Quem vê cara, não vê AIDS – Campanha governo José Sarney					27 fev. 1988
Ministério da Saúde	Localização: 56	p. 56	1871	36	Campanha
S.O.S. Educação – a juventude sem cultura					19 mar. 1988
Arnaldo Niskier	Localização: 14	p. 14	1874	36	Informação/Prevenção
AIDS 1 a 0, gol da FIFA					19 mar. 1988

Ney Bianchi	Local.: 103	p. 103	1874	36	Esporte
AIDS o perigo é para todos					26 mar. 1988
Stern (Revista)	Localização: 18	p. 12	1875	36	Entrevista/Sexo/Transmissão
Como a AIDS se espalha					26 mar. 1988
Time	Localização: 22	p. 16	1875	36	Medicina/Transmissão
O novo Super-Homem pode combater até a AIDS					26 mar. 1988
Time	Localização: 48	p. 41	1875	36	Quadrinhos/Arte
Mãe-coragem: O drama de Maria da Conceição Souza					2 abr. 1988
Ed Sá	Localização: 48	p. 48	1876	36	Morte/Maternidade/Artista/Hemofílico
Francisco Mário: o som do silêncio					2 abr. 1988
Roberto Muggiati	Localização: 72	p. 72	1876	36	Morte/Famoso/Hemofílico
Elementar, meu caro Holmes...					2 abr. 1988
Celso Arnaldo Araújo	Local.: 112	p. 112	1876	36	Morte/Famoso/Sexo
O momento de prazer da virgem Marina					30 abr. 1988
Ana Gaio	Localização: 80	p. 82	1880	36	Famoso/Sexo
Missing: os refugiados da AIDS					7 maio 1988
Eustáquio Mendonça; Francisco Farias; José Augusto Lopes; Bernardo Bittencourt Neto; Antenor Barreto	Localização: 34	p. 34	1881	36	Crime/Soro+
AIDS sobe ao palco. E faz duas vítimas					21 maio 1988
J. E. G.	Local.: 107	p. 107	1883	36	Famoso/Morte
AIDS a cartilha de sobrevivência					28 maio 1988
EUA	Localização: 4	p. 4	1884	37	Prevenção/Campanha/Saúde
AIDS 5 anos nas manchetes					11 jun. 1988
	Localização: 22	p. 22	1886	37	Panorama
Sistema Imunológico: A Guerra Dentro de Nós					2 jul. 1988
Time	Localização: 38	p. 38	1889	37	Medicina
O beijo nos tempos da AIDS					2 jul. 1988
Time	Localização: 88	p. 88	1889	37	Sexualidade/Arte
S.O.S. AIDS: A hora da verdade					9 jul. 1988
Hélio Carneiro	Localização: 24	p. 24	1890	37	Medicina
AIDS um flagelo brasileiro					13 ago. 1988
Arnaldo Bloch; Mônica Martinez; Marluce Brauna; Francisco Farias;	Localização: 28	p. 26	1895	37	Panorama
ELAS por ELAS					27 ago. 1988
Marilda Varejão	Localização: 26	p. 26	1897	37	Sexualidade
AIDS/Câncer: os novos caminhos da cura					10 set. 1988
Elsie Rotemberg	Localização: 30	p. 30	1899	37	Ciência
A cura pelas ervas					8 out. 1988
Elsie Rotemberg	Local.: 108	p. 108	1903	37	Medicina
AIDS os anjos da guarda de uma guerra perdida					15 out. 1988
Arnaldo Bloch	Localização: 52	p. 46	1904	37	Medicina
Adolescentes uma lição de sexo					15 out. 1988

Maria Luiza Silveira	Local.: 112	p. 100	1904	37	Sexo/Educação
Moscou mística: DJUNA a bruxa em tempo de perestroika					29 out. 1988
Hélio Carneiro	Localização: 58	p. 54	1906	37	Religião
Sexo 89 o novo código do prazer					24 dez. 1988
Marilda Varejão	Localização: 64	p. 64	1914	37	Sexo

8. 1989:

Picasso, pirâmide, AIDS, baleias e o avião invisível: um ano de contradições					7 jan. 1989
	Localização: 84	p. 84	1916	37	Retrospectiva
“A AIDS foi fabricada pelo homem”					21 jan. 1989
Walter Mayer	Localização: 18	p. 18	1918	37	Entrevista/Medicina
AIDS como controlar a peste					11 fev. 1989
Time	Localização: 44	p. 44	1921	37	Medicina
AIDS o fantasma do carnaval					11 fev. 1989
Marluce Brauna	Localização: 48	p. 48	1921	37	Ativismo
O desabafo de Cazuza					13 maio 1989
Ana Gaio/ Marilda Varejão	Arq. Pessoal	p. 4	1934	38	Famoso
Um pepino contra a AIDS					13 maio 1989
Joel Macedo	Arq. Pessoal	p. 36	1934	38	Ciência
Zelda Rubinstein: uma paranormal contra a AIDS					3 jun. 1989
A. B.	Localização: 80	p. 80	1937	38	Famoso/Ativismo/Religião
Casar agora é <i>in</i>					24 jun. 1989
Marina Nery/ Lucia Rego	Localização: 26	p. 26	1940	38	Relacionamento
Betinho e Herbert: brasileiros, profissão esperança					15 jul. 1989
Cláudio Acciolo	Localização: 88	p. 88	1943	38	Entrevista/Soro+/Ativismo/Famoso
Lauro Corona					29 jul. 1989
	Local.: 106	p. 106	1945	38	Famoso/Soro+
AIDS a guerra sem fim (índice)					5 ago. 1989
Ana Gaio	Localização: 6	p. 6	1946	38	Panorama/Morte
Hospital Albert Einstein: quem pode mais vive mais					5 ago. 1989
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 10	p. 10	1946	38	Medicina
Geração 90					12 ago. 1989
Kathia Pompeu	Localização: 36	p. 36	1947	38	Comportamento/Infância
CAZUZA “O meu canto é o que me mantém vivo”					26 ago. 1989
Marilda Varejão	Local.: 112	p. 108	1949	38	Famoso
AZT nova esperança contra a AIDS					2 set. 1989
Time	Localização: 57	p. 57	1950	38	Medicina
Santos capital brasileira da AIDS					9 set. 1989
Malu Vasconcellos	Localização: 60	p. 60	1951	38	Transmissão
No mutirão contra a AIDS, a colcha do protesto					9 set. 1989

Paulo Cattá	Localização: 68	p. 68	1951	38	Ativismo/Famoso
Drama no showbiz: Uma tragédia americana					16 set. 1989
G. G.	Local.: 108	p. 108	1952	38	Soro+/Famoso
O adeus de Silvinho					21 out. 1989
Paulo Cattá	Local.: 114	p. 114	1957	38	Morte/Artista
Cocaína o Brasil na marca do pó					11 nov. 1989
Hélio Contreiras	Local: 104	p. 104	1960	38	Soro+/Drogas
AIDS um abraço pela vida					16 dez. 1989
Lúcia Rego	Localização: 18	p. 18	1969	38	Ativismo/Campanha
RMNxAIDS atacando o vírus pela cabeça					16 dez. 1989
Hélio Carneiro	Localização: 20	p. 20	1969	38	Medicina

9. 1990:

80 Medicina: AIDS – um novo flagelo aterroriza a humanidade					6 jan. 1990
Hélio Carneiro	Localização: 65	p. 61	1968	38	Retrospectiva/Medicina
80 Sexo: O amor nos tempos da AIDS					6 jan. 1990
Marilda Varejão	Localização: 68	p. 64	1968	38	Retrospectiva/Sexo
Sexo a distância: o alto-astral do prazer de baixo risco					13 jan. 1990
Kathia Pompeu	Localização: 54	p. 50	1969	38	Sexo/Comportamento
AIDS o pesadelo de Jane Fonda					13 jan. 1990
Lozem Falcão	Localização: 66	p. 62	1969	38	Famoso
Transusão de sangue não é mais transusão de vírus					20 jan. 1990
Governo Estado RJ	Localização: 18	p. 18	1970	38	Campanha
AIDS 10 anos de flagelo					20 jan. 1990
Hélio Carneiro/ Marilda Varejão/ Joel Macedo/ Lozem Falcão/ Malu Lopes/ Celso Arnaldo/ Orlando Margarido	Localização: 19	p. 19	1970	38	Panorama/Ciência
Daniel Zagury					28 jan. 1990
Anna Muggiati	Localização: 36	p. 36	1971	38	Medicina
RAJNEESH a cerimônia de adeus do profeta da luxúria					3 fev. 1990
	Local.: 110	p. 110	1972	38	Morte/Religião
Carlos Augusto Strazer um bruxo diante da AIDS					17 fev. 1990
	Local.: 104	p. 104	1974	38	Famoso/Soro+
Os berçários do horror					24 fev. 1990
Syigma	Localização: 22	p. 20	1975	38	Infância/Soro+
Anthony Perkins nas teias da AIDS/ Depois do AZT, o DDI entra em campo contra a AIDS					7 abr. 1990
Time	Localização: 54	p. 54	1981	38	Famoso/Soro+/Medicina
AIDS em cinco anos uma vacina					14 abr. 1990
Sipa Press	Localização: 6	p. 6	1982	38	Medicina
Malcom Forbes um milionário de alto risco					14 abr. 1990
	Localização: 52	p. 52	1982	38	Artista/Morte/Sexualidade
AIDS os caçadores de uma vacina					21 abr. 1990

Sipa Press	Localização: 37	p. 37	1983	38	Medicina
Ryan White o adeus ao menino herói					5 maio 1990
Sipa Press	Localização: 62	p. 62	1985	39	Morte/Infância/Soropositivo/ Ativismo
Liz Taylor o pesadelo da AIDS					12 maio 1990
Marilda Varejão	Localização: 17	p. 18	1986	39	Famoso
Sexo 90: o amor volta ao paraíso					26 maio 1990
Deborah Berman	Localização: 20	p. 20	1988	39	Sexo/Amor/Comportamento
UTI a vida é o limite					26 maio 1990
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 51	p. 51	1988	39	Medicina
AIDS briga de Gallo					16 jun. 1990
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 32	p. 32	1991	39	Medicina
A máquina que cura a AIDS					7 jul. 1990
Syigma	Localização: 12	p. 12	1994	39	Medicina
Em São Francisco, as vítimas da AIDS protestam e pedem mais dólares para cura do mal					7 jul. 1990
Syigma	Localização: 14	p. 14	1994	39	Ativismo
Dr. Fritz um médico contra a AIDS					14 jul. 1990
Malu Vasconcellos	Localização: 18	p. 18	1995	39	Medicina/Religião
O fim de um drama: a paz de Cazusa					21 jul. 1990
Marilda Varejão	Localização: 8	p. 8	1996	39	Famoso/Morte
Cazusa em <u>close</u> : uma palavra amiga					21 jul. 1990
Ana Gaio	Localização: 12	p. 12	1996	39	Famoso/Morte
Azetica					21 jul. 1990
Carlos Heitor Cony	Localização: 15	p. 15	1996	39	Famoso/Morte
AIDS, SIM OU NÃO? A VERDADE EM CINCO MINUTOS					21 jul. 1990
	Localização: 93	p. 93	1996	39	Medicina
Condenada pelo amor					18 ago. 1990
People	Localização: 25	p. 25	2001	39	Amor/ Soropositivo/ Transmissão/ Ativismo
AIDS de mãe para filha					15 set.1990
Lynn Alison	Localização: 24	p. 24	2005	39	Trnamissão/Infância/Maternidade
Crianças aidéticas: o Brasil na lista					15 set. 1990
Marilda Varejão	Localização: 26	p. 26	2005	39	Infância
Relatório Kinsey 90: o sexo sem pecado e com juízo					26 set. 1990
Time	Localização: 92	p. 92	2007	39	Sexo/Comportamento
S.O.S. Criança a hora da humanidade					13 out. 1990
Time	Localização: 60	p. 60	2009	39	Infância/Saúde
A armadilha da vida					10 nov. 1990
Nancy Campos	Localização: 72	p. 72	2013	39	Hemofilia/Medicina
David Carr, ele foi o primeiro					8 dez. 1990
Icapress	Local.: 110	p. 110	2017	39	Soro+/Sexualidade/Transmissão
O amor enfrenta a AIDS					22 dez. 1990
Hermann Nass	Localização: 20	p. 20	2019	39	Amor/Sexo

10. 1991:

Liz Taylor as memórias da dor (MATÉRIA DE CAPA)						12 jan. 1991
People/Lanon Y. Jones	Localização: 108	p. 108	2022	39	Artista	
Se você não se cuidar a AIDS vai te pegar.						9 mar. 1991
Ministério da Saúde	Localização: 53	p. 53	2030	39	Campanha gov.	
Se você não se cuidar a AIDS vai te pegar.						16 mar. 1991
Ministério da Saúde	Localização: 105	p. 103	2031	39	Campanha gov.	
Mal da fadiga crônica: mal dos anos 90 (CITAÇÃO NA CAPA)						6 abr. 1991
Hélio Carneiro	Localização: 36	p. 36	2034	39	Saúde	
Charles e Diana: o casal real conquista o Brasil (MATÉRIA DE CAPA)						11 maio 1991
Débora Berman et. al.	Localização: 4	p. 4	2039	40	Famosos	
As patrulhas sexuais contra os MegaStars						15 jun. 1991
Marilda Varejão	Localização: 32	p. 32	2044	40	Famosos/Sexualidade	
Sexo e o amor o toque dos anos 90 (MATÉRIA DE CAPA)						13 jul. 1991
Cristiane Ramalho	Localização: 88	p. 88	2048	40	Sexualidade/ Entrevista	
Romeu e Julieta em tempos de AIDS						20 jul. 1991
Fotos Photoreporters	Localização: 48	p. 48	2049	40	Relacionamento	
Lennart Nilsson: o superespão do corpo humano						14 set. 1991
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 94	p. 94	2057	40	Ciência	
O oitavo casamento de Liz Taylor (MATÉRIA DE CAPA)						14 set. 1991
Marilda Varejão	Localização: 108	p. 108	2057	40	Famosos	
Deu gay na cabeça (CITAÇÃO NA CAPA)						21 set. 1991
Revista Time	Localização: 92	p. 92	2058	40	Sexualidade	
Martina e Judy o fim da <u>love story gay</u> (MATÉRIA DE CAPA)						28 set. 1991
Paris Match e Sipa Press	Localização: 10	p. 10	2059	40	Relacionamento/ Famosos	
Ney Galvão: a festa acabou						28 set. 1991
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 116	p. 114	2059	40	Morte/ Famoso	
Apareceu a <u>margarida</u>						19 out. 1991
Revista Time	Localização: 46	p. 46	2062	40	Ativismo/ Política	
Uma lição de amor à humanidade						9 nov. 1991
Hélio Carneiro	Localização: 84	p. 84	2065	40	Religião	
Magic Johnson: o jogo da coragem (CITAÇÃO NA CAPA)						23 nov. 1991
Revista Time	Localização: 14	p. 14	2067	40	Famoso	
Brasil: a AIDS na marca do pênalti						23 nov. 1991
Ney Bianchi	Localização: 16	p. 16	2067	40	Esporte	
O mártir da AIDS						23 nov. 1991
	Localização: 18	p. 18	2067	40	Infecção/ Hemofílicos	
VALE-AZT: o tratamento gratuito						23 nov. 1991
Marcus Achilles	Localização: 20	p. 20	2067	40	Medicação/ Saúde	
Mulher dá AIDS? (MATÉRIA DE CAPA)						30 nov. 1991
Hélio Carneiro et. al.	Localização: 22	p. 22	2068	40	Transmissão/ Sexualidade/ Mulher	

Mulher: vítima e não vilã					30 nov. 1991
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 26	p. 26	2068	40	Mulher
Testes de AIDS: os novos caçadores <u>hi-tech</u> do HIV					30 nov. 1991
C. A. A.	Localização: 28	p. 28	2068	40	Ciência
Guia do sexo 92 1 (CITAÇÃO NA CAPA)					7 dez. 1991
Ica Press	Localização: 55	p. 55	2069	40	Sexo/ Sexualidade
O último solo de Freddy Mercury					7 dez. 1991
	Localização: 112	p. 112	2069	40	Famoso/ Morte
Guia do sexo 92 final					14 dez. 1991
Ica Press	Localização: 55	p. 55	2070	40	Sexo/ Sexualidade
Mônica Seles VS. Martina Navratilova					14 dez. 1991
Tarlis Batista	Localização: 100	p. 100	2070	40	Famosos
O bebê de Freddy Mercury					21 dez. 1991
	Localização: 92	p. 92	2071	40	Famosos
KREBS: a última esperança dos aidéticos (CITAÇÃO NA CAPA)					21 dez. 1991
Celso Arnaldo Araújo et. al.	Localização: 94	p. 94	2071	40	Medicina
No Rio, a fé e o drama de M. S.					21 dez. 1991
Malu Lopes	Localização: 98	p. 98	2071	40	Soropositivo
Camisinha na Escola					28 dez. 1991
	Localização: 19	p. 19	2072	40	Sexualidade/ Educação

11. 1992:

Magic Johnson, rei do basquete, ídolo dos Estados Unidos, deixa as quadras...					4 jan. 1992
	Localização: 80	p. 80	2073	40	Famosos/ Retropectiva
Camisinha e camisola					11 jan. 1992
	Localização: 110	p. 110	2074	40	Sexo/ Prevenção
Adúltero de proveta					11 jan. 1992
	Localização: 111	p. 111	2074	40	Medicina/ Crime
O drama de Richard Gere (CITAÇÃO NA CAPA)					26 jan. 1992
	Localização: 46	p. 46	2077	40	Famosos
Faye Dunaway: uma <u>guerrilha</u> contra a AIDS					1 fev. 1992
Paris Match	Localização: 102	p. 102	2078	40	Famosos/ Ativista/ Entrevista
Golpe <u>na</u> vista					8 fev. 1992
	Localização: 18	p. 18	2079	40	Moda/ Publicidade
O milagre das plantas					8 fev. 1992
Carlos Augusto Pinto	Localização: 50	p. 50	2079	40	Saúde/ Tratamento
Platzspitz: morte por overdose					15 fev. 1992
	Localização: 18	p. 18	2080	40	UDI
AIDS a cura pela natureza (CITAÇÃO NA CAPA)					15 fev. 1992
Gilberto Ungaretti	Localização: 86	p. 86	2080	40	Medicina alternativa
O confei: veneno ou santo remédio?					15 fev. 1992
Gilberto Ungaretti	Localização: 89	p. 89	2080	40	Medicina alternativa

S. O. S. COLLOR: os boatos e fatos						22 fev. 1992
Carlos Chagas	Localização: 16	p. 16	2081	40	Política	
MAGIC JOHNSON: cesta contra a AIDS						22 fev. 1992
Ney Bianchi A.	Localização: 32	p. 32	2081	40	Famosos	
A camisinha da mulher						22 fev. 1992
	Localização: 91	p. 91	2081	40	Sexualidade/ Prevenção	
Cicciolina/Bruna Lombardi: o perigoso jogo do sexo (CITAÇÃO CAPA)						9 maio 1992
Bruna Lombardi	Localização: 104	p. 104	2092	41	Sexo/ Entrevista	
Check-up						30 maio 1992
	Localização: 90	p. 90	2095	41	Saúde	
AIDS: teste em 10 minutos						13 jun. 1992
	Localização: 55	p. 55	2097	41	Medicina	
Sexo sem riscos: a civilização do sexo a distância (CITAÇÃO NA CAPA)						4 jul. 1992
Nancy Campos et. al.	Localização: 42	p. 42	2100	41	Sexo	
Check-up						4 jul. 1992
	Localização: 63	p. 63	2100	41	Saúde	
Areia no ventilador do Brasil (CITAÇÃO NA CAPA)						11 jul. 1992
Maria Helena Malta e Deborah Berman	Localização: 58	p. 58	2101	41	Entrevista/ Sexo	
O currículo da AIDS						18 jul. 1992
	Localização: 55	p. 55	2102	41	Educação/ Prevenção	
Check-up						25 jul. 1992
	Localização: 61	p. 61	2103	42	Saúde	
Os anjos da AIDS						25 jul. 1992
	Localização: 70	p. 70	2103	42	Moda	
As novas rotas do Cartel da Morte						1 ago. 1992
Lorem Falcão	Localização: 14	p. 14	2104	41	Drogas	
Check-up 2x						1 ago. 1992
	Localização: 55	p. 55	2104	41	Saúde	
Aguilha à prova de contaminação						1 ago. 1992
	Localização: 55	p. 55	2104	41	Medicina	
AGUINALDO SILVA: o <u>homo sapiens</u> da novela das oito						1 ago. 1992
Maria Helena Malta/ João Freire	Localização: 58	p. 58	2104	41	Famoso/ Entrevista/ Sexualidade	
AIDS: o outro HIV						8 ago. 1992
	Localização: 58	p. 58	2105	41	Ciência	
MAGIC JOHNSON: vivendo o vírus de bem com a vida						15 ago. 1992
	Localização: 16	p. 16	2106	41	Famoso/ Soropositivo/ Entrevista	
O brasileiro é, antes de tudo, um bissexual? (CITAÇÃO NA CAPA)						15 ago. 1992
Marcelo Siqueira Campos	Localização: 58	p. 54	2106	41	Sexualidade	
Richard Parker: o <u>caçador</u> de bissexuais						15 ago. 1992
Marcelo Siqueira Campos	Localização: 62	p. 58	2106	41	Sexualidade	
DIAFRAGMA: escudo contra as doenças venéreas						15 ago. 1992
	Localização: 79	p. 75	2106	41	Saúde	
Bissexualismo: os dilemas do quarto sexo						22 ago. 1992

Time	Localização: 22	p. 22	2107	41	Sexualidade
Dora: “o perigo, agora, é outro”					22 ago. 1992
Mauro Silveira	Localização: 26	p. 26	2107	41	Sexualidade
Cláudia Abreu					22 ago. 1992
Ana Gaio	Localização: 44	p. 44	2107	41	Famosos
AIDS: os jovens não tem medo					22 ago. 1992
	Localização: 71	p. 71	2107	41	Sexualidade
Turismo Sexual					5 set. 1992
Tarlis Batista	Localização: 42	p. 42	2109	41	Sexo
Check-up					12 set. 1992
	Localização: 39	p. 39	2110	41	Saúde
Novo retrovírus na praça					19 set. 1992
	Localização: 68	p. 68	2111	41	Ciência
Check-up					3 out. 1992
	Localização: 47	p. 47	2113	41	Saúde
Amigo do punho					10 out. 1992
	Localização: 27	p. 27	2114	41	Sexo
Check-up					17 out. 1992
	Localização: 48	p. 48	2115	41	Saúde
Dossiê do massacre: os nus e mortos					17 out. 1992
Mauro Silveira/ Durval Ferreira	Localização: 102	p. 90	2115	41	Presídios
Nureyev: o último aplauso (CITAÇÃO NA CAPA)					24 out. 1992
	Localização: 16	p. 16	2116	41	Famoso
Liz, o anjo dos aidéticos					24 out. 1992
	Localização: 63	p. 63	2116	41	Famoso/ Ativismo
Check-up					31 out. 1992
Hélio Carneiro	Localização: 75	p. 71	2117	41	Saúde
Trio antiaids					14 nov. 1992
	Localização: 49	p. 49	2119	41	Famoso/ Prevenção
Julio Iglesias					14 nov. 1992
Deborah Berman	Localização: 52	p. 52	2119	41	Famoso/ Entrevista
Dr. Gallo: Nova arma anti-AIDS					14 nov. 1992
Hélio Carneiro	Localização: 67	p. 67	2119	41	Medicina
Campanha					21 nov. 1992
Sec. Municipal de Saúde Rio	Localização: 16	p. 16	2120	41	Campanha
Fantasias sexuais: libere seu <u>instinto selvagem</u> (CITAÇÃO NA CAPA)					21 nov. 1992
Ana Gaio	Localização: 42	p. 42	2120	41	Sexo
Check-up					21 nov. 1992
	Localização: 75	p. 75	2120	41	Saúde
MAGIC JOHNSON: biografia da coragem (CITAÇÃO NA CAPA)					28 nov. 1992
José Guilherme Correa	Localização: 20	p. 20	2121	41	Famoso
Transplante de medula					28 nov. 1992
Lúcia Rego	Localização: 82	p. 82	2121	41	Medicina

AIDS: até 16 anos para a doença se manifestar					28 nov. 1992
Hélio Carneiro	Localização: 88	p. 88	2121	41	Saúde
Dercy: o anjo endiabrado					5 dez. 1992
Maria Helena Malta	Localização: 67	p. 66	2122	41	Famoso/ Entrevista
O que você faria? (publicidade)					12 dez. 1992
Manchete	Localização: 25	p. 25	2123	41	Livro/ Publicidade
O ABC DA SAÚDE					12 dez. 1992
Hélio Carneiro	Localização: 74	p. 74	2123	41	Saúde/ Livro
O drama de Margarida					12 dez. 1992
Tarlis Batista	Localização: 90	p. 91	2123	41	Famoso/ Sexualidade/ Esporte
O mundo em alerta vermelho					12 dez. 1992
Denise Assis	Localização: 96	p. 96	2123	41	Panorama
O que você faria? (publicidade)					19 dez. 1992
Manchete	Localização: 25	p. 25	2124	41	Livro/ Publicidade
AIDS: A informação fundamental					19 dez. 1992
	Localização: 86	p. 86	2124	41	Saúde/ Prevenção
O que você faria? (publicidade)					26 dez. 1992
Manchete	Localização: 25	p. 25	2125	41	Livro/ Publicidade
Cartões antiaids					26 dez. 1992
	Localização: 37	p. 37	2125	41	Arte

12. 1993:

O triunfo do <u>New Voyeurismo</u>					2 jan. 1993
Hélio Carneiro	Localização: 82	p. 78	2126	41	Sexo/ Cinema
Best-seller: o guia do governo Clinton					16 jan. 1993
José Guilherme Corrêa	Localização: 37	p. 35	2128	41	Política
O império da medicina natural					16 jan. 1993
Ney Bianchi	Localização: 68	p. 66	2128	41	Medicina
Rudolf Nureyev: o salto para eternidade					16 jan. 1993
	Localização: 84	p. 80	2128	41	Famoso/Morte
Os últimos passos de Rudolf Nureyev					16 jan. 1993
Zevi Ghivelder	Localização: 85	p. 81	2128	41	Famoso/Morte/ A. Opinião
Gil Gomes e o caso Daniela (CITAÇÃO NA CAPA)					16 jan. 1993
	Localização: 97	p. 93	2128	41	Morte/ Crime/ Famosos
Check-up					23 jan. 1993
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 63	p. 61	2129	41	Medicina
Haja esperança					6 fev. 1993
	Localização: 27	p. 27	2131	41	Ativismo/ Tratamento
Carlos Augusto Strazzer: O drama de ator na luta contra a AIDS (CIT. CAPA)					6 fev. 1993
	Localização: 86	p. 86	2131	41	Famoso
Check-up					20 fev. 1993
Hélio Carneiro	Localização: 65	p. 65	2133	41	Ciência

Giovana Gold: A vênus de ouro dá aula de sexo						20 fev. 1993
	Localização: 84	p. 84	2133	41	Sexo/ Mulher/ Prevenção/ Artista	
A Bela Iluminada						6 mar. 1993
Gilberto Ungaretti	Localização: 44	p. 44	2135	41	Famosos/ Morte	
Hemofílicos: a transfusão de fator VIII sem risco						13 mar. 1993
	Localização: 85	p. 77	2136	41	Hemofilia/ Saúde	
AIDS: agora predomina a transmissão heterossexual						13 mar. 1993
	Localização: 85	p. 77	2136	41	Sexualidade/ Saúde	
Condom até nas preliminares						20 mar. 1993
Hélio Carneiro	Localização: 63	p. 63	2137	41	Sexo/ Saúde	
O choque das imagens						27 mar. 1993
José Esmeraldo Gonçalves	Localização: 46	p. 44	2138	41	Fotografia	
AIDS começa pela boca						27 mar. 1993
Hélio Carneiro	Localização: 69	p. 67	2138	41	Medicina	
Feliz Aniversário, DNA						10 abr. 1993
Time	Localização: 60	p. 58	2140	41	Ciência	
Um pesadelo chamado século 21						24 abr. 1993
George Gurjan	Localização: 20	p. 20	2142	42	Previsões	
Na marcha, <u>gays</u> de todos sexos e cores						1 maio 1993
Fotos: Haroldo Faria Castro	Localização: 6	p. 6	2143	42	Ativismo/ Sexualidade/ Mov. Social	
Eros 93: sexo na cabeça (CITAÇÃO NA CAPA)						8 maio 1993
Bianca Deo/ Nancy Campos	Localização: 22	p. 22	2144	42	Sexo	
Novas armas contra vírus						8 maio 1993
Ana Lúcia Prôa	Localização: 97	p. 97	2144	42	Medicina/ Tratamento	
Cuidado com a paranóia						15 maio 1993
	Localização: 28	p. 28	2145	42	Famosos/ Transmissão	
Os <u>gays</u> levantam a Astral						22 maio 1993
Marcelo Siqueira Campos	Localização: 95	p. 90	2146	42	Ativismo/ Mov. Social	
A morte que não morreu						5 jun. 1993
	Localização: 26	p. 26	2148	42	Saúde	
Estupro com camisinha						12 jun. 1993
	Localização: 28	p. 28	2149	42	Crime	
Contra a intolerância						12 jun. 1993
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 69	p. 65	2149	42	Filme/ Soro+	
Relógio anti-AIDS						19 jun. 1993
	Localização: 30	p. 30	2150	42	Produto/ Publi	
Agora é Jack, o Estuprador						26 jun. 1993
	Localização: 91	p. 91	2151	42	Crime/ Sexualidade	
Prostituição: as escravas do sexo (CITAÇÃO CAPA)						3 jul. 1993
Time	Localização: 31	p. 31	2152	42	Mulheres/ Sexo/ Prostituição	
San Francisco celebra o orgulho <u>gay</u>						10 jul. 1993
Amos Zezmer	Localização: 93	p. 93	2153	42	Sexualidade/ Ativismo	
Howard Hughes: <u>gay</u> , excêntrico e hipocondríaco						24 jul. 1993

José Guilherme Correa	Localização: 62	p. 62	2155	42	Famoso/ Sexualidade
Pelotas se assusta com <u>vampiros</u>					24 jul. 1993
Bianca Deo	Localização: 94	p. 94	2155	42	Sexualidade/ Crime
Luiz Mott “a cada cinco dias um <u>gay</u> é assassinado no Brasil”					31 jul. 1993
Deborah Berman	Localização: 26	p. 26	2156	42	Sexualidade/ Ativismo/ Entrevista
A morte vermelha					7 ago. 1993
Time	Localização: 28	p. 28	2157	42	Transmis/ Sangue/ Medicina
AIDS em cena					7 ago. 1993
	Localização: 51	p. 51	2157	42	Arte/ Campanha
O Drama de Sandra Bréa (MATÉRIA DE CAPA)					28 ago. 1993
Behula Spencer	Localização: 14	p. 14	2160	42	Mulher/ Soro+/ Famoso
Infetologista David Uip: “Mantenho minha posição: Mulher não passa ...”					28 ago. 1993
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 18	p. 18	2160	42	Mulher/ Transmissão/ Sexo/ Médico
Sandra Bréa: uma vida agitada no palco e no amor					28 ago. 1993
Maria Helena Malta	Localização: 20	p. 20	2160	42	Famoso/ Mulher
A forma e a forma do futuro					11 set. 1993
	Localização: 34	p. 34	2162	42	Ciência
Fidelidade-93: as novas regras do jogo					11 set. 1993
Patrícia Oliveira e Nancy Campos	Localização: 52	p. 52	2162	42	Relacionamento/ Sexo
Meninos travestis: um novo drama chega às ruas					25 set. 1993
Denise Assis	Localização: 82	p. 82	2164	42	Travestis/ Prostituição/ Sexo/ Infância
O menino-travesti de Moscou					25 set. 1993
Time	Localização: 85	p. 85	2164	42	Infância/ Prostituição
Vicente Pereira vai embora. E há menos riso na TV					25 set. 1993
Marcelo Siqueira Campos	Localização: 97	p. 97	2164	42	Morte/ Famoso
A Guerra da AIDS					13 nov. 1993
Time	Localização: 52	p. 52	2171	42	Ciência
Como a geração 90 faz o <u>primeiro</u> amor (MATÉRIA DE CAPA)					13 nov. 1993
Bianca Deo	Localização: 54	p. 54	2171	42	Sexo/ Adolescência
A igreja socorre os aidéticos					13 nov. 1993
Geraldo Lopes	Localização: 96	p. 96	2171	42	Religião
A Vida pela <u>Vida</u>					20 nov. 1993
	Localização: 38	p. 38	2172	42	Famoso/ Campanha/ Ativismo
<u>Gays</u> lutam contra o preconceito					11 dez. 1993
Bianca Deo	Localização: 94	p. 94	2175	42	Ativismo/ Sexualidade
Cenas explícitas do incrível vídeo pornogay de Guilherme					25 dez. 1993
Maria Alice Mariano	Localização: 18	p. 18	2177	42	Sexo/ Famoso

13. 1994:

Manchete Saúde 1993					1 jan. 1994
Murilo Melo Filho (org.)	Localização: 39	p. 39	2178	42	Saúde/ Retrospectiva
Guia Medicina e Saúde da Família – Manchete					1 jan. 1994

	Localização: 54	p. 54	2178	42	Propaganda
93 AIDS – A praga do século já afeta 13 milhões. E uma camisinha gigante...					1 jan. 1994
	Localização: 78	p. 58	2178	42	Ativismo/ Retrospectiva
A ponte da paz em tempos de guerra					15 jan. 1994
SYGMA	Localização: 22	p. 22	2180	42	Política/ Entrevista
AIDS <u>AL MARE</u>					22 jan. 1994
	Localização: 43	p. 39	2181	42	Arte/ Ativismo
<u>Anorexia Sexual</u> : A hora do DESAMOR (CITAÇÃO DE CAPA)					29 jan. 1994
Márcia Montojos/ Gilberto Ungaretti/ Nancy Campos	Localização: 56	p. 56	2182	42	Sexo/ Saúde
Lucinha Araújo – A reencarnação de Cazuzu					5 fev. 1994
Deborah Berman	Localização: 83	p. 83	2183	42	Famoso/ Maternidade/ Livro/ Memória
Os 50 anos de Henfil					12 fev. 1994
	Localização: 96	p. 96	2184	42	Famoso/ Memória
Filadélfia					12 mar. 1994
Carlos Fonseca	Localização: 76	p. 72	2188	42	Filme
<u>Tom Hanks</u> “Sou mais um ator que um astro”					2 abr. 1994
SYGMA	Localização: 72	p. 52	2191	42	Entrevista/ Famoso/ Arte/ Filme
Quadrinhos contra a AIDS					9 abr. 1994
	Localização: 54	p. 50	2192	42	Livros/ Campanha
Magic, mas não muito					7 maio 1994
	Localização: 38	p. 38	2196	43	Famoso/ Esporte
SEXO e DROGAS com GRIFFE					7 maio 1994
José Guilherme Correa	Localização: 68	p. 68	2196	43	Famoso
<u>Show de Liza Minelli e Aznavour para as vítimas de AIDS</u>					21 maio 1994
	Localização: 76	p. 72	2198	43	Artista/ Campanha
<u>NIKOLAI</u> – O terceiro KINSKI arrasa corações					25 jun. 1994
	Localização: 52	p. 52	2203	43	Famoso
<u>MÃES GAYS</u> – Elas querem ter filhos de proveta					2 jul. 1994
Ivy Fernandes/ ROMA	Localização: 92	p. 90	2204	43	Ativismo/ Maternidade
Teste de AIDS a domicílio					16 jul. 1994
	Localização: 38	p. 38	2206	43	Medicina
Renato Russo assume total					16 jul. 1994
Deborah Berman	Localização: 74	p. 62	2206	43	Famoso/ Ativismo/ Música
Montaigner 1 x Gallo 0					30 jul. 1994
	Localização: 29	p. 29	2208	43	Ciência
A geração das meninas-mães (CITAÇÃO NA CAPA)					6 ago. 1994
Vilma Homero/ Nancy Campos	Localização: 56	p. 54	2209	43	Maternidade
LENNIE DALE: A coreografia do adeus					13 ago. 1994
Geraldo Lopes	Localização: 22	p. 22	2210	43	Famoso/ Morte
A nova era da virgindade (CITAÇÃO NA CAPA)					27 ago. 1994
Aglaé Rocha/ Roseane Santos/ Ivy Fernandes	Localização: 58	p. 42	2212	43	Sexo/ Mulher
O ataque dos assassinos invisíveis (CITAÇÃO NA CAPA)					17 set. 1994
Time	Localização: 18	p. 18	2215	43	Medicina

AZT em nome da vida						17 set. 1994
	Localização: 53	p. 53	2215	43		Medicina
Cesariana contra a AIDS						15 out. 1994
	Localização: 57	p. 15	2219	43		Maternidade/ Ciência
Por que o sexo não está com essa bola toda? (CITAÇÃO NA CAPA)						22 out. 1994
Time	Localização: 62	p. 62	2220	43		Sexo
Uma voz contra AIDS						29 out. 1994
	Localização: 50	p. 50	2221	43		Famoso/ Ativismo
2222 semanas de informação e emoção ***						5 nov. 1994
	Localização: 26	p. 26	2222	43		Retrospectiva
Combatendo o bom combate						5 nov. 1994
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 75	p. 74	2222	43		Filme
Engenharia Genética						3 dez. 1994
Cláudia Amorim	Localização: 40	p. 3	2226	43		Ciência
Alternativas às transfusões de sangue						3 dez. 1994
	Localização: 54	p. 14	2226	43		Medicina/ Religião
Paris faz encontro sobre AIDS						10 dez. 1994
Fotos: Sygma	Localização: 100	p. 98	2227	43		Saúde
Você mesma – CAMPANHA M. Saúde						24 dez. 1994
M. Saúde	Localização: 19	p. 19	2229	43		Campanha
A dança do amor de Nureyev						24 dez. 1994
Vander de Castro	Localização: 68	p. 68	2229	43		Famoso/ Livro
Um bispo na mira dos gays						24 dez. 1994
Eucy Lima	Localização: 97	p. 97	2229	43		Ativismo/ Religião/ Sexualidade
João Paulo II – O homem do ano						31 dez. 1994
Time	Localização: 21	p. 14	2230	43		Religião
Nem com o melhor amigo – CAMPANHA M. Saúde						31 dez. 1994
M. Saúde	Localização: 82	p. 77	2230	43		Campanha
A ditadura dos genes						31 dez. 1994
	Localização: 83	p. 78	2230	43		Ciência

14. 1995:

A princesa em Nova Iorque						11 fev. 1995
Time	Localização: 90	p. 90	2236	43		Famosos
Geração camisinha: os jovens da era pós-AIDS						18 fev. 1995
André Duarte	Localização: 54	p. 54	2237	43		Sexo/ Prevenção
Maria Paula / A Mulher da Camisinha						18 fev. 1995
André Duarte	Localização: 82	p. 82	2237	43		Famosos/ Sexo/ Prevenção
Sexualidade 95 – As novas posições do amor						18 mar. 1995
Karin Diesel/ Maricy Guimarães	Localização: 20	p. 20	2241	43		Sexo
O terrível segredo de Greg Louganis						18 mar. 1995
	Localização: 40	p. 40	2241	43		Esporte/ Famoso

Elton John sai do armário						18 mar. 1995
Time	Localização: 58	p. 58	2241	43	Famoso	
Paciente Zero						25 mar. 1995
Carlos Fonseca	Localização: 73	p. 73	2242	43	Arte	
Causa nobre						8 abr. 1995
	Localização: 39	p. 39	2244	43	Moda/ Ativismo	
Uma vitória contra a AIDS?						22 abr. 1995
Time	Localização: 94	p. 94	2246	43	Saúde	
Em busca da cura da AIDS						13 maio 1995
Danielle Segal	Localização: 98	p. 92	2249	44	Medicina	
As sete pragas do apocalipse						20 maio 1995
Lozem Falcão	Localização: 14	p. 14	2250	44	Saúde	
<u>Angels</u> enfim na praça						1 jul. 1995
	Localização: 95	p. 95	2256	44	Arte/ Teatro	
Mineiro do Brasil						8 jul. 1995
Roberto Muggiati	Localização: 89	p. 73	2257	44	Famoso/ Cantor/ Hemofílico	
Quatro casamentos e um ideal – O encontro das senhoras Beatles						22 jul. 1995
	Localização: 58	p. 58	2259	44	Famosos/ Ativismo	
Socialismo ou morte						22 jul. 1995
	Localização: 29	p. 29	2259	44	Política	
Prostituição infantil – na trilha das <u>engraçadinhas</u> (CITAÇÃO NA CAPA)						5 ago. 1995
José Louzeiro	Localização: 4	p. 4	2261	44	Sexo/ Prostituição/ Infância	
Turismo sexual						5 ago. 1995
John Maier JR	Localização: 10	p. 10	2261	44	Sexo/ Prostituição	
A governanta sabia de tudo						19 ago. 1995
Lozem Falcão	Localização: 78	p. 78	2263	44	Famosos/ Livro	
O pigmalião pornô						26 ago. 1995
Ivy Fernandes	Localização: 60	p. 60	2264	44	Famosos/ Sexo/ Mulher	
Anjos frouxos						2 set. 1995
Edgar Olimpio de Souza	Localização: 72	p. 72	2265	44	Arte/ Teatro	
Musicoterapia						16 set. 1995
Regina Stela Braga	Localização: 104	p. 06	2267	44	Tratamento	
Testemunha de uma vingança						30 set. 1995
Time	Localização: 100	p. 96	2269	44	Crime	
Polêmica de um dólar						7 out. 1995
	Localização: 28	p. 28	2270	44	Polêmica	
Bordel S.A.						14 out. 1995
	Localização: 28	p. 28	2271	44	Sexo	
Conto de Natal (edição especial da revista)						4 nov. 1995
Lionel Fischer	Localização: 72	p. 72	2274	44	Arte/ Teatro	
A musa <u>cool</u> e o poeta <u>pop</u>						18 nov. 1995
Roberto Muggiati	Localização: 73	p. 73	2276	44	Arte/ Música/ Famoso	

15. 1996:

O bispo em xeque					6 jan. 1986
Daniele Segal/ Celso Arnaldo Araújo/ Mauro Silveira/ Maricy Guimarães/ Valter Gonçalves/ Sandra Machado	Localização: 14	p. 12	2283	44	Religião
O bordel dos desesperados					10 fev. 1996
Lozem Falcão	Localização: 72	p. 72	2288	44	Livro
Tempos de Camisinha					9 mar. 1996
João Ubaldo Ribeiro	Localização: 26	p. 26	2292	44	Opinião/ Sexo
Tá ficando ruço! ****					6 abr. 1996
	Localização: 40	p. 40	2296	44	Nota/opinião
SANGUE: uma questão de vida ou morte					27 abr. 1996
Sandra Machado	Localização: 52	p. 52	2299	45	Medicina
Ilustrador americano é imune à AIDS					11 maio 1996
	Localização: 97	p. 97	2301	45	Medicina
Diagnóstico da Saúde Brasileira					18 maio 1996
Eva Sacramento	Localização: 103	p. 5	2302	45	Saúde
SEXO: os novos caminhos do saber (MATÉRIA DE CAPA)					25 maio 1996
Alessandra Castello/ Maricy Guimarães	Localização: 12	p. 12	2303	45	Sexo
Cresce o número de adolescente grávidas (caderno saúde – pasta separada)					1 jun. 1996
	Localização: 14	p. 14	2304	45	Saúde/ Adolescente/ Gravidez
Novas armas na guerra contra a AIDS					22 jun. 1996
	Localização: 18	p. 18	2307	45	Ciência
O novo risco de morrer pela boca					29 jun. 1996
Time	Localização: 93	p. 94	2308	45	Ciência/ Sexo
AIDS aumenta entre mulheres (caderno saúde – pasta separada)					29 jun. 1996
	Localização: 14	p. 14	2308	45	Transmissão/ Mulher/ Saúde
Vírus HIV aumenta com vacina					6 jul. 1996
	Localização: 66	p. 14	2309	45	Ciência
Uma luz no fim do túnel					20 jul. 1996
Gisela Heymann	Localização: 94	p. 94	2311	45	Ciência
Mãe aidética pode contaminar bebê na hora do parto					27 jul. 1996
	Localização: 64	p. 14	2312	45	Ciência/ Maternidade/ Transmissão
O Lugar dos Meus Sonhos – Stonewall					27 jul. 1996
Carlos Fonseca	Localização: 88	p. 72	2312	45	Arte/ Filme
Um negócio de morte					31 ago. 1996
	Localização: 57	p. 57	2317	45	Morte
Prostituição infantil INOCÊNCIA PERDIDA (MATÉRIA DE CAPA)					7 set. 1996
Marcelo Migliaccio	Localização: 8	p. 8	2318	45	Prostituição/ Criança
Teste de urina detecta vírus da AIDS					7 set. 1996
	Localização: 68	p. 14	2318	45	Medicina
Genética assegura qualidade do sangue					7 set. 1996
	Localização: 68	p. 14	2318	45	Ciência
Últimas de Saúde					7 set. 1996
Time	Localização: 69	p. 15	2318	45	Saúde

O preço da vida (CITAÇÃO NA CAPA)					14 set. 1996
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 8	p. 8	2319	45	Medicina
Viver custa caro					14 set. 1996
Carlos Heitor Cony	Localização: 13	p. 13	2319	45	Opinião
O alto custo da AIDS					28 set. 1996
	Localização: 68	p. 14	2321	45	Medicina
O SEXO que você nem imaginava que podia fazer					5 out. 1996
	Localização: 54	p. 6	2322	45	Sexo/ Saúde
Vírus da AIDS ataca cérebro					5 out. 1996
	Localização: 66	p. 14	2322	45	Medicina
Um anjo torto na vida – Renato Russo (MATÉRIA DE CAPA)					19 out. 1996
Silvio Essinger	Localização: 12	p. 12	2323	45	Morte/ Famoso
Aqui você encontra solidariedade					19 out. 1996
M. Saúde	Localização: 58	p. 58	2323	45	Campanha
Circuncidados mais protegidos da AIDS					19 out. 1996
	Localização: 64	p. 2	2323	45	Saúde
Cartilha pornô provoca confusão em escola					19 out. 1996
	Localização: 131	p. 115	2323	45	Educação/ Sexualidade/ Prevenção
MONTAGNIER cientista aposta em coquetéis mas não na cura					19 out. 1996
	Localização: 131	p. 115	2323	45	Ciência
Última de Saúde					26 out. 1996
	Localização: 65	p. 3	2325	45	Ciência
Governo brasileiro servirá o coquetel de remédios					26 out. 1996
	Localização: 130	p. 114	2325	45	Política/ Tratamento
Luciane voltou a sorrir					2 nov. 1996
Maricy Guimarães	Localização: 22	p. 22	2326	45	Infância/ Tratamento
AIDS é pior do que se supõe					9 nov. 1996
	Localização: 64	p. 2	2327	45	Ciência
Novo teste detecta AIDS em dez minutos					16 nov. 1996
	Localização: 64	p. 2	2328	45	Ciência
AIDS dissemina outras epidemias					23 nov. 1996
	Localização: 40	p. 2	2329	45	Saúde
Últimas de Saúde					23 nov. 1996
Time	Localização: 41	p. 3	2329	45	Ciência
AIDS o começo do fim					23 nov. 1996
Mauro Silveira/ Vera Gertel	Localização: 124	p. 108	2329	45	Ativismo/ Tratamento
Vacina contra AIDS					7 dez. 1996
	Localização: 64	p. 2	2331	45	Ciência
As doenças que atingem os nervos periféricos					7 dez. 1996
	Localização: 69	p. 7	2331	45	Medicina
AIDS assusta em Moscou					7 dez. 1996
	Localização: 132	p. 116	2331	45	Transmissão
Se correr... charge					7 dez. 1996

	Localização: 138	p. 122	2331	45	Imagem
Maridos de Risco (MATÉRIA DE CAPA)					14 dez. 1996
Aiula Eisfeld/ Marques Casara	Localização: 12	p. 12	2332	45	Mulher/ Transmissão
AIDS atinge três vezes mais mulheres					14 dez. 1996
	Localização: 64	p. 2	2332	45	Mulher/ Saúde
Reverência do pop					14 dez. 1996
Silvio Essinger	Localização: 111	p. 95	2332	45	Arte/ Música
Médico explica magreza de Milton					21 dez. 1996
	Localização: 132	p. 116	2333	45	Famoso/ Boatos
Coquetel contra AIDS na rede pública					28 dez. 1996
	Localização: 65	p. 3	2334	45	Política/ Tratamento/ Saúde
AIDS, a esperança do coquetel tríplice					28 dez. 1996
	Localização: 74	p. 12	2334	45	Medicina
Homem do ano – David Ho é eleito pela Revista <i>Time</i>					28 dez. 1996
	Localização: 120	p. 104	2334	45	Ciência

16. 1997:

Distribuição de seringas					4 jan. 1997
	Localização: 52	p. 2	2335	46	Saúde
Últimas de Saúde					4 jan. 1997
	Localização: 53	p. 3	2335	46	Saúde
David Ho - O homem que fez o COQUETEL					11 jan. 1997
Time	Localização: 24	p. 24	2336	46	Ciência
Amor e morte na cadeia do DNA (CITAÇÃO NA CAPA)					25 jan. 1997
Marcelo Migliaccio	Localização: 12	p. 12	2388	46	Famoso
Remédio contra gripe/ Suicídio mata mais que AIDS e acidentes					15 mar. 1997
N fala da aids em específico	Localização: 52	p. 2	2345	46	Saúde
Coquetel da vida ganha novo inibidor de protease					22 mar. 1997
Aiula Eisfeld	Localização: 106	p. 90	2346	46	Medicina
Brasil tem meio milhão de aidéticos					19 abr. 1997
	Localização: 40	p. 2	2350	46	Saúde
HIV barrado antes de entrar célula					19 abr. 1997
	Localização: 107	p. 91	2350	46	Saúde
Vacina dá resultados em macacos					10 maio 1997
	Localização: 105	p. 93	2353	46	Ciência
Nova resposta para a doença					10 maio 1997
	Localização: 105	p. 93	2353	46	Ciência
Jovens americanos estão fazendo menos sexo					10 maio 1997
	Localização: 105	p. 93	2353	46	Sexo/ Adolescente/ Saúde
Proteína impede entrada do vírus da AIDS					17 maio 1997
	Localização: 50	p. 2	2354	46	Ciência
Frio e distante					17 maio 1997

Edgar Olimpio de Souza	Localização: 82	p. 64	2354	46	Arte/ Teatro
Pablo Milanes – Cuba contra AIDS					17 maio 1997
	Localização: 99	p. 81	2354	46	Arte/ Ativismo
Sangue na alta-costura (CITAÇÃO NA CAPA)					26 jul. 1997
Claudia Repsold/ Ivy Fernandes	Localização: 21	p. 21	2364	46	Famosos/ Moda/ Crime
Últimas de Saúde					26 jul. 1997
	Localização: 55	p. 3	2364	46	Ciência/ Infância
Morte não acabou com o mistério					2 ago. 1997
Vera Gertel	Localização: 26	p. 26	2365	46	Crime/ Famoso
Cunanan não tinha AIDS					9 ago. 1997
	Localização: 103	p. 87	2366	46	Crime/ Famoso
Molécula facilita infecção do HIV					16 ago. 1997
	Localização: 52	p. 2	2367	46	Ciência
PNEUMONIA: um risco que se agrava com o frio					16 ago. 1997
Kátia Perelberg	Localização: 56	p. 6	2367	46	Saúde/ Medicina
A morte do equilibrista (CITAÇÃO NA CAPA)					16 ago. 1997
Marcelo Migliaccio	Localização: 94	p. 78	2367	46	Morte/ Ativismo
A visita do amigo do papa (CITAÇÃO NA CAPA)					23 ago. 1997
Hugo Studart	Localização: 16	p. 16	2368	46	Religião
Últimas de Saúde					23 ago. 1997
Time	Localização: 53	p. 3	2368	46	Saúde
O risco da tuberculose está de volta					13 set. 1997
Denise Lopes	Localização: 65	p. 11	2371	46	Saúde
A República da Seringa					27 set. 1997
Wilson Aquino	Localização: 31	p. 31	2373	46	Drogas/ Transmissão
Um ano sem Renato (CITAÇÃO NA CAPA)					18 out. 1997
Eliane Lobato	Localização: 58	p. 58	2376	46	Memória/ Famoso/ Entrevista
Outros vírus contra HIV					8 nov. 1997
	Localização: 52	p. 2	2379	46	Ciência
Últimas de Saúde					22 nov. 1997
	Localização: 53	p. 3	2381	46	Saúde
Últimas de Saúde					29 nov. 1997
	Localização: 41	p. 3	2382	46	Saúde
Descoberta					29 nov. 1997
	Localização: 113	p. 97	2382	46	Ciência
Guia sobre AIDS para profissionais					6 dez. 1997
	Localização: 52	p. 2	2383	46	Informação/Saúde
A camisinha invisível					20 dez. 1997
	Localização: 39	p. 39	2385	46	Sexo
AIDS as novas terapias					20 dez. 1997
Andréa Cunha	Localização: 65	p. 11	2385	46	Medicina

17. 1998:

Previsões para 1998 (CITAÇÃO NA CAPA)					10 jan. 1998
Robert Mac Pherson	Localização: 16	p. 16	2388	46	Entrevista/ Previsão
Home page sobre AIDS					14 fev. 1998
	Localização: 68	p. 68	2393	46	Saúde/ Prevenção
Interleucina II ajuda aidéticos					7 mar. 1998
	Localização: 68	p. 68	2396	47	Medicina
Últimas de Saúde					7 mar. 1998
	Localização: 69	p. 69	2396	47	Saúde
AIDS: boas e más notícias					6 jun. 1998
Mauro Silveira	Localização: 64	p. 64	2409	47	Saúde
FDA aprova vacina anti-AIDS					20 jun. 1998
	Localização: 76	p. 68	2411	47	Ciência
Lixo hospitalar causa doenças infecciosas					27 jun. 1998
	Localização: 68	p. 68	2412	47	Medicina
A ressaca do coquetel (CITAÇÃO NA CAPA)					11 jul. 1998
Mauro Silveira	Localização: 62	p. 62	2414	47	Medicina
Variante resistente do HIV preocupa médicos					18 jul. 1998
	Localização: 70	p. 68	2415	47	Ciência
Cientistas americanos descobrem mecanismo do HIV					25 jul. 1998
	Localização: 68	p. 68	2416	47	Ciência
São Paulo e Harvard em projeto anti-AIDS					29 ago. 1998
	Localização: 86	p. 86	2421	47	Ciência
Sete dias sem mortes					5 set. 1998
	Localização: 97	p. 97	2422	47	Morte/ Sexualidade
A AIDS e a mulher (CITAÇÃO NA CAPA)					24 out. 1998
Lana de Paula	Localização: 56	p. 56	2429	47	Mulher
Estupro: Uma marca que fica para sempre					31 out. 1998
Iolanda Nascimento	Localização: 20	p. 20	2430	47	Crime
AIDS: a caminho da vacina, a ciência contra-ataca					28 nov. 1998
	Localização: 54	p. 54	2434	47	Ciência
Quinze minutos decisivos					28 nov. 1998
	Localização: 89	p. 89	2434	47	Medicina
Educação sexual para portadores HIV					5 dez. 1998
	Localização: 54	p. 54	2435	47	Educação/ Prevenção/ Saúde
Aumentou					5 dez. 1998
	Localização: 94	p. 94	2435	47	Panorama
Uma luta global					12 dez. 1998
	Localização: 42	p. 42	2436	47	Ativismo/ Panorama
Menos mortes					12 dez. 1998
	Localização: 88	p. 88	2436	47	Morte/ Tratamento

18. 1999:

Culpa dos macacos					6 fev. 1999
The New York Times	Localização: 93	p. 93	2443	46	Ciência
O bloco da prevenção					13 fev. 1999
Celso Arnaldo Araújo	Localização: 48	p. 48	2444	46	Sexo/ Prevenção/ Saúde
Método barato salva bebês da AIDS					13 fev. 1999
	Localização: 70	p. 54	2444	46	Ciência/ Infância
Maconha: uso medicinal é aconselhado					27 mar. 1999
	Localização: 93	p. 93	2450	47	Medicina
Revelado					27 mar. 1999
	Localização: 94	p. 94	2450	47	Famoso
Criação de vacina anti-AIDS fracassa					1 maio 1999
	Localização: 54	p. 54	2455	48	Ciência
Dossiê sobre o uso médico da maconha					8 maio 1999
	Localização: 54	p. 54	2456	48	Medicina
ALERTA GERAL – Plasma contaminado em PE					22 maio 1999
Lucia Costa	Localização: 21	p. 21	2458	48	Saúde/ Sangue
Delavirdina – Nova arma contra AIDS					5 jun. 1999
	Localização: 49	p. 49	2460	48	Medicina
Doenças imunológicas – Novas armas da medicina					17 jul. 1999
Lucia Souza	Localização: 28	p. 28	2466	48	Medicina
Novo remédio contra AIDS em bebês					31 jul. 1999
The New York Times	Localização: 42	p. 42	2468	48	Medicina/ Infância
Vacina brasileira pode erradicar tuberculose					28 ago. 1999
Teresa Tavares	Localização: 62	p. 62	2472	48	Ciência
Os órfãos da AIDS (CITAÇÃO NA CAPA)					18 set. 1999
Michele Guimarães/ Alexandre Peconick	Localização: 4	p. 4	2475	48	Infância
AIDS – São Paulo reduz contaminação					18 set. 1999
	Localização: 87	p. 87	2475	48	Medicina/ Maternidade
Ivete e Chico – Campanha pelo uso da camisinha					25 set. 1999
	Localização: 30	p. 30	2476	48	Campanha
Viver ficará mais fácil					25 set. 1999
Ricardo Moreira	Localização: 89	p. 89	2476	48	Tratamento/ Medicina
Camisinha – Brasileiros ainda resistem ao uso de preservativos					16 out. 1999
Michelle Guimarães/ Lucia Souza	Localização: 36	p. 36	2479	48	Sexo
Renato Russo forever					6 nov. 1999
Lúcia Souza	Localização: 58	p. 58	2482	48	Famoso
AIDS – Cresce a incidência em idoso					6 nov. 1999
	Localização: 86	p. 86	2482	48	Idoso/ Transmissão
José Serra – “vou fazer propaganda dos genéricos”					13 nov. 1999
Haroldo Hollanda	Localização: 16	p. 16	2483	48	Saúde/ Entrevista
Magic Johnson					13 nov. 1999
	Localização: 24	p. 24	2483	48	Famoso
A AIDS no ritmo da Broadway					20 nov. 1999

Marcos Pierry	Localização: 67	p. 67	2484	48	Arte/ Teatro
AIDS – A ciência fracassa na luta contra o mal do século (CAPA)					27 nov. 1999
Lucia Souza/ Edmilson Saldanha	Localização: 4	p. 4	2485	48	Ciência
'Eu tenho vírus' – A escalada da AIDS entre as mulheres (CAPA)					27 nov. 1999
Alexandre Peconick/ Leonardo Dias	Localização: 8	p. 8	2485	48	Mulher
Sharon Stone – Musa dos aidéticos					11 dez. 1999
	Localização: 25	p. 25	2487	48	Famoso
AIDS – 50 milhões infectados					11 dez. 1999
	Localização: 93	p. 93	2487	48	Panorama

19. 2000:

A vez dos negros e hispânicos					22 jan. 2000
The New York Times	Localização: 86	p. 86	2492	48	Raça/ Sexualidade/ Transmissão
O poeta não morreu					5 fev. 2000
Luis Henrique Amorim	Localização: 67	p. 67	2494	48	Arte/ Teatro/ Famoso
Parabéns para os adolescentes					18 mar. 2000
Ricardo Moreira	Localização: 88	p. 88	2500	48	Transmissão/ Adolescente/ Panorama
O perigoso mundo dos michês (CITAÇÃO CAPA)					25 mar. 2000
Pedro Argemiro/ Bárbara Ferreira	Localização: 21	p. 21	2501	48	Sexo/ Crime/ Prostituição
A genética contra os vírus					1 abr. 2000
Michele Guimarães	Localização: 54	p. 54	2502	48	Ciência
A equipe da Manchete é premiada					1 abr. 2000
	Localização: 88	p. 88	2502	48	Prêmio
Drogas – Tolerância zero					8 abr. 2000
Elisete Viana	Localização: 77	p. 77	2503	48	Drogas
Cazuza – Canções e confissões do poeta					8 abr. 2000
Ana Gaio	Localização: 88	p. 88	2503	48	Famoso/ Arte
Amor perigoso					22 abr. 2000
	Localização: 90	p. 90	2505	48	Sexo
Rússia – Heroína causa explosão de HIV					29 abr. 2000
	Localização: 86	p. 86	2506	48	Drogas
Terceira idade – o novo alvo da AIDS (CITAÇÃO NA CAPA)					6 maio 2000
Pedro Argemiro/ Daniela Eufrásio	Localização: 44	p. 44	2507	48	Idosos/ Transmissão
Sandra Bréa – Guerreira até o fim					13 maio 2000
Ricardo Moreira/ Lorem Falcão	Localização: 94	p. 94	2508	48	Famoso/ Morte/ Mulher
AIDS – Mais casos com heteros					27 maio 2000
	Localização: 94	p. 94	2510	48	Sexualidade/ Transmissão
Aidéticos-cobaias em Uganda					27 maio 2000
	Localização: 95	p. 95	2510	48	Ciência
AIDS – Coquetel mais forte contra a doença					1 jul. 2000
	Localização: 89	p. 89	2515	48	Medicina/ Tratamento
AIDS – Adolescentes são o novo alvo da doença					8 jul. 2000

Michelle Guimarães	Localização: 13	p. 13	2516	48	Adolescentes/ Sexo/ Transmissão
Robbie Williams – Salvem o mundo					8 jul. 2000
	Localização: 28	p. 28	2516	48	Famoso/ Ativismo
Prevenção para os dependentes					15 jul. 2000
David Júnior	Localização: 86	p. 86	2517	48	Drogas/ Prevenção

Legenda:

Destaque para as matérias de capa
Destaque para as campanhas governamentais
Destaque para as publicidades/propagandas da própria <i>Manchete</i>
Destaque para o encarte enquanto publicação independente
Destaque para o encarte dentro da revista <i>Manchete</i>

APÊNDICE B - Transcrição das cartas dos leitores

1985:

AIDS

Oportuna e informativa, sem alarmismo, a série de reportagens da MANCHETE sobre a epidemia de AIDS que assolou o mundo ajudou em muito a esclarecer os verdadeiros perigos da doença/tragédia. Mais um sucesso desta conceituada e séria revista.

Maria Márcia Alves, RJ, ed. 1736, p. 31, 1985.

HIPOCONDRIA

Pode parecer engraçada e irônica, mas é dramática a reportagem sobre hipocondria que a MANCHETE publica em seu número 1.737. Ainda bem que os psiquiatras reconhecem a hipocondria como a pior doença possível. Sabe lá o que é você num mês estar leproso, no outro canceroso, no outro com AIDS, no outro voltar a lepra e assim por adiante?

Jonas Mesquita, RN, ed. 1740, p. 34, 1985.

Ainda AIDS

Quero parabenizar MANCHETE pelo show de informação sobre a AIDS no Brasil e no mundo.

Jonas Souza, Quixadá, CE; ed. 1748, p. 38, 1985.

Rock Hudson

Não foi só Elizabeth Taylor que ficou triste com a morte de seu amigo. Nós todos, fãs de Rock Hudson, também vamos sentir muito a sua falta. Os cientistas precisam fazer logo alguma coisa para acabar com a AIDS, esta doença infame poderá causar outras mortes entre artistas de que tanto gostamos.

Isabel Proença e Carla Fontoura – Alegrete, RS; ed. 1749, p. 35, 1985.

AIDS

Chegando recentemente da França, trago notícias surpreendentes sobre a AIDS. O fato é que, não sei se por excesso de divulgação, ninguém mais está dando bola para moléstia na Europa. Os franceses continuam sua vida normal, e as liberdades sexuais estão a todo vapor. Será que o assunto foi superexposto? Será que a moda passou?

Herman H. Flores, São Paulo, SP; ed. 1754, p. 90, 1985.

Terrível a matéria publicada em MANCHETE nº 1751, AIDS: O Brasil Já É Vice-Campeão. Na falta de título honrosos e verdadeiros no campo esportivo, somos obrigados a conviver com pechas como essa. Para quem não sabe, também somos campeões em subnutrição, analfabetismo e corrupção.

Maria Hermínia Costa, Fortaleza, CE; ed. 1754, p. 90, 1985.

AIDS

Que vergonha! Não tenho onde esconder a cara! Quer dizer que já somos vices no antecampeonato da AIDS? E por que isso é assim? Por que tudo o que não presta vinga por aqui? Oigalê chê!

Roberto R. C. Cruz, Porto Alegre, RS; ed. 1755, p. 97, 1985.

1986:

AIDS

Como sempre, a MANCHETE nos mantém informados de tudo o que acontece no mundo científico e médico. As reportagens sobre a AIDS, uma constante nos últimos números da revista, mantêm acesa a esperança de que, um dia, os pesquisadores cheguem a uma vacina que impeça ou anule os efeitos devastadores e fatais da doença.

Jairo Celeste, Campinas, SP; ed. 1800, p. 45, 1986.

HOMEOPATIA

Câncer e AIDS são as duas enfermidades que mais apavoram a humanidade. Se, conforme reportagem desta revista, a homeopatia pode curar até o câncer, por que não experimentá-la na terapêutica da AIDS, doença imunológica, fator em que se baseia a própria homeopatia?"

Maria Nazaré Pedreira, Ribeirão Preto, SP; edição 1803, p. 27, 1986.

Vírus do câncer

Fiquei extremamente impressionado com a reportagem desta revista referente ao Vírus, do Câncer a AIDS. Um minúsculo invasor do corpo humano, basicamente uma casca que envolve um pouco de ácido ribonucléico, penetra na corrente sangüínea de sua vítima durante o contato sexual. E o mal, terrível e incurável da AIDS, se alastra, passando despercebido. Nosso corpo parece tolerar e até abrigar o intruso, sinônimo da morte lenta. Será possível, como relatou MANCHETE, que só anos depois, ao sobreviver, por exemplo, uma simples catapora infantil, é que a AIDS ataca com toda a sua força? Há, no futuro, esperança de imunidade à AIDS? Quando e como?

Carlos Fontoura, Curitiba, PR; ed. 1805, p. 51, 1986.

Infidelidade

A pesquisa sobre infidelidade conjugal revela os índices de traição, mas esconde um fato assustador. Não que eu queira dar uma de conservador, mas o aumento da promiscuidade só pode ocasionar uma expansão maior do maior flagelo de nossa década: a AIDS. Antes de darem um mau passo, é preciso que as pessoas reflitam sobre as conseqüências não só morais, mas fatais que lhes podem acontecer.

Afonso M. Ramos, São Luís, MA; ed. 1807, p. 22, 1986.

1987:

AIDS

A propósito da reportagem sobre AIDS, publicada no último número de MANCHETE, lembramos que, há pouco mais de um ano, a notícia a respeito do mal estourou como uma bomba de grande potência, causando pavor. Muitas vidas já foram ceifadas; quantas ainda o serão? Reportagens como essa deveriam ser muitas vezes como advertência e brado de alerta. A medicina tudo tem feito para combater esse terrível mal. Mas o que muita gente não está percebendo é que a AIDS é consequência da falta de reverência e temor a Deus e da corrupção moral, relatado na Bíblia Sagrada: a ira de Deus se revela no céu contra toda a impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça. Por isso, Deus entregou tais homens à imundice pela concupiscência de seus próprios corações.

João Baptista Scultori da Silva, Apucarana, PR; ed. 1812, p. 85, 1987.

AIDS

O ministro de estado da Saúde, consoante as suas responsabilidades na vigilância da disseminação da AIDS no Brasil, vem agradecer a providencial participação da TV Manchete, quando da divulgação, por essa emissora, do documentário levado ao ar no dia 13 de janeiro com reflexos positivos de advertência à população brasileira, no que concerne aos métodos de prevenção da doença. Medidas sociais como essa nos dão a convicção de que estamos irmanados num só objetivo, que é o trabalho profícuo em defesa da saúde pública brasileira.

Roberto Figueira Santos, ministro da Saúde, Brasília, DF; ed. 1815, p. 83, 1987.

AIDS

Tenho lido reportagens na MANCHETE sobre a assustadora AIDS. Quando a doença começou a ser divulgada, não causou tanta preocupação e, hoje, já causa susto e pavor. Contudo, ficamos contentes em ver as forças se armarem para tudo fazer, não somente no combate a esse terrível mal como também para socorrer os que já foram atingidos. O cuidado, o zelo, o conforto e o carinho que procuram dar aos portadores da doença, principalmente aos que já estão condenados, são muitos importantes: são vidas preciosas. Mas, se a AIDS está causando pavor a muitos, por outro lado está moralizando um pouco a situação. Deus criou o homem para ter felicidade completa, mas, um dia, o pecado cortou essa felicidade e, desde aquela época, o homem se afasta mais e mais da presença de Deus. Só Ele, através de Jesus Cristo, pode nos recuperar essa felicidade.

João Baptista Scultori da Silva, Apucarana, PR; ed. 1825, p. 87, 1987.

AIDS

Como médico sexólogo e um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Sexologia, considero importante, a propósito da AIDS, formular uma pergunta: acaso a população já foi informada do perigo representado pela contaminação por insetos hematófagos, como mosquitos e pulgas? E o que não dizer sobre os morcegos vampiros e mesmo os ratos...

Resposta: *Os Profs. Luc Montagnier e Cherman, descobridores do vírus da AIDS, já descartaram qualquer possibilidade de contaminação por mosquitos. O HIV não sobrevive no trato digestivo dos mosquitos. Essa conclusão foi ratificada em duas reuniões sobre a AIDS, patrocinadas pela Organização Mundial da Saúde.*

Dr. Armindo Falcão Filho, Rio de Janeiro, RJ; ed. 1834, p. 99, 1987.

AIDS

Solidarizar-se com as vítimas da AIDS é uma atitude humanista e, mais ainda, penhor de bem-aventurança cristã. Como Márcia Gabriele, linda como sempre, tem-se revelado um ser humano de especial dignidade, merece atenção, seu engajamento por uma atitude governamental mais arrojada no combate à droga. Márcia conferiu ao trabalho de MANCHETE a medida de beleza adequada, em se tratando de assunto tão grave.

Humberto Benzaquen da Silva Campos, Brasília, DF; ed. 1840, p. 89, 1987.

Alimentação contra AIDS

Tendo sido publicado na edição de 25 do corrente mês da revista MANCHETE, o artigo intitulado A Alimentação Contra a AIDS, texto de Marilda Varejão (páginas 18/21), e que envolve o nome deste hospital universitário, venho, a bem da verdade, prestar a V. Sa. Os esclarecimentos seguintes. D. Denise Alas Gomes, citada no mencionado artigo como responsável pela alimentação do aidético I. L., foi tão-somente, estagiária neste nosocômio, na condição de aluna do Curso de Nutrição da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO), tendo desenvolvido suas atividades sob supervisão da equipe de nutrição deste hospital. Não é verdadeira, absolutamente, a informação de que a referida aluna tenha orientado dieteticamente pacientes portadores de AIDS internados neste hospital, ou assistidos em nossos ambulatórios. Quanto à outra nutricionista citada no mesmo artigo, cabe-me informar que jamais teve qualquer vínculo empregatício com este nosocômio. Ante o exposto, muito agradeceria as obsequiosas providências V. Sa., no sentido de serem dados à publicidade, através dessa revista, os esclarecimentos que acabo de prestar.

R: *A matéria deixou bastante clara a situação de estagiária da estudante de nutrição Denise Alas Gomes e a desvinculação da outra nutricionista com o Hospital Gaffrée Guinle.*

Prof. Ney Ribeiro Azevedo, diretor em exercício do Hospital Universitário Gaffrée Guinle, Rio de Janeiro, RJ; ed. 1842, p. 34, 1987.

AIDS

A posição de MANCHETE em relação à AIDS é excelente. É preciso, mesmo, dar uma visão exata das coisas, sem preconceitos.

Valdir Rezende, Rio de Janeiro, RJ; ed. 1847, p. 34, 1987.

Benguela

Sou um jornalista de um sítio onde a vossa revista custa a aparecer, mas aparece, e tem artigos de muito interesse para mim. Gostaria de saber o que a AIDS – nós aqui chamamos de SIDA – tem a ver com o vosso Carnaval.

Carlos Alberto Pimentel, Benguela, Angola; ed. 1854, p. 34, 1987.

AIDS

Excelente a série de reportagens que vocês estão publicando sob o título AIDS – A Tragédia no Brasil. O trabalho da repórter Márcia Mello Penna e do fotógrafo Carlos Humberto TDC esclarece e mobiliza o nosso povo para a maior calamidade que poderia afetar a humanidade.

E o tema é tratado com seriedade e sem apelos. Parabéns a revista e a sua equipe de reportagem.

Maria Alice da Silva Couto, São Paulo, SP; ed. 1855, p. 91, 1987.

AIDS

Na reportagem AIDS – A Tragédia no Brasil, diz-se que a Fiocruz é a única a realizar o teste Western Blot. Acho útil informar que os laboratórios Fleucy (SP), Weinmann (RS) e o Hemocentro daqui fazem o teste.

Dra. Myrian M. Reis, Porto Alegre, RS; ed. 1861, p. 34, 1987.

Amiga dos aidéticos

Achei hiperbacana a reportagem sobre AIDS, e comovente a história de Henfil e seus irmãos, assim como a do garoto César. Achei esse rapaz supercorajoso, pois enfrenta a vida como ela é. Gostaria muito de fazer parte do círculo de amizades dele. Tenho 15 anos, curso a 6ª série, tenho uma cuca legal. E trabalho como caixa, numa loja de materiais. Espero que minha solidariedade adiante alguma coisa aos aidéticos.

Sandra Helena R., Nioaque, MS; ed. 1862, p. 35, 1987.

Ainda sobre AIDS

Entre várias reportagens que venho acompanhando na MANCHETE, uma me chama a atenção: a AIDS. Apesar de ser um jovem de 23 anos, sinceramente, fiquei chocado com algumas fotos (como do cabeleireiro Edgard). Mas acredito que tudo deva ser mostrado e dito, para esclarecer melhor este povo tão desinformado e apegado a falsos moralismo e preconceitos sem sentido. Não é condenando a homossexualidade, a prostituição ou os infelizes viciados que vamos resolver o problema. A doença é um fato e como tal deve ser encarada. O problema pode ser resolvido, ou pelo amenizado, através de esclarecimentos à população, por meio da imprensa, como foi feito nesta revista. Quero parabenizar pela coragem e ousadia, o casal vinte da reportagem: a repórter Márcia Mello Penna e o fotógrafo Carlos Humberto.

Marcelo E. Costa, Rio de Janeiro, RJ; ed. 1862, p. 35, 1987.

1988:

Henfil

Sou hemofílico, admirador do Henfil, e fiquei emocionado com a matéria que MACHETE publicou sobre ele, assinada pelo Renato Sérgio. Lamento que 73% dos meus companheiros hemofílicos tenham vírus da AIDS. Se o governo não tomar providências, vai haver uma mortandade geral de hemofílicos, pois estamos sem defesa.

Gabriel Marcondes, Rio de Janeiro, RJ; ed. 1867, p. 86, 1988.

AIDS em bebês

Fiquei impressionadíssimo com sua matéria sobre AIDS em bebês norte-americanos. Tenho medo de que a situação no Brasil seja pelo menos igual, devido à nossa conhecida bagunça.

Mas acho engraçado esse negócio dos Estados Unidos fazerem recomendações aos viajantes sobre AIDS no Brasil. É muito mais fácil pegar a moléstia lá do que aqui – afinal, foram eles que exportaram essa desgraça, não é?

Arnaldo Monteiro de Araújo, São José do Rio Preto, SP; ed. 1870, p. 89, 1988.

AIDS, sexo, amor

A matéria AIDS – A Cartilha da Sobrevivência mostra uma realidade dura. Há, no entanto, novas luzes orientando o crescimento do ser humano. Até alguns anos, lutávamos pela liberação da sexualidade. Hoje, a AIDS torna essa bandeira obsoleta, enquanto surge um ideal mais alto, a luta pela capacidade de amar, de falar com sinceridade e de viver um clima de sinceridade e respeito entre os seres humanos e para própria natureza, o que traz no seu bojo também a liberação da sexualidade, porém acompanhada da liberação do amor.

Dr. Lino Guedes Pires, Rio de Janeiro, RJ; ed. 1887, p. 86, 1988.

Machos, adeus

Li, recentemente, reportagem de MANCHETE sobre o homossexualismo feminino. Só acho que o Sr. Mascarenhas generaliza muito suas afirmativas. Como quando diz que o número de mulheres homossexuais aumentará em função da AIDS. Isso não é regra geral, é apenas uma hipótese. Pode também ocorrer a opção pela heterossexualidade.

Maria Aparecida Tavares, Rio de Janeiro, RJ; ed. 1901, p. 38, 1988.

MANCHETE premiada

Com satisfação, comunicamos que a jornalista Márcia Mello Penna foi vencedora do Prêmio Abramge (Associação Brasileira de Medicina de Grupo) de Reportagem, pela série AIDS – A Tragédia no Brasil, publicada em MANCHETE, em outubro de 1987. A entrega do prêmio no dia 16 de novembro, às 20 horas, no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo, capital, está inserida na sessão solene de abertura do IV Congresso Latino-Americano de Medicina Integral.

Arlindo de Almeida, secretário-geral da Abramge, São Paulo, SP; ed. 1910, p. 83, 1988.

1989:

O drama de Cazuzá

A AIDS é um problema que interessa a toda humanidade. Os portadores do vírus devem ser tratados com respeito. Parabenizo a MANCHETE pela dignidade com que deu voz e vez ao nosso querido Cazuzá. A sua luta tenaz pela vida é um exemplo para todos.

Aurélio M. Vieira, Salvador, BA; ed. 1935, p. 96, 1989.

O poeta Cazuzá nos dá uma injeção de esperança a cada vez que aparece nos jornais, nas revistas e na televisão. MANCHETE, em seu número 1.934, ao mostrar o Cazuzá em família, recebendo o extraordinário do seus pais, prestou um serviço a centenas de famílias brasileiras que vivem o mesmo drama. Fora da solidariedade, não há salvação.

Maria Lúcia Pingittore, São Paulo, SP; ed. 1935, p. 96, 1989.

Só tenho duas palavras para me referir à edição passada de MANCHETE e para agradecer o momento de reflexão que vocês me proporcionaram: Cazuza me comoveu.

Sônia L. Renner, Nova Friburgo, RJ; ed. 1935, p. 96, 1989.

De onde vem AIDS

Acho engraçadíssimo – para não dizer revoltante – dizerem nos países ricos que a AIDS é uma doença tropical, “mais uma peste do chamado Terceiro Mundo”, como cita Susan Sontag AIDS e suas Metáforas, na MANCHETE nº 1.496. Em certa ocasião, a imprensa noticiou que todo brasileiro, ao visitar os Estados Unidos, seria lá submetido a um exame especial, como se nós é que estivéssemos exportando a doença. Fico morrendo de raiva. Afinal, é lá que existe o maior número de aidéticos e foi lá que se descobriu a doença.

Júlio Maria Rolemberg, São Paulo, SP; ed. 1947, p. 83, 1989.

Não partilho do preconceito de que a imprensa é culpada do pânico da AIDS. A imprensa faz bem em informar, pois toda informação honesta só pode fazer bem. Gostaria apenas de lembrar que existem por aí muitas coisas matando mais que a AIDS. A fome, por exemplo. Essas coisas também deviam merecer espaço na mídia.

Antonieta Leandro Costa, Vitória, ES; ed. 1947, p. 83, 1989.

Capital da AIDS

A reportagem publicada em MANCHETE, Santos, Capital da AIDS, é um exemplo de jornalismo corajoso e participante. Saber que a sociedade ousa rejeitar estes verdadeiros anjos do apocalipse que se dedicam aos pacientes terminais é revoltante e assustador. Quero deixar meu apoio e minha solidariedade às equipes da Policlínica de Santos e às autoridades daquele município.

R: *Por um erro de identificação, a legenda desta foto, publicada em MANCHETE nº 1951, página 63, estava incorreta. Aqui, a retificação:*

A campanha contra a AIDS chega à beira do caos. Com o apoio de funcionários da Policlínica de Santos, intensifica-se a divulgação dos deveres clínicos-sanitários.

Leonardo B. Carvalho, Nova Iguaçu, RJ; ed. 1952, p. 86, 1989.

A GALERIA DA AIDS

É certo que, seja qual for a causa, a morte é sempre horrível, mas ninguém pode deixar de se entristecer com a galeria que MANCHETE publica em seu número 1946: as fotos das mais famosas vítimas da AIDS no Brasil. Dá pena ver que este mal do fim do milênio – e do mundo? – levou gente como Lauro Corona, Henfil e tantos outros. Pena e medo, pois, do jeito que a coisa se multiplica, é um tanto duvidoso achar que só as pessoas dos chamados grupos de risco estão em perigo.

Alfredo Cabral Silveira, Porto Alegre, RS; ed. 1955, p. 83, 1989.

1990:

O close da Close

Na revista que tem a Roberta Close na capa há uma reportagem com a Jane Fonda e seu pavor da AIDS. Sou um fã descarado da Jane e acho que ela é uma pessoa espiritualmente rica demais para merecer uma coisa dessas.

Paulo Serejo, São Paulo, SP; ed. 1970, p. 83, 1990.

SOS AIDS

Parabéns pela excelente MANCHETE nº 1970, com matérias tão elucidativas sobre a AIDS. Gostaria de saber os endereços de entidade às quais uma pessoa possa se dirigir caso precise de socorro ou esclarecimentos sobre a doença.

Herbert Paschoal Moreira, Florianópolis, SC; ed 1971, p. 100, 1990.

AIDS: via de contágio

Numa das edições de MANCHETE li reportagem muito bem elaborada sobre a AIDS. Todavia, entre os meios de risco, V.S.^a falam do Flstucking, acrescentando que “há possibilidade de transmissão por intermédio deste bizarro meio, em caso de lesão na mão, braço ou ânus...”. Como não me foi possível entender que meio de risco é esse Flstucking, pediria que me esclarecessem. Sou apenas curioso no caso. Gosto de ser informado, sobretudo em matéria de AIDS. Pelo escrito, ninguém, nem médicos que consultei, nem o serviço de informações sobre AIDS, souberam informar.

R: *Na matéria AIDS – Em busca do elo perdido (edição 1970, de 20 de janeiro de 1990, consta no quadro publicado nas páginas 28 e 29 o Fistfucking (a grafia correta é esta e não a usada pelo leitor), nome pelo qual é conhecida no meio gay a bizarra técnica de penetração anal feita pela mão e braço.*

Luís G. Alves, São Paulo, SP; ed. 1973, p. 83, 1990.

SEXO E DESAMOR

A reportagem Sexo a Distância na MANCHETE nº 1969 tá que tá! Só que depois de ler isso tudo, fiquei com a impressão de que há muito desamor. Pois não acredito que seja por medo da AIDS que tanta gente andou fugindo dos outros, a ponto de ter sexo com um boneco, em vez de uma mulher. Parece que em toda parte está crescendo um sentimento de misantropia que só serve para destruir. O mundo precisa é de amor. E o amor aproxima, não afasta.

Laura Mendes, São Paulo, SP; ed. 1976, p. 84, 1990.

BERÇÁRIOS DO HORROR

Cada vez me convenço mais de que Ceausescu, o ditador romeno, era o próprio Drácula. A reportagem Os Berçários do Horror, na MANCHETE nº 1.975, sugere isto. Senti uma dor quase física ao ver as fotos daquelas crianças morrendo de AIDS. Por muito horror que se imagine, é difícil acreditar em crueldade assim. Meu consolo é saber que Ceausescu está, agora, bem no meio dos infernos.

Paulo Alberto Gentile, São Paulo, SP; ed. 1976, p. 84, 1990.

AIDS, A ESPERANÇA

Meu irmão morreu de AIDS. Escrevo esta carta em homenagem a ele e a todos os que, por puro amor, se dedicam à busca de uma vacina contra esta peste mortal. Quero homenagear, até o macaco apresentado na capa da MANCHETE nº 1982 como melhor amigo do homem. Tenho fé em que os sacrifícios serão recompensados, e que a tragédia da AIDS será vencida.

Analice M. Silva, Santos, SP; ed. 1984, p. 83, 1990.

O MACACO HERÓI

Como pai de um garoto hemofílico, que no mês passado morreu de AIDS, fiquei comovido com a reportagem AIDS, a vacina, na MANCHETE nº 1982. Claro, sei que a vacina está muito na área do sonho futurista, mas é maravilhoso o empenho dos pesquisadores, como se vê na capa e no texto interior da sua revista. Também fiquei comovidíssimo com o chimpanzé que inocentemente serve de cobaia, ajudando, quem sabe, a salvar muitas vidas. Este chimpanzé é um herói.

Assuero S. Pereira, Santos, SP; ed. 1988, p. 83, 1990.

A GUERRA DA AIDS

Recentemente, um meu parente aidético morreu, e desde então passei a me comover mais fortemente com o drama da AIDS. A matéria sobre os dez anos de luta contra a peste, na MANCHETE nº 1970, coloca muito bem o problema. Fico grato a tanta gente que luta para livrar a humanidade dessa desgraça.

Antônio Porfírio, Belo Horizonte, MG; ed. 1995, p. 82, 1990.

CAZUZA, POETA MAIOR DA MPB

Com a morte de Cazuza encerrou-se um admirável ciclo de reportagens de MANCHETE sobre o compositor genial da MPB, vitimado pela AIDS. Foram diversas matérias enquanto ele padecia da doença e a reportagem final após sua morte. A palavra amiga redigida pela jornalista e amiga Ana Gaio, nesta edição, foi comovente. Exageros à parte, não há como negar que Cazuza foi um cometa que passou em nossas vidas.

Glauce de Assis Pacheco, Belém, PA; ed. 1999, p. 67, 1990.

Não há dúvida que Cazuza foi um gênio musical, verdadeiro poeta maior de nossa MPB. Mas discordo da idolatria excessiva que fizeram em torno dele.

Maria Alice Carvalho Ramos, Salvador, BA; ed. 1999, p. 67, 1990.

OS CONDENADOS DO AMOR

Gostaria que os ministros da Saúde e Educação unissem esforços para que a matéria Condenado pelo Amor (MANCHETE nº 1999) fosse distribuída para todas as escolas. Não eliminaria a aids, mas salvaria milhares de vidas. Juntamente com os hemofílicos, os jovens representam o verdadeiro grupo de risco. Realmente nós, pais, para não nos magoarmos, fingimos não saber que nossos filhos são sexualmente ativos, e, portanto, candidatos n.º 1 à aids.

Janette Maria Heuer, Curitiba, PR; ed. 2005, p. 95, 1990.

O FOLÊGO DE LIZ

Fico muito contente em verificar na MANCHETE nº 1994, que Liz Taylor saiu com vida do inferno do St. John's Hospital e desmentiu as suspeitas de AIDS. Não culpo os que tiveram essa suspeita, pois, afinal, as companhias de Liz, entre elas Malcolm Forbes, apontavam mesmo para o pior. É gratificante verificar que ela não pegou essa praga do Apocalipse. E que um caminhoneiro sem ambições, o Fortensky, é quem a está amparando nessa situação.

Vivaldo Pereira Caçador, Recife, PE; ed. 2007, p. 84, 1990.

1991:

Os casamentos estão de volta

MANCHETE n.º 2.044, de 15 de junho de 1991, traz um tema interessante: a volta dos grandes casamentos na Europa. Claro que, em se tratando de família como a de Olga Rostropovitch, que é filha do violoncelista de maior prestígio na atualidade, e de Olaf Guerrand-Hermès, descendente do ilustre sellier da Rue de Faubourg Saint-Honoré, em Paris, o casal por si só mereceria uma reportagem. Mas o que chama atenção é a volta de uma tradição secular, que as últimas gerações estavam abandonando. Hoje, e quem sabe por trás disso está a maldita AIDS, não só os jovens de boa família buscam os santos laço do matrimônio: casar ficou in outra vez.

Marcos André da Silva, São Paulo, SP, ed. 2047, p. 84, 1991.

O drama de Ricky

Fiquei encantada com Ricky Ray, este rapaz de 14 anos que tem o vírus da AIDS (MANCHETE n.º 2.049). Sabe, eu também tenho 14 anos, e já sei muito bem o que é paixão e piedade, e sei distinguir esses dois sentimentos. Sou muito jovem para saber o que é amor, mas também inteligente para ver se é amor mesmo ou apenas ilusão. Quando vi a foto do Ricky Ray, fiquei encantada. Passando os dias, vi que estava começando a gostar dele, mesmo sem o conhecer pessoalmente. Não me importa que ele tenha AIDS, não ligo para isso. Nos jogos da vida, o amor é mais forte que todas as doenças juntas.

Graciane Cristina Machado, Rio de Janeiro, RJ, ed. 2052, p. 84, 1991.

Ianomâmi ameaçado

Fiz, há alguns meses, uma viagem a Boa Vista, Roraima, e caí na tolice de brincar com uma antropóloga de lá, dizendo que qualquer dia desses a imprensa noticiaria a chegada da Aids aos ianomâmis. Ela ficou braba comigo. Vejo, entretanto, que o perigo está aí. Os ianomâmis são índios extremamente vulneráveis, por sua própria índole dócil, que facilita a aproximação dos brancos, especialmente os garimpeiros. Por isto, as doenças dos brancos já os estão atormentando. Pior é que não há solução à vista.

Ernesto Pindorama, Belém, PA, ed. 2058, p. 63, 1991.

A verdade da aids

O drama da AIDS é muito pior do que se pensa, como as autoridades sanitárias internacionais têm destacado e como a MANCHETE n.º 2.068 tão bem mostrou, com a reportagem A Mulher e a AIDS. Muita gente pode achar que existem outras prioridades – afinal, milhões de brasileiros morrem de outras causas, que parecem mais urgentes – mas quem pensa assim esquece um detalhe. É que essa terrível praga de fim de século tem um poder de multiplicação terrível, ainda mais agora, quando se vê que mulher também a transmite. Não é à toa que Magic Johnson adverte: “Ninguém está livre.” Nem você.

Antônio F. A. Brandão, Rio de Janeiro, RJ, ed. 2069, p. 63, 1991.

Guia do sexo I

Sou do tempo em que educação sexual era pecado, por isso vejo com alegria as grandes revistas brasileiras – como MANCHETE 2.069 – se debruçarem sobre o assunto. Nada do que é natural é pecado – e o que é mais natural do que sexo? Post scriptum: Sempre é bom lembrar, em tempo de AIDS, o uso da camisinha.

Clóvis F. Correa, Niterói, RJ, ed. 2070, p. 87, 1991.

AIDS I

As minorias continuam unidas: homossexual dá AIDS. Agora informam que mulher dá AIDS; só falta dizer que negro dá AIDS. Fico imaginando o desespero de uma homossexual mulher e negra.

Ângela dos Santos R. Thys, São Paulo, SP, ed. 2070, p. 87, 1991.

AIDS II

Como médico imunologista, julgo importante repetir, em destaque, as palavras sobre o flagelo da AIDS, ditas por meu colega paulista Dr. David Uip: “Minha geração não foi preparada para lidar com três coisas em medicina: com a morte, vista de tão perto e com tanta frequência; com a sexualidade humana e com drogado. De repente, com a AIDS, tudo isso caiu sobre a gente. Começamos do zero e os que nos sucedem estão mais preparados para a batalha. Conhecendo muito melhor o sistema imunológico, vão vencer esta guerra.”

O Dr. Uip esqueceu de acrescentar que, para vencer esta guerra, é preciso também recursos financeiros para pesquisa – mas chegaremos lá.

Dr. Alberto R. Weissman, Florianópolis, SC, ed. 2070, p. 87, 1991.

Freddie Mercury II

Que a memória do grande, maravilhoso Freddy Mercury sirva não só para lembrar seus milhões de fãs, no mundo inteiro, a beleza que ele transmitiu através de suas melodias, mas o perigo da AIDS. Quando ele disse que “teve mais amantes que Elizabeth Taylor”, estava assinando seu atestado de óbito.

Heitor R. Penna, São Paulo, SP, ed. 2071, p. 65, 1991.

Mulher e AIDS

Parece cada vez mais evidente que a mulher também pode transmitir AIDS, e o caso do Magic Johnson não pode ser visto como exceção. Primeiro, porque muitas mulheres fazem parte de um dos antes chamados grupos de risco, as que tomam drogas injetáveis em grupo. Depois, porque existem os parceiros bissexuais, que lhes podem transmitir a doença – e elas aos outros. Sem falar em diversos outros fatores. Por isto, ninguém está mesmo livre dessa praga. Todo cuidado é pouco.

Maria V. Stronberg, Pelotas, RS, ed. 2072, p. 56, 1991.

1992:

Milagre à mineira

Diante da reportagem realizada no Vale da Imaculada Conceição por esta revista e publicada em 28 de março de 1992 – n.º 2.086, intitulada Milagre à mineira: três meninas conversam com Nossa Senhora e atraem multidões, nós, o Grupo da Fraternidade, gostaríamos de esclarecer aos leitores algumas informações mencionadas no texto a nosso respeito. (...) A comunidade que aqui se formou vive sob a liderança explícita de Nossa Senhora, que nos orienta, atualmente, através de duas mensagens públicas diárias. É a Virgem quem organiza o dia-a-dia do Grupo da Fraternidade. Em consequência, não há líderes entre nós e nem pregadores oficiais. (...) A Senhora vem aqui nos falar sobre o Reino de Deus, sobre o amor do Pai e de Jesus por nós, e também nos preparar para a salvação da humanidade. Mesmo que haja casos de curas físicas, o mais importante são as inúmeras curas espirituais que ocorrem no nosso meio, visto que, neste local, o objetivo de Nossa Senhora não é fazer milagres e nem prever o futuro. Assim, a Virgem nunca alertou em suas mensagens, especificamente, sobre a cólera e a AIDS no Brasil. Na verdade, ela sempre diz sobre o fim dos tempos, o qual tem acarretado aos homens várias doenças malignas. Quanto aos videntes, é necessário explicar que Marilda não faz pregações e, de forma alguma, incorpora Nossa Senhora. Ela é considerada a vidente mensageira por ser a porta-voz de Nossa Senhora. Ao vê-la, os videntes eram em êxtase, ouvem a voz de Maria e, automaticamente, Marilda transmite o que escuta. O anjo que é visto por outros videntes é São Rafael, e nenhuma das crianças vê o Espírito Santo. Por esses pontos acima citados, já se observa que em nada se assemelha a nossa comunidade no Vale da Imaculada Conceição, fiel à doutrina católica, ao grupo existente no Vale do Amanhecer (Planaltina – GO).

Therezinha Couto de Oliveira Corrêa, Piedade dos Gerais, MG, ed. 2090, p. 59, 1992.

Nureyev e a AIDS

É de cortar o coração ver que o bailarino do século, Rudolf Nureyev, está morrendo de AIDS. No belíssimo La Bayadère, a que tive o privilégio de assistir em Nova Iorque, o amor vence a morte. Infelizmente, nada, nem ninguém, consegue, até o momento, vencer a AIDS.

Vera Lúcia S. Camacho, Campos, RJ, ed. 2118, p. 79, 1992.

Quando o flagelo da AIDS atinge mais uma pessoa do renome de Rudolf Nureyev, seria muito bom que ele tivesse a coragem de admitir a doença para, assim, chamar a atenção para ela, como fez o magnífico jogador de basquete Magic Johnson. (...)

Ana Lúcia C. Bueno, Petrópolis, RJ, ed. 2118, p. 79, 1992.

O olhar vazio de Nureyev nas páginas de MANCHETE mostraram uma estranha semelhança com outro ídolo, o nosso Cazuza, pouco antes de falecer. Até quando esta doença continuará ceifando vidas valiosas?

Célia T. Bonjean, Brasília, DF, ed. 2118, p. 79, 1992.

Homossexualismo

Depois da AIDS, o segundo grande perigo que correm os gays é a violência que sofrem dentro de sua própria comunidade, como prova a reportagem de MANCHETE sobre o assassinato do empresário paulista Aparício Basílio.

Jorge V. Reis, Campos, RJ, ed. 2121, p. 75, 1992.

1993:

O sábio Sabin

Tem gente que, quando morre, faz mesmo falta, e este é o caso de Albert Sabin. O inventor da vacina oral Sabin por certo ainda tinha contribuições a dar a esta pobre humanidade, com suas pesquisas incessantes. Sei que ele achava difícil a descoberta de uma vacina contra a AIDS, mas penso que, se continuasse tentando, ele a acharia.

Maria F. Valente, Santos, SP, ed. 2138, p. 37, 1993.

O massacre dos meninos

O que nasceu primeiro foi a fome ou a miséria? Nenhum dos dois. Foi o desemprego. O desemprego é o maior mal que um povo pode enfrentar nestes últimos tempos, depois da AIDS. Temos que fazer uma campanha contra o desemprego, que é o pai da fome, o marido da miséria e o ricardão do povo. O Brasil foi collarido com a miséria e a fome, e com sangue do povo, e com a violência.

Luiz Roberto Barros Nunes, Porto Alegre, RS, ed. 2157, p. 74, 1993.

A vitória da vida

Está comovente, na MANCHETE n.º 2.160, a declaração da Sandra Bréa de que o importante, agora que está com AIDS, é manter a alegria e lutar pela vida. Pois, em situações assim, quem se entrega à tristeza está ajudando a morte, e a simples idéia de lutar pela vida já é uma vitória da vida, por mais que demore a aparecer algum tipo de cura para este mal do fim do século. No momento, eu sei, as perspectivas dos pesquisadores de vacinas e outros recursos não são nada boas, e a irresponsabilidade geral deixa prever o agravamento da situação. Mas a existência de gente com disposição para a luta pode reverter o quadro.

Luana M. Pinto, São Paulo, SP, ed. 2161, p. 74, 1993.

1994:

Já se nasce gay?

Só agora tive a oportunidade de ler um artigo publicado na MANCHETE n.º 2.156, que mostra uma pesquisa do Laboratório de Bioquímica do Instituto Nacional do Câncer dos EUA, coordenada pelo dr. Dean Hamer, dizendo que o homossexualismo é uma característica genética. Não sou contra os gays nem os discrimino, pois acho que eles têm um lado bom que é o de serem pessoas sensíveis e humanas, mas daí a concordar que a homossexualidade é uma coisa normal já é outra história. Não achei nessas pesquisas argumentos suficientes para me convencer. É muito perigoso afirmar tais teorias, pois pode fazer que o número de gays não-assumidos cresça e com isto a AIDS aumente.

Nelson Pinto, Ji-Paraná, RO, ed. 2180, p. 49, 1994.

1995:**Uma estrela em ascensão**

Não é à toa que a Winona Ryder está aparecendo tanto, apesar da pouca idade, no universo do cinema americano. Uma mulher que consegue levar o diabo para o céu, como aconteceu no Drácula de Copolla, tem mesmo de ser uma estrela. Grande ela ainda não é, por causa da idade, mas está a caminho – aceleradamente – de se tornar. Sua aparição em Little Women prova isto. É bom saber que as estrelas estão sempre aí, pois nascem e crescem, enquanto a AIDS e outras tragédias vão empobrecendo o nosso céu.

Elza F. Ribeiro, Belo Horizonte, MG, ed. 2235, p. 57, 1995.

1996:**Quanto custa viver**

Realmente, quem pega AIDS e outras doenças graves no Brasil e não ganha muito bem, está condenado a uma sobrevivência muito curta, pois não é qualquer um que pode pagar o tratamento, como a MANCHETE n.º 2.319 mostra na reportagem O Preço da Vida. O jeito é o governo assumir o tratamento, como manda a Constituição. E como isto é difícil, devido à alegada falta de dinheiro, ai de nós.

Emanuel M. Figueiredo, Rio de Janeiro, RJ, ed. 2320, p. 50, 1996.

Maridos de risco

A denúncia de que 75% das mulheres com HIV foram contaminadas por seus maridos, nos remete a outra questão igualmente merecedora de atenção: a infidelidade. Como também à de relações nada íntimas entre casais, cuja mulher ignora o bissexualismo do marido ou o fato de ele se drogar. A ignorância que ainda impera sobre a AIDS explica muito, mas não tudo. Ou será que a partir desta maldição do século, marido e mulher vão agora se dispor a confessar suas infidelidades? Pergunto aos editores desta conceituada revista, se não chegou a hora de resgatar valores cristãos e éticos que todo casal necessita para fundar uma família? Questões que merecem ser rediscutidas.

Andrade Ferranato, Rio de Janeiro, RJ, ed. 2334, p. 8, 1996.

Machismo de risco

Acuso as esposas com HIV pela criminosa atitude “machista” de se recusarem sistematicamente a fazer sexo com seus maridos, induzindo-os assim procurarem outras parceiras (os). No mínimo, elas promovem o duplo suicídio, deixando seus filhos órfãos e gerando situações vexatórias.

Luiz Octávio da Silva Oliveira, Rio de Janeiro, RJ, ed. 2334, p. 8, 1996.

1997:

AIDS

Foi com muito espanto que li a seguinte frase na reportagem Seios em Alta, da edição n.º 2.333. A frase: “...mas o gosto está mudando. Agora magreza é associada a Aids” é seriíssima e pode causar preconceito generalizado a todas as mulheres magras. Como diz a propaganda contra a Aids, “quem vê cara não vê Aids”. Esta repórter deveria medir melhor o que escreve, pois a imprensa é uma arma poderosa. Deveria também se informar melhor. Há aidéticos que estão acima do seu peso normal há muitos anos.

Francislene AP. Alves, Poços de Caldas, MG, ed. 2338, p. 10, 1997.

Dentistas e AIDS

Venho por meio desta dar os parabéns a revista. E aproveitar para solicitar uma matéria de esclarecimento sobre as novas técnicas de tratamento odontológico associadas aos riscos de contaminação pela AIDS. Sou cirurgiã-dentista, formada pela PUCCAMP, há nove anos, especialista em bucomaxilofacial e apta a fazer implantes dentários. Esta tem sido uma constante preocupação para com meus pacientes, funcionários e para comigo mesma. Desde já agradeço a atenção.

Dra. Sílvia H. Villela de Castro, S. Sebastião do Paraíso, MG, ed. 2345, p. 3, 1997.

AIDS

Tenho acompanhado com prazer as reportagens publicadas no encarte SAÚDE. Justamente por isso, gostaria de sugerir que se falasse sobre as mais recentes descobertas no tratamento da AIDS.

Anthony Goldsmith, Porto Alegre, RS, ed. 2379, p. 3, 1997.

AIDS

Quero parabeniza-los pelo desempenho das reportagens publicadas no encarte SAÚDE, que são interessantes e esclarecedoras. Tenho notado, no entanto, que o assunto AIDS tem sido pouco abordado. Ainda existe muita desinformação a respeito da doença, de suas formas de contágio e do respectivo tratamento. Sendo assim, peço a atenção da revista para o caso, considerando que o tema é de extrema importância.

Janice Nunes da Silva, Vila Moraes, SP, ed. 2385, p. 3, 1997.

1998:

Guia sobre vírus HIV

Sou assinante da revista MANCHETE e gostaria de felicita-los pelo ótimo trabalho realizado. Gosto especialmente no encarte SAÚDE, que está sempre informando ao leitor sobre as novidades na área. Na edição n.º 237, por exemplo, li uma nota na Sala de Espera sobre um guia de orientação para profissionais que atendem pessoas com AIDS. Se for possível gostaria que vocês informassem de que forma posso adquirir um exemplar desse guia.

Leonardo Lucas do Nascimento, São Paulo, SP, ed. 2391, p. 69, 1998.

O referido guia foi editado pelo Banco Horas/Idac, cujo telefone é (021) 274-7272, Rio de Janeiro, RJ.

Alerta anti-AIDS

Sou presidiário, em regime semi-aberto. Aproveito o espaço desta conceituada revista para fazer um alerta às autoridades da área de saúde pública. Na penitenciária de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, onde estou, é distribuído apenas um aparelho de barbear, descartável, para cada sete ou oito presidiários. Como se sabe, é grande o número de soropositivos entre a população carcerária brasileira e tal prática só ajuda a disseminar o vírus naquele presídio. Nem preciso dizer que até agora nenhuma providência foi tomada pelos responsáveis pela instituição. E acredito também que o problema se repita em vários presídios existentes no país, onde os presos vivem em condições desumanas. Diante desta situação, é de se questionar o papel das autoridades que se dizem preocupadas com a epidemia de AIDS, que lançam campanhas de sexo seguro e esquecem daqueles que cumprem penas nas penitenciárias. Muitos deles, no entanto, estarão futuramente em liberdade – mesmo que condicionalmente, como é o meu caso –, e contribuindo inevitavelmente para a propagação do HIV. Agradeço à MANCHETE pela oportunidade.

Ramon Saturnino de Lacerda, Campo Grande, MS, ed. 2396, p. 69, 1998.

Contágio da AIDS

Gostaria de ver uma reportagem abordando as seguintes questões relacionadas às formas de contágio do vírus HIV: qual o grau de segurança das camisinhas em relação ao ato sexual anal? Por que os médicos omitem a informação de que são mínimos os riscos para o homem na relação peniano-vaginal?

Paulo Nogueira da Rocha, Campo Grande, MS, ed. 2405, p. 68, 1998.

Gordura mata

Vocês não calculam o quanto é útil o seu encarte Saúde. Agora mesmo saiu a matéria sobre obesidade, mostrando que só é magro quem quer. Obesidade é problema muito sério. Outro dia ouvi um médico dizendo que a obesidade mata mais que a AIDS e outras doenças. É um

problema que precisa ser tratado com seriedade. O pior é que se trata de uma doença, não de desleixo. É preciso evitar os preconceitos e as chacotas.

Aristides Pereira, Natal, RN, ed. 2434, p. 64, 1998.

1999:

Os órfãos da AIDS

As coisas deviam ser ditas sempre com a força da realidade. É muito bonito e tocante saber que existem pessoas lutando pela vida dos órfãos da AIDS. E que a própria luta destas crianças é uma qualidade linda. Só que o outro lado desta beleza é uma feiúra nojenta. Muitos homens têm um comportamento sexual que obviamente os expõe ao vírus HIV e a sua transmissão à mulher, uma vítima muitas vezes inocente. E muitas mulheres, mesmo sabendo que transmitirão o vírus ao feto, deixam-se engravidar irresponsavelmente. Isto é um crime.

Hélio Peixoto, São Paulo, SP, ed. 2476, p. 77, 1999.

O contra-ataque

A Ana Maria Braga e seu cachorrinho estão lindos na capa da MANCHETE n.º 2.485. É realmente o caso de se perguntar por que ela não repete na Globo o sucesso que fazia antes. O que mais me chamou atenção na revista, entretanto, foi a informação de que a ciência está fracassando na luta contra a AIDS. Desta vez, está na Terra um inimigo que, embora minúsculo e invisível, parece mais poderoso que as mais destruidoras bombas. Pois sabe adaptar-se para resistir e contra-atacar a cada golpe que tentam aplicar-lhe. Já se viu que a estratégia da camisinha não funciona, porque, nos momentos máximos do amor, não é todo mundo que se lembra dela. Abstinência sexual? Duvido que 1% da população consiga. Então, onde isso vai parar?

Ana Mariana, Rio de Janeiro, RJ, ed. 2486, p. 74, 1999.

2000:

Eu sou espada...

A reportagem O perigoso mundo dos michês, na MANCHETE n.º 2.500, mostra um dos lados mais hipócritas e abomináveis do nosso mundo de hoje. Tenho AIDS. Peguei-a do meu marido, que se fazia de muito machão mas, às escondidas, era homossexual. Só descobri o que era quando a AIDS se manifestou nele, matando-o, e depois apareceu em mim também. Não sei por que certos homens fazem isto. Freud, concordando com os gays de hoje, dizia que quem faz sexo com um homossexual é homossexual. Bissexualismo, nesse caso, é puro fingimento. Para se passarem pelo que não são, esses sujeitos de duas caras se matam e acabem matando a família também. Seria melhor assumirem.

Maria Emília Silvano, Belo Horizonte, MG, ed. 2502, p. 61, 2000.

Sem mato nem cachorro

Não sei por que a Federação Internacional da Cruz Vermelha se admira tanto com a proliferação da AIDS entre os adolescentes. Eles não tomam “picos” nas veias? Não existem

adolescentes homossexuais? Não se expõem aos mesmos riscos que os mais velhos? É apenas natural que a tal proliferação esteja acontecendo. A única surpresa é não ter acontecido antes, principalmente em países tão horrorosamente pobres como os da África. O pior é que a camisinha pode reduzir os riscos, mas não resolve os problemas, pois todo mundo sabe que às vezes elas se rompem... A grande verdade é que estamos numa situação dramática que não temos nem mato, quanto menos cachorro. Escrevam: a catástrofe vai piorar.

Juliana Alvarenga, Belo Horizonte, MG, ed. 2517, p. 74, 2000.

APÊNDICE C - Tabela das Temáticas

Temas	Ocorrência
Ciência/Med./Saúde	208
Artes e Famosos	138
Sexo e Sexualidade	101
Campanhas/Mov. Social	57
Morte	42
Infância/Maternidade	34
Panorama e Retrô	29
Transmissão	29
Soropositivos	27
Entrevistas	25
Mulher	17
Prevenção	16
Crime	14
Religião	14
Amor/Comportamento	13
Livros	12
Política	12
Tratamento	11
Hemofílicos	10
Drogas	9
Educação e Informação	7
Opinião	7
Prostituição	7
Cinema	6
Publicidade	6
Teatro	6
Esporte	5
Moda	5
Música	4
Imagens	3
Memória	3
Idoso	2
Med. Alternativa	2
Previsões	2
Sangue	2
Alimentação	1
Polêmica	1
Prêmio	1
Raça	1
Travesti	1

APÊNDICE D – Transcrição encarte *Manchete Saúde*

1994:

AZT em nome da vida

O grupo farmacêutico britânico Wellcome recebeu finalmente autorização norte-americana para utilizar o Retrovir (AZT) no tratamento de mulheres grávidas soropositivas, para evitar a contaminação dos seus filhos com o vírus da AIDS. A autorização dada pela Food and Drug Administration diz respeito também ao tratamento de crianças pequenas. A decisão foi tomada poucos dias depois de a comissão médica federal dos Estados Unidos recomendar o tratamento das mulheres grávidas com o revolucionário produto do grupo britânico, cujas vendas haviam diminuído depois das conclusões negativas sobre os resultados preliminares dos testes realizados na França e na Inglaterra. Estes resultados indicaram, em abril de 93, que a aditivos sem sintomas não tinham os efeitos positivos esperados. Posteriormente, na apresentação dos resultados semestrais de março passado, a Wellcome explicou que 30 por cento dos pacientes tratados com o produto são soropositivos dos Estado Unidos, sem sintomas, e apenas 10 por cento da Europa.

***Manchete Saúde*, p. 15, 17 set. 1994.**

Cesariana contra a AIDS

Segundo um estudo europeu feito com 1.200 mães e seus filhos, o risco de transmissão do vírus da AIDS é da ordem de 18% após o parto normal e de 12% no caso de cesariana. Ou seja, redução de um terço entre as mulheres operadas e cujos filhos não atravessam a vagina.

***Manchete Saúde*, p. 15, 15 out. 1994.**

1996:

Vírus HIV aumenta com vacina

O vírus HIV, responsável pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), se multiplica aceleradamente nos soropositivos cujo sistema imunológico foi ativo, especialmente por vacinas como a antitetânica. Segundo estudo publicado pelo New England Journal of Medicine, o fato poderia explicar a maior propagação do vírus em regiões do mundo onde o sistema imunológico dos habitantes é constantemente ativado, seja por vacinas ou por outros meios.

***Manchete Saúde*, p. 14, 6 jul. 1996.**

Mãe aidética pode contaminar bebê na hora do parto

Bebês de gestantes aidéticas não estão livres de contaminação pelo HIV, na hora de nascer. Embora se acreditasse que a limpeza do canal vaginal com antiséptico no momento do parto era suficiente para evitar o contágio e neutralizar a transmissão do HIV, um artigo publicado na revista médico-científica *The Lancet* alerta que em estudos feitos a partir da observação de 505 mulheres submetidas a este procedimento, 27% transmitiam o vírus da AIDS para seus filhos.

***Manchete Saúde*, p. 14, 27 jul. 1996.**

Teste de urina detecta vírus da AIDS

A facilidade de um teste doméstico feito em casa com a própria urina não é só para futuras mães. Quem quiser saber se é portador ou não do vírus da AIDS também poderá fazer o teste de urina. Aprovado pelo órgão que controla a regulamentação de remédios e alimentos dos Estados Unidos, o teste começará a ser comercializado em breve no país do Tio Sam. A comunidade científica americana acredita que este novo teste de HIV poderá ser uma importante arma no controle da epidemia da AIDS, já que muitas vezes o constrangimento impede as pessoas de irem a um laboratório e fazer o exame de sangue.

***Manchete Saúde*, p. 14, 7 set. 1996.**

Últimas de Saúde - As boas notícias

Teve sucesso uma campanha sobre sexo com segurança feita junto a prostitutas. A taxa de infecção por HIV entre homens jovens na Tailândia, onde mais cresce a epidemia de AIDS no mundo, caiu para metade do que era em 1991. Justamente quando o governo deslanchou uma campanha da mídia e começou a distribuição de camisinhas.

Dois estudos sugerem que o sarcoma de Kaposi, que comumente aparece nos pacientes de AIDS, é causado por um vírus de herpes transmitido sexualmente e conhecido como herpes 8. Se confirmado, os médicos podem ser capazes de bloquear o vírus antes que o câncer se instale. ***Manchete Saúde*, p. 15, 7 set. 1996.**

O alto custo da AIDS

No mundo inteiro, 22 milhões de pessoas são soropositivas. Deste total, menos de 10% terão condições de arcar com as despesas do tratamento. Segundo informações do Programa de AIDS das Nações Unidas, o custo anual das terapias fica entre 12 e 16 mil dólares, quantia elevada mesmo para quem pertence às classes abastadas e praticamente inatingível para os 92% de vítimas da AIDS concentradas no Terceiro Mundo. É nesta faixa, por sinal, que a AIDS mais tem se alastrado nos últimos anos, uma tendência que só faz aumentar a necessidade de investimentos governamentais na assistência aos soropositivos. O Brasil, por exemplo, tem cerca de 700 mil infectados pelo HIV, o que consumiria cinco bilhões de dólares anuais do governo. Estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU) calculam que para tratar toda a população soropositiva do mundo seriam necessários 286 bilhões de dólares por ano.

***Manchete Saúde*, p. 14, 28 set. 1996.**

Vírus da AIDS ataca cérebro

O vírus HIV, causador da AIDS, pode provocar lesões diretamente no cérebro. A afirmação é do imunologista francês Luc Montagnier. Apesar de os efeitos do HIV no cérebro serem pouco conhecidos, sabe-se que os sintomas podem levar meses ou anos para se manifestar. Estudo conduzido pela equipe de Montagnier, no Instituto Pasteur, de Paris, porém, mostra que o vírus começa a atuar sobre as células cerebrais uma semana depois da infecção, embora os pesquisadores não saibam esclarecer por que somente algumas pessoas são afetadas. Eles também não têm explicação para o fato de apenas um número ainda mais reduzido de pacientes desenvolver demências.

***Manchete Saúde*, p. 14, 5 out. 1996.**

Circuncidados mais protegidos da AIDS

O chefe do laboratório de pesquisas em AIDS da Universidade Federal no Rio de Janeiro, o infectologista Mauro Schechter, afirma que as chances de contrair a AIDS ou outra doença sexualmente transmissível (DST) é dez vezes menor para quem já fez circuncisão. Há menos chances de transmitir DSTs e suas mulheres correm menor risco de contrair câncer de colo de útero, que tem como uma das causas o papilomavírus.

***Manchete Saúde*, p. 2, 19 out. 1996.**

Últimas de Saúde - As boas notícias

Os cientistas têm poderosas evidências de que uma mutação genética pode dar resistência ao vírus da AIDS em 1 a cada 100 pessoas e pode retardar o progresso da doença em 1 a cada 7 pacientes já infectados.

***Manchete Saúde*, p. 3, 26 out. 1996.**

Aids é pior do que se supõe

O vírus HIV, causador da Aids, é mais perigoso do que se imaginava. Antes a comunidade científica acreditava que o vírus atacava somente um tipo específico de célula do sistema

imunológico, os linfócitos CD4. Mas pesquisadores britânicos da Universidade de Edimburgo, na Escócia, descobriram que outra classe de células de defesa, os linfócitos CD8, também é afetada e destruída pelo HIV. O estudo, publicado na revista *The Lancet*, sugere que os mecanismos da síndrome da imunodeficiência são mais complexos do que se pensa, já que as células CD8, tanto quanto os linfócitos CD4, também produzem substâncias contra infecções virais.

***Manchete Saúde*, p. 2, 9 nov. 1996.**

Novo teste detecta AIDS em dez minutos

O Centro de Controle e Prevenção de Doenças, em Atlanta, nos Estados Unidos, desenvolveu um teste capaz de detectar, em apenas dez minutos, o vírus HIV, causador da AIDS. Atualmente, com os mais modernos recursos, é possível conseguir o resultado da análise do sangue em até quatro horas. Os coordenadores do projeto de desenvolvimento do novo exame acreditam que quanto menor for o tempo de espera pelo resultado mais pessoas se submeterão ao teste.

***Manchete Saúde*, p. 2, 16 nov. 1996.**

AIDS dissemina outras epidemias

A disseminação da AIDS pode provocar epidemia, como a de tuberculose e de micose. É o que afirma um dos principais cientistas do Instituto Pasteur-Paris, na França, Luc Montagnier, especialista em síndrome da imunodeficiência adquirida e o primeiro a isolar o vírus HIV. Na Itália, por exemplo, 40% das mortes em decorrência da AIDS tem como origem doenças pulmonares, que se desenvolvem e avançam rapidamente graças às deficiências imunológicas dos pacientes. A tuberculose é a primeira candidata ao status de epidemia, já que, entre os problemas pulmonares, é o que tem maior incidência e riscos de contágio. O alerta vale para as autoridades e para quem ainda não tomou consciência da importância da prevenção, pois com o crescimento do número de aidséticos no mundo, conseqüentemente aumentará o número de soropositivos expostos a doenças pulmonares que podem levar à morte.

***Manchete Saúde*, p. 2, 23 nov. 1996.**

Últimas de Saúde - As boas notícias

Um hormônio derivado da urina da mulher grávida pode conduzir a um promissor novo tratamento para o Sarcoma de Kaposi, um tipo de câncer de pele que com freqüência ataca pessoas com AIDS. Numa pequena estatística clínica, injeções do composto sumiram com as lesões em 10 de cada 12 pacientes.

***Manchete Saúde*, p. 3, 23 nov. 1996.**

Vacina contra AIDS

Uma vacina contra a AIDS está sendo testada na Espanha, primeiro país europeu a tomar a iniciativa pioneira. A pesquisa está prevista para durar três anos e pretende controlar a doença a longo prazo, reforçando o sistema imunológico dos pacientes soropositivos, todos assintomáticos. Os contaminados que se submetem aos testes não apresentam sintomas, não fizeram qualquer tratamento anterior contra a AIDS e receberão, além da vacina, remédios antivirais como o AZT e o DDI, drogas comumente utilizadas nesta terapia. Segundo o médico Eduardo Fernández Cruz, um dos coordenadores do estudo espanhol conduzido no Hospital Universitário Gregório Maragon, estas experiências com vacina só foram possíveis graças aos avanços e descobertas sobre a doença. Um dos novos exames desenvolvidos é o teste de carga viral, que permite medir a quantidade do vírus no organismo, possibilitando o cálculo exato da evolução da doença.

***Manchete Saúde*, p. 2, 7 dez. 1996.**

AIDS atinge três vezes mais mulheres

Num período de quatro anos, triplicou o número de mulheres infectadas pelo vírus da AIDS. De 1990 a 1994, o número de soropositivas aumentou 211,46%, quando, no mesmo período, o de homens cresceu 62,8%. Se em 1988 havia uma mulher aidética para cada dezoito homens, hoje a proporção assusta: para cada três homens, existe uma mulher doente. Enquanto a contaminação por HIV entre os homens se estabilizou e até regrediu um pouco, entre as mulheres, ela só cresce. Isto se explica pelo aumento de heterossexuais contaminados por via sexual, conforme atestam os números: em 1990, somavam 6,46% do total de infectados; em 1994, este número cresceu para 29,2%. As mulheres são mais vulneráveis à AIDS por duas razões: biológica: ela tem mais chance de ser contaminada pois o esperma fica mais tempo em seu corpo do que o líquido vaginal fica no corpo masculino; e sociocultural: as mulheres têm mais dificuldade em convencer o parceiro a usar preservativos, ou acham que não precisam usá-lo com um parceiro fixo. No entanto, a taxa de esposas infectadas pelos maridos cresceu de 18,6%, em 1991, para 38,1% neste ano.

Manchete Saúde, p. 2, 14 dez. 1996.

Coquetel contra AIDS na rede pública

Os hospitais da rede pública já estão recebendo os sete medicamentos que compõem o coquetel de drogas contra a AIDS. O Ministério da Saúde gastou R\$ 48,8 milhões na compra imediata de dez mil kits com AZT, DDI, DDC, 3TC e os três inibidores de protease (indinavir, ritonavir e saquinavir). De acordo com o Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids, do Ministério da Saúde, existem no país 36 mil pacientes soropositivos, dos quais dez mil necessitam do coquetel de drogas por estarem em estágio avançado da doença. Os kits foram adquiridos em quantidade suficiente para atender estes dez mil pacientes durante um ano, nos 309 hospitais públicos que tratam aidéticos.

Manchete Saúde, p. 3, 28 dez. 1996.

AIDS, a esperança do coquetel tríplice

O combate anti-HIV ganhou um reforço de peso com a substituição do uso isolado do AZT por um tratamento à base de duas ou três drogas antivirais. Cem vezes mais potente que o AZT, com o coquetel (AZT; inibidores de transcriptase reversa, como o 3TC; e inibidores de protease, como Ritonavir, Indinavir, Saquinavir e o VX 478) é possível não apenas deter a multiplicação desenfreada do vírus, mas reduzir sua presença no organismo a um ponto em que ele não mais conseguem se reproduzir - a cada vez que se reproduz, o vírus se modifica e com isto se torna mais resistente aos medicamentos usado. A eficácia do coquetel decorre de sua ação contra o HIV em dois momentos diferentes: nos estágios iniciais de sua entrada na célula (o AZT e os chamados inibidores de transcriptase reversa) e nas fases finais de reprodução (os inibidores de protease). Com o tratamento, os pacientes voltam a ganhar peso e fortalecem seu sistema imunológico. Mas ainda não é a cura.

Manchete Saúde, p. 12, 28 dez. 1996.

1997:

Distribuição de seringas

“Troque o vírus pela vida.” Este é o slogan da campanha oficial ao combate à AIDS que deve causar polêmica e resultados positivos em cinco cidades do país: Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Belo Horizonte e Salvador. O programa prevê a troca de seringas para viciados em cocaína. Serão distribuídos kits, com agulha, algodão embebido em álcool, band-aid, preservativos e uma cartilha com endereços para tratamento do vício. A campanha é financiada

pela ONU e conta com o apoio do Ministério da Saúde, da Justiça, e dos Conselhos de Entorpecentes. Em cada quatro casos, um é usuário de droga injetável.

Manchete Saúde, p. 2, 4 jan. 1997.

Últimas de Saúde - As boas notícias

Os médicos têm receitado a droga AZT, usada contra AIDS, para mulheres grávidas com teste positivo de HIV, mesmo quando os níveis do vírus no sangue são baixos. Novas pesquisas confirmam que o AZT pode cortar em dois terços o risco da mãe transmitir o vírus para seu filho.

Manchete Saúde, p. 3, 4 jan. 1997.

Brasil tem meio milhão de aidéticos

No Brasil, existem hoje 448 mil pessoas entre 15 e 49 anos infectados pelo vírus HIV. Dados do Programa Nacional de Doença Sexualmente Transmissíveis/AIDS, do Ministério da Saúde, mostram que existe um soropositivo em cada grupo de 181 brasileiros. O Brasil foi dividido em três grupos: os estados de alto risco (São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal), com 296 mil infectados; os de risco médio (região Sul, Centro-Oeste, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Ceará, Amapá e Roraima), com 154 mil infectados; e os de baixo risco (todos os demais), com 38 mil infectados. Destes 448 mil soropositivos, cerca de 120 mil já apresentam os sintomas da doença e 60 mil já morreram. A região Sudeste, onde a epidemia começou - o primeiro caso registrado no Brasil ocorreu em São Paulo e foi diagnosticado em 1980 -, responde por 75,4% (71.669) do total de aidéticos do país.

Manchete Saúde, p. 2, 19 abr. 1997.

Proteína impede entrada do vírus da AIDS

Pela primeira vez desde que a síndrome da imunodeficiência adquirida foi descoberta, cientistas desenvolveram uma proteína capaz de impedir a penetração do vírus HIV nas células. Os pesquisadores da Universidade de Genebra batizaram a nova substância de Aop-Rantes, que tem um modo de ação diferente das usadas atualmente no combate à AIDS. A Aop-Rantes pertence a uma nova categoria de produtos porque impede que o vírus entre nas células, enquanto que os remédios em uso matam o vírus depois que ele já penetrou na célula. Apesar da descoberta da proteína, ainda faltam muitos anos de estudos nos laboratórios internacionais para o desenvolvimento de um medicamento com a substância. Mais uma esperança no combate a esta pandemia que se alastra numa velocidade de 8.500 novos casos por dia no mundo.

Manchete Saúde, p. 2, 17 maio 1997.

Últimas de Saúde - As boas notícias

Crianças e AIDS: O primeiro amplo estudo sobre crianças infectadas com o vírus da AIDS concluiu que o DDI, droga anti-HIV, ingerida sozinha ou com o AZT, é bem superior no controle do desenvolvimento da doença do que o AZT sozinho.

Manchete Saúde, p. 3, 26 jul. 1997.

Molécula facilita infecção do HIV

Uma molécula associada ao citomegalovírus, vírus que se parece com o da herpes e que permite ao HIV (o vírus da AIDS) infectar as células do organismo, foi identificada pela equipe do Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica. Descobriu-se que, num primeiro momento, o citomegalovírus produz uma molécula, batizada com U5-28, parecida com dois co-receptores já conhecidos do vírus da AIDS. Esta molécula atua como co-receptor do HIV e pode infectar os linfócitos T-4 do corpo humano, principal porta de entrada ao HIV no organismo. Co-receptores permitem ao vírus penetrar nestes linfócitos T-4, papel desempenhado pelo U5-28.

A descoberta é importante porque quase 70% da população mundial está infectada pelo citomegalovírus, que, apesar de inofensivo a maior parte do tempo, pode provocar desde mononucleose até pneumonias mortais nos casos dos imunodeficientes.

Manchete Saúde, p. 2, 16 ago. 1997.

Últimas de Saúde - As boas notícias

Diminuem as mortes por AIDS. Nos primeiros nove meses de 1996, as mortes de aidséticos nos Estados Unidos caíram 19%, comparadas com o mesmo período em 1995.

Manchete Saúde, p. 3, 23 ago. 1997.

Outros vírus contra o HIV

Segundo estudos publicados na revista norte-americana Cell, o uso de vírus alterados geneticamente poderá ser o novo rumo adotado na luta contra a AIDS. Duas pesquisas sugerem que o processo de infecção desencadeado por um outro vírus poderá ser usado para bloquear a infestação do HIV no organismo. Um dos estudos, realizado no Centro Federal de Pesquisas de Doenças Virais, de Tübingen, na Alemanha, propõe o ataque ao ciclo infeccioso da AIDS por meio do vírus da hidrofobia (ou raiva). A pesquisa afirma que modificou o vírus da hidrofobia para fazê-lo destruir as células T - que fazem parte do sistema de defesa do organismo - que tenham sido infectadas pelo HIV. Outro vírus proposto para combater a AIDs é o da estomatite vesicular - doença caracterizada por erupções no lábios, na mucosa interna da boca e na língua, mais freqüente em crianças com menos de cinco anos. Um pesquisador da Escola de Medicina da Universidade Yale, em Connecticut, nos Estados Unidos, disse que o vírus, denominado VSV, pode ser modificado geneticamente para atuar de um modo diferente ao do procedimento testado na Alemanha. Mas as duas técnicas deverão ser objeto de novos estudos.

Manchete Saúde, p. 2, 8 nov. 1997.

Últimas de Saúde - As boas notícias

Estatísticas vitais. Os programas de pesquisa, prevenção e tratamento americanos tiveram bons resultados em 1996. As mortes por AIDS declinaram em 26%, a taxa de gravidez adolescente caiu 4% e a expectativa de vida alcançou um recorde de 76,1 anos.

Manchete Saúde, p. 3, 22 nov. 1997.

Últimas de Saúde - As más notícias

Estatísticas de AIDS. Embora novos casos tenham caído no último ano em 6%, a incidência de AIDs continua a crescer entre pessoas infectadas por via heterossexual, aumentando 11% entre homens e 7% entre mulheres. Mais de 235 mil americanos têm AIDS.

Manchete Saúde, p. 3, 29 nov. 1997.

Guia sobre AIDS para profissionais

Um guia que se propõe orientar médicos, assistentes sociais, advogados, enfermeiros e terapeutas sobre a importância dos aspectos emocionais no atendimento ao cliente soropositivo. Pontes - AIDS e Assistência foi editado pelo Banco de Horas/Idac, depois de ouvir diversos profissionais e relatos de pessoas que vivem com HIV, sobre sua experiência acerca do atendimento prestado ou recebido. Foram detectadas áreas problemáticas, como a existência de discriminação dentro e fora do âmbito profissional e a insatisfação com a qualidade de alguns serviços. De forma objetiva e esclarecedora, o guia traz reflexões sobre a diferença da AIDS para outras doenças, seu impacto emocional, o desgaste profissional, etc. Pontes - AIDs e Assitência também organiza uma rede formada por psicoterapeutas, que atende gratuitamente em seus consultórios pacientes soropositivos e oferecendo ainda consultoria de apoio a

profissionais que trabalham com AIDS. O telefone do Banco Horas/Idac é (021) 274-7272, Rio de Janeiro, RJ.

***Manchete Saúde*, p. 2, 6 dez. 1997.**

AIDS as novas terapias

A recente introdução de novas drogas no tratamento da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) ampliou significativamente as opções para o combate à infecção pelo vírus HIV. Os resultados positivos destas mudanças vêm sendo observados desde o ano passado nos países desenvolvidos e também no Brasil, com a redução das complicações associadas à doença, a diminuição do número de internações e dos óbitos relacionados à AIDS.

A escolha das drogas é importante para manter os efeitos da terapia.

Mas quando e como começar o tratamento? Esta foi uma das primeiras questões levantadas pelo Dr. Mauro Schechter, professor titular de Doenças Infecciosas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em sua palestra na Conferência Internacional sobre HIV/AIDS, realizada recentemente, no Rio de Janeiro. Dela participaram também o Dr. Pedro Chequer, da Coordenação Nacional de DST/AIDS SPES, do Ministério da Saúde, e dez renomados cientistas do Johns Hopkins University AIDS Service.

Segundo o Dr. Mauro Schechter, professor associado do Departamento de Saúde Internacional do Johns Hopkins, o tratamento deve ser iniciado com três drogas, a chamada terapia tripla, nas fases mais avançadas da doença. Nas fases mais precoces, o Ministério da Saúde recomenda o uso da terapia dupla. Só no caso de ausência de resposta inicial ou de falha terapêutica é que se deve usar as três drogas nestes pacientes. A monoterapia é indicada apenas em alguns casos de gestantes HIV positivas, que mantenham o sistema imunológico preservado. O tratamento visa a diminuir a transmissão do HIV da mãe para o filho.

Na última reunião do Comitê Assessor para Terapia Anti-Retroviral, do Ministério da Saúde, só foram incluídas nas recomendações as drogas disponíveis no Brasil. Segundo o Dr. Mauro Schechter, ficaram fora da lista as não-análogas e o nelfinavir, ainda não liberados pela vigilância sanitária brasileira. “Atualmente, há oito drogas no Brasil com dois mecanismos básicos de ação: um é a inibição da transcriptase reversa (enzima que copia o DNA usando o RNA viral como base), e o outro, a inibição da protease (enzima produzida pelo vírus e essencial para sua replicação)”, explica ele.

Uma nova geração de inibidores de protease mais potentes está em estudos, alguns deles com liberação prevista para uso clínico no ano que vem. Atualmente, a terapia tríplice tem se mostrado a mais eficaz para o tratamento da AIDS, embora não haja evidências de que ela seja mais eficiente que a combinação de dois medicamentos nos soropositivos que ainda não desenvolveram a doença.

De acordo com o especialista, o objetivo de qualquer terapia é a redução da carga ou contagem viral (número de vírus em uma pequena amostra de sangue), já que até o momento não existe nenhum meio de eliminar-se completamente a replicação viral (capacidade de o vírus reproduzir-se).

O que a terapia tripla faz com maior frequência em relação à dupla é reduzir a carga viral a níveis abaixo do limite de detecção, o que não significa ausência de vírus. “O exemplo que sempre dou é o da mesa que está aparentemente limpa, sem qualquer poeira. Mas se examinamos uma determinada área da mesa num microscópio eletrônico, vemos a poeira ‘invisível’. Todas as vezes em que se usou métodos mais sensíveis, ficou demonstrado que o vírus HIV é facilmente detectável. A maioria das pessoas que faz tratamento com as três drogas tem, inicialmente, uma redução da carga viral a níveis quase indetectáveis, mas isso não quer dizer que o vírus não esteja presente”, afirma.

No momento, não há qualquer estudo concluído sobre os resultados da terapia tripla em pacientes nas fases mais precoces da doença. “Os dados de que dispomos referem-se apenas às

fases avançadas e apontam as vantagens da terapia tripla, como maior potência e ação duradoura sobre a replicação do vírus. As desvantagens são a maior complexidade das doses e a dificuldade do paciente em enfrentar a terapia. Também não há muitas informações sobre as conseqüências do uso das drogas a longo prazo”, diz o professor.

Até agora nenhuma terapia elimina totalmente o vírus. Ao contrário, o que se observa, segundo o médico, é que elas são paliativos, ou seja, são capazes de conter a replicação do vírus, mas não de eliminá-lo. O Dr. Mauro Schechter diz que ainda não existem dados disponíveis sobre a sobrevivência de pacientes tratados com terapia tripla nas fases iniciais da infecção pelo HIV. “A maior parte dos pacientes no mundo usa esse medicamento há apenas três anos. Foi somente há quatro anos, que o primeiro ser humano ingeriu um inibidor de protease. É muito pouco tempo para dispormos de números”, afirma.

Segundo o especialista Dr. Mauro Schechter, o não cumprimento dos horários e dosagens prescritos pelo médico pode aumentar a resistência do vírus.

O principal parâmetro hoje para a indicação da terapia é a carga viral. Também se usa o critério de contagem de células CD4, já que - denominadas linfócitos T ou células T - são elas que trabalham para o sistema imunológico, comandando as demais células na eliminação das infecções. As células T são também o principal alvo do HIV, cujos ataques e constante replicação vão gradualmente enfraquecendo as defesas do organismo. O ideal é que o número de células CD4 esteja acima de 700 células por mililitro de soro sanguíneo.

A questão da escolha das drogas é extremamente importante para se manter a qualidade de vida e os efeitos da própria terapia. A determinação recai sobre vários fatores, principalmente a colaboração do paciente ao tratamento, já que o uso inadequado de remédios pode tornar o vírus mais resistente.

Algumas vezes, esta inadequação resulta das queixas de pacientes sobre os efeitos colaterais de certos remédios. O Dr. Mauro Schechter esclarece que os efeitos colaterais não são comuns, mas podem vir a acontecer. Na maioria dos pacientes submetidos à terapia tripla, os remédios são bastante bem tolerados, mas provocam em uma minoria alguns efeitos indesejáveis.

“O principal deles é a mudança na rotina de vida, ou seja, a dificuldade de conciliar as atividades cotidianas com os medicamentos. O não cumprimento de horários e dosagens incorretas podem aumentar a resistência do vírus. Isto ocorre principalmente no caso dos inibidores de protease, embora seja mais difícil de acontecer com relação aos inibidores da transcriptase reversa.

De acordo com o Dr. Mauro Schechter, a decisão de trocar um dos medicamentos deve ser feita sempre que houver evidência de falha, tanto clínica quando o paciente diz que não está se sentindo bem, quanto laboratorial. Esta é feita através de medições da carga viral e de células CD4. A droga deve também ser trocada quando causa algum efeito colateral.

O objetivo de qualquer tipo de terapia contra a AIDS deve ser a manutenção ou a recuperação da qualidade de vida, a preservação do sistema imunológico, a prevenção do desenvolvimento de resistência do vírus e possibilidade de opções terapêuticas em caso de falha do esquema em uso. Em relação à qualidade de vida, o especialista acha importante adotar medicamentos que se compatibilizem com a rotina de vida do paciente e sejam de fácil posologia. Os inibidores de protease exigem restrições alimentares, o que, sem dúvida, tem um impacto bem maior na qualidade de vida do paciente.

Em sua prática clínica, o Dr. Mauro Schechter diz ser importante fornecer explicações minuciosas sobre a ingestão do remédio. “Peço ao paciente que me diga o nome do remédio que ele está tomando, em que dose e em que horários. Só assim é possível saber se ele está seguindo, ou não, a prescrição corretamente.”

***Manchete Saúde*, p. 11-13, 20 dez. 1997.**

1998:

Home page sobre AIDS

Com uma das listas mais completas de links sobre AIDS, a home page do Banco de Horas fornecer uma vasta relação de terapeutas, dá dicas para o usuário, enumera publicações sobre saúde mental e AIDS, e fala sobre características do voluntariado que caracteriza o trabalho desenvolvido pelo Banco de Horas/Idac. Com uma rede de psicoterapeutas que atendem gratuitamente em seus consultórios pacientes soropositivos e seus parentes, o Banco de Horas também oferece consultoria de apoio a profissionais que trabalham com aidéticos. A home page apresenta também a publicação Banco de Horas, que divulga os caminhos percorridos na implementação de uma proposta de trabalho pioneiro, baseada na solidariedade e no trabalho voluntário. O endereço eletrônico é <http://www.bancodehoras.org.br> e já pode ser acessado. E quem desejar receber a publicação pode solicitar pelo telefone (021) 274-7272.

Manchete, p. 68, 14 fev. 1998.

Interleucina II ajuda aidéticos

O infectologista Jorge Eurico Ribeiro, pesquisador da UniRio, e a médica Luciana Barros de Castro, vão apresentar na XII Conferência Mundial sobre AIDS, em Genebra, o resultado do estudo sobre um novo tratamento que pode ajudar o sistema imunológico a lutar contra o HIV, reforçando as defesas naturais do organismo. A terapia foi testada com sucesso em 36 portadores do vírus, com idade entre 20 e 58 anos, que se tratavam no Hospital Gaffrée Guinle, no Rio de Janeiro. O tratamento consiste na aplicação de interleucina II, uma droga anticâncer, durante cinco dias consecutivos. A interleucina complementa a terapia com os coquetéis anti-AIDS, melhorando a qualidade de vida do paciente, aumentando em 90% o nível de células CD4, principais alvos do HIV, e evitando infecções oportunistas. Ela recompõe o sistema imunológico, depois que este se beneficia com a redução da carga viral obtida com o coquetel, cujo tratamento em nenhum momento pode ser interrompido. “Se o paciente tiver uma infecção, esta deve ser tratada. Só depois de ter reduzida a carga viral do paciente, pode ser administrada a interleucina. Como resultado, o paciente assintomático não desenvolve AIDS e o que já apresentou sintomas da doença mas teve uma redução da carga viral pode ficar livre das infecções oportunistas”, assegura o infectologista. O trabalho dos médicos começou em junho de 1996, logo depois do lançamento da interleucina II no Brasil. A droga foi aprovada pelo Serviço de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde em 1996 para o combate ao câncer. O uso contra a AIDS, porém, ainda não recebeu autorização.

Manchete, p. 68, 7 mar. 1998.

Últimas de Saúde - As más notícias

Desde 1991, os casos de AIDS entre pessoas com 50 anos ou mais têm crescido duas vezes mais rápido do que entre jovens adultos. O problema pode ser que ele não se vêem em risco.

Manchete, p. 68, 7 mar. 1998.

Aids: boas e más notícias

Especialistas reunidos em São Paulo num simpósio internacional apresentaram as últimas novidades sobre o mal do século - deste e provavelmente do próximo. Cura? Nem pensar. Vida normal para os aidéticos, sem dúvida.

Novos coquetéis antivírus, vacina, cura? O que vem por aí em matéria de AIDS? À primeira vista, não é coisa boa. Um vírus cada dia mais resistente, avançando rumo ao interior do país e atingindo em cheio as populações mais pobres. Esse é o cenário da AIDS no Brasil para o novo milênio, na opinião de especialistas que participaram, há pouco, em São Paulo, do Simpósio Internacional Sobre AIDS - Aspectos Modernos do Diagnóstico e da Terapêutica da Infecção Hospitalar pelo HIV. Durante muitos anos, segundo eles, os coquetéis permanecerão a forma mais eficiente de tratamento, a vacina continuará uma esperança distante e a cura uma hipótese quase improvável.

O cenário é negro em relação à evolução da AIDS, principalmente no terceiro mundo, mas os médicos têm também boas notícias. Entre elas estão o surgimento de medicamentos mais eficientes, com menos efeitos colaterais e capazes de prolongar a sobrevivência dos doentes, e novos e avançados testes laboratoriais que auxiliarão os especialistas na prescrição do tratamento. Mesmo longe da cura, a AIDS caminha para ser uma doença crônica, onde o paciente HIV positivo poderá levar uma vida normal desde que com um controle rígido à base de remédios. Com a vacina ainda longe da realidade e sem previsões de cura a curto e médio prazos, a comunidade científica mundial luta para ao menos conseguir “domar” o vírus mutante da AIDS, que se transforma e se fortalece com uma rapidez espantosa. Boa parte da culpa dessa resistência do HIV é dos próprios pacientes. Muitos deles, ao não tomarem rigorosamente os medicamentos receitados, seja por esquecimento ou confusão, já que são inúmeras doses várias vezes ao dia, ou pelos seus fortes efeitos colaterais, acabam dando a oportunidade para o vírus reagir e criar cepas multirresistentes. Além de prejudicar o seu próprio tratamento, o paciente que age dessa forma contribui para a transmissão dessas mesmas cepas a outras pessoas. “Cerca de 15% dos indivíduos que nunca tomaram AZT apresentam resistência ao medicamento”, alerta o Dr. David Uip, diretor do Serviço de Saúde de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, onde é professor. “Nesses casos, o AZT perde sua eficiência.”

O Dr. Uip não aceita dar o coquetel de remédios para portadores do vírus ainda sem sintomas. O infectologista do Hospital das Clínicas acha prudente reservar as melhores armas para o momento em que o paciente realmente precisar dessas drogas.

O Dr. Uip é contrário a prescrição do coquetel de medicamentos para portadores do vírus HIV que ainda não apresentam sintomas da doença - filosofia de tratamento seguida principalmente por médicos norte-americanos. O especialista acredita que, uma vez ministrados medicamentos nesse primeiro estágio da doença, com o objetivo de impedir sua evolução, eles deixarão de fazer efeito quando os pacientes necessitarem realmente de sua ação. “E o que você faz diante dessa situação, onde já foram usadas todas as armas? Isso só se justificaria se tivéssemos alternativas múltiplas tão ou mais eficientes do que as existentes.” Para pacientes assintomáticos, Uip é enfático: nada de remédios. Eles só devem ser ministrados depois de avaliados três parâmetros básicos: aumento da carga viral, surgimento de sintomas e baixos níveis do receptor CD4 - o mais confiável índice de medição do sistema imunológico do organismo. Nessas condições, o coquetel, composto basicamente de dois nucleosídeos e um antiprotease, passa a fazer parte do dia-a-dia do paciente.

A cada dia, a qualidade de vida dos pacientes portadores do vírus HIV melhora. E isso se deve ao coquetel, que ainda traz alguns problemas, como os fortes efeitos colaterais: náuseas, vômitos, febre, alergias e perda de apetite, entre outros. A nova geração de medicamentos, que está chegando ao mercado neste ano, promete reduzir esse problema. Serão remédios mais eficientes, com menos reações adversas com poucas doses - os medicamentos atuais obrigam o paciente a tomar remédios várias vezes durante o dia, o que dificulta sua adesão ao tratamento. “Os coquetéis são eficientes supressores da produção do vírus em 80% dos pacientes”, afirma o Ph.D. David Cooper, chefe de Ciência e Diretor de Operações do Instituto Nichols de Pesquisa Laboratoriais de Referência de Diagnósticos, dos Estados Unidos. “Muitos deles toleram as drogas por anos seguidos e a minha esperança é a de que surjam outros agentes terapêuticos que aumentem a resposta imunológica e - quem sabe? - drogas que eliminem de vez o vírus do organismo.”

O americano Cooper, um dos papas da AIDS, diz que os coquetéis funcionam em 80% dos pacientes. Mas ele tem esperança de que logo surjam outros agentes antivirais que façam o organismo reagir melhor contra a infecção ou eliminem de vez o HIV.

A grande brecha existente no tratamento dos pacientes soropositivos é a falta de medicamentos que atuem nas diferentes fases do ciclo do vírus. Cooper diz que, além das novas gerações de

antiprotease e nucleosídeos análogos e não análogos, é preciso que surjam outros que ajam contra a integrase. Já o brasileiro David Uip vai mais longe: considera fundamental o desenvolvimento de produtos que auxiliem a recompor o sistema imunológico. “Estamos tratando apenas uma parte da doença e ela deve ser vista como um todo”, analisa o especialista, que tem ressalvas quando ouve falar na possibilidade de a AIDS se tornar uma doença crônica. “Definir uma doença crônica é o mesmo que definir uma pessoa idosa. Quem deve ser considerado idoso? Quantos anos ela viverá? Doença crônica é aquela em que o indivíduo convive um ano ou dez anos com ela? É tudo relativo. O que posso dizer é que uma pessoa de 50 ou 60 que tem AIDS hoje dificilmente vai morrer por causa da doença. Esse quadro é completamente diferente quando falamos de uma criança de dois ou três anos.”

A nova geração de testes que surgem no horizonte é outro fator positivo. Nela estão depositadas as esperanças de médicos e pacientes na maior eficiência do acompanhamento do tratamento e no melhor conhecimento da eficácia e ação das drogas no organismo. O futuro do tratamento pode ser traduzido em duas palavras: genotipagem e fenotipagem.

***Manchete*, p. 64-67, 6 jun. 1998.**

FDA aprova vacina anti-AIDS

O FDA, que controla medicamentos, aprovou os primeiros testes em larga escala da vacina que previne a contaminação pelo vírus da AIDS. A experiência envolve 5.000 voluntários não-infectados, nos Estados Unidos e Canadá, e outros 2.500 em hospitais tailandeses, que terão acompanhamento clínico nos próximos quatro anos. Muitos cientistas, entretanto, mostram-se cautelosos, já que as sucessivas mutações do vírus dificultam a criação de uma vacina 100% eficaz. A vacina americana é derivada de duas correntes de HIV prevalentes nos Estados Unidos, enquanto a que será usada na Tailândia contém uma formulação específica contra a espécie de vírus que predomina no país. Em animais, a vacina foi capaz de induzir uma reação imunológica mais forte do organismo, e contra um leque mais amplo de variantes do HIV do que sua versão anterior, desenvolvida há mais de quatro anos. O trunfo mais importante da vacina é a proteína gp120 existente na membrana superficial do HIV. Ela é justamente o que permite que o vírus consiga penetrar no material genético das células humanas e ali replicar-se. Sintetizado em laboratório, o gp120 facilita a identificação do vírus pelo sistema imunológico, levando as defesas do organismo a criarem anticorpos específicos para combatê-los, da mesma forma que nas vacinas comuns. Com ele destruído, o HIV perde a capacidade de penetrar nas células do sistema imunológico e termina morrendo. Num quadro em que o vírus HIV afeta cerca de 30 milhões de pessoas no mundo todo, a vacina se torna uma esperança para pôr fim no que se considera uma verdadeira epidemia. Alguns especialistas, no entanto, temem que, nas muitas variantes que o vírus é capaz de desenvolver, ele crie uma nova versão da proteína gp120 atual, o que poderia tornar a atual vacina ineficaz.

***Manchete*, p. 68, 20 jun. 1998.**

AIDS - A ressaca do coquetel

Na abertura da Conferência Mundial de AIDS, que acaba de ser realizada em Genebra, o Brasil foi apontado como o país modelo na distribuição do coquetel contra a doença. Aqui, ao contrário até de países mais desenvolvidos, todos os doentes têm acesso aos medicamentos na rede pública - onde cerca de 60 mil aidéticos já os receberam, reduzindo-se com isso em 40% a taxa de hospitalizações e mortes pela doença. Mas nem tudo é esperança. No mesmo simpósio, foram relatados ameaçadores efeitos colaterais do coquetel. O pesadelo da AIDS ainda não acabou.

Da euforia ao ceticismo. Passados dois anos desde que foram introduzidos no tratamento da AIDS, os coquetéis de medicamentos continuam sendo a forma mais eficaz de combate à doença - para muitos pacientes, aliás, é a única esperança de poder conviver com a AIDS. Não

representam ainda a cura, é verdade, mas seus resultados positivos são incontestáveis: aumentou a expectativa média de vida dos pacientes soropositivos, em boa parte dos casos reduziu a carga viral do organismo a níveis indetectáveis, resgatou do fundo do poço pessoas em estágio terminal e deu uma nova oportunidade para elas voltarem ao convívio social e ao trabalho. Uma nuvem negra, no entanto, vem aumentando de tamanho nesse horizonte de otimismo, preocupando os cientistas. Essa tempestade que se forma tem um nome: efeitos colaterais. Não estamos falando de reações adversas mais leves, como náuseas, vômitos, diarreia, febre, alergias ou perda de apetite, mas de diabetes, formação de enormes e inexpelíveis cálculos renais, aumentos absurdos dos níveis de triglicérides no sangue, que podem provocar problemas cardíacos (ver boxe), e - o mais bizarro dos efeitos colaterais - lipodistrofias, alterações metabólicas que produzem bolsões de gordura principalmente na barriga, costas e seio, com redução e flacidez das nádegas, além de atrofia dos braços e pernas. Com esses últimos efeitos, verifica-se que o coquetel interfere no sistema de produção e controle de gorduras do organismo.

Essas reações adversas têm feito muitos médicos, que chegaram a considerar próxima a cura da AIDS, reverem suas convicções, como acaba de ser relatado na Conferência Internacional, realizada há dias em Genebra, na Suíça, que contou com a presença dos maiores especialistas do mundo. O coquetel passou a ser olhado agora com olhos mais prudentes e desconfiados. Uma das dúvidas que mais atormentam os especialistas é saber quanto tempo o organismo de uma pessoa infectada pelo vírus HIV suporta as altas doses desses medicamentos e a sua toxicidade. Como as associações de medicamentos são uma estratégia adotada há apenas dois anos, não se sabe quais as suas conseqüências a longo prazo. “Hoje sabemos dos casos de aumento de triglicérides, do diabetes e da lipodistrofia, mas o que mais poderá vir pela frente?”, questiona um dos maiores especialistas brasileiros, o Dr. Caio Rosenthal, médico infectologista do Hospital Emílio Ribas e do Hospital do Servidor Público Estadual. “O que todos nós esperamos é que não surjam problemas cardiológicos no futuro.”

Um vírus terrível e sempre vigilante. Os infectologistas já sabem quase tudo sobre o HIV - sobretudo seus truques. Os inibidores que fazem parte do coquetel, por exemplo, só têm ação contra ele durante poucas horas. Por isso, qualquer descuido na tomada das drogas pode fazer o vírus despertar de novo.

Os médicos não têm como fazer esse tipo de previsão simplesmente por se tratar de uma terapia recente. Não há ninguém no mundo que venha tomando o medicamento há três ou quatro anos para ser avaliado. E os testes laboratoriais feitos com animais não se aplicam aos homens, dificultando a evolução das pesquisas. Todos se perguntam até que ponto o organismo de um portador do HIV conseguirá suportar esse bombardeio de drogas.

As pessoas que apresentam algum tipo de rejeição ficam praticamente sem saída. Se para elas tomar o coquetel provoca efeitos colaterais insuportáveis, deixá-lo de lado representa dar todas as oportunidades para a mutação do vírus no organismo, que passa a ter mais força e ser ainda mais devastador. Esse, aliás, é um dos maiores desafios que os médicos vêm enfrentando. O vírus da AIDS é implacável. Esquecer uma simples tomada de comprimido pode ser catastrófico. E isso acontece cada vez mais, principalmente porque o tratamento obriga o paciente a tomar várias doses de remédios inúmeras vezes ao dia, algumas em jejum, outras após o almoço ou o jantar, em horários alternados. “O paciente precisa ser muito bem orientado para que não perca os horários”, explica o Dr. Rosenthal. “O problema é que para pessoas de baixo poder socioeconômico, como moradores de rua ou favelados, se torna extremamente difícil assimilar essas regras rígidas.”

Essa disciplina espartana tem uma explicação simples: enquanto uma dose de antibiótico como o benzetacil, muito utilizado no combate a infecções de uma forma geral, permanece no organismo por mais de 30 dias, os remédios contra a AIDS têm vida curta na circulação sanguínea. Tomar um inibidor de protease com uma hora de atraso significa ter deixado o

organismo vulnerável durante esses 60 minutos. Em outras palavras: o vírus que estava sob controle passa a agir livremente, o que pode representar um golpe mortal nas chances de sucesso do tratamento. O paciente, como se vê, torna-se um eterno prisioneiro desse cronograma, que, mesmo sendo seguido à risca, não representa a garantia de bons resultados. Sabe-se que 15% dos pacientes não respondem aos medicamentos e que outros 50% não aderem corretamente ao tratamento. Segundo o Dr. Caio Rosenthal, se o paciente acha que não vai conseguir segui-lo à risca, é melhor nem começar a tomar os remédios para que o vírus não crie resistência.

Herói da resistência o Dr. Caio adverte: sem disciplina, é melhor não tomar o coquetel, pois o vírus cria resistência.

Apesar de todos esses problemas, o coquetel vai continuar sendo ainda por um bom tempo a melhor forma de combate ao vírus da AIDS. Há um grupo grande de pacientes que responde muito bem ao tratamento, pessoas que estavam já desenganadas e que praticamente renasceram de suas próprias cinzas. Esses indivíduos têm um futuro promissor pela frente, principalmente porque boa parte dele apresenta uma carga viral baixa no organismo, a ponto de não ser detectada pelos exames. Isso significa que o vírus, que se abriga em nichos ricos em células linfóides, como o sistema nervoso central, pulmões, gânglios, intestino, fígado e pele, não está tendo condições de fazer mutações e criar resistência. E são boas as chances de esse quadro se manter.

Efeitos ou defeitos colaterais? A longo prazo, o coquetel preocupa. As drogas que compõem o tratamento combinado contra a AIDS têm apresentado algumas reações adversas, que reduziram a euforia de médicos e pacientes. Mas a nova geração de medicamentos promete mais ação contra o HIV e menos efeitos indesejáveis.

Os especialistas depositam boa parte de suas esperanças nos novos medicamentos que em breve estarão chegando ao mercado e que devam trazer algumas vantagens em relação aos já existentes. Os laboratórios prometem menos efeitos colaterais, doses menores ao do dia e ação mais prolongada. Isso poderá se traduzir em maior aderência ao tratamento e conseqüentemente, melhores resultados.

Outra boa notícia é que as doenças oportunistas associadas ao HIV estão diminuindo a incidência dia a dia. Há cada vez menos pacientes soropositivos com tuberculose, hepatite B e citomegalovírus, por exemplo. É o resultado direto do controle do vírus no organismo, que dá chances aos linfócitos CD4, principais componentes do sistema imunológico humano, de se refazerem. É por isso que inúmeras pesquisas estão sendo feitas no sentido de se descobrir um medicamento que, em vez de atacar diretamente o vírus, como fazem todos os existentes até agora, auxilie na recomposição do sistema de defesa do homem. São as chamadas drogas imunomoduladoras. Infelizmente ainda não se sabe se a reposição desses linfócitos CD4 será funcional.

Enquanto as novas drogas não chegam ao mercado e a descoberta da vacina continua sendo um sonho distante - o que falar então da cura da doença? -, a humanidade caminha para uma convivência natural com a AIDS, ou seja, como se fosse uma doença crônica. Alguns especialistas acreditam que já estamos nesse estágio, outros ainda não. Estamos na dependência dos novos medicamentos e na esperança de que os efeitos colaterais sejam os mínimos possíveis. É uma resposta que só o tempo dirá.

Eles também usam o coquetel.

Há dois anos, a empresária L. M. C. de 38 anos, não tinha mais esperança de sobreviver. O vírus da AIDS tinha debilitado tanto o seu organismo que ela mal conseguia sair da cama ou se alimentar. Estava no fundo do poço. A última tentativa do seu médico foi a prescrição do coquetel de medicamentos, estratégia que vinha sendo apontada como a mais nova esperança no tratamento da doença. Disciplinada, passou a tomar as drogas rigorosamente nos horários certos e começou a sentir as forças voltarem lentamente. Ganhou peso, os sintomas desapareceram e voltou a ter uma vida normal, como antes. O coquetel de drogas tinha lhe

devolvido a vida. Hoje, no entanto, o organismo de L. M. C. começa a sentir os efeitos da toxicidade dos remédios. Ela é mais uma paciente com lipodistrofia. Para uma mulher vaidosa, sempre preocupada com sua beleza, é um duro golpe. Ao mesmo tempo em que apresenta um acúmulo de gordura na região abdominal e aumento de volume dos seios, seus braços e pernas estão atrofiando. L. M. C. não consegue carregar mais determinados objetos e sente as pernas pesadas. Está muito apreensiva: tem medo de voltar para a cama e nunca mais se levantar. Apesar dos efeitos colaterais, afirma que não vai deixar de tomá-los. “Eles salvaram a minha vida e me mantiveram viva até agora. Tenho esperança de que surjam novos medicamentos, menos tóxicos, e que me devolvem o corpo e a beleza que tinha até bem pouco tempo”.

Quando o aposentado R.T. S., de 59 anos, descobriu que estava com AIDS, entrou em desespero. Sabia que a doença não tinha cura e acreditava que iria morrer. Mas seu médico falou dos resultados positivos dos coquetéis de medicamentos, que vinham aumentando a expectativa de vida dos pacientes. Agarrou-se a essa tábua de salvação e seguiu à risca a orientação médica. Sua evolução era a melhor possível. Voltara a trabalhar, a conviver com os amigos e até a praticar esportes de forma moderada. Nos últimos meses, no entanto, sua taxa de triglicérides no organismo aumentou violentamente. Enquanto uma pessoa saudável tem uma taxa abaixo de 200 mg, R. T. S. apresenta cinco mil. O médico Caio Rosenthal comenta: “Numa pessoa com esse nível de triglicérides, é como se o sangue tivesse a consistência de uma graxa.” Claro que nessa situação o paciente é de alto risco para doenças cardiovasculares, sobretudo o infarto do miocárdio. Diante de um quadro como esse, o infectologista fica num terrível dilema: ou suspende a medicação, para regularizar o nível dos triglicérides, correndo o risco de despertar a virulência do HIV, ou mantém o coquetel e deixa o paciente com as artérias vulneráveis, à beira de um ataque do coração. “Ficamos numa encruzilhada. Não há medicação para o HIV num paciente que responde mal ao coquetel.”

AIDSVAX: a primeira vacina. Cobaias humanas. Nowinski comanda o primeiro teste: 7 mil convocados.

Quem se habilita? A empresa norte-americana VaxGen, especializada em imunoterapia por engenharia genética, já recebeu aprovação do FDA para começar a testar sua vacina contra a AIDS - a AIDSVAX - em sete mil voluntários, selecionados entre homens e mulheres com comportamento de risco, ou seja, mais expostos à contaminação pelo HIV. Esses primeiros testes humanos daquela que pretende ser a primeira vacina capaz de imunizar contra o vírus do século vão se estender por um período de três anos, findos os quais se saberá a eficiência e a segurança do produto. Não é para já, mas o amanhã certamente será outro dia para quem lida com o inimigo mortal há quase duas décadas. “Depois de 17 anos de luta para conhecermos os diferentes aspectos da doença como tratá-la, finalmente estamos entrando numa era em que será possível pensar em preveni-la”, disse o Dr. Robert Nowinski, diretor geral da VaxGen. “Nossa prioridade é desenvolver uma vacina que possa ser usada em todo o mundo e que porá fim à epidemia que já tirou 12 milhões de vidas”, acrescenta o Dr. Donald Francis, presidente da companhia. A empresa anuncia já ter praticamente o número necessário de voluntários para a etapa de testes humanos. O risco dessas pessoas é muito próximo de zero, porque a AIDSVAX, ao contrário de outras vacinas, não é confeccionada a partir de vírus vivos atenuados, mas de microrganismos mortos que, por arte da engenharia genética, induziriam à imunização quando em contato com o organismo humano. Agora, só resta esperar.

Manchete, p. 62-65, 11 jul. 1998.

Variante resistente do HIV preocupa médicos

Mutações do vírus HIV, mais resistentes a drogas potentes, têm surpreendido os pesquisadores que buscam desenvolver a cura da AIDS. Esta semana, foram divulgados casos de homens infectados uma variante do HIV que consegue se multiplicar mesmo na presença dos inibidores de protease, medicamentos que vinham sendo considerados como uma das armas mais

poderosas contra a doença. Tudo isto remete à necessidade da prevenção e, no caso dos que já são soropositivos, que os medicamentos sejam tomados de acordo com as indicações médicas. Este é um dos motivos que está resultando na crescente resistência do vírus entre soropositivos brasileiros. Como nem todos os pacientes obedecem corretamente às prescrições, principalmente à advertência para tomar os remédios a hora certa, o efeito terapêutico é anulado. Enquanto o vírus se torna mais resistente, também cai por terra a esperança numa vacina. As que estavam sendo testadas falham em imunizar os macacos adultos usados nas experiências. Os animais terminaram contaminados.

***Manchete*, p. 68, 18 jul. 1998.**

Cientistas americanos descobrem mecanismo do HIV

Pesquisa. Dr. Joseph Sodroski, de Boston. Molécula GP120. A imagem do inimigo ampliada no computador.

Se as últimas notícias sobre o vírus da AIDS foram desalentadoras, com a constatação de que, com o coquetel de medicamentos, o vírus de sucumbir vem criando variantes mais resistentes, nem tudo são perspectivas sombrias. Duas equipes de cientistas americanos, do Farber Cancer Institute, de Boston, e da Columbia University, de Nova York, tiveram sucesso em traçar um quadro do mecanismo pelo qual o HIV penetra nos linfócitos, as células do sangue. A proteína gp120, presente na superfície do vírus, age como um harpão para permitir a entrada do HIV no sistema de defesa imune do organismo. Para chegar a esta conclusão, os pesquisadores usaram uma técnica chamada cristalografia raios X, para determinar a estrutura desta proteína, que tem a particularidade de alterar sua forma para se tornar irreconhecível aos anticorpos que possam atacá-la. O ponto fraco no vírus ocorre quando na fase de mutação que provoca a infecção. Embora se trate de uma possibilidade pequena, isto abre a possibilidade de desenvolvimento de drogas e vacinas anti-AIDS.

***Manchete*, p. 68, 25 jul. 1998.**

São Paulo e Harvard em projeto anti-AIDS

Um projeto brasileiro foi escolhido pela Faculdade de Saúde Pública de Harvard para integrar um programa de valorização dos cuidados médicos, particularmente no que diz respeito à AIDS. O programa, lançado na última Conferência Mundial de AIDS, em Genebra, visa criar soluções para melhorar o tratamento aos portadores do HIV, aproveitando a experiência de especialistas da América do Sul, Ásia e África, que será associada ao conhecimento de saúde pública de Harvard. Um dos objetivos do projeto é estudar o tratamento oferecido às mulheres soropositivas nos serviços públicos de saúde de São Paulo, conhecer as causas da maior vulnerabilidade desta fatia da população ao contágio pelo vírus e reduzir a transmissão vertical do HIV. Segundo o Dr. David Uip, diretor da Casa da AIDS e um dos coordenadores do projeto, os resultados do estudo beneficiarão não apenas às mulheres, mas toda a população. São Paulo é atualmente um estado que conta com 65.000 casos de AIDS notificados até 1997, o que soma metade dos casos do país inteiro. Embora entre os homens a velocidade de crescimento da epidemia venha diminuindo desde 1994, entre as mulheres o número de casos continua subindo. Hoje, são 2,6 homens para cada mulher contaminada, contra os 37 homens para cada mulher em 1994.

***Manchete*, p. 86, 29 ago. 1998.**

AIDS: a caminho da vacina, a ciência contra-ataca

Os novos medicamentos que surgiram contra a AIDS tentam combater a moléstia em seus diferentes estágios - e a cada dia trazem progresso para o verdadeiro cálice sagrado: uma vacina contra o HIV. A primeira dessas novas drogas, o NNRTI, não apenas permite aos médicos reforçar a imunidade do paciente contra o vírus mas também aumenta a eficiência do

tratamento. Já o Crixivan prolonga a neutralização do vírus e reduz significativamente o risco de que uma pessoa soropositiva desenvolva a doença. O HIVID pode ser comparado ao AZT, mas funciona num ponto diferente do ciclo vital do vírus. De acordo com os pesquisadores, combiná-lo com outras drogas torna o vírus indetectável por um longo período em 85% dos pacientes, depois de um tratamento de 24 semanas. VIDEX é usado no tratamento de mães soropositivas e seus bebês, enquanto ZERIT parece ser melhor tolerado pelos pacientes do que o AZT. Os cientistas permanecem cautelosos na análise dessas drogas: ainda ignoram seus efeitos colaterais a longo prazo e o custo ainda é um empecilho.

Manchete, p. 54, 28 nov. 1998.

Educação sexual para portadores de HIV

O Instituto Kaplan - Centro de Estudos da Sexualidade Humana - coordenou para o Ministério da Saúde um estudo comportamental sobre a AIDS na adolescência, inicialmente dirigido às casas de apoio que reúnem jovens soropositivos. O resultado foi tão surpreendente que a pesquisa se transformou em manual de interesse público. Intitulado Viver Positivamente, o guia trata de maneira didática e sem preconceitos a convivência dos teens com o vírus, justamente na época em que eles passam a vivenciar as emoções do sexo e do desejo. A Ford Models está colaborando na divulgação desse guia, que é assinado coletivamente por experts em sexualidade e psicologia. Em um tom antipreconceituoso, preconiza cuidados iguais para conviver com os portadores ou não do vírus HIV. O livreto é distribuído pelo Kaplan. Mais informações pelo telefone: (011) 3676-0777. Linda de viver: Modelos da Ford por trás da campanha para alertar os adolescentes.

Manchete, p. 54, 5 dez. 1998.

1999:

Carnaval - o bloco da prevenção

Em tempo de festa e apelo sexual exacerbado, cabe ao folião guardar uma dose de bom senso que lhe permita usar preservativos antes de curtir as benesses de uma nova companhia. A inconseqüência agora pode ser fatal.

O dólar bateu R\$ 2? Folião que se preza não está nem aí para essas vicissitudes da economia e, quando chega o carnaval, engata seu próprio câmbio - a banda que lhe interessa não é exatamente a cambial. Todo ano é a mesma coisa - no bom e no mau sentido - e é isso que faz do carnaval brasileiro uma festa indestrutível. Mas o mau sentido pode cobrar um preço alto. O carnaval de 99 é o primeiro sob o signo do Viagra e o Revia (pílulas contra a impotência e o alcoolismo, respectivamente). Tais remédios sem dúvida estimularão ainda mais a esbórnia geral que prevalece no período. E quando a folia desanda - se não desandar não é folia - o verdadeiro tríduo momesco mostra sua cara: bebedeira, doenças sexualmente transmissíveis, AIDS. Esses dois últimos itens pertencem sem dúvida à mesma categoria, mas o grau de severidade é tão diverso que os transforma em entidades diferentes.

Até o começo dos anos 70, as então chamadas doenças venéreas clássicas - nas quais se incluem a gonorréia, o cancro duro e a sífilis - eram encaradas freqüentemente como troféu de caça. A mais popular delas, a blenorragia ou gonorréia, explodia no pós-carnaval, mas bastavam uma única ida à farmácia e um solitário comprimido para varrer os gonococos do mapa.

As venéreas se diversificaram e foram rebatizadas como sexualmente transmissíveis, ou DST, incluindo novas patologias bem mais graves que as antigas, como a hepatite B e o papiloma a vírus. E no comecinho dos anos 80 surgiu a AIDS - nem haveria necessidade de se classificá-la como a epidemia do século, tal o nível de tragédia pessoal e social que o HIV instaurou no planeta. A princípio conceituada como praga cor-de-rosa, exclusiva da promiscuidade homossexual, a doença foi se democratizando, a ponto de hoje vitimar uma mulher para cada dois homens - contra uma para 80 nos primeiros tempos. Sendo o turismo a maior fonte de

disseminação conhecida para as doenças sexualmente transmissíveis e sendo o Brasil, durante o carnaval, um imenso entreposto de intercâmbio entre gente de várias nacionalidades e naturalidade, é lógico que este seja um período de grande risco de contágio. Inúmeros portadores do vírus estarão dançando e pulando sem nenhum sinal aparente da doença já que as estatísticas mostram que o período de incubação varia entre dois e cinco anos.

Campanhas de prevenção que transformam as armas contra a AIDS em verdadeiros clichês parecem fazer ainda menos efeito nesta época do ano, quando as relações interpessoais atingem um nível de extrema liberalidade. Movidos pela euforia mágica do carnaval e impulsionados por substâncias ainda mais estimulantes, sendo o álcool o combustível básico deste coquetel, as pessoas perdem a noção do bom senso num transe coletivo. Quase todos sabem como e onde o bicho pega, mas mesmo assim se arriscam.

Infectologistas sérios admitem que o risco de contaminação sexual pelo HIV de mulher para homem é extremamente baixo, comparado com a relação invertida - homem/mulher. Mas isso não isenta nenhum folião do sexo masculino da obrigação de fantasiar uma parte altamente estratégica do corpo com o apetrecho de látex que leva o nome da deusa do amor. Se o parceiro negar fogo nesse item, cabe à mulher ter um estoque de preservativos no meio dos confetes e das serpentinas. Apesar de tudo o que já se sabe sobre o HIV, é esse prosaico e altamente eficiente equipamento a única defesa conhecida contra o vírus se não há como evitar a transa. A vacina ainda é um sonho distante e a chamada pílula do dia seguinte, uma variação do coquetel anti-AIDS, só está disponível em alguns hospitais públicos com finalidade preventiva apenas para mulheres vítimas de estupro. O que, felizmente, não costuma ser o caso mais comum durante o carnaval.

Uma ressaca que pode não ter cura. Antes restrita a um grupo de risco específico - homossexuais e viciados em drogas injetáveis, a AIDS agora é um perigo para todos. Principalmente em tempo de carnaval, a festa da carne.

Manchete, p. 48-49, 13 fev. 1999.

Método barato salva bebês da AIDS

O A pílula tomada por mães soropositivas poupa 25% dos filhos.

Cientistas da Organização das Nações Unidas informaram que um tratamento simples e barato pode reduzir significativamente a transmissão do vírus da AIDS de mãe para filho. Os resultados não são tão efetivos quanto os obtidos normalmente até agora com a aplicação de altas doses de AZT nas mães infectadas pelo HIV durante a gravidez. Mas o novo método é significativamente mais barato. O tratamento é baseado em uma pílula que contém uma dose de AZT e outra da droga 3TC. O comprimido é tomado duas vezes ao dia durante seis semanas. A ONU considerou o tratamento ideal para pacientes de países menos desenvolvidos, onde as mães costumam ir ao médico apenas quando descobrem que estão grávidas. Sem as drogas, cerca de um quarto dos filhos de mães soropositivas nascem também infectados, o que significa 600.000 crianças por ano no mundo.

Manchete, p. 54, 13 fev. 1999.

Criação de vacina anti-AIDS fracassa

Pesquisadores australianos pensaram ter descoberto uma nova cêpa do vírus da AIDS, uma variedade enfraquecida que poderia dar origem à sonhada vacina contra o vírus HIV. Eles estudaram durante 17 anos um grupo de seis pessoas infectadas com o vírus da AIDS que não desenvolveram qualquer sintoma da doença. O mais antigo dos pacientes chegou a cobrar royalties dos pesquisadores e doou sangue imune para 26 pessoas, pois acreditava estar protegido e que a vacina o faria rico e famoso. Mas o sonho terminou há pouco: John, como ele se identifica, chegou aos 40 anos sem qualquer tratamento, mas agora foram encontradas infecções oportunistas no seu cérebro e líquido espinhal. As esperanças dos cientistas

diminuíram mais ainda quando os dois outros membros do grupo desenvolveram doenças derivadas do HIV. O estudo desenvolvido em Sydney era acompanhado por especialistas do mundo inteiro, pois nunca se tinha visto pacientes com longa sobrevivência tratados sem medicamentos. As pesquisas com os três infectados que não desenvolveram a AIDS continuam, mas as chances de criação da nova vacina agora são menores.

Manchete, p. 54, 1 maio 1999.

Delavirdina - nova arma contra a AIDS

Apresentado em abril, num evento sobre a AIDS, em São Paulo, a Delavirdina é uma alternativa eficiente e de baixo custo no combate ao vírus HIV, em combinação com outros medicamentos (análogos nucleosídeos e inibidores de protease). A vantagem da Delavirdina é que ela propicia redução significativa da dose de inibidores de protease, que são os de custo mais elevado dentro do coquetel anti-AIDS, Economia para o governo e mais segurança para o paciente.

Manchete, p. 49, 5 jun. 1999.

Novo remédio contra a AIDS em bebês

Cientistas dos Estados Unidos e de Uganda encontraram um meio mais barato e eficiente de prevenir a transmissão de AIDS da mãe para o filho: substituir o AZT pela nevirapine. Enquanto o primeiro custa cerca de US\$ 268, duas doses da segunda saem por US\$ 4.

Pelo novo tratamento, a mãe toma uma pílula ao iniciar o trabalho de parto. E a criança recebe o medicamento como xarope durante os três primeiros dias de vida, reduzindo as chances de desenvolver AIDS. A droga já vinha sendo usada em coquetéis para o tratamento da doença desde 1996. Os pesquisadores continuarão a monitorar os bebês por mais 18 meses, a fim de determinar se existem reações adversas.

O HIV pode ser transmitido durante a gestação ou no momento do parto. Acredita-se que a nevirapine bloqueie a transmissão no momento em que a criança nasce e tem contato com o sangue da mãe. Por seu custo mais baixo, poderá ser usada mais facilmente por países em desenvolvimento.

Manchete, p. 42, 31 jul. 1999.